



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**Faculdade de Educação**

LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO

**O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*): caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica**

CAMPINAS

2024

LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO

**O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*): caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica**

*Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação, na Área de Educação*

*Orientadora:* Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE TESE DEFENDIDA PELA ALUNA LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO, E ORIENTADA PELA PROFESSORA DR<sup>ª</sup>. MARCIA MARIA STRAZZACAPPA HERNANDEZ

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

F944t Frutuoso, Leticia Rodrigues, 1982-  
O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*) : caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica / Leticia Rodrigues Frutuoso. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Márcia Maria Strazzacappa Hernández.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),  
Faculdade de Educação.

1. Teatro do oprimido. 2. Educação médica. 3. Jogos teatrais. 4. Formação de professores. I. Strazzacappa Hernandez, Márcia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** The Theatre of the Oppressed and the MEET (Medical Education Empowered by Theater) methodology : possible ways to identify oppressions in medical education

**Palavras-chave em inglês:**

Theatre of oppressed  
Medical education  
Theatrical play  
Teacher training

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Doutora em Educação

**Banca examinadora:**

Márcia Maria Strazzacappa Hernández [Orientador]  
Waldimir Rodrigues Viana  
Veronica Fabrini Machado de Almeida  
Dagma Venturini Marques Abramides  
Venâncio Pereira Dantas Filho

**Data de defesa:** 29-08-2024

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1433-2618>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0562957037094043>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Faculdade de Educação

**O Teatro do Oprimido e a metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*): caminhos possíveis para identificar opressões na formação médica**

LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO

**COMISSÃO JULGADORA:**

Nome completo orientadora: Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Nome completo membro titular: Dagma Venturini Marques Abramides

Nome completo membro titular: Venancio Pereira Dantas Filho

Nome completo membro titular: Verônica Fabrini Machado de Almeida

Nome completo membro titular: Waldimir Rodrigues Viana

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2024

## AGRADECIMENTOS

Às estudantes e aos estudantes do curso de medicina, em especial aos que participaram desta pesquisa. Obrigada pela confiança constante, obrigada por se disponibilizarem a fazerem teatro (quando escolheram outra profissão), obrigada por todos os afetos, por todos os encontros, sejam as aulas, ou mesmo as passagens pelo corredor. Vocês me inspiram e me fazem continuar a caminhada.

À todos os meus amores que estiveram ao meu lado nestes quatro anos, foram colo, foram ombro e companhia em momentos que nem eu mesma percebia que eu estava precisando tanto. Em especial, por tanto amor, por várias vezes me darem o ar necessário para voltar a respirar, meus sinceros agradecimentos (em ordem alfabética): Aline Archangelo, Cecília Frutuoso Hildebrand, Fernanda Januzelli, Gabriela Guinatti, Hosana Mariotti, Mariá Guedes, Monique Lima, Nádia Morali, Reginaceli Americano Freire e Simone Peixoto.

À Manuela Frutuoso, minha filha, que principalmente no último ano, entendeu o quanto esse trabalho é importante para mim e precisou colaborar ativamente para que tivéssemos nosso tempo compartilhado entre pesquisa e afetos, obrigada por ser minha companhia constante e por todo o amor.

Aos companheiros nessa jornada de educação, arte e medicina: Jamiro Wanderley da Silva, Marcelo Schweller, Marco Antônio Carvalho Filho, Thiago Martins, Saulo Benevides, Cândida Parisi, Adilson Ledubino, Dirceu de Carvalho, Tatiana Mirabetti Ozahata e Flávio Sá (in memorian) e aos atores e atrizes que começaram esse percurso, na Unicamp, com as simulações de consultas médicas, Marina Régis, Thaís Rossi e Carlos Gontijo.

À amiga e companheira de pesquisa Nádia Morali, com quem continuamente sigo aprendendo e ouvindo. Obrigada sinceramente pela escuta, pela criação e por sempre ter estado ao meu lado, mesmo quando eu estava completamente perdida. Por tantas palavras sábias e pela companhia na escrita, na jornada, na pesquisa e na vida.

À minha grande família, à minha mãe (Maria Aparecida Romão), ao meu pai (Fernando Frutuoso), às minhas irmãs Cecília Frutuoso e Susi Frutuoso, à minha ex-sogra (Dora Silva), às minhas tias e tios, às minhas primas e primos (de todos os graus), aos meus sobrinhos e sobrinha.

À Giovana Umbuzeiro pelas sugestões, amizade, apoio e correções, com o cuidado e carinho na revisão e finalização deste texto.

À Márcia Strazzacappa, minha orientadora, que me acompanha desde 2017 na caminhada desta pesquisa e segue trilhando o caminho que desejamos longínquo e frutífero para nossa metodologia MEET.

Às integrantes e aos integrantes (ex e atuais) do grupo de pesquisa LABORARTE, por possibilitarem a troca e a escuta, em especial à Carla Cristina Oliveira de Ávila, por ter estado na qualificação, pela generosidade, pela amizade, pela disponibilidade e pela constante troca de sabedoria, pois você fez (e faz) esse caminho brilhar.

Às membras e membros da banca Dimir Viana, Verônica Fabrini, Dagma Venturini, Venâncio Dantas, Alice Possani, Carminda Mendes e Lilian Vilela pela leitura, pelas trocas e pela colaboração. Obrigada por chegarem pertinho dessa história e seguirem comigo.

Às secretárias e aos secretários da pós-graduação, por todo o acompanhamento nesses anos e por vibrarem junto comigo a cada novo passo e nova conquista.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, o que possibilitou a minha permanência no programa de pós-graduação e a conclusão de mais essa etapa. Na esperança da ampliação de recursos como este para nosso país.

*“Vem andar e voa”*

(Marisa Monte)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Música Vilarejo, autoria coletiva de Marisa Monte, Pedro Baby, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes

**RESUMO:** A presente tese relata e analisa a criação estética realizada por estudantes de medicina ao cursarem a disciplina obrigatória MD 444 (Laboratório de Habilidades II - módulo entrevista) da Faculdade de Medicina/Unicamp, cujo objetivo é desenvolver habilidades de comunicação para a prática médica, enfatizando as relações e seus aspectos sociais, históricos e culturais. A metodologia utilizada nessas aulas é a *Medical Education Empowered by Theater* (MEET), uma metodologia ativa de aprendizagem, pautada nos saberes oriundos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2014) e da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2020). Embora esse trabalho aconteça há mais de dez anos junto a este módulo, o recorte temporal do início de 2021 ao final de 2022 foi definido para a presente pesquisa. Analisamos de forma mais verticalizada produções artísticas de estudantes do 2o ano de medicina em que foram realizadas sessões do Teatro Fórum, uma das ramificações do Teatro do Oprimido. Por meio das cenas criadas, pudemos identificar algumas das opressões vivenciadas pelos/as estudantes da graduação, sendo agrupadas em três temas: racismo, violência de gênero e opressões na formação médica dentro da universidade. Para além de uma pesquisa de observação participante, esta tese se apresenta como um relato autobiográfico, pois traz uma perspectiva de formação da própria pesquisadora, artista e professora de teatro, com seus próprios sentimentos e emoções presentes neste percurso.

**PALAVRAS CHAVE:** Teatro do Oprimido, educação médica, jogos teatrais, formação de professores

**ABSTRACT:** This thesis reports and analyzes the aesthetic creation carried out by medical students when they attend the compulsory subject MD 444 (Skills Laboratory II - Interview Module) at the Faculty of Medicine/Unicamp, whose objective is to develop communication skills for medical practice, emphasizing relationships and their social, historical and cultural aspects. The methodology used in these classes is Medical Education Empowered by Theater (MEET), an active learning methodology based on the knowledge of Augusto Boal's Theatre of the Oppressed (2014) and Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed (2020). Although this work has been done for more than ten years with this module, the time frame defined for this research was from the beginning of 2021 to the end of 2022. In a more vertical way, we analyzed artistic productions of second-year medical students in which Forum Theatre sessions were held, one of the branches of the Theatre of the Oppressed. Through the scenes created, we were able to identify some of the oppressions experienced by the students, which were grouped into three themes: racism, gender violence, and oppressions in medical education within the university. In addition to participant observation research, this thesis is presented as an autobiographical account, as it provides a perspective on the training of the researcher herself, an artist and drama teacher, with her own feelings and emotions present along the way.

**KEY WORDS:** Theatre of the Oppressed, medical education, theatrical play, teacher training

## Lista de Figuras

Figura 1 - Meu manifesto artístico para um novo mundo	14
Figura 2 - Árvore do Teatro do Oprimido, desenho de Helen Sarapeck	57
Figura 3 - Ilustração de Bárbara Santos, apresentando os conceitos de Contexto Social, ASCESE e metáfora	73
Figura 4 - Cena de teatro fórum do grupo Jana Sanskriti	83
Figura 5 - espetáculo “Suspeito”	91
Figura 6 - Foto de Janaína Alves, estudante de medicina	97
Figura 7 - Lúcia com Augusto Costa no carro	99
Figura 8 - a estudante que fez substituição na cena do hospital, eu estou à direita	101
Figura 9 - Cena com o filho	103
Figura 10 - Divulgação Roda de Escuta	111
Figura 11 - Amanda sofre o assédio	116
Figura 12 - Amanda e Cláudia conversam	118
Figura 13 - O acolhimento, a escuta e o vislumbre de um caminho em coletivo	122
Figura 14 - Léo conversa com o chefe	124
Figura 15 - Médicas relatam a percepção sobre igualdade de gênero na carreira	128
Figura 16 - José Muller dança	129
Figura 17 - eu ajoelhada frente ao fórum de estudantes	131
Figura 18 - professor se afasta	136
Figura 19 - Jamiro-José Muller sorri enquanto conversa com o grupo, a perna atrás é de Nicolas, interpretando Normando.	138
Figura 20 - a dança, trecho da cena	148
Figura 21 - Estudante Mônica, pergunta, medicina ou teatro?	153
Figura 22 - defina o curso de entrevista em uma palavra	156
Figura 23 - Relação com colegas de classe	159
Figura 24 - Sentimentos vivenciados	162
Figura 25 - Desconforto durante a realização das atividades cênicas	165
Figura 26 - Teatro é uma metodologia válida para a formação médica	167
Figura 27 - Forma de encarar a relação médico/a x paciente	170
Figura 28 - 94,5% das pessoas acreditam que irão utilizar conceitos do curso na vida profissional	170
Figura 29 - Utilização dos conhecimentos desenvolvidos no curso na vida pessoal	172
Figura 30 - Autoavaliação sobre o aprendizado de habilidades de comunicação	172
Figura 31 - Gráfico sobre a importância em se participar de um Teatro Fórum	174
Figura 32 - Lúcia vai até o hospital	219
Figura 33 - Lúcia conversa com o filho	219
Figura 34 - Lúcia encontra outra vítima	220
Figura 35 - Regina vai à delegacia	221
Figura 36 - Homem leva uma adolescente, enquanto Belinha insiste com o pai para que ele impeça	222
Figura 37 - Colegas conversam enquanto assessora sofre assédio	224
Figura 38 - José da Silva se protege, professor levanta o braço	225
Figura 39 - José Muller no consultório	226

## Sumário

Preâmbulo	12
<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>1. Nesse caminhar, não estamos sós</b>	<b>22</b>
<b>2. A encruzilhada e abertura dos caminhos, a metodologia MEET no encontro entre o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido</b>	<b>39</b>
2.1 Teatro Imagem	64
2.2 Teatro Fórum: de sua origem ao modo de fazer	70
<b>3. As pedras no caminho: cenas de opressão</b>	<b>84</b>
3.1 Racismo na graduação em medicina	86
3.2 Violência de gênero - violência contra a mulher	97
3.2.1 Assédio sexual e chantagem com fotos	97
3.2.2 Assédio sexual no trabalho	113
3.3 Opressão na graduação em medicina	128
<b>4. Ensinar e aprender: uma via de mão dupla</b>	<b>142</b>
4.1 Uma médica em ação: a criação e encenação de uma personagem	146
4.2 Não teve fórum, mas teve teatro	148
4.3 O que as/os participantes nos contam?	153
4.3.1 O que os dados nos mostram	159
<b>Conclusões Finais</b>	<b>182</b>
<b>Referências</b>	<b>186</b>
<b>Apêndices</b>	<b>190</b>
Apêndice A - Questionário de avaliação (55 respostas)	190
Apêndice B - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE)	209
<b>Anexos</b>	<b>216</b>
Anexo 1 - Roteiro Fórum Racismo na graduação em Medicina	216
Anexo 2 - Cena de Assédio Sexual com Chantagem de fotos	217
Anexo 3 - Assédio sexual no trabalho	222
Anexo 4 - Cena José Muller	225

## Preâmbulo

Quem parte parece abandonar uma certa posição, ao se expor aos riscos de não saber o que, quando, onde, quem, até mesmo se encontrará com certeza algo, alguém, algum lugar - enquanto paulatinamente pode-se constatar que ao partir jamais se regressa da mesma maneira, tampouco permanece igual a casa de onde se partiu (Marques, 2022, p. 21).

### Dando o primeiro passo

Esta é a entrada de uma trilha, bem vinda/o/e! Gostaria que imaginassem comigo esta viagem, que percorro a pé. No começo da trilha, preparei o solo, cavoquei a terra, misturei nutrientes, inclusive adubo. Espalhei sementes e somente quando retornei é que pude presenciar o que havia germinado. Neste caminho, encontrei searas, florestas fechadas, campinas floridas. Ora estive acompanhada, ora estive sozinha. Escalei montanhas e diversas vezes escorreguei e não via mais como voltar ao caminho. Me perdi, encontrei novos caminhos (ou retornei à trilha?). Fato é que aqui estou para contar dessa caminhada e quero te agradecer por sua companhia nesta jornada.

A realização do Doutorado coincidiu com o período da pandemia, um período em que tenho dificuldade de recordar detalhes e, simultaneamente, me lembro que os dias eram longos, as semanas intermináveis, a angústia crescente e, ainda mais contraditório, o tempo não era suficiente para todas as demandas que eu precisava cuidar. Diariamente, mesmo isolados, recebíamos as mais diversas notícias, desde as verdadeiras, como as mortes, as comorbidades adquiridas, a fome, o aumento da população de rua, até as mais absurdas de que o vírus jamais teria existido!

No começo, eu era a pura esperança. Acreditava que, diante do luto, nós, seres humanos, mudaríamos radicalmente nossa maneira de ver o mundo. Algum tempo depois, constatei que não alteramos o percurso como humanidade. Esse fato me deixou muito mal por muito tempo. Como estudar educação, arte e ser uma pessoa idealista sob o governo fascista ao qual estivemos submetidos entre os anos de 2019 e 2022? Em 2023, no tempo pós-pandemia (mesmo que o vírus ainda esteja entre nós), consegui voltar a ter esperança em nossa espécie, em nossas ideias, e principalmente, na transformação do mundo. Concordo com Augusto Boal (2009, p. 16) de que precisamos criar imaginários para este novo mundo que estamos vivendo, construindo.

Faço doutorado pela necessidade de ficar “sabida”. Sou dessas curiosas insaciáveis, sigo “procurando sarna pra me coçar”. Por vezes, paro e me questiono “até onde mais devo seguir?”. Quanto mais estudo, mais percebo que não sei. Os horizontes se

ampliam, me angustiam e, simultaneamente, me animam. Então, me pergunto “para quem escrevo?”, “a quem importa o que escrevo?” e percebo que escrevo primeiramente pela minha própria necessidade de escrever e depois porque as histórias precisam ser contadas pela perspectiva de quem é da classe trabalhadora, por quem é professora e simultaneamente artista. Estamos cheios de prateleiras lotadas de histórias de heróis, precisamos contar as histórias daquelas pessoas que vivem o cotidiano, das que, assim como eu, buscam um mundo mais justo e igualitário. Sejamos, sim, heroínas e heróis, mas apenas para lembrarmos de que não precisamos de superpoderes para sê-los, mas de reflexão, crítica, amor e ação.

Então, sigo com o idealismo. Como podemos promover transformações sociais em direção ao mundo que almejamos? Imaginando, criando e agindo. Parece óbvio que, antes de realizar qualquer tarefa, é preciso planejar. Mas, antes de planejar uma tarefa, é preciso saber o que se deseja realizar. Por exemplo, uma pessoa que deseja construir uma mesa precisa antes de tudo de imaginação, ela precisa pensar qual seria sua mesa perfeita, ou melhor, sua mesa ideal. Num outro contexto, a pessoa que descobre que está doente precisa imaginar como será seu futuro, precisa imaginar coisas que gostaria de realizar e ainda não vislumbrou. A imaginação nos dá uma direção. Pode ser em coisas cotidianas, como construir uma mesa, ou em coisas grandiosas como imaginar qual seria o mundo ideal para vivermos. Vale lembrar que diversas criações artísticas foram realizadas após um sonho, descobertas científicas foram feitas e projetos foram construídos por seres humanos que sonharam antes e viabilizaram depois.

Antes de colocar quaisquer empecilhos, precisamos treinar nossa imaginação, tirar as amarras que a prendem e deixá-la correr solta, sem julgamentos. Dito isso, como seria seu mundo ideal? Se você topar um jogo, proponho que interrompa a leitura e desenhe, cante ou mesmo dance esse novo mundo. Deixe todas as ideias chegarem, incentive-as a fluir e simplesmente experimente falar sobre isso de maneira estética.

Como artista, eu também realizei esse jogo, fiz um manifesto em forma de vídeo para imaginar o mundo do futuro (Figura 1). Para o meu mundo ideal, que talvez tenha coisas idênticas ao seu mundo ideal, eu gostaria que as pessoas fossem tratadas como pessoas, que amor e respeito fossem os sentimentos que guiassem nossas ações, e para além disso, que todos nós tivéssemos a capacidade de acolher todos os sentimentos que pudermos manifestar. Que verdadeiramente conseguíssemos dialogar, mesmo com pessoas das quais discordamos. No meu mundo, os direitos humanos são cumpridos, as necessidades das pessoas são atendidas, e a guerra parece uma coisa ridícula.



Figura 1 - Meu manifesto artístico para um novo mundo<sup>2</sup>

Diante desse ideal, qual caminho precisamos trilhar para confluir para as mesmas metas? De que especialidades precisamos? É assim que se começa um plano, que a gente traça uma rota em direção a construção deste mundo ideal.

A capacidade de criar uma realidade imaginada com palavras possibilitou que um grande número de estranhos cooperasse de maneira eficaz. Mas também fez algo mais. Uma vez que a cooperação humana em grande escala é baseada em mitos - contando-se histórias diferentes. Nas circunstâncias adequadas, os mitos podem mudar muito depressa (Harari, 2020, p. 41).

É revolucionário pensar que, ao atentarmos para os mitos, podemos mudar a nossa própria realidade. Contar as nossas próprias histórias pode ter uma força enorme. Precisamos lembrar que vivemos hoje uma ordem imaginada por nossos antepassados e que o capitalismo, o patriarcado e o colonialismo são invenções humanas e não condições naturais de existência.

Ao estudar sobre a área médica, percebi o quanto é difícil não ter um diagnóstico. Lisa Sanders, em seu livro “Todo paciente tem uma história para contar”<sup>3</sup>, narra histórias de diversas pessoas que passavam de médica em médica (ou de médico em médico) em busca de respostas e tratamento para o que sentiam. Mesmo manifestando diversos sintomas, não se

<sup>2</sup> “Manifesto em 3 atos”, de minha autoria, é um vídeo realizado durante o período da pandemia, e pode ser acessado em: <https://youtu.be/ShNzt3rKk7o>

<sup>3</sup> SANDERS, Lisa, **Todo paciente tem uma história para contar**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

encaixavam em nenhum diagnóstico pré-existente e, então, as/os pacientes passavam a duvidar de si mesmos e dos próprios sintomas que sentiam.

Na sociedade, creio que também seja assim. Passamos a nos convencer que nada nos sucede, que nossas opressões são invenções ou fatos menos importantes. Por isso, se conseguirmos identificar, nomear o que nos passa, podemos também ter um diagnóstico e, como na área médica, poderemos traçar um plano terapêutico compartilhado, criado em coletivo, um plano que nos permita ser pessoas mais empáticas, amorosas e respeitadas umas com as outras. Deixando de duvidar de nossos sentimentos e de nossa força para criar e transformar, poderemos de fato lutar por nosso mundo ideal.

Durante o período da pesquisa de doutorado pude ouvir muitas histórias que permeavam o cotidiano de estudantes de medicina. Durante as aulas de teatro, eles e elas puderam falar esteticamente sobre as opressões que os/as atravessaram, individualmente e coletivamente, e foi possível criar imaginários para superá-las.

Precisamos “invadir os cérebros”<sup>4</sup> com nossas criações artísticas e deixar sedimentar as tantas produções estéticas que agem em prol do capitalismo e do opressor, aquelas que nos convencem que somos os culpados por todas as mazelas que nos acometem. Precisamos de criações artísticas aos montes, aos milhares, com discursos que nos movam enquanto sociedade.

A castração estética vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer mensagens imperativas da mídia, da cátedra e do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem pensá-las, refutá-las, sequer entendê-las! O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escritura, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros! (Boal, 2009, p. 15)

A arte precisa ser “ordinária” e não “extraordinária”, precisa estar nas mesas de todos, como se fosse arroz e feijão, tal qual disse Gilberto Gil<sup>5</sup>.

A arte não deve continuar encerrada em museus, teatros e salas de concerto para visitas de fins de semana, pois é necessária em todas as atividades humanas, no trabalho, no estudo e no lazer. Não deve ser atributo de eleitos: é condição humana. Não é maquiagem na pele: é sangue que corre em nossas veias. (Boal, 2009, p. 94)

De acordo com Boal, com quem concordo, o teatro não deveria ser privilégio de algumas pessoas, mas ser democrática e acessível a todos, pois todos somos artistas. “O

---

<sup>4</sup> Augusto Boal (2009, p. 148) denomina “invasão dos cérebros” toda a informação que recebemos cotidianamente sem nos darmos conta de que estamos sendo influenciados por ela, pode ser uma propaganda num outdoor, ou uma cena de cinema. Tomando consciência de que é impossível impedir que certos conteúdos sejam exibidos, minha sugestão é que possamos criar nossos conteúdos e fazê-los proliferar.

<sup>5</sup> Gilberto Gil em entrevista para Reuters, em Paraty, em 2003, disponível em: <https://youtu.be/Oeb2L3oZpzc?t=138>.

teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele” (Boal, 2014, p. 11).

Assim, com franca esperança na humanidade, busco a flor brotada no asfalto, agarro-me a essa flor como se fosse cipó, pois ela é guerreira, mesmo que chamada de “feia”, é forte e tem raízes profundas, como disse Drummond.

### **A flor e a náusea**

Carlos Drummond de Andrade

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas,  
alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas  
sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.  
Nenhuma carta escrita nem recebida.  
Todos os homens voltam para casa.  
Estão menos livres mas levam jornais  
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.  
Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.  
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.  
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.  
Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo  
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do  
tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas  
da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças  
avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar,  
galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o  
nojo e o ódio.

## Introdução

A metodologia ativa de aprendizagem denominada MEET (Medical Education Empowered by Theater) foi criada por um grupo composto por professores/as e pesquisadoras/es dos campos da arte, da educação e da saúde. Mais especificamente, por artistas da cena (teatro e dança), pedagoga e médicos, todas pessoas com graduação e/ou pós-graduação na Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Logo, trata-se de uma metodologia transdisciplinar genuinamente nativa das terras campineiras.

Como o próprio nome afirma, essa metodologia foi pensada para a educação médica, por meio do fazer teatral, especificamente para o ensino de comunicação, lançando mão de jogos teatrais e de improvisação cênica. Embora cunhada especificamente para este fim, MEET tem se apresentado como uma maneira eficiente de promover aprendizados e dialogar com pessoas de diversas áreas, propiciando um espaço em que, por meio da arte, torna-se possível falar de nossos próprios sentimentos e conscientizar as opressões que nos rodeiam. Mais recentemente, a metodologia foi expandida para formação de professores e outras experiências em ambientes profissionais até mesmo com crianças e adolescentes.

A metodologia foi nomeada apenas em 2018, embora sua gênese tenha ocorrido em 2011. No Mestrado em Educação (Frutuoso, 2019) defendido em 2019, foram descritas as trajetórias do processo de criação e as definições estruturais da metodologia. MEET tem como base a educação dialógica de Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, ambos importantes teóricos brasileiros, o primeiro no campo da educação e o segundo no campo das artes cênicas.

MEET conta com diferentes frentes de atuação, para além das aulas de teatro para a comunicação, quais sejam: pacientes simulados; comunicação de más notícias; aulas de teatro para aprimoramento da relação médico/a-paciente; clowneria para profissionais de saúde. Aqui, nosso foco se concentra, especificamente, no trabalho desenvolvido junto aos/às estudantes do segundo ano de medicina da Faculdade de Ciências Médicas (FCM)/Unicamp. Assim, o principal objetivo da presente pesquisa de doutorado é aprofundar os estudos iniciados no Mestrado em Educação acerca do uso da metodologia ativa MEET na formação médica, tendo como recorte preciso o estudo e a análise das cenas que foram criadas e apresentadas na aula intitulada "Como lidar com conflitos?", em que utilizamos o Teatro Fórum, uma das vertentes do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2014).

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes das disciplinas MD444 - Laboratório de Habilidades II - módulo de entrevista, dos anos de 2021 e 2022, sendo 240 pessoas, das quais

9 não quiseram participar da pesquisa, totalizando 231 participantes<sup>6</sup>. Essa disciplina aborda temas de comunicação e foram ministradas pelos professores Jamiro Wanderley<sup>7</sup>, Thiago Santos<sup>8</sup>, Adilson Ledubino<sup>9</sup> e por mim, Leticia Frutuoso. A partir de 2023, as professoras Nádía Morali<sup>10</sup> e Tatiana Mirabetti Ozahata<sup>11</sup> passam a integrar o corpo docente dessas aulas. Trata-se de uma disciplina obrigatória oferecida anualmente durante o 4o semestre da graduação em medicina da Unicamp.

Todos e todas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - Ciências Humanas (CEP-CHS), da Unicamp<sup>12</sup>. Ao preencher tal termo, além da aceitação ou rejeição em participar da pesquisa, foi solicitado que cada um/a escolhesse um codinome para ser utilizado em substituição ao nome verdadeiro como forma de se manter o anonimato das pessoas participantes da pesquisa. Algumas pessoas não se autodesignaram um codinome; nestes casos, foi-lhes atribuído outro nome. A quebra do anonimato ocorreu em algumas exceções pontuais, sempre mediante a autorização da pessoa envolvida para garantir a autoria de um relato, foto e/ou poema. Logo, se a pessoa se chama Maria e escolhe o codinome Beatriz, neste trabalho ela será chamada de Beatriz, excluindo-se portanto, outras estudantes que por ventura se chamem Beatriz nas referidas turmas participantes. Ainda para se garantir o anonimato, informamos que todas as imagens oriundas das aulas de teatro (sejam fotos ou prints de vídeos) foram alteradas digitalmente<sup>13</sup>.

Informamos que em 2022 foi realizada uma avaliação via Google Forms em que os e as participantes avaliaram a disciplina e responderam perguntas sobre o Teatro Fórum,

---

<sup>6</sup> Para esta pesquisa não foram coletados dados de gênero nem de faixa etária.

<sup>7</sup> Jamiro da Silva Wanderley é doutor em Clínica Médica, médico cardiologista, palhaço, mágico e professor titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É também professor da disciplina MD 444, desde a sua criação.

<sup>8</sup> Thiago Martins Santos é médico e professor doutor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), integra a equipe da disciplina MD 444 desde de 2019.

<sup>9</sup> Adilson Doniseti Ledubino possui doutorado em Educação, é professor, ator, dramaturgo e diretor teatral. Também é membro da equipe (composta por Márcia Strazzacappa, Marco Antônio Carvalho Filho, Nádía Hellmeister Morali e Leticia Frutuoso) autores da metodologia MEET.

<sup>10</sup> Nádía Hellmeister Morali é atriz, pesquisadora e educadora. Possui graduação em Artes Cênicas pela Unicamp e é mestranda da Pós-graduação em Artes da cena na mesma universidade. É uma das fundadoras do Grupo O Positivo - Pacientes Simulados (juntamente com Leticia Frutuoso e Adilson Ledubino) e uma das autoras da metodologia MEET.

<sup>11</sup> Tatiana Mirabetti Ozahata possui graduação em Medicina pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Atualmente é médica assistente e preceptora do Pronto Atendimento da Vila Padre Anchieta e atua como professora em diversas disciplinas da graduação da Faculdade de Medicina da Unicamp.

<sup>12</sup> O Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 47818521.9.000.8142, referente aos anos de 2021 e 2022, pode ser acessado na seção de apêndices deste trabalho.

<sup>13</sup> O programa Photo-kako utilizado para alteração das fotos pode ser acessado pelo link: <http://www.photo-kako.com/pt/likeness.cgi>

sobre as opressões identificadas na faculdade de medicina e sobre as emoções experimentadas durante o curso.

Nos dois anos, todos/as estudantes entregaram um relato final contendo suas reflexões acerca do que experimentaram. Além disso, nos enviaram áudios e mensagens por Whatsapp em algumas aulas contando como tinha sido participar de uma sessão de Teatro Fórum. Em 28 encontros, foram coletados os seguintes dados: 76 cenas, 231 cartas que trazem um relato pessoal sobre a experiência, 55 questionários de avaliação e 52 áudios.

Mas, afinal, por que o Teatro Fórum? Por que esse recorte do Teatro do Oprimido?

O Teatro do Oprimido permeia todos os encontros, bem como a pedagogia de Paulo Freire, pois são partes estruturantes de MEET<sup>14</sup>. Desde 2017, o Teatro Fórum foi escolhido como estratégia de trabalho para a quarta aula, tendo em vista que o conflito está na base da criação da cena.

O Teatro Fórum é a técnica de Teatro do Oprimido mais democratizada, sendo conhecida e praticada em todo o mundo. Numa peça de Teatro Fórum, apresenta-se uma cena baseada em fatos reais, em que personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. Esse conflito incita a busca por alternativas para o problema encenado. Nesse sentido, os ‘spect-atores’<sup>15</sup> são convidados a entrar em cena para, por meio da atuação teatral – e não apenas com o uso da palavra –, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias. Tais percepções irão sugerir uma gama de alternativas possíveis inventadas pelos próprios indivíduos pertencentes àquele grupo para a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos (Paro, 2018, p. 5).

Para a presente pesquisa de doutorado, como citado acima, definimos como recorte o quarto encontro da disciplina MD444, no qual o tema tratado é “como lidar com conflitos”. Optamos por aprofundar especificamente neste tópico ao entrarmos em contato, na pesquisa anterior, com depoimentos e revelações de estudantes acerca de opressões (veladas ou não) vividas no cotidiano universitário<sup>16</sup>.

Buscamos compreender quais seriam essas opressões, se configurariam uma prática constante já introjetada na educação médica, e qual a implicação dessas opressões na formação de futuros profissionais de saúde. Afinal, seria essa uma prática constante? Se sim,

<sup>14</sup> Todos os jogos teatrais e os temas das aulas estão descritos no Guia da metodologia MEET, ainda não lançado.

<sup>15</sup> Augusto Boal cunhou o termo “*spect-ator*”, que é uma aglutinação de “espectador” e “ator”. Tal qual todo o embasamento para o Teatro do Oprimido, que será descrito no capítulo 2, a proposta é que as pessoas, para além de serem espectadoras/es, se tornem atrizes e atores em cena. O Teatro Fórum propõe que após assistir a cena modelo como espectador/a, as pessoas sejam convidadas a entrar em cena e buscar alternativas para resolução da opressão apresentada, tornando-se *spect-ator* ou *spect-atriz*.

<sup>16</sup> Referimo-nos aqui especificamente às cenas descritas no capítulo 3 da dissertação de mestrado "As cenas teatrais em MEET: análise, reflexões e descobertas" intituladas "A vida de estudante de medicina", "O dilema" e "Violência Obstétrica" (Frutuoso, 2019, p. 99-148).

quais opressões foram mais recorrentes? O que essas opressões revelam? Quais os desdobramentos possíveis a partir dessa constatação/revelação? Qual a influência dessas opressões na formação médica? O Teatro Fórum, diante de suas características, nos pareceu ser a técnica mais adequada para abarcar essas questões. Nos perguntamos se esse uso seria inédito, isto é, será que o Teatro do Oprimido (e/ou o Teatro Fórum) já foi aplicado no contexto da formação médica? Se sim, será que já foram realizadas pesquisas acerca dessa utilização específica?

Diante do exposto, estruturamos a tese apresentando, no **primeiro capítulo**, algumas pesquisas já realizadas acerca do uso da arte teatral e, especificamente, do Teatro do Oprimido, em processos de formação de profissionais da área da saúde tanto no Brasil como no mundo. Neste capítulo, realizamos a descrição de alguns artigos selecionados a partir de uma pesquisa por palavras-chaves como: “medicina”, “educação médica”, “teatro”, “área da saúde”, “Teatro do Oprimido” e seus correspondentes em inglês.

No **segundo capítulo**, apresentamos os fundamentos de Paulo Freire e de Augusto Boal que embasam o trabalho desenvolvido na metodologia MEET (*Medical Education Empowered by Theater*). Também apresentamos a importância do corpo em movimento e dos jogos teatrais na construção de conhecimento e a estrutura do trabalho na metodologia ativa e transdisciplinar MEET, reproduzindo discussões já tecidas durante o Mestrado e aprofundando na temática do Teatro do Oprimido.

No **capítulo 3**, analisamos quatro cenas teatrais que foram criadas junto à quarta aula da disciplina MD444 nos anos de 2021 e 2022 com a utilização do Teatro Fórum. As cenas foram primeiramente descritas e, em seguida, classificadas por temas para serem analisadas à luz das discussões acerca das opressões apresentadas, expandindo alguns conceitos para além da graduação de medicina na Unicamp.

No **capítulo 4**, cientes de que esta pesquisa abarca também o objetivo de aprimorar as aulas de teatro na qual utilizamos a metodologia MEET, refletimos acerca da própria formação como professora de teatro e apresentamos as vozes dos e das estudantes que contribuíram com depoimentos, reflexões e sensações após vivenciarem as experiências propostas nas aulas.

Apresentamos um recorte dessas experiências, esperando que elas se tornem sementes para serem espalhadas em outros lugares. Não é a única forma de fazer, talvez nem seja a melhor, mas é uma das possibilidades que pode ser multiplicada numa jornada que não precisa ser solitária, mas conte com o apoio de qualquer um de nós, autores e autoras da

metodologia MEET e novos/novas multiplicadores/ras já espalhados pelo Brasil, Holanda e Canadá.

Por fim, as conclusões finais, que ao invés de proporem um ponto final, buscam trazer as reticências, para que os trabalhos continuem sendo realizados, na expectativa de que o mundo mantenha-se em construção, e, num futuro próximo, seja mais justo e igualitário.

Diante da abrangência e da potência da metodologia, refletimos: **A quem se destina essa tese?**

Para além de profissionais da saúde, "[a] atores e não-atores com vontade de dizer algo através do teatro", como o próprio título de um dos livros de Augusto Boal (2014). Se for necessário especificar mais o círculo de interesse, esse trabalho poderia ser recomendado a todas as pessoas que trabalham com educação, da educação básica ao nível superior.

Aos professores e professoras de crianças, poucas experiências<sup>17</sup> foram realizadas com essa faixa etária, mas acreditamos ser possível adaptar a metodologia MEET para esse público, para realizar desde jogos teatrais em salas de aula como para a identificação de opressões que permeiam a vida das crianças.

Aos professores e professoras de teatro, uma nova visão para saber que as subjetividades trabalhadas para a cena podem reverberar de outros modos em nossos/nossas estudantes. Raramente temos o retorno do que sentem atores e atrizes quando participam dos jogos e improvisações. Durante a presente pesquisa, pudemos ouvir e agora compartilhar como estudantes de medicina, ao participarem de aulas de teatro, se sentiram e como produziram cenas com o objetivo de falarem esteticamente sobre um tema, nos apresentando que a arte tem um fim em si mesma, já que a proposta não é que essas cenas sejam ensaiadas e apresentadas futuramente.

Aos professores e professoras das áreas da saúde, esse trabalho pode revelar caminhos para se falar artisticamente, para ser uma das possibilidades para enfrentar os conflitos e revelar as opressões existentes na formação, seja na graduação ou residência, realizando uma educação afetuosa e almejando uma prática mais humanizada no cuidado com os/as pacientes.

---

<sup>17</sup> Marina Meyer, a partir de oficinas extraclasse, utilizou a metodologia MEET para trabalhar com o tema de *bullying* com crianças e adolescentes. O relato desta experiência foi publicado como artigo: ANDRADE, Marina Meyer A. de, & FRUTUOSO, Leticia R. **Relato de uma experiência no enfrentamento de um caso de bullying com jogos teatrais como metodologia ativa para a resolução de conflitos**. Manuscrita: Revista De Crítica Genética, (48), 56-74. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i48p56-74>.

## 1. Nesse caminhar, não estamos sós

Será que o Teatro do Oprimido (e/ou o Teatro Fórum) já foi aplicado no contexto da formação de profissionais da saúde? Se sim, será que já foram realizadas pesquisas acerca dessa específica utilização? Partindo dessas perguntas presentes na Introdução, realizamos um levantamento de artigos que discorreram sobre o uso do teatro na formação de profissionais em saúde. Esses trabalhos foram encontrados por meio de pesquisa buscando palavras-chaves tais como “medicina”, “educação médica”, “teatro”, “área da saúde”, “Teatro do Oprimido” e seus correspondentes em inglês. Ao entrarmos em contato com várias publicações, identificamos que o principal objetivo das atividades teatrais relatadas em tais textos era o desenvolvimento de competências humanas.

Ao todo foram 18 artigos encontrados. Passamos a apresentar uma síntese e uma análise de 9 destes que dialogam com nossa pesquisa.

Irene Goldschmidt<sup>18</sup> (2012), farmacêutica, discorreu sobre a importância em se oferecer atividades de arte, especificamente pautadas no Teatro de Augusto Boal e na Pedagogia de Paulo Freire, para uma formação mais humanizada de profissionais da saúde. Ela diz que a prática teatral:

possibilita ao trabalhador da saúde elaborar uma nova visão de mundo na qual possa perceber-se como elemento transformador da realidade, concebida agora dentro de uma perspectiva crítica, ou seja, não como dada, mas dinâmica, a realidade como resultante do processo de interação dos seres humanos em sociedade, podendo, portanto, ser modificada pela ação humana (Goldschmidt, 2012).

Goldschmidt traz uma visão panorâmica acerca da teoria freiriana e boalina, apontando quais características seriam importantes para a formação humanizada de trabalhadores/ras da área da saúde. No entanto, a autora não relata nenhuma experiência nem atividade em si. Informa ainda que a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), Rio de Janeiro/RJ, ofereceu oficinas de teatro e literatura.

Na perspectiva dessa autora, as características a serem desenvolvidas por meio do teatro na formação de profissionais em saúde consideram que o teatro propicia: 1) o aprendizado por meio da percepção e sensibilidade; 2) a consciência corporal do próprio corpo e conseqüentemente dos corpos dos pacientes; 3) o desenvolvimento da empatia ao se colocar no lugar do outro em cena; 4) a valorização dos saberes dos outros e portanto uma melhora nas relações de grupo.

---

<sup>18</sup> Irene Goldschmidt é farmacêutica sanitária da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestre em Educação Profissional em Saúde pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

No texto “O teatro na formação do enfermeiro”, as autoras Rosângela Camargo<sup>19</sup> e Sônia Bueno<sup>20</sup> (2012) fazem um relato de experiência realizada em uma faculdade particular no interior de São Paulo, que ofereceu um curso de teatro, de forma eletiva aos estudantes da graduação de enfermagem. O curso esteve integrado à disciplina de Saúde Coletiva da referida instituição. A pesquisa foi realizada com 12 estudantes de enfermagem que participaram do grupo de teatro Viverarte. As atividades pesquisadas acompanharam os processos de criações, montagens e encenações de duas peças teatrais “A revolta da vacina” e “Louca Enfermaria”, nos anos de 2004 e 2005, respectivamente, com autoria do próprio grupo Viverarte.

Como resultado da pesquisa, foi constatado que o curso de teatro na formação de enfermeiras/os possibilitou o desenvolvimento da sensibilidade, da comunicação, da percepção e o aprimoramento da compreensão da realidade. As transformações pessoais e coletivas incentivadas pelo teatro também foram percebidas. “A arte na educação visa reintegrar os campos do conhecimento e rearticular o sentir e o saber, a análise, a emoção e a tradição, superando os limites do trabalho educativo baseado apenas no intelecto, na memória, no raciocínio lógico linear” (Camargo, Bueno, 2012, p. 348).

As autoras afirmam que no ambiente de trabalho da enfermagem sempre acontecem críticas e cobranças autoritárias que exigem do/da profissional um comportamento humanizado, mas que durante a formação faltam atividades que lhes apresentem como desenvolver essa abordagem.

Partimos do pressuposto de que as atividades educativas que envolvem a expressão artística, a dinâmica corporal e a experiência estética são a base para o educando organizar percepções, classificando e relacionando eventos, construindo, com todas as suas capacidades, um todo significativo e sensível (Camargo, Bueno, 2012, p. 348).

Ambas frequentaram as aulas de teatro e acompanharam o processo de criação, desde os ensaios, os jogos, até a apresentação das peças teatrais. Além disso, realizaram um questionário de perguntas abertas com cada um dos/das participantes. Como nesta pesquisa

---

<sup>19</sup> Rosângela Camargo é enfermeira (1981), Licenciada em Enfermagem e Graduada em Pedagogia (1991), Mestre e Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP (2002/2006). Pós-Doutorado na *University of Alberta*, Canadá (2018). Docente em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa no Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública (DEMISP) da EERP/USP.

<sup>20</sup> Sônia Bueno é Livre Docente e Professora Associada pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Saúde, possui graduação em Pedagogia e Complementação Curricular em Enfermagem pela USP, Mestrado em Enfermagem e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1992).

de doutorado, elas apresentam os relatos de participantes para embasar os resultados encontrados.

Sobre a formação humana, uma participante disse: “Que eu possa me tornar uma profissional que saiba acolher, tratar as pessoas como elas verdadeiramente merecem ser tratadas. Eu também acredito que a arte teatral tem o poder de transformar o ser humano.” Durante as entrevistas, perceberam que as/os participantes, ao aprenderem a técnica teatral, relataram que melhoraram o autoconhecimento. Como no teatro valorizamos o trabalho em equipe, elas perceberam aprimoramento na comunicação, na observação, na concentração e ampliaram a leitura que faziam de si, do mundo e das pessoas.

As autoras citam Augusto Boal, mas as aulas, conduzidas por um professor de teatro, seguiam as teorias de Stanislavski<sup>21</sup>. A criação do papel foi um recurso utilizado tanto para a encenação e verossimilhança da cena quanto para a reflexão crítica sobre a realidade de pacientes que utilizam o SUS (Sistema Único de Saúde). Uma estudante relatou a seguinte situação que viveu em um dos seus estágios:

Uma supervisora da enfermagem falou comigo que o teatro é importante em outro horário, no final de semana, fora das aulas [...] Aí eu comecei a bater de frente e tentar mostrar o lado positivo do teatro [...] Depois, mais tarde, ela, relatando uma experiência que teve num hospital [...] onde a mãe estava internada, e o atendimento é ótimo, todo mundo faz as técnicas corretas, mas que falta um [...] aí eu falei “falta teatro” [...] porque as pessoas trabalham muito bem, mas são alienadas, têm que fazer medicamento na hora certa, técnica certa, arrumar a cama da maneira correta, mas esquece de ver o paciente como um todo [...] aí ela mesma, essa pessoa que é contra, parou e disse: “É, falta teatro” (E2).

Esse relato demonstra como profissionais da saúde, já em exercício da profissão, nem sempre compreendem a importância do teatro na formação. Destacamos aqui a coragem da estudante em discordar de sua supervisora. Tendo vivenciado as aulas, a estudante sabia dos conhecimentos que ela própria havia construído.

Katie Watson<sup>22</sup> (2011), criadora do método *Medical Improv*, utiliza de jogos teatrais e improvisacionais para aperfeiçoar as habilidades de comunicação dos/das estudantes de medicina. Em seu artigo, ela relata que quando começou a dar aulas de bioética na faculdade de medicina, também fazia aulas de teatro aos fins de semana, e, em uma dessas

<sup>21</sup> Constantin Stanislavski (1863-1938) foi um ator, diretor teatral e escritor. “É mundialmente conhecido pelo seu "sistema" de atuação para atores e atrizes, onde reflete sobre as melhores técnicas de treinamento, preparação e sobre os procedimentos de ensaios.” Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantin\\_Staniislavski](https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantin_Staniislavski)

<sup>22</sup> Katie Watson é advogada e professora de bioética, na *Northwestern University Feinberg School of Medicine* (NUFS), Chicago, Illinois, desde 2001. Ela é a criadora do método “medical improv”, um método para treinar comunicação utilizando jogos teatrais e improvisacionais. Mais de 200 de seus ex-estudantes passaram a aplicar o método *Medical improv* em outras escolas médicas. Fonte: <https://www.feinberg.northwestern.edu/faculty-profiles/az/profile.html?xid=16112>, acesso em 12 de março de 2024.

aulas encontrou com sua chefe Kathryn Montgomery. As duas conversaram sobre as similaridades entre a improvisação teatral e a profissão médica, já que uma consulta médica é estruturada. O roteiro de ações é conhecido, mas é necessário estar disponível para improvisar, pois nunca é possível saber o que o/a paciente irá trazer para a consulta. “A improvisação teatral ensina a seus praticantes a aceitar a incerteza e a ambiguidade como condição para sua própria atuação, em vez de tentar impor concepções prontas”. Katie Watson reforça que a improvisação teatral não é para fazer rir, mesmo que seja divertida, pois é um jogo a ser encarado com seriedade, cujo foco está em desenvolver a honestidade, a espontaneidade e a habilidade de pensar rapidamente em situações estressantes (Watson, 2011, p. 1261). Foi assim que Watson criou o seu primeiro seminário em que adaptou jogos teatrais para serem utilizados em aulas de bioética da Faculdade de Medicina. Posteriormente, realizou vários outros seminários que culminaram no desenvolvimento do método *Medical Improv* (Watson, 2011, p. 1260).

Em 2011, Watson fez um levantamento e percebeu que seu método, que unia improvisação teatral e educação médica, era o único que estava no currículo oficial de uma Faculdade de Medicina. No entanto, nem todos/das os/as estudantes frequentam o seminário da professora, pois era apenas um dos seminários dentro do eixo temático de humanidades médicas, no qual estudantes selecionam 10 seminários dentre 20 oferecidos. Os seminários acontecem por 5 semanas, com aulas de 2 horas cada.<sup>23</sup>

Watson afirma a importância de se utilizar a arte no desenvolvimento das habilidades médicas, principalmente no que se refere a comunicação, profissionalismo e humanização. A autora fala sobre três maneiras de se utilizar a arte: a primeira inclui o/a participante na experiência, seja na improvisação teatral ou na realização de artes manuais; a segunda, por meio de aulas em que estudantes vejam e estudem obras de arte, tais como quadros, filmes, para refletir e aprender a analisar os dados e desenvolverem habilidades para reconhecer padrões e aprimorarem o diagnóstico; a terceira opção é a de colocar os/as estudantes para vivenciarem o papel de pacientes, com o objetivo de aumentar a sensibilidade deles e delas em relação aos doentes e sobre si mesmos.

Tanise Costa<sup>24</sup> et. al. (2021) relatam a apresentação de uma cena teatral no pré-congresso COBEM (Congresso Brasileiro de Educação Médica) de 2019. Criada por

---

<sup>23</sup> Um relatório realizado, nos Estados Unidos em 2020, apresentou várias experiências envolvendo arte e educação médica, denominando tais experiências como fundamentais. O título original é “The Fundamental Role of the Arts and Humanities in Medical Education”, e pode ser acessado em: [https://store.aamc.org/downloadable/download/sample/sample\\_id/382/](https://store.aamc.org/downloadable/download/sample/sample_id/382/), acesso em 12 de março de 2024.

<sup>24</sup> Tanise Costa é médica geriatra e Docente do curso de Medicina do Centro Universitário do Pará.

meio de um trabalho conjunto entre 4 professores/ras e 6 discentes ao longo de 2 meses, a obra aborda o tema do envelhecimento. O roteiro traz duas personagens principais em três momentos distintos da vida – juventude, meia idade e velhice – com características moralizantes e depreciativas de acordo com as opções de vida de cada personagem.

As autoras contam que, no dia da oficina, fizeram uma abordagem teórica, seguida dos dois primeiros atos da cena (juventude e meia idade), depois os/as participantes responderam a um primeiro questionário, assistiram ao último ato da cena (velhice) e responderam um segundo questionário. Os questionários abordaram temas clínicos relacionados ao envelhecimento. Por fim, os/as participantes foram divididos em dois grupos e convidados a criar duas cenas com os temas “Doação de órgãos” e “Más notícias”, apresentadas em seguida. No artigo não há descrições de como foram essas cenas.

Alertamos para o fato de que esse relato de experiência apresenta um contra-exemplo de como se utilizar o teatro para a educação médica. Compreendemos a boa intenção em se ilustrar cenicamente o processo de envelhecimento, mas acreditamos que a criação e o desenvolvimento das personagens precisaria ser realizado de maneira aprofundada para evidenciar as complexidades inerentes ao cuidado humanizado e empático.

No relato não está descrito como se deram os ensaios nem a preparação da cena. Pelo que compreendemos, as ideias vieram das/dos docentes e os/as discentes se dispuseram a encenar. O roteiro é superficial e falta trabalho dramatúrgico. A metodologia utilizada durante a oficina, apesar de citar Paulo Freire, se dispôs a ser de uma educação bancária<sup>25</sup> de transferência de conhecimentos. Por fim, mesmo que a finalização tenha se dado de maneira estética, com criação e apresentação de cenas, não foi oportunizado que as pessoas debatessem sobre isso. A última descrição é de que as propositoras da oficina distribuíram “nariz de palhaço” aos participantes, sem explicitar o objetivo de tal ação. Por isso, inferimos que talvez tenha faltado uma aproximação real com a linguagem artística, cuidado e treinamento adequado para utilizar o teatro em uma oficina de educação médica, já que o “nariz de palhaço” representa uma máscara para uma técnica artística que exige um treinamento e aperfeiçoamento.

Christa Krüger<sup>26</sup> et al. (2005) relatam a experiência do uso do Teatro Fórum como metodologia para se ensinar técnicas de comunicação para estudantes de medicina e

---

<sup>25</sup> Educação bancária é aquela que não se dispõe a dialogar com o/a estudante, mas a que se propõe a “depositar” os conhecimentos nos/nas educandos/das para que eles e elas absorvam os conteúdos. O termo foi cunhado por Paulo Freire (Freire, 2020, p. 47).

<sup>26</sup> Christa Krüger é médica psiquiátrica e professora na *Faculty of Health Sciences - University of Pretoria* em Joanesburgo, África do sul.

odontologia que estavam cursando o 2o ano na Universidade de Pretória, África do Sul. A experiência foi realizada juntamente com o Departamento de Artes Cênicas, por meio de uma disciplina obrigatória para o curso de teatro, chamada “Teatro para o Desenvolvimento”, ministrada por um professor especialista no Teatro de Augusto Boal.

Diferente da metodologia MEET, não foram estudantes de medicina que criaram quatro cenas modelo<sup>27</sup> para o Teatro Fórum, e sim estudantes de teatro. Nas cenas, os/as personagens médicos/cas se utilizavam de uma comunicação ruim ou inapropriada. “Os roteiros apresentavam o uso inapropriado de habilidades de comunicação, e foram escritos pelos estudantes de teatro. Os/as professores/ras de medicina deram sugestões para aprimorar os roteiros para que fossem mais realistas” (Krüger *et. al.*, 2005, p. 61). Essa proposta representa um desvio do ideal do Teatro do Oprimido, em que são as próprias pessoas oprimidas que criam o roteiro da cena modelo, pois esse processo permite que as/os participantes compartilhem suas histórias, problemas e desafios.

Foram 2 anos de experiência. No primeiro ano, ao invés de “Teatro Fórum”, foi utilizada a “Dramaturgia Simultânea”, ou seja, ao invés dos/das estudantes da área da saúde entrarem em cena para substituírem as personagens, elas e eles faziam sugestões, e estas eram reencenadas pelas atrizes e atores estudantes de teatro. A professora Christa Krüger fala que a atuação foi muito focada nas atitudes dos/das médicos/cas e menos nas técnicas de comunicação, o que dificultou que as/os estudantes da área da saúde respondessem corretamente a avaliação sobre o conteúdo teórico que abordava aspectos exclusivamente da comunicação verbal.

Um exame minucioso dos roteiros confirmou que os cenários demonstravam o uso inadequado do discurso (...). No entanto, apesar do potencial dos roteiros para atingir nossos objetivos de aprendizagem, a atuação dos estudantes de teatro enfatizou o subtexto (ou seja, a maneira como as falas eram realizadas, enfatizavam as atitudes inadequadas [do/a médico/a]) e, por isso, o subtexto ofuscou a demonstração do uso inadequado das habilidades de comunicação (Krüger *et. al.*, 2005, p. 62).

Do ponto de vista de artistas da cena e pesquisadoras do Teatro do Oprimido, questionamos as conclusões da professora Krüger. Os/as estudantes de teatro cumpriram o papel que lhes fora designado, e o que se destacou em cena foram os conflitos existentes na relação médico x paciente, ou seja, as relações de poder e as opressões existentes na relação. O “erro” para o primeiro ciclo da pesquisa é que a metodologia utilizada provocou outras reações nos/nas estudantes da área médica que diferiam do que a professora esperava para as

---

<sup>27</sup> A cena modelo é criada apresentando o tema e as opressões a serem debatidas esteticamente no Teatro Fórum, que será explicado no capítulo 2.

aulas que pretendiam ensinar e quantificar o aprendizado exclusivamente de técnicas de comunicação verbal.

São dois fatores. O primeiro de que estudantes de teatro estavam empenhados em construir suas personagens com objetivo de realizar uma boa cena e, portanto, evidenciaram os conflitos que são, em sua maioria, o fio condutor da dramaturgia. O segundo fator é o pedagógico, que diferia do objetivo da pesquisa. Ao utilizar o teatro, a professora médica não obteve a reação esperada de seus estudantes da área da saúde, pois as cenas trouxeram os outros aspectos pertinentes à comunicação, tais como presença, comunicação não-verbal, entonação e sentimentos, gerando “ruídos” para mensurar o conhecimento no que se referia exclusivamente à comunicação verbal e ao uso de ferramentas para aprimorar as técnicas discursivas. Mesmo assim, as avaliações realizadas após a intervenção cênica mostraram que os/as estudantes, que participaram do primeiro ano do estudo, aprenderam os conhecimentos teóricos sobre as técnicas de comunicação verbal. Quando reaplicadas as avaliações, após 4 meses da experiência, eles e elas ainda sabiam os conteúdos abordados anteriormente.

No segundo ano da pesquisa, houve uma direção teatral das cenas modelo para que atores e atrizes estudantes tivessem um foco maior no discurso e no uso inadequado da comunicação verbal, atenuando o subtexto e as atitudes inadequadas. As mesmas cenas modelo foram feitas e, desta vez, foram realizadas sessões de Teatro Fórum, em que os/as estudantes da área médica foram convidados/as a entrar em cena, se tornarem *spect-atores* e *spect-atrizes*. Desta vez, as/os estudantes responderam mais assertivamente às questões da avaliação teórica de técnicas de comunicação verbal e falaram menos sobre as atitudes comportamentais.

Ao final do estudo, as/os pesquisadoras/res ficaram em dúvida se o Teatro Fórum era realmente o mais adequado para se ensinar ferramentas de comunicação verbal. Entenderam que seria necessário que a direção teatral e o roteiro tivessem pelo menos o envolvimento maior de um/a especialista da área da saúde. E que os temas de comunicação ficaram emaranhados, apresentando questões pertinentes à comunicação como um todo, mas exigindo várias modificações para um estudo específico da comunicação verbal. Sabemos que a comunicação é complexa e abrangente, não sendo possível dissociar a comunicação verbal de seus outros fatores.

Krüger *et. al.* (2005, p. 64) relatam que os pontos positivos deste estudo foram o de terem extrapolado a simulação de pacientes para “simulação de médicos/as” como uma nova forma metodológica, já que atores e atrizes realizavam os dois papéis, pacientes e doutores/ras. O segundo ponto foi o de terem se lembrado que pode ser divertido aprender e

ensinar, pois as cenas criadas tinham um teor cômico. Outro ponto apresentado foi a abertura dos/das professores/ras da área da saúde para experimentarem novas metodologias de ensino.

A natureza interdisciplinar deste projeto trouxe alguns benefícios, como uma rica diversidade de perspectivas e recursos (...). Por outro lado, no nosso contexto particular, era exigente em vários aspectos. Os três interesses paralelos, educação médica, educação dramática, aprendizagem e pesquisa em ação tiveram que ser equilibradas e adaptadas (...). Isso foi complicado pelas diferentes agendas e conjuntos de objetivos para cada um dos interesses. Foram necessárias várias negociações para encontrar um terreno comum entre esses três conjuntos de objetivos, de forma que o projeto fosse mutuamente benéfico para todos. (...) Tivemos que compreender o mundo um do outro. Isso consumia muito tempo e exigia empenho para que houvesse a estreita cooperação que era necessária entre indivíduos das diferentes áreas de conhecimento. Uma boa comunicação também foi um pré-requisito para partilhar a insatisfação e para transmitir problemas relacionados com determinados aspectos da pesquisa (*ibidem*).

Krüger *et. al.* evidenciam que a pesquisa pôde avaliar a apreensão teórica dos temas abordados, mas que não foi possível verificar se as habilidades de comunicação foram de fato apreendidas. Os problemas encontrados neste estudo de Krüger *et. al.* (2005) são avaliados como pontos positivos sob o ponto de vista do uso do teatro na educação médica. Tais problemas reforçam aspectos que temos evidenciado com a metodologia MEET, como a possibilidade de participar de sessões de Teatro Fórum, que trabalham a comunicação com um todo. Para além disso, permitem que se promova o debate sobre as relações de opressão existentes na relação profissional e mesmo na formação profissional.

Outro aspecto foi a importância da real transdisciplinaridade, também necessária para o desenvolvimento da metodologia MEET: médicos e médicas precisam vivenciar as técnicas artísticas para compreenderem como o aprendizado se realiza. Assim como nós, artistas da cena que, para além de saber atuar, precisamos estar conscientes de nosso papel pedagógico na formação de futuros profissionais da saúde. Enfatizamos que a ação pedagógica é tão importante quanto a ação cênica e que ambas precisam estar intrinsecamente relacionadas.

Daire McGrath<sup>28</sup> *et. al.* (2022) realizaram uma experiência de Teatro Fórum online para treinar estudantes de medicina para o atendimento de vítimas de violência doméstica. A pesquisa se baseia em evidências de que tais vítimas não falam espontaneamente sobre os abusos sofridos, e cabe aos e às profissionais da saúde investigarem e acolherem os relatos das vítimas.

---

<sup>28</sup> **Daire McGrath** é estudante no *Centre for Medical Education, School of Medicine, Dentistry and Biomedical Sciences, Queen's University Belfast*. **Gerard J. Gormley** é pesquisador e responsável pelo centro de simulação da mesma Universidade. **Helen Reid** é médica de família e professora de clínica médica. **Paul Murphy** é professor de teatro na mesma Universidade.

Uma variedade de métodos de ensino são usados no treinamento para profissionais de saúde e estudantes para a abordagem e atendimento de vítimas de violência doméstica. Muitas destas formas de aprendizagem se concentram mais no intelectual do que nos aspectos experienciais da prestação de cuidados profissionais para as pessoas que sofreram abusos. Formas intelectuais de aprendizagem, como materiais de leitura e discussões em grupo podem ser insuficientes para treinar profissionais a prestar cuidados durante a prática clínica real. Pode haver uma desconexão entre o que é aprendido e como agem na prática (McGrath *et. al.*, 2022, p. 2).

O artigo *From spectating to spect-acting: medical students' lived experiences of online Forum Theatre training in consulting with domestic abuse victims* se propõe a utilizar o método de *embodied learning*, isto é, de uma aprendizagem corporificada, englobando o uso do corpo todo e o reconhecimento das emoções como metodologia para o processo de ensino e aprendizagem em que os/as participantes se aprofundam, não apenas de forma mental, mas passando da ação de *spectating* (assistindo) para *spect-acting* (agindo). A experiência relatada por Daire McGrath *et. al.* (2022) utilizou-se do teatro para atingir esse objetivo e foi realizada de maneira online, após a pandemia de COVID-19.

A cena foi preparada previamente entre estudantes de medicina, que representaram o papel do/da profissional de saúde, e estudantes de teatro, que representaram os papéis da vítima de violência doméstica e do agressor. Pela descrição do artigo, acreditamos que se trata de uma simulação de consulta médica e não de uma experiência de Teatro Fórum, o que não invalida o aprendizado com a experiência. A simulação é um ambiente propício para o aprendizado em ação, e os resultados relatados comprovam que os/as participantes conseguiram compreender em profundidade a complexidade de um atendimento a uma vítima de violência doméstica.

Segundo a descrição, as/os estudantes de medicina assistiam a uma cena em que o agressor ligava para a vítima e pedia que ela não fizesse nada, depois acontecia a consulta médica. A seguir, as/os participantes assumiram o papel do/da profissional de saúde que atendia a essa vítima de violência doméstica e precisavam, de maneira ativa, criar um ambiente acolhedor para que ela revelasse o abuso sofrido.

A paciente simulada foi interpretada por uma atriz que trazia uma mancha roxa no pescoço, mas ela não dizia voluntariamente o que havia acontecido. Como na vida real, criou-se a necessidade da busca de informações, e propostas de como ela poderia dar seguimento ao que aconteceu. Durante a aula, os/as propositoras descrevem o quanto é importante ter empatia pela vítima e acolhê-la em qualquer decisão que ela tomar. A vítima não é obrigada a prestar queixa e nem pode ser pressionada para tal.

Os relatos dos/das participantes são profundos e demonstram que eles e elas conseguiram adentrar a experiência se conectando com os próprios sentimentos e com os sentimentos da paciente. A verossimilhança foi uma das características ressaltadas que auxiliou no envolvimento de todas as pessoas. As pessoas que participaram da experiência relataram que sentiram ansiedade, raiva, desconforto e experimentaram a frustração mas, mesmo assim, ao final relataram alívio e esperança. A aula lhes forneceu a oportunidade de refletir e agir num ambiente seguro criando um repertório de ações das quais certamente se lembrarão ao atender uma vítima de violência doméstica. Essa foi uma atividade pontual, realizada com 11 participantes e, ao final do artigo, os autores e autoras também enfatizaram a potência desse tipo de experiência e a qualidade do aprendizado.

Katie Love<sup>29</sup> (2012), utilizou o Teatro do Oprimido (Boal, 2009, 2014) em aulas da graduação de enfermagem para ensaiar soluções alternativas para problemas do mundo real, com ênfase nas relações interpessoais e hierárquicas. Ela destacou que o Teatro do Oprimido pode ser capaz de trazer mudanças reais pautadas na justiça social e apresenta-se como uma metodologia eficaz para conscientizar as/os estudantes de que elas/eles podem ser agentes de mudança nas áreas de saúde, impactando em melhorias no cuidado das/dos pacientes.

O estudo foi realizado com 44 alunas no último semestre da graduação em enfermagem da Universidade de Saint Joseph em Connecticut, Estados Unidos. Katie Love fala sobre a dificuldade de se oferecer um curso longitudinal utilizando as técnicas do Teatro do Oprimido, devido ao grande volume de conteúdos oferecidos na graduação. No entanto, ela propõe que o Teatro do Oprimido seja utilizado pontualmente, tanto em aulas eletivas como dentro de aulas curriculares. Ela ressalta a importância da criação de um ambiente seguro, mesmo que estudantes e professores/ras já se conheçam anteriormente, como foi o caso da experiência relatada no artigo.

Em consonância com Augusto Boal (2014) e a metodologia MEET, a autora Katie Love também propõe o uso dos jogos teatrais no início das aulas de maneira a estimular corporalmente as/os estudantes a estarem em ação. Ela relata que um dos exercícios ajudou os/as estudantes sobre o uso consciente da comunicação, da maneira como falar e de se permitir dizer (Love, 2012, p. 4). Foram utilizadas várias ramificações do Teatro do Oprimido, tais como: Teatro Imagem, Teatro Fórum e técnicas para trabalhar com opressões

---

<sup>29</sup> Katie Love, PhD, é enfermeira e professora assistente e diretora do Multicultural RN-BS programa da *University of Saint Joseph* em West Hartford, Connecticut. Trabalhou como enfermeira em organizações humanitárias.

internalizadas, no Brasil conhecidas como técnicas do “Arco-íris do desejo”, mas no exterior como “*Cop in the head*” que, numa tradução direta seria “um tira (policial) na cabeça”.

Durante a experiência com o “Arco-íris do desejo”, as estudantes retratam uma enfermeira novata em um trabalho e tentam imaginar quais eram os seus pensamentos, sentimentos e medos. Como propõe Boal, para cada pensamento constrói-se uma personagem, isto é, várias pessoas vão para a cena interpretar a mesma enfermeira novata, cada uma delas representando um pensamento ou sentimento. Isso permitiu que as estudantes visualizassem e experimentassem as diversas facetas da mesma personagem, refletindo de que maneira esses pensamentos e sentimentos influenciaram as ações praticadas por ela. Simultaneamente, elas realizava um exercício de imaginação futuro, pois em breve as jovens estudantes se tornariam as enfermeiras novatas.

Com o Teatro Fórum, na experiência relatada, o/a professor/a foi o/a curinga<sup>30</sup>, e a pesquisadora ressalta a importância deste papel para estimular as/os espectadoras/res a se tornarem *spect-atrizes/ spect-atores* mas, ao mesmo tempo, não influenciar nas decisões do fórum. “O objetivo [do Teatro Fórum] não é encontrar a solução ideal, mas para criar novas formas de enfrentar a opressão e explorar emoções que muitas vezes não temos tempo para fazer na vida real” (Love, 2012, p. 6).

Katie Love relata várias vivências de Teatros Fórum relacionados a práticas da enfermagem em saúde comunitária, e descreve uma cena que aconteceu à medida em que as estudantes foram se sentindo mais confortáveis e disponíveis a falarem sobre suas vulnerabilidades. Uma das estudantes de enfermagem compartilha uma dessas situações:

A cena representava uma situação entre a aluna e um professor titular, do ponto de vista da aluna. A estudante recebeu uma avaliação ruim, mas quando solicitou um *feedback* do professor, ele só disse que ela “não estava fazendo um bom trabalho”, “simplesmente não estava indo muito bem” e que ela era “inadequada”. Esta situação exigiu coragem por parte da aluna, [pois se mostrava vulnerável diante do grupo] ao mencionar o que se passou com ela, por isso, a criação do ambiente seguro foi crucial.

As demais estudantes simpatizaram com o cenário e refletiram sobre os seus sentimentos de impotência. Este cenário é particularmente relevante para as formandas que começarão a trabalhar como enfermeiras novatas com preceptores, em um ambiente altamente hierárquico, e, por vezes, pode ser que isso exija um confronto com um superior ou mesmo que necessitem se recusar a seguir uma ordem, para defender um paciente. Várias espectadoras tentaram alternativas e, algumas ideias tiveram sucesso e outras não. Muitas [opções] eram irrealistas, mas ofereciam às estudantes uma oportunidade de desabafar as suas frustrações.

---

<sup>30</sup> O papel de curinga no Teatro do Oprimido consiste em apresentar as regras do jogo, de motivar a plateia a participar e, simultaneamente, de auxiliar o debate, agindo com atores e atrizes, sem dar a sua opinião pessoal. “O curinga é um agitador de torcida, um líder político de massas, um mestre de cerimônias, uma figura que, através da empatia, tenta mostrar que a opinião do *espect-ator* é valiosa para solucionar os dilemas do protagonista, no espetáculo” (Pompeo Nogueira, Velloso, 2018, p. 97). No tópico de Teatro Fórum esse termo será aprofundado.

Por fim, o grupo decidiu que uma conversa direta e calma poderia ser uma opção. A atriz declarou simplesmente: “Eu sinto que seus comentários estão se tornando pessoais e eu gostaria de permanecer na esfera profissional. Para melhorar e para ter sucesso neste semestre, preciso de um *feedback* objetivo e orientações específicas que eu possa seguir.”

No encontro original, esta aluna sentiu-se impotente para confrontar um professor, pois teve medo de que o professor pudesse fazer uma retaliação, por meio das notas. Depois desta aula, esta estudante relatou que havia tentado na vida real o que “ensaiara” através do TO e acabou tendo uma interação muito positiva com seu professor, e ficou impressionada com sua capacidade de lidar com a situação profissionalmente (Love, 2012, p. 6-7).

“A intenção era que as espectadoras pegassem o que aprenderam com a experiência do TO e aplicassem diretamente às suas experiências de opressão na vida cotidiana” (Love, 2012, p. 3), e foi exatamente o que aconteceu. Ao possibilitar a análise das “relações de poder (ocultas e abertas) na linguagem” pode-se desenvolver tal habilidade para as situações da vida cotidiana, durante o acontecimento, auxiliando “estudantes a se tornarem mais capacitadas e, em última análise, a defenderem melhor seus pacientes” (Love, 2012, p. 3).

Este relato nos apresenta como opressões similares podem acontecer em outras partes do mundo. A cena narrada, as respostas do professor e até a forma e a linguagem encontradas para o enfrentamento dessa opressão poderiam facilmente ter sido encenadas no Brasil.

Katie Love (2012, p. 7) reforça os benefícios do uso do Teatro do Oprimido e também da pedagogia freireana, tanto para estudantes quanto para profissionais da saúde. Ela explica que o uso do Teatro do Oprimido “encoraja o pensamento ético, um melhor julgamento clínico e um olhar crítico para as forças subjacentes que impactam uma pessoa ou situação”. Reforça que participantes de tais atividades “podem desenvolver uma consciência crítica, permitindo-lhes reconhecer pressões sociais, normas, estereótipos e como as estruturas de poder mantêm a opressão”.

As aulas com Teatro do Oprimido possibilitaram que as estudantes vivenciassem as situações opressoras e treinassem formas de reagir para se tornarem aptas para falarem com suas próprias vozes. Como ressalta Boal (2014), não importa que a ação seja ficcional, o que importa é a ação. Além disso, o grupo todo se beneficiou ao compartilhar as próprias histórias e ouvir as histórias das colegas, criando uma coesão de grupo, um espaço de acolhimento, suporte mútuo, legitimação dos sentimentos, alívio das frustrações e empatia. “As estudantes se sentiram empoderadas em suas próprias experiências de aprendizagem” (Love, 2012, p. 7). Katie Love sugere que o Teatro do Oprimido seja utilizado para se

trabalhar a comunicação e resolução de conflitos, e que experiências como esta sejam realizadas desde os anos iniciais na formação de enfermeiras.

Septu Gupta<sup>31</sup> *et al.* (2016) são médicos, do Grupo de Humanidades Médicas, da *University College of Medical Sciences*, em Nova Delhi, na Índia, que sabem da necessidade de se trabalhar as habilidades humanas na formação médica e, por isso, organizaram uma série de eventos com esse objetivo. Dentre eles, foi oferecido um curso de dois dias de Teatro do Oprimido que culminou em uma sessão de Teatro Fórum.

Apesar das habilidades humanas fazerem parte do currículo institucional, isso não está necessariamente claro entre estudantes e corpo docente da referida universidade. “Não é de admirar, então, que qualquer tentativa de envolver os docentes em uma discussão sobre o sujeito só consiga ‘um levantar de sobrancelha curiosa ocasional’, em meio a um mar de desaprovação carrancuda” (Gupta *et. al.*, 2016, p. 200).

Segundo o estabelecido naquela universidade, é desejável que estudantes possuam “integridade pessoal, senso de responsabilidade e confiabilidade e capacidade de se relacionar ou mostrar preocupação com outros indivíduos”. Sendo essas características ligadas à área da ética e da filosofia, os autores e autoras decidiram propor atividades com Teatro do Oprimido para possibilitar o desenvolvimento de tais características, de forma que os/as estudantes pudessem se divertir e, ao mesmo, tempo propiciar uma aprendizagem eficaz e com impacto duradouro (Gupta *et. al.*, 2016, p. 200).

O workshop contou com a participação de 26 estudantes de várias universidades e foi dividido em 4 partes: 1) Introdução ao Teatro do Oprimido, regras e responsabilidades, 2) Jogos de aquecimento, de grupo e de participação na sociedade, 3) Teatro Imagem, e 4) Teatro Fórum. Ao final do workshop cada participante escreveu um *feedback* sobre a atividade e todos avaliaram a experiência como proveitosa.

“As respostas indicaram que TO fornece uma infinidade de experiências e aborda uma ampla gama de domínios de aprendizagem.” Foi notado que “os jogos e exercícios do TO atuaram em dois aspectos diferentes, mas inter-relacionados”. Ao se trabalhar com o corpo, muitas vezes as/os participantes obtiveram novos insights sobre si mesmos. Já os jogos despertaram sentimentos há muito adormecidos (Gupta *et. al.*, 2016, p. 201).

Neste trabalho também foi construído um ambiente de segurança e os jogos favoreceram a interação e a confiança no grupo, pois os/as estudantes eram de salas e até

---

<sup>31</sup> **Setu Gupta**, médica, pesquisadora na *University College of Medical Sciences*; **Abhinav Agrawal**, médico, *Senior resident at Lok Nayak hospital*, **Satendra Singh**, *Department of Physiology, Medical Education Unit e Medical Humanities Group*, e **Navjeevan Singh**, *Department of Pathology and Medical Education Unit e Medical Humanities Group, University College of Medical Sciences, New Delhi, INDIA*.

mesmo de universidades diferentes. Os participantes relataram que apesar da timidez, após as práticas, se sentiram mais confortáveis para iniciar uma conversa com uma pessoa desconhecida.

Um dos Teatros Fórum encenados para uma plateia grande foi sobre o tema do abandono. O protagonista era um paciente com a doença de Parkinson avançada e ele havia sido abandonado por sua família, por seu médico e havia desistido até de sua própria fé. Como o Teatro Fórum oferece uma metodologia dialógica, foi possível debater em ação sobre questões divergentes com sensibilidade e empatia. O participante-ator que interpretou o protagonista disse:

Sempre me lembrarei de interpretar um paciente com Parkinson. Isso elevou minha confiança a novos patamares. Estou me sentindo mais completo por dentro; a ponto de me fazer consciente de que não somos apenas um corpo, mas um corpo com mente e sentidos (Gupta *et. al.*, 2016, p. 202).

Os trechos de depoimentos selecionados para o artigo representam como, em pouco tempo, o uso do Teatro do Oprimido pode impactar a vida pessoal e profissional dos/das participantes. Uma das pessoas disse: “A parte em que nos pediram para fechar os olhos e imitar um conflito do passado em nossas vidas realmente me ajudou a resolver certas questões não resolvidas apenas pensando nelas com tanta atenção”, enquanto uma outra falou: “Isso me lembrou dos meus erros, pequenos ou grandes, que eu não deveria ter feito; minhas ações que deveriam ter sido evitadas”.

O Teatro do Oprimido “pode ser utilizado para promover a consciência crítica na educação médica”. Os autores e autoras reforçam a importância de ter um profissional das artes treinado na metodologia para que não se corra o risco de percepções errôneas e manipulações dos participantes. Tal como propomos na metodologia MEET, é preciso estar disponível para mudar os planos iniciais em prol da aprendizagem e do respeito ao conhecimento dos/das participantes. Por fim, os autores e autoras expressam a preocupação com as barreiras a serem enfrentadas por professores e professoras de medicina ao tentar se implementar cursos com Teatro do Oprimido durante a formação médica, mas reforçam o quanto importante e potente pode ser esse processo. Em pouco tempo, conseguiram verificar a formação de unidade e acolhimento no grupo participante, além da quebra da hierarquia tão presente na cultura indiana.

Pâmela Brett-Maclean<sup>32</sup> *et al.* (2012) relatam uma experiência de três anos com o uso de Teatro Fórum (Boal, 2014) para cerca de 600 estudantes de medicina e odontologia,

---

<sup>32</sup> Pâmela Brett-Maclean é psicóloga, professora e diretora de Artes e Humanidades em Medicina e Saúde, Universidade de Alberta, Canadá.

obtendo ótimos resultados com o engajamento deles/delas e propiciando espaços para uma discussão crítica e prática sobre problemas difíceis de serem resolvidos.

A experiência realizada teve a participação de Dr. Diane Conrad, diretora do Instituto de Pesquisa em Artes, na Faculdade de Educação. Ela trouxe para o grupo a pesquisa e trabalho de David Diamond<sup>33</sup>, que desenvolveu o que ele denomina *Theatre for Living*, que pretende expandir os conceitos do Teatro do Oprimido para as complexidades de um teatro que envolva a comunidade, para além da dualidade oprimido e opressor. Diamond busca aprofundar temas em que as opressões não estão tão evidentes e também na humanização dos opressores, revelando outros aspectos de tais personagens para além do momento da opressão (Brett-Maclean, Yiu, Farooq, 2012, p. 3).

A professora Pâmela Brett-Maclean escreveu um roteiro e ensaiou com estudantes, frequentemente do primeiro ano, a cena modelo para o Teatro Fórum. Os/as estudantes eram voluntários/as e Pâmela relata que nunca teve dificuldades em conseguir novos atores e atrizes, pois frequentemente eles e elas ficavam muito animados em participar.

Para o dia da sessão, demais estudantes de medicina e odontologia, também do primeiro ano, foram convidados/as para participarem.

O Teatro Fórum promove o diálogo entre o público e intérpretes que atuam no palco. Em geral, o processo pretende ser dialógico, e não didático. O foco não se destina a encontrar uma única solução correta, mas sim a melhorar a compreensão do/da estudante (Brett-Maclean, Yiu, Farooq, 2012, p. 6).

Foi solicitado às/aos estudantes que realizassem uma avaliação de como tinha sido participar da experiência de Teatro Fórum. Eles/elas obtiveram a maior parte de reflexões positivas, o que autoras/res compreendem como um pequeno reflexo do grande entusiasmo gerado após a performance. Em outros momentos do curso, estudantes relembavam o dia do fórum e comentavam sobre isso. Um/a estudante disse: “Ver nossos colegas de classe atuarem e interpretarem personagens realmente facilitou o relacionamento com eles/elas e a reflexão sobre os comportamentos que eles/elas representaram” (Brett-Maclean, Yiu, Farooq, 2012, p. 7). “De muitas maneiras, o Teatro Fórum ofereceu a oportunidade para estudantes imaginarem e ensaiarem abordagens para lidar com questões de profissionalismo”, conseguindo enxergar novas perspectivas e caminhos para pensar sobre elas (Brett-Maclean, Yiu, Farooq, 2012, p. 8).

Em todos os artigos analisados os resultados foram percebidos como positivos. O teatro é compreendido como uma metodologia relevante, importante e altamente eficiente

---

<sup>33</sup> David Diamond é um multiplicador do Teatro do Oprimido no Canadá.

para se desenvolver as competências humanas na área da saúde, aprimorando o autoconhecimento dos/das participantes e também o cuidado dos/das pacientes. Com autores da área da saúde (médicas/os, enfermeiras, farmacêutica), as experiências relatadas reforçaram os conceitos que nós, profissionais da arte, temos afirmado: um saber construído pelo corpo, pelo sensível, tem muito a colaborar com várias áreas do conhecimento.

Em alguns textos, os autores e autoras vislumbraram dificuldades em convencer outros profissionais da saúde sobre a importância das práticas artísticas durante a formação, mas acreditam que a arte e o teatro precisam fazer parte da formação desde os anos iniciais da graduação. Ainda que tais experiências narradas não fossem disciplinas obrigatórias das faculdades em que foram propostas, apresentaram resultados positivos na formação de jovens estudantes no desenvolvimento de sua criticidade, trabalho em grupo e desenvolvimento da empatia.

A importância de ter realizado esse levantamento está no fato de reconhecermos o que temos feito no Brasil com a metodologia MEET. Esse encontro teórico nos trouxe uma perspectiva de comunidade, de que mais pessoas estão pensando e agindo com os mesmos objetivos. Ainda assim, nossa experiência no Brasil, mais especificamente na UNICAMP, é diferente em vários aspectos vistos nos artigos relatados.

O primeiro ponto é o tempo de atuação. Lembramos que o trabalho se iniciou em 2010, como disciplina eletiva por quatro semestres consecutivos, permitindo entendimento e cooperação entre profissionais da arte e da medicina, unidos pela educação a trabalharem em conjunto. Essa ação culminou na alteração do programa e da metodologia da disciplina MD 444 - Laboratório de Habilidades II - Módulo de entrevista que, até 2014, era uma disciplina teórica que ensinava estudantes a seguirem um roteiro de anamnese. A partir de 2015, a metodologia ativa e transdisciplinar MEET passou a ser utilizada na MD 444, que já era obrigatória aos estudantes.

Em 2024, com a alteração curricular, a metodologia MEET passa a ser utilizada na disciplina MD 171 - Prática Médica I - Eixo de Comunicação, que é oferecida no primeiro semestre do primeiro ano. Assim, há 10 anos, todas e todos estudantes de medicina formados pela Unicamp, tiveram ao menos 5 encontros com as aulas de teatro para refletir sobre os diversos aspectos inerentes ao desenvolvimento de competências humanas, desde a comunicação, a formação da identidade médica e até mesmo o fortalecimento do espírito de grupo.

Somente neste primeiro ponto, tivemos o tempo de maturação e desenvolvimento para ir aperfeiçoando a metodologia, experimentando, alterando os jogos e até mesmo as

discussões realizadas. Isso só foi possível por uma equipe engajada que soube lidar com o “não saber” e se dispôs a aprender em ação. Artistas e profissionais da saúde de fato trabalhando juntos. E dispostos/as a manter a abertura da metodologia como uma de suas premissas, para que outros/as profissionais possam também usá-la e multiplicá-la, adaptando-a ao que for necessário durante o diálogo com os pares e com os/as estudantes.

Dentre os artigos selecionados, destacamos o de Katie Love. O trabalho por ela desenvolvido muito se aproxima do trabalho na metodologia MEET. A unidade se dá pelas mesmas raízes – o teatro – mais especificamente, o Teatro do Oprimido e a Pedagogia de Paulo Freire. Possuir as mesmas referências, ainda que em lugares culturalmente diferentes, nos permitiu ter raízes fortes de modo a buscar caminhos similares para propor ações de transformações reais no mundo.

Passamos, então, a apresentar o trabalho que realizamos com a metodologia MEET embasadas pelo Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido (educação dialógica).

## 2. A encruzilhada e abertura dos caminhos, a metodologia MEET no encontro entre o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido

A tese parte da premissa de que educação médica é, primeiramente, educação. Para esta pesquisa, estudamos, analisamos e escrevemos sob as perspectivas das teorias de dois pensadores brasileiros, um da educação, outro do teatro: o educador Paulo Freire e o teatrólogo Augusto Boal. Os preceitos de uma educação emancipatória, com autonomia dos/das estudantes, com crítica e liberdade são pontos essenciais na teoria freiriana.

O teatro de Boal e a pedagogia de Freire, por caminhos distintos e complementares, estimulam o oprimido a construir sua própria visão de mundo e a ter uma experiência estética original e inclusiva, para que possa se libertar da dominação do opressor. A Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido compartilham uma profunda identidade, Augusto Boal e Paulo Freire, como contemporâneos que foram, vivenciaram experiências culturais, sociais e políticas similares. Tornaram-se amigos, compartilharam ideias e se influenciaram mutuamente (Santos, 2016, p. 87).

Nós, autores e autoras da metodologia MEET, acreditamos e trabalhamos apoiados nestes mesmos ideais e, por isso, escolhemos utilizar os conhecimentos tanto da Pedagogia do Oprimido quanto do Teatro do Oprimido para a criação desta metodologia. Embora a gênese e os fundamentos da metodologia MEET já tenham sido expostos e explicados na dissertação (Frutuoso, 2019), consideramos relevante para a leitura e compreensão da presente tese rerepresentar alguns dos aspectos-chave para a estrutura básica das aulas e às condições para a sua condução na realização desse trabalho.

Quanto às condições para a realização das aulas, evidenciamos que há dois fatores que se apresentam como essenciais para o desenvolvimento adequado do trabalho: o ambiente (espaço físico e pedagógico) e o contrato de confiança (de todas as pessoas participantes).

Resumidamente, tendo em vista que as aulas são realizadas priorizando a movimentação corporal e os jogos teatrais, faz-se necessário um espaço amplo em que se possa mover livremente. O espaço físico implica numa sala vazia, ou seja, sem cadeiras e mesas, preferencialmente de chão de madeira, para possibilitar que todas as pessoas fiquem descalças<sup>34</sup>. No entanto, a prática nos mostrou que qualquer sala com um chão liso e limpo em que se possa retirar as cadeiras pode ser utilizada (Frutuoso, 2019, p. 32-38). O espaço físico não deve ser um impeditivo para que a aula aconteça, mas é preciso insistir que se trata

---

<sup>34</sup> Na Unicamp, as aulas são realizadas numa sala com esse aspecto, ou seja, sem móveis e com piso de madeira. Ela está localizada no anexo da Faculdade de Educação nomeada como ED03.

de uma questão importante, como um laboratório de química, uma sala de aula para estudantes ou um consultório médico para um/a estudante de medicina.

Para além do espaço físico, o ambiente das aulas de teatro na metodologia MEET precisam proporcionar um clima de acolhimento. Precisa ser um espaço em que as pessoas se sintam livres para experienciar sem serem julgadas, sustentado com o objetivo de fortalecimento daquele coletivo, onde relações de poder sejam cuidadosamente analisadas, e que na medida do possível, as pessoas abdicuem de suas hierarquias. Para conseguir uma educação dialógica, é importante que as relações sejam horizontalizadas e que as pessoas escutem umas às outras.

O contrato de confiança é um pacto de respeito e acolhimento entre todas as pessoas participantes e as pessoas propositoras. É necessário propor uma conversa logo no início do primeiro encontro, evidenciando a importância de se manter o sigilo de tudo aquilo que venha a acontecer durante a aula. Somente sairá da sala (poderá ser contado para outras pessoas que não participaram da vivência) aquilo que o grupo decidir que deve sair. Também é preciso enfatizar a necessidade de se acolher todas as pessoas e, assim, permitir que todas possam agir livremente e o que elas quiserem dizer possa ser ouvido pelo grupo. O contrato estabelece que sempre haverá em sala de aula um tratamento respeitoso, que todos os relatos realizados em sala de aula serão ouvidos, acolhidos e guardados. Estabelece também que todas as ações concretas e continuadas serão encaminhadas para serem realizadas. Ressaltamos ainda que, em tempos de celulares e câmeras, é preciso reforçar que fotos e vídeos só serão permitidos com o consentimento de todas as pessoas participantes (embora proibamos o uso dos celulares durante as aulas). Por fim, unindo contrato de confiança e ambiente é preciso que as pessoas tenham privacidade, para que possam se expressar sem serem observadas por pessoas externas à aula.

As aulas de teatro em MEET são similares a qualquer outra aula de teatro no que diz respeito aos jogos e às improvisações e diferenciam-se por seu objetivo final: o foco está na discussão de um tema e sua relação na formação médica, e não na produção de um espetáculo teatral.

Quanto à organização das aulas, a disciplina MD444 - Laboratório de Habilidades II - Módulo de entrevistas é dividida em cinco encontros por turma, tendo em vista que uma classe de 120 estudantes é dividida em 3 turmas de 40 indivíduos. Assim, ao longo do semestre, recebemos os/as estudantes ao longo de 5 encontros consecutivos, cada qual abordando um tema específico, sendo os primeiros 4 apresentados em forma de pergunta: a)

Como iniciar uma conversa?; b) Como deixar alguém confortável?; c) Como fazer um plano coletivo?; d) Como lidar com conflitos?<sup>35</sup>; e) O impacto de se sentir doente.

Definimos uma mesma estrutura que se repete em todas as aulas. São especificamente os 5 momentos descritos a partir de seus objetivos:

- I. Ativação de conhecimentos e experiências prévias: reconhecer os saberes que as pessoas trazem consigo acerca da temática da aula, tanto para as/os propositoras/res ouvirem e se familiarizarem com o grupo, quanto para as pessoas participantes falarem e se conscientizarem de que já possuem algum conhecimento sobre o assunto.
- II. Jogos para construção do conhecimento<sup>36</sup>: despertar o corpo e seus sentidos, acordar a musculatura, desenvolver a atenção, entrosar o grupo e trabalhar em ação com o tema da aula, utilizando jogos teatrais (Frutuoso, 2019, p. 52-54).
- III. Jogos de improvisação imediata: realizar uma improvisação de maneira espontânea, isto é, sem combinação prévia, trabalhando personagem, postura corporal, cenário, relação com o/a outro/a que está em cena, foco, movimentação, dentre outros aspectos.
- IV. Improvisação de cenas temáticas: criar uma cena com começo, meio e fim acerca do tema abordado em aula em pequenos grupos (10 pessoas). Além do enredo, pedimos que os/as estudantes, se atenham ao espaço cênico, à criação das personagens e, se possível, insiram ao menos um conflito em cena. Após a elaboração, cada grupo improvisa a cena para os demais grupos.
- V. Debriefing: num primeiro momento, refletir e relatar uns para os outros (nos pequenos grupos de origem) o que foi visto em cena, relacionado ao tema, na apresentação de um dos outros grupos. Em seguida, numa roda final, com todos juntos, as reflexões realizadas são compartilhadas. Esta é uma das partes que exige atenção das professoras e professores, pois é de nossa responsabilidade mediar essa conversa, provocar o debate, fomentar a reflexão, proporcionar um ambiente de escuta ativa e intervir sempre que

---

<sup>35</sup> Anteriormente, na época em que foi escrita a dissertação de mestrado (Frutuoso, 2019), o tema da quarta aula era “Como resolver conflitos?”. No último ano (2023), nós, professores e professoras, percebemos que alterar o tema para “Como lidar com conflitos?” é mais coerente com as propostas que realizamos, pois não almejamos trazer uma resolução e, sim, pesquisar, em ação, estratégias para enfrentar os conflitos.

<sup>36</sup> A denominação dessa parte da estrutura da aula foi alterada desde a escrita do mestrado. Anteriormente era nomeada como “Aquecimento”, mas “aquecer o corpo” é apenas um elemento desse momento da aula. Os jogos teatrais englobam outros saberes que são trabalhados durante esse período.

alguma ideia esteja equivocada, no sentido de esclarecer ou problematizar pedagogicamente e não de punir o erro.

Durante toda a aula é preciso promover o diálogo, que prevê a escuta ativa e o falar de maneira coerente, como diz Paulo Freire (2020), “pensar certo”. Para escutar verdadeiramente é preciso estar presente quando o/a outro/a está falando e respeitar os saberes que essa pessoa já tem.

Não é possível respeito aos educandos/das, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles e elas vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos e experiências feitos” (Freire, 2020, p. 62).

Ignorar os saberes daquele que chega pode resultar em ignorar a pessoa que pode transformar a ordem imposta. Porém, proporcionar ambientes e atividades para que os sujeitos reconheçam quem são e quem desejam ser pode se transformar na força motriz para a humanização e transformações no mundo.

A seguir, apresentaremos o texto que a estudante Ana Luiza Gonçalves Rochetti<sup>37</sup> nos enviou como o relato final, após participar das aulas de teatro com a metodologia MEET. Compreendemos que ele traz elementos importantes sobre o conteúdo das aulas de teatro na formação médica que estamos desenvolvendo há mais de dez anos na Universidade Estadual de Campinas e apresenta alguns pontos essenciais trabalhados em sala visando a melhoria da comunicação e a humanização de profissionais de saúde.

---

<sup>37</sup> A estudante autorizou sua identificação.

## Reflexões em Cena

Ana Luiza Gonçalves Rochetti

Feche os olhos

**Respire**

**Sinta** seu corpo

**Perceba** como ele está no espaço agora -

Seus confortos e incômodos

Abra os olhos, mas só olhe pra você

**Movimente-se** olhando alguma parte do seu corpo

**Perceba** como esse seu pedaço pinta o ar a sua volta

**Perceba** como esse seu pedaço conta história no espaço

**Ande,**

**Corra,**

**Pule!**

**Pare.**

**Sinta...**

E agora olhe em volta

Rompa as barreiras que o separam dos olhares ao redor

Sustente o desconforto de sair de si para enxergar melhor

O que você vê através dos olhos que olha?

O que você percebe além do que aquele corpo te mostra?

Como o seu olhar afeta quem está sendo olhado?

Como o seu falar soluciona um conflito inacabado?

**Caminhe**

Se reúna com os seus

Conversem sem dizer uma palavra

Abra seus ouvidos pra escutar além dos sons

**Perceba** os desafios das trocas silenciosas

O que você **sentiu** ao não ser compreendido?

E o que fez, então, para se fazer bem entendido?

Construam uma forma no espaço

**Perceba** em que lugar cabe aquele seu pedaço

Sente-se no chão

Só por um momento se afaste desse plano

E se **imagine** calçando outros sapatos

Vestindo outra cor de pele

Assistindo o mundo pelos olhos de outro alguém

Que tem o corpo todo tomado por dores

Que tem o peito preenchido por temores

Mesmo que por cinco breves minutos,

**Perceba**

Como é se **sentir** assim?

O que você gostaria que te dissessem?

Que palavras confortariam seu coração?

Agora volte e se lembre

Quem é você?

O que pode fazer agora?

Para **confortar**

**Construir**

**Cuidar**

**Ouvir**

O que pode fazer,

Sendo, agora, você?

No texto/depoimento da estudante Ana Luiza Ronchetti (com grifos nossos), destacamos os verbos sentir, perceber, imaginar, ouvir, cuidar e movimentar (e outros nele contidos como andar, correr, pular, caminhar), verbos que demandam a ação de todos os sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), verbos pouco utilizados quando se trata da educação médica, porém que estão na base da produção artística.

Márcia Strazzacappa (2023, p. 6) afirma que:

seja qual for a linguagem artística (música, artes visuais, teatro ou dança) a ser trabalhada em sala, música, artes visuais, teatro ou dança; se a prática artística demanda como suporte um instrumento de sopro, de corda ou de percussão; se precisa usar pincéis e tinta, barro e torno, agulha e linha para sua criação; ou ainda se sua produção artística depende de uma câmera fotográfica, dentre outros, é o corpo que está na base da ação! São os dedos firmes que seguram o pincel e que conduz a tinta à tela. São as mãos que amassam o barro e lhe dão forma. É a boca que prende a palheta e os pulmões que sopram o ar. É o corpo inteiro do ator ou da atriz que dá vida ao personagem e sua voz que lhe concede a palavra. É o corpo em movimento que faz a dança acontecer. São os olhos que selecionam a imagem que a lente vai capturar. Ou seja, independente do suporte da obra, o corpo que está na base da criação artística!

Segundo essa mesma autora, "Toda educação passa pelo corpo. Toda educação é educação dos sentidos" (Strazzacappa, 2012, p. 75). Augusto Boal complementa afirmando que o "ser humano é um todo indivisível" (Boal, 2014, p. 110). Não se separa corpo e mente, nem mesmo razão de emoção.

"Um movimento corporal é um pensamento. Um pensamento também se exprime corporalmente" (*ibidem*). O pensamento, portanto, é também uma parte do que sentimos, revelamos e agimos. Logo no início do livro "A Estética do Oprimido"<sup>38</sup>, Augusto Boal (2009, p. 16) nos convida a "repudiar a ideia de que só com palavras se pensa, pois que pensamos também com sons e imagens, ainda que de forma subliminal, inconsciente, profunda!"

Boal (2009) aprofunda sua reflexão sobre os pensamentos e explica que "existem duas formas humanas de pensamento – Sensível e Simbólico", os dois tipos de pensamentos são poderosos e se complementam (Boal, 2009, p. 16). Portanto, o pensamento sensível é aquele que está na criação artística e o pensamento simbólico é aquele que traduz em palavras o que se produziu. "A atividade estética é um atributo do ser humano, um dos mais sufocados, estrangulados, que devemos libertar" (Boal, 2009, p. 118). Ao favorecer o

---

<sup>38</sup> *A Estética do Oprimido* foi o último livro escrito por Augusto Boal e apresenta um compilado das descobertas, filosofias e experiências realizadas pelo teatrólogo. *A Estética do Oprimido* engloba várias formas de se falar esteticamente sobre as opressões, incluindo-se o Teatro do Oprimido.

pensamento sensível, expressando-o artisticamente, “torna-se possível a mais profunda compreensão do mundo e da sociedade, e de nós mesmos” (Boal, 2009, p. 119).

“A distância estética permite ver o que, diante de nossos olhos, se esconde” (Boal, 2009, p. 120), pois artistas têm essa função, de mostrar o que estava oculto, de fazer “entender através dos sentidos – tornar consciente o que estava em nós impregnado. No tempo, surpreende o instante, no espaço, o invisível” (Boal, 2009, p. 57). Toda estética pode realizar essa consciência em quem é espectador/a de qualquer arte. Entretanto, a Estética do Oprimido traz a compreensão de que todas as pessoas são artistas. Propõe que elas próprias, além de assistirem a peças de teatro, visitarem museus, sejam autoras de obras artísticas, isto é, que produzam arte, que façam teatro, produzam quadros, esculturas e o que mais desejarem.

Helen Sarapecck (2016, p. 49) diz que a proposta da Estética do Oprimido

é baseada na ideia de que todos são melhores do que imaginam ser. Todos podem fazer arte, escrever poesias, criar melodias e pintar quadros. A arte é inerente ao humano, e devemos usá-la para lutar contra a estética imposta pela mídia. A meta é usar a linguagem sensível para combater as opressões.

Vivemos em uma sociedade e estamos imersos numa cultura que traz consigo sabedorias e preconceitos. A estética e o pensamento sensível podem revelar que aquilo que está dado como normalidade pode ser, na verdade, opressão mantida pelas estruturas de poder.

Não esqueçamos que o cérebro é um sistema ecológico, com seus elementos interligados. Não temos que pensá-lo como uma cebola, formada por diversas camadas, mas como uma esponja, interligada nas verticais, horizontais e diagonais, por todos os lados, de trás para frente, de frente para trás (Boal, 2009, p. 157).

Os pensamentos, as memórias e as emoções são novos a cada vez que acontecem, não estão isolados, e podemos alterar a forma como vamos reagir a cada vez que algo nos acomete. Mesmo que nem sempre possamos enxergar o todo, pois que “jamais poderemos ver tudo o que olham (enxergam) nossos olhos, escutar tudo que ouvem nossos ouvidos, sentir tudo o que toca nossa pele, gustar todos os gostos, olfatar todos os cheiros” (Boal, 2009, p. 56).

Assim, para entender o que é o corpo, é preciso compreender que ele é influenciado tanto pelo ambiente, sendo um corpo cultural e social, quanto pelas emoções e movimentações que sente e realiza.

Um corpo habituado a fazer o mesmo, por muitas vezes e sem variação, acaba se enrijecendo. Opiniões enraizadas que não experimentam o diálogo com outras perspectivas podem se transformar em dogmas. Desmecanizar é buscar

possibilidades, investigar o que existe para além das aparências, descobrir-se como potencialidade (Santos, 2016, p. 324).

“A Estética do Oprimido, democrática e subjuntiva, visa através da arte, permitir ao cidadão [e à cidadã] questionar dogmas e certezas, hábitos e costumes que suportamos em nossas vidas” (Boal, 2009, p. 158). A partir deste questionamento, analisar como as coisas acontecem, que relações de poder existem, buscar o porquê dos fatos, perguntar a quem interessa manter o mundo como está. E, então, propor a destruição dessas ideias implantadas como corretas, das relações servis e obedientes, apresentando outros caminhos a serem construídos por todos e todas. O caminho “é criativo: exige a invenção de alternativas. Não basta ver o que é, mas principalmente o que pode vir a ser; ver o que não existe” (Boal, 2009, p. 160).

O futuro está em construção. “Tudo o que nos acontece, acontece pela primeira vez, todas as vezes. Cada dia é um novo dia: estamos condenados à criatividade!” (Boal, 2009, p. 74). A transformação se dá em movimento, em ação. É preciso compreender que, para além de uma movimentação individual, existe uma movimentação cultural, com nossas subjetividades, nossas mecanizações corporais, e as mecanizações que são impostas pela cultura.

Pensemos na forma como muitos corpos são moldados, do controle da movimentação ao controle da imaginação. Helen Sarapecck (2016, p. 122), falando sobre a perspectiva de gênero, explica que “com a criação repressiva e doutrinária, os corpos femininos, com o tempo, vão se adaptando às ordens e se transformando em corpos sociais, camuflados em gestos e posturas moralmente aceitas, escondendo os desejos e anseios individuais”. Tais movimentações são transmitidas “de geração em geração, os gestos vão sendo categorizados em femininos e masculinos, como se fossem gestos naturais, e não impostos pela sociedade” (*ibidem*).

Augusto Boal (2008, p. 192- 193) explica que é importante que a pessoa experimente “desmontar” suas próprias estruturas musculares, que ela seja conduzida a experimentar posições que jamais assumiram em suas vidas, para que depois sejam capazes de “montar” estruturas musculares próprias, seja para interpretar um/a personagem, seja para agir no mundo.

Deve-se primeiramente conhecer o próprio corpo, para poder depois torná-lo mais expressivo. (...) Ajudem [a/o participante] a liberar-se de sua condição de “espectador” e assumir a de “ator”, deixando de ser objeto e passando a ser sujeito, convertendo-se de testemunha em protagonista (Boal, 2008, p. 188).

Assim, para se desmecanizar os corpos e as ideias, é preciso trabalhar esteticamente e corporalmente (físico, mental, cultural e emocional). Mover o corpo simultaneamente construindo outros saberes subjetivos e culturais. Propiciando espaço e tempo para os/as participantes irem além do discurso verbal, para debaterem o tema jogando, improvisando e criando cenas, e, nesse processo, irem se autoconhecendo, se relacionando com o grupo, identificando e se conscientizando sobre o que sentem. Essa é a proposta da metodologia MEET.

Ao se trabalhar com jogo e arte num contexto educacional de formação profissional, abrimos aos estudantes a possibilidade de se expressarem sobre assuntos que frequentemente não são debatidos durante a graduação. “Há pessoas de todos os tipos, e todos os tipos, sem exceção, são conquistados pela diversão e pelo relaxamento promovidos pelos jogos” (Sarapeck, 2016, p. 82). Ao entrar em um jogo propomos um espaço de criação e participação diferente das aulas expositivas, não é possível ser passivo nesse tipo de experiência.

A proposta do Teatro do Oprimido e também da metodologia MEET é a de que os jogos estimulem

o desenvolvimento da habilidade de Dialogar (...). A partir do jogo teatral, participantes expressam ideias e emoções, através de imagens, palavras e sons. Participantes são estimulados a Escutar o outro, a escutarem-se mutuamente, a concentrarem-se na percepção das ideias alheias, na compreensão das opiniões expostas, na decodificação de diferentes perspectivas sobre determinada realidade (Santos, 2016, p. 263).

Richard Courtney (1980, p. XIX), na Introdução do seu livro “Jogo, teatro & pensamento”, define “jogo” como uma atividade à qual nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos. Ao observarmos o reino animal, notamos que os animais em geral brincam em seu tempo livre. Schiller<sup>39</sup> (*apud* Courtney, 1980, p. 20) diz que o animal “trabalha” (caça, foge, faz ninhos, recolhe alimentos, etc) quando estão privados de algo, isto é, movem-se para sobreviverem, mas quando jogam “a plenitude da força é o motor, quando uma vida exuberante é excitada pela ação”.

Em algum momento da história da humanidade, influenciados pela cultura patriarcal, nossa sociedade passou a ver o jogo como improdutivo e desnecessário. Até mesmo para as crianças privou-se, e ainda priva-se, o direito ao brincar, ao mover-se pelo simples prazer de fazê-lo, sem objetivo, para ser o que se é, humano. Dito isso, convocamos

---

<sup>39</sup> Friedrich Schiller (1759-1805) foi um filósofo, médico, escritor e historiador. Um dos seus trabalhos mais importantes são as “Cartas para a educação estética da humanidade”.

para a reflexão de que o não-jogar é um modo artificial de se viver, portanto, o jogo torna-se um convite à liberdade e à conexão com os desejos já existentes dentro de cada pessoa.

Helen Sarapeck (2016, p. 83) diz que o jogo permite que o novo aconteça, permite que os/as participantes ingressem em um espaço onde é possível se permitir fazer coisas, se relacionar consigo mesmo e com os outros. É intrínseco ao jogo propiciar a permissão e a liberdade. “E nesse espaço podem-se fazer coisas que, na ‘realidade’, não se fariam. O jogo, ao mesmo tempo que faz parte da realidade, tira-nos dela por aquele momento, nos oferecendo o que não parecia permitido”.

Augusto Boal nos fala sobre essa retomada à infância, sobre a seriedade dos jogos:

Quando eu digo que teatro é aquilo que a gente tem dentro de nós, toda criança sabe disso. A criança começa a aprender a viver no mundo fazendo teatro, é depois disso que a repressão da sociedade, e todas as sociedades são em muito sentidos repressivas, é depois disso que a criança começa a pensar que isso é “brincadeira de criança” e começa a levar a vida mais a sério e ao levar a vida mais a sério deixa para trás esse instrumento de comunicação, e esse instrumento de conhecimento tão valioso que é o teatro. Eu explicaria dizendo assim: é uma volta à infância, mas agora na idade adulta, trazer aquilo que a gente perdeu na infância, aquilo que a gente tinha de melhor, a capacidade de inventar uma cena e depois transformá-la em realidade.<sup>40</sup>

Portanto, os jogos são essenciais para “desmecanizar” os corpos dos/das participantes que cotidianamente estão submetidos às regras de como se mover, do que se pode dizer e do que se deve fazer. O fato de não se mover pode trazer um estado alienante para o corpo (e, claro, a mente que não é dissociada do corpo).

Augusto Boal (2014) classifica os jogos em 5 categorias:

- I - Sentir tudo o que se toca
- II - Escutar tudo o que se ouve
- III - Ativando os vários sentidos
- IV - Ver tudo o que se olha
- V - A memória dos sentidos

As propostas são variadas e vão desde o espreguiçar até jogos improvisacionais. Apesar de serem descritos por categorias, a maior parte dos jogos trabalha mais de um dos sentidos, possibilitando a conscientização e expansão de cada um deles (visão, audição, tato, olfato e até mesmo paladar). Além disso, favorecem um estado lúdico para o movimento, as

---

<sup>40</sup> Disponível no canal Instituto Augusto Boal no Youtube, disponível em: [https://youtu.be/c-LE9kXutRw?si=A1IrXbAqO9X\\_k8aA&t=940](https://youtu.be/c-LE9kXutRw?si=A1IrXbAqO9X_k8aA&t=940) aos 20m30s. Acesso em: 06 Fev. 24.

regras trazem o sentido e o objetivo e precisam favorecer a liberdade criativa. Antes de qualquer conscientização social é importante lembrar da liberdade do próprio corpo.

Nada deve ser feito com violência ou dor em um exercício ou jogo; ao contrário, devemos sentir prazer e aumentar a nossa capacidade de compreender. Os exercícios e jogos não devem ser feitos dentro do espírito da competição – devemos tentar ser sempre melhores do que nós mesmos, e nunca melhores que os outros (Boal, 2014, p. 10).

Estar em jogo faz parte do papel da professora ou professor, ou seja, o proponente ou proponente precisa se disponibilizar para estar em ação, a instruir quando necessário, a se ocultar para que as/os demais experimentem e até entrar como um/a jogador/a para ativar o próprio corpo e se integrar ao grupo.

Na metodologia MEET, propomos que todos e todas se sentem em roda no chão para os momentos de diálogo. É importante para um/a estudante a experiência de sentar ao lado de suas professoras e professores. Aos/às docentes profissionais da saúde é importante que façam os jogos junto com seus/suas educandos/das. Mais do que falar sobre hierarquia, essa atitude permite experienciar o que é a horizontalização do processo de ensino-aprendizagem e a disponibilidade em aprender. Ao jogar com os/as estudantes, os professores e professoras precisam estar permeáveis a errar e a ouvir. A proposta é a de que os/as estudantes sejam os/as sujeitos “da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador/a, igualmente sujeito do processo” (Freire, 2020, p. 28).

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (Freire, 2020, p. 26)

Julián Boal (2017, p. 29) faz uma crítica contundente ao método do Teatro do Oprimido e, portanto, um aviso para praticantes, de que “esclarecer as massas sobre seu papel histórico oferece logicamente um papel privilegiado aos especialistas de inteligência e da expressão”, criando uma propensão a formação de “tutores das massas ainda ignorantes”. Paulo Freire também alerta sobre essa armadilha, a de que professores precisam respeitar os saberes dos educandos, e fazer educação “com” as pessoas e não “para” as pessoas.

Como proponentes/ras de uma metodologia é preciso estar atentas/atentos para não impor uma ideologia, não sermos arrogantes ao afirmar o que sabemos e o que os outros não sabem. É necessário construir esse caminho juntos. Se somos os/as especialistas podemos e devemos ensinar os modos de fazer, incentivando os/as participantes a fazerem o mesmo.

Todos e todas são capazes de aprender e ensinar. “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade” (Freire, 2020, p. 67). As pessoas podem mudar seus comportamentos, ideias e até mesmo ideais, desde que isso se demonstre como uma possibilidade de melhora, de uma busca por um mundo em que se tenha menos sofrimento.

Freire (2020, p. 29) pede que nossas ações sejam guiadas pelo “pensar certo”, cuja condição necessária é “não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (*ibidem*), ou seja, “pensar certo” consiste em estar aberto e disponível, e que nós também nos tornemos sujeitos de aprendizado em nossas próprias aulas, com nossa própria área de conhecimento e com nossa pesquisa.

Portanto, ser professor/a na metodologia MEET é alinhar-se as ideias freirianas e estar disposto/a a experienciar, a reconhecer o processo de ensino-aprendizagem como coletivo, em que todos e todas podem contribuir, é se apoiar na ética e utilizar da estética para dizer, para criar, para se expressar. É de nossa responsabilidade nos aprofundarmos na “compreensão e interpretação dos fatos”, nos disponibilizando “à revisão dos achados, reconhecendo não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo” (Freire, 2020, p. 35).

Augusto Boal (*apud* Sarapeck, 2016, p. 86), afirma que

as técnicas do Teatro do Oprimido foram feitas para as pessoas e não as pessoas para as técnicas. As técnicas são vivas como seus praticantes e não letra morta. Falasse muito de heresias na prática de nosso método e, por isso, precisamos ter presente que o TO não é uma religião portadora da Palavra revelada. Pode e deve crescer, e crescer é modificar-se... porém... não em sua essência.

Por isso, é de nossa responsabilidade alterar o que não estiver alinhado aos nossos ideais, para que não nos transformemos em servos obedientes, pois “sem liberdade não há vida” (Boal, 2008, p. 16). “A liberdade é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca” (Freire, 2005, p. 37). É nosso dever como professores/ras, deixar claras as regras do jogo, mas sem sermos autoritários/as, criando o ambiente para a liberdade e a criatividade.

“Na medida em que o homem<sup>41</sup> perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. *Acomoda-se. Ajusta-se*” (Freire, 1983, p. 42). E quando acomodado não se percebe como agente capaz de alterar a sua própria

---

<sup>41</sup> Mantivemos a grafia de "homem" tal qual no texto original, porém, leia-se “ser humano”, numa proposta de uma escrita feminista. Informamos que no decorrer do texto, isso sempre será lembrado. Salientamos, no entanto, que nos últimos escritos de Freire ele próprio já mencionava "homens e mulheres".

realidade, “pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. (...) Daí que a pessoas indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivas. De inadaptadas” (*ibidem*).

O processo pela humanização dá-se da mesma forma que o processo da constante busca pela liberdade, de não se manter acomodado, mas de reconhecer as opressões que nos cercam e buscarmos a integração com a realidade em que estamos inseridos. Com base nas relações dos seres humanos

com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-se. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do ser humano com o mundo e do ser humano com [outros] seres humanos, desafiado e respondendo o desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade (Freire, 1983, p. 43).

Humanizar não somente as relações entre médicos/cas e pacientes, mas todas as relações. Dessa forma, endurecer o ensino e castigar estudantes numa perspectiva de prepará-los para os problemas do futuro é um equívoco, pois essa conduta intensifica as violências que eles vivem, colabora com as relações opressoras de poder, perpetuando a violência num ambiente que deveria ser de cuidado. Realizar uma educação pelo acolhimento, pelo respeito, pelo amor, pode criar um solo mais fértil para o crescimento, fortalecer a autoconfiança, criar exemplos para se fazer educação e medicina. Sobretudo, criar relações de confiança e afeto que podem ser acessadas no futuro quando eles/elas se depararão com os problemas sem estarem assistidos pelos preceptores.

Para tal, vale reforçar que educar não é transferir conhecimento de uma pessoa para outra, mas sim um processo que envolve se comunicar, e constantemente confirmar o que estudantes compreendem neste processo, ouvi-las/los de forma presente e aberta a mudanças. Por vezes, ao invés de respostas, é mais importante ouvir outros pensamentos sobre o assunto, aprofundar e, então, falar novamente. Este é o processo dialógico, um ciclo de escutas e propostas, é comunicar-se e não ganhar uma discussão.

Afirmo que não devemos abordar a educação do ponto de vista de um/a educador/a tentando produzir ou liberar alguma coisa. Em lugar disso, afirmo que devemos focar as maneiras pelas quais o novo início de cada indivíduo pode tornar-se “presença”. (...) Só podemos nos tornar presença num mundo povoado por outros que não são como nós. O “mundo” compreendido como um mundo de pluralidade e diferença (Biesta, 2017, p. 26).

“Quer dizer que mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou presença no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2020, p. 20). Quando as pessoas tomaram consciência de que existiam “outras”, que não eram elas próprias, passaram a se reconhecer

no mundo como indivíduos. Como “presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe” (*ibidem*).

E é justamente neste processo de rompimento, de quebra de paradigmas, de transformação da cultura, “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude” (*ibidem*). Logo, se somos presença consciente no mundo, não podemos escapar de nossa responsabilidade ética nas mudanças necessárias no mundo.

A educação dialógica e o Teatro do Oprimido estão fundamentados na ética, e assim como Paulo Freire e Augusto Boal, falamos sobre a ética que não é a da ideologia de mercado, nem do neoliberalismo.

Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo (...), que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena por ouvir dizer, (...) falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia (...). A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza em puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa (...) que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática (Freire, 2020, p. 18).

Augusto Boal (2009, p. 38) diz que “Ética é o caminho por onde se pretende chegar ao sonho de humanizar a Humanidade”. E, para isso, essa ética na qual temos nos embasado “repugna a persistência do instinto predatório em sociedades humanas (...). Contra o aspecto predatório animal do ser humano, a ética busca criar relações solidárias” (*ibidem*).

Para tal, nós, educadoras e educadores, precisamos agir eticamente e isso implica em estarmos verdadeiramente presentes para promover um ambiente que seja propício para as/aos estudantes exercerem, além da criatividade e liberdade explanadas até o momento, a rebeldia e a criticidade. Ser crítico/a é conscientizar-se de que o mundo não é assim, mas está assim, porque assim foi desenvolvido por nossos/as antepassados/das e a nossa inação desacelera o processo de mudança, que está em constante movimento. Por isso, ser rebelde é reconhecer-se como agente da transformação. A “promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente”, essa é uma das tarefas contínuas de uma educação progressista, a de promover “o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (Freire, 2020, p. 33).

Como a humanidade sempre esteve dividida, os opressores determinam formas e conteúdos da arte, impõem visão do mundo a todo mundo. É normal que os oprimidos contra isso se rebelam. (...) A Estética do Oprimido não inventou nenhuma panaceia para os males da cidadania, mas com ela é possível reverter o curso da acelerada desumanização dos oprimidos nesta época sombria. (...) A Estética do Oprimido busca criar seus próprios valores, sua verdade (Boal, 2009, p. 168).

É corajoso estar disponível ao debate, ao conflito, a se debater as opressões existentes, e, neste processo, instigar a curiosidade para que possamos, educadores/ras e estudantes, encontrar outras soluções. Os problemas existem no mundo, precisamos encará-los, dialogar sobre eles, enfrentá-los e, idealmente, superá-los.

“A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 2020, p. 39). Trata-se de lidar com os fatos que acontecem cotidianamente nas aulas e refletir sobre eles, estando disposto/a a alterar os planos, a alterar a si mesmo/a para incorporar novos saberes. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2020, p. 40). “Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me” (Freire, 2020, p. 40).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os/as educandos/as em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (Freire, 2020, p. 42).

Assumir-se como agente de mudança é uma parte essencial das propostas do Teatro do Oprimido. Augusto Boal (2014, p. 9) afirma que “todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam”, ou seja, a vida real é também um grande teatro, e portanto, todos somos artistas, alguns profissionais outros não. E o teatro é o espaço da criação, da imaginação, o lugar para sonhar e imaginar, tudo isso, em ação.

Como disse Boal<sup>42</sup> “o teatro é um espelho do seu tempo, só que eu acredito que ele deve ser um espelho mágico (...) que se pode penetrar”, isto é,

se a gente não gostar daquela imagem que a gente tá vendo no espelho, a gente pode penetrar nesse espelho e transformar essa imagem porque o ato de transformar é transformador e no momento [em] que eu estou transformando a minha imagem estou transformando a mim mesmo.

<sup>42</sup> Disponível no canal Instituto Augusto Boal no Youtube, disponível em: [https://youtu.be/c-LE9kXutRw?si=A1IrXbAqO9X\\_k8aA&t=940](https://youtu.be/c-LE9kXutRw?si=A1IrXbAqO9X_k8aA&t=940) aos 15m40s. Acesso em 06 Fev. 24.

O Teatro do Oprimido é o teatro que se propõe a falar da vida, do que nos atravessa. Vale ressaltar que a palavra teatro é imbuída de diversos significados, teatro é simultaneamente o prédio e o espetáculo que se apresenta dentro dele. É também um ato cotidiano encenado sistematicamente pelo conjunto de pessoas que vão e voltam de suas tarefas diárias. Utilizamos também teatro para designar uma mentira, ou uma encenação falsa com o intuito de enganar outras pessoas. Porém, o teatro a que esta tese se refere é a linguagem artística da qual, nós seres humanos, nos utilizamos para contar histórias e imaginar outras possibilidades de sociedade. Assim, ao se utilizar de técnicas do repertório do Teatro do Oprimido é possível incentivar as pessoas a se conscientizarem de que fazem teatro e que podem, se assim desejarem, aprenderem outras técnicas de atuação, para dizer o que quiserem dizer.

O Teatro é do Oprimido e, portanto, suas técnicas devem ser utilizadas por aqueles que sofrem a opressão. As relações de opressão acontecem de diversas formas na sociedade. Destaca-se que “o oprimido é aquele que é dominado, enquanto que o opressor é o agente que domina. A opressão, ação do opressor sobre o oprimido, pode ser feita de várias formas, desde o uso da violência física, até a tortura psicológica”<sup>43</sup>.

“A categoria **oprimido** remete imediatamente à existência de um correspondente, a categoria **opressor** e, inevitavelmente, à relação entre estes, a de **opressão**” (Santos, 2016, p. 129). As possibilidades de reconhecimento podem se dar por vários caminhos, pode-se primeiramente reconhecer a opressão para depois reconhecer quem são os/as oprimidos/das e em seguida quem são os/as opressores/ras, ou mesmo primeiramente se reconhecer quem são os/as oprimidos/as, ou até mesmo pela identificação das pessoas ou situações opressoras.

O método prevê que as/os participantes narrem as situações opressoras que vivenciaram/vivenciam e que, a partir da história individual, busque-se identificar qual é o mecanismo de opressão social atuando por detrás das situações compartilhadas, coletivizando-se as opressões.

A análise não deve ser centrada sobre um acontecimento específico da vida de uma pessoa mas, sim, sobre um mecanismo de opressão vivenciado por uma pessoa. Mecanismo esse que também é identificado na vida das demais pessoas presentes na sala. A meta não é aprofundar na direção do indivíduo, mas multiplicar as possibilidades de compreensão do mecanismo de opressão com as distintas perspectivas do coletivo (Santos, 2016, p. 95).

---

<sup>43</sup> Equipe da Enciclopédia Significados, disponível em: <https://www.significados.com.br/oprimido/#:~:text=O%20oprimido%20%C3%A9%20que%20%C3%A9,achata do>. Acesso em: 06 Fev. 2024.

Pode-se inclusive trazer à reflexão de que uma pessoa opressora em determinada situação é também oprimida em outra. Numa busca de identificação e conscientização de que a mudança precisa ser social e política, e não somente individualizada.

Paulo Freire (2005, p. 35) diz que quando a pessoa oprimida não se reconhece como tal, e quando ela não dispõe de repertório para ser uma pessoa que age criticamente, ela age “seguindo modelos já conhecidos, mesmo discordando” e, por vezes, torna-se opressora. Por exemplo: vemos uma cena em que um patrão se recusa a pagar o salário de um homem, na cena seguinte este mesmo homem comete violência contra sua esposa em casa. A violência cometida pelo homem não pode ser justificada pela opressão que ele sofreu, mas apresenta como rapidamente os oprimidos podem virar opressores, que coletivamente é preciso mudar a cultura de violência contra a mulher e, simultaneamente, promover a mudança política e social para melhores condições de trabalho. Ao apresentar cenas deste tipo, permite-se que quem assiste se identifique com o homem da primeira cena (oprimido), para depois questioná-lo sobre as suas ações (opressor).

Assim, o Teatro do Oprimido tem por objetivo “a identificação, a investigação estética, a representação artística e a discussão coletiva para a superação de situações de opressão” (Santos, 2016, p. 135). Para tal é importante que haja uma “observação crítica da realidade e a tomada de posição diante dela” (*ibidem*). Como frequentemente ressaltam Boal e Freire, é preciso escolher o lado dos oprimidos. Acrescentamos ainda mais um ponto: é preciso escolher agir, frisando que a omissão também é uma escolha e que esta favorece os grupos opressores.

No âmbito da história do teatro brasileiro, o Teatro do Oprimido é identificado como um dos representantes do teatro-político, dada sua inserção no debate sobre a realidade social mediante um aparato político-estético ancorado na criação dinâmica de peças teatrais. O contexto político-social do momento de sua criação era o da ditadura militar, que havia se instaurado a partir de 1964. Esse período foi caracterizado por instrumentos de coerção à liberdade de expressão com a perseguição de artistas que tinham preocupações sociais e políticas. Em resposta a esse movimento, o Teatro do Oprimido surgiu para refutar a ideia da arte isolada da vida e se desdobrou da gestão de práticas de resistência democrática que compunham o cenário das lutas sociais do país no período da repressão política (Paro, 2018, p. 3).

Durante sua trajetória artística, Boal percebe que, para além de dizer sobre os problemas dos oprimidos, fazia-se necessário que as próprias pessoas oprimidas fizessem teatro, que elas por si só decidissem sobre o que falar e, principalmente, que soluções encontrariam para resolver os próprios problemas. Para isso, “seria fundamental passar os

meios de produção teatral para que oprimidos e oprimidas se expressassem através de suas próprias produções” (Santos, 2016, p. 66).

O Teatro do Oprimido é “um conjunto de técnicas teatrais, organizadas em diferentes modalidades, que tem como principal objetivo colocar algumas maneiras de fazer teatro a serviço da transformação social” (Nunes, 2008, p. 1), favorecendo um ambiente para que as pessoas deixem de ser espectadores de suas vidas e dos problemas do mundo e passem a ser atores. Ou, como disse Paulo Freire (1983, p. 36), possam se conscientizar e passem de “homem-objeto” para “homem-sujeito”.

Augusto Boal cunhou o termo *spect-ator* (ou *spect-atriz*) para falar desta transformação de espectador/a em ator/atriz, ou seja, os/as espectadores/ras são convidados/das a se tornarem atores e atrizes em cena, a agir primeiramente num ambiente pedagógico e de maneira estética (palco) como um ensaio para depois agir em situações concretas, na vida real<sup>44</sup>. “No Teatro do Oprimido, não basta fazer teatro, é preciso que a encenação provoque a reflexão e que esta estimule a ação” (Santos, 2016, p. 114-115).

O Teatro do Oprimido é representado por uma árvore (Figura 2) que apresenta as múltiplas maneiras de se utilizar o teatro, e reforça princípios essenciais para essa teoria e prática. O chão do qual se nutre a árvore é o da *ética* e da *solidariedade*. Fazemos teatro, propomos o debate não para proveito próprio ou da elite dominante. Fazemos teatro para que a sociedade se beneficie dos debates que acontecem. Por mais que individualmente cada pessoa tenha a evoluir discutindo temas, fazendo autorreflexão (que são muito importantes), é preciso ter firme o futuro da sociedade como horizonte, e firmar que o que se aprende, precisa e deve ser continuado, como descrito na mais alta copa da árvore: “Ações sociais concretas e continuadas”.

---

<sup>44</sup> Uma ressalva para a palavra “real”, que por vezes têm uma conotação que se opõe de maneira pejorativa à ficção. O ambiente de atuação é também real, com debates reais e emoções e sentimentos reais, no entanto, as opressões do palco simulam o real, e, portanto, as pessoas oprimidas podem alterar seus posicionamentos sem o risco da violência física, podem testar seus próprios comportamentos, imaginar outras possibilidades de reação e enfrentamento, sem de fato estarem na presença de pessoas opressoras, mas de atores e atrizes que interpretam tais opressores e, portanto, também reagirão no ambiente ficcional, espelhando a realidade.

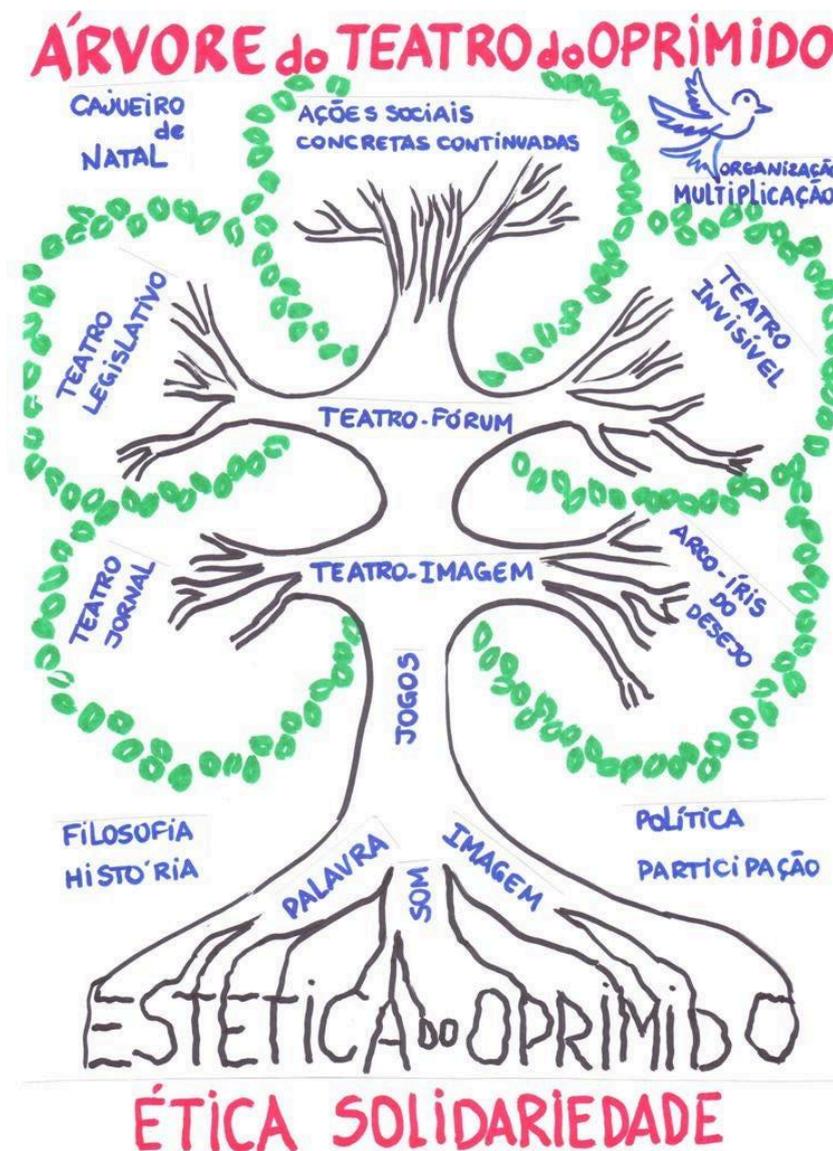


Figura 2 - Árvore do Teatro do Oprimido, desenho de Helen Sarapeck

Nada melhor que um ser vivo para representar a vida que pulsa nos enredos da metodologia [do Teatro do Oprimido]. Uma raiz forte, um caule robusto e uma copa cheia de ramos com folhas dão hoje significado e unidade às partes distintas, porém conectadas e colaboradoras entre si (Sarapeck, 2016, p. 50).

O conhecimento não é vertical, a árvore apresentada é tal qual o cajueiro de Natal<sup>45</sup>, isto é, seus próprios galhos pendem até o chão e criam outras raízes, que se nutrem do mesmo solo, mas passam a ter experiências próprias. Representar o Teatro do Oprimido como uma árvore invoca seu aspecto orgânico de conceito aberto, disponível para alterações

<sup>45</sup> Cajueiro de Pirangui, mais informações disponíveis em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cajueiro\\_de\\_Pirangi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cajueiro_de_Pirangi). Acesso em: 6 Feb. 2024.

de acordo com o grupo que irá utilizar as técnicas e, também, para alterações que possam vir a acontecer na sociedade, e logo, repercutirão no teatro,

A árvore se adapta às condições objetivas, sem deixar de ser quem é. Transforma-se e permanece. Dialoga com a chuva, com o vento, com o sol, com a neve, com o gelo, com a seca, com a enchente... Para se relacionar com o meio, se transforma. Para se transformar, se ratifica, confirmando características e identidade.

Através de ramos, galhos e folhas, se renova. Através de frutos e sementes, se multiplica, e garante o prolongamento de sua existência em outras vidas, em outros lugares. A árvore é ser vivo em constante multiplicação, em sua própria existência e em existências alheias (Santos, 2016, 147 -148).

Vamos explicar a representação da “Árvore do Teatro do Oprimido” de baixo para cima: solo, tronco principal, copas e o passarinho.

<p><u>NO SOLO/RAÍZES</u></p>	<p><u>Ética</u>: “conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade”<sup>46</sup>.</p> <p><u>Solidariedade</u>: parte do solo do Teatro do Oprimido. Trata-se de um preceito básico de coletivo, reconhecendo na outra pessoa a humanidade, conectando-se a ela, querendo ajudá-la.</p> <p><u>Estética do Oprimido</u>: o conceito abrange para além do teatro outras formas de se pensar e agir esteticamente, tais como usar as artes visuais, a fotografia, a escrita, entre outras.</p> <p><u>Filosofia, História, Política e Participação</u>: esses conceitos fazem parte do terreno que germina, nutre e mantém viva a árvore do Teatro do Oprimido. Para Boal, a política não está dissociada da vida, assim como o teatro também não está somente nos palcos. Somos seres que fazem teatro e fazem política.</p> <p><u>Palavra, Som e Imagem</u>: são a seiva da árvore, são os três elementos com que se representa o mundo.</p>
<p><u>NO TRONCO:</u></p>	<p><u>Jogos</u>: estão localizados na parte inferior do tronco e é por onde se inicia o processo estético. Ao jogar, possibilita-se aos/às participantes desmecanizarem os próprios corpos e ideias e, mesmo seguindo regras, podem exercitar a liberdade e a criatividade.</p> <p><u>Teatro Imagem e Teatro Fórum</u>: são as últimas técnicas que compõem o tronco central da árvore que agem como conectores entre o tronco e as copas.</p>
<p><u>NAS COPAS:</u></p>	<p><u>Teatro Jornal</u>: considerada a primeira experiência do que viria a se tornar o Teatro do Oprimido, nascido no contexto da censura da</p>

<sup>46</sup> Definição do dicionário do Google OxfordLanguages, mais adiante trazemos referência de Augusto Boal no que se refere à ética.

	<p>ditadura militar, tem por objetivo revelar a manipulação da imprensa.</p> <p><u>Teatro Legislativo</u>: criado durante o momento em que Boal foi vereador na cidade do Rio de Janeiro, consiste em uma sessão de Teatro-Fórum que culmina com o encaminhamento de um projeto de lei.</p> <p><u>Teatro Invisível</u>: é uma cena de teatro que acontece em público sem que seja anunciado que se trata de uma ficção.</p> <p><u>Arco-íris do Desejo</u>: prevê trabalhar com as opressões internalizadas, isto é, opressões “fantasmas” dentro da cabeça da pessoa oprimida.</p> <p><u>Ações sociais concretas e continuadas</u>: o Teatro do Oprimido almeja que as pessoas formem coletivos, ou passem a integrar coletivos já existentes, e colaborem para a transformação do mundo.</p>
<p><u>NO ALTO DA COPA</u></p>	<p><u>Passarinho</u>: representa as multiplicadoras e os multiplicadores, o Teatro do Oprimido alçando voo para outros lugares.</p>

Quadro sistematizado da árvore do Teatro do Oprimido (autoria das pesquisadoras)

Partimos para a análise de cada parte:

No solo e nas raízes, temos a ética, a solidariedade, a Estética do Oprimido e o quarteto Filosofia, História, Política e Participação. Quanto à ética, Boal (2009, p. 17) ressalta que se trata de “uma invenção humana, não fruto maduro da árvore do bem e do mal”. Por isso, é complexa e precisa sistematicamente de avaliação e reflexão. É preciso saber que “não podemos continuar nutrindo ilusões de que todas criancinhas são anjinhos e todos os humanos, gente boa. Conhecer a verdade é necessário para transformá-la” (*ibidem*). Não se trata de ingenuidade e sim de conhecimento. Saber, compreender, conscientizar e fomentar o debate para encontrarmos repertório para agir diante dos sistemáticos ataques aos ideais libertários e que almejam a justiça social. É importante analisar cada situação e se posicionar, sempre, ao lado das pessoas oprimidas.

Boal (2009, p. 184) ressalta que por vezes a Ética é confundida com a Moral, portanto, explica que Moral são “os costumes que existem e são geralmente aceitos pela população”, enquanto que a Ética “é o que se deseja para si e para o conjunto da sociedade”.

Ética – *Ethos* em grego – (...) *é o ideal desejado, não o real existente*. O comportamento ético consiste no conjunto de ações em busca desse ideal, não na passiva obediência. (...) Nós que trabalhamos por uma sociedade sem oprimidos e sem opressores, queremos ajudar a tornar realidade as promessas utópicas da *Declaração Universal dos direitos humanos* (Boal, 2009, p. 184).

No que tange à solidariedade, esta demanda o reconhecimento na outra pessoa de sua humanidade, demanda uma conexão. A conexão com outra pessoa pode se concretizar “na ação de tentar ajudar, amenizar ou diminuir a dor ou necessidade de alguém”<sup>47</sup>. Por isso, sendo a Solidariedade parte do solo do Teatro do Oprimido, não se deve utilizar essas técnicas para proveito próprio, ou pior, para aumentar a produção de fábricas em detrimento de seus trabalhadores.

As raízes da árvore são a Estética do Oprimido, parte que sustenta e nutre a árvore. Boal reforça diversas vezes a existência de mais de um tipo,

como todas as sociedades estão divididas em classes, castas, etnias, nações, religiões e outras confrontações, é absurdo afirmar a existência de uma só estética que a todos contemple com suas regras, leis e paradigmas: existem muitas estéticas, todas de igual valor, quando têm valor (Boal, 2009, p. 16).

“Não queremos oferecer ao povo ‘acesso à cultura’ – como se costuma dizer, como se o povo não tivesse sua própria cultura ou não fosse capaz de construí-la” (Boal, 2009, p. 46). A proposta é a de que as próprias pessoas oprimidas criem suas próprias estéticas, pois como explica Boal (2009, p. 31), a Estética é “a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos”.

Acerca da Filosofia, da História, da Política e da Participação, Monique Lima (2023, p. 46) diz que política e teatro estão historicamente misturados, são mais do que “elementos que se relacionam, ao trafegarem por vias de mão dupla, eles, a rigor, são indissociáveis (...), ou seja, política e teatro são como duas ‘almas gêmeas’”. No decorrer da história, “questões sociais, econômicas e políticas são expressas em forma de arte” (*ibidem*). O que nos propõe Augusto Boal é que nos utilizemos da arte e das diversas estéticas para falarmos do que nos oprime, para retomarmos o fazer artístico juntamente com o povo, no qual estamos inseridos. Para além de representar o que as classes dominantes elegeram como o correto, para descobrirmos o que as demais pessoas têm a dizer. Que outras histórias temos que escutar? Como este tempo ficará escrito e depois será recontado? As narrativas possuem poder e alcance, as obras de arte contam a história do seu tempo.

<sup>47</sup> “De onde vem a solidariedade humana?”, disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/joaopessoa/noticias/2020/05/de-onde-vem-a-solidariedade-humana#:~:text=Esse%20movimento%20interno%20de%20se,ordem%20afetiva%2Femocional%20ou%20material>. Acesso em: 06 Fev. 24.

Os elementos Palavra, Som e Imagem, presentes na seiva da árvore, são os três elementos que representam o mundo, mesmo que percebamos o mundo através de todos os sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). Augusto Boal propõe exercícios e jogos para que possamos retomar nossas percepções em nossas ações, para que possamos sair do “automático” ou do “mecanizado”, agindo sem pensar direito, executando tarefas mesmo que não saibamos o sentido delas. Segundo César Paro, “a Estética do Oprimido estimula a descoberta das possibilidades produtivas e criativas por meio desses elementos para a promoção da sinestesia artística” (Paro, 2018, p. 5).

No tronco, temos os jogos teatrais, o Teatro Imagem e o Teatro Fórum. Os jogos do repertório<sup>48</sup> do Teatro do Oprimido foram sistematizados por Augusto Boal, porém nem todos foram criados por ele. Assim como todo o método, pretende-se que os jogos sejam adaptados à realidade de cada lugar em que serão praticados, como dito anteriormente neste capítulo, os jogos são formas de se possibilitar que os/as participantes utilizem seus sentidos (audição, olfato, visão, tato), acessem suas emoções, exercitem a liberdade, a criatividade e desmecanizem seus corpos.

Tendo em vista que o Teatro Imagem e o Teatro Fórum são centrais em nosso trabalho, iremos explicar detalhadamente sua dimensão e função em itens específicos abaixo. Antes, porém, apresentamos o conteúdo presente nas copas da árvore.

Na Copa da Árvore temos primeiramente o Teatro Jornal, que foi a primeira experiência do que viria a se tornar, mais tarde, o Teatro do Oprimido. Surgiu num contexto histórico de censura em plena ditadura militar brasileira (1964/1985). O núcleo 2 do Teatro de Arena<sup>49</sup> “começou a desenvolver técnicas teatrais que buscassem revelar a manipulação feita na notícia para redesenhar a imagem do real” (Santos, 2016, p. 70). Os jogos incluem musicalizar notícias de jornal, buscar o que se retirou da realidade, confrontar a notícia com uma imagem da realidade, representar em cena o que a notícia de jornal ocultou, entre outros. “O teatro jornal tem como objetivo contribuir para a desconstrução e o desmascaramento do

---

<sup>48</sup> Comumente se usa “arsenal” de jogos. Optei pela alteração para “repertório” para buscar sair da linguagem de guerra, entendendo que a importância de se fazer e transformar o mundo pode, em alguns momentos, se dar em caminhos de não-violência.

<sup>49</sup> Em 1967, o Teatro de Arena abriu um novo núcleo, que ficou conhecido como Núcleo 2. Este núcleo se destinava também à pesquisa, a criação e apresentação de espetáculos, geralmente com novos atores e atrizes, alguns ainda em formação. Várias pessoas participaram deste núcleo 2 que trabalhava de maneira concomitante com o elenco principal em outras produções e estudos. O Núcleo 2 era essencial ao Teatro de Arena, pois sofria menos perseguições políticas e de censura, contribuía financeiramente com as bilheterias das apresentações e se caracterizavam por um núcleo de formação artística e política. ALMEIDA, A., **Teatro E Experimentação Radical em Meio ao Terror do AI-5**, Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 23, n. 2, 2020. Páginas 237-238. DOI: 10.33871/19805071.2020.23.2.3605. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3605>. Acesso em: 16 Abr. 2024.

que se lê, colocando em evidência as manipulações utilizadas pelos meios de comunicação” (Paro, 2018, p. 6).

O segundo, Teatro Legislativo, consiste em um Teatro-Fórum em que as pessoas da plateia são convidadas a entrarem em cena, votarem em projetos para depois serem levados ao parlamento (câmara de deputados, vereadores, etc) como propostas legislativas. Surgiu em 1993, quando Boal foi vereador no Rio de Janeiro, como uma “alternativa para responder à necessidade de ir além da encenação teatral e provocar transformações concretas na vida real” (Santos, 2016, p. 107). Embora Boal não quisesse se candidatar, acabou por acreditar que conseguiria votos para o Partido dos Trabalhadores (PT) com uma campanha realizada por muitos artistas e organizada juntamente com o povo, acaba sendo eleito e, como no Teatro do Oprimido, propõe que “o eleitor se transformasse em legislador” (*idem*, p. 106).

As sessões ocorrem mediadas com o auxílio do/da curinga, tal qual no Teatro Fórum, e simultaneamente há um grupo de pessoas especialistas que escrevem as propostas apresentadas em cena. Este grupo é denominado “Célula Metabolizadora” e tem a função de “metabolizar” as propostas da plateia transformando-as em texto, para serem votados e posteriormente transformadas em projeto de lei. “A Célula Metabolizadora deve ser constituída por pessoas atuantes em relação ao tema abordado na encenação: representante de movimento social, especialista em legislação e advogada/o atuante na área” (Santos, 2016, p. 108).

O terceiro, Teatro Invisível, é uma cena de teatro que acontece em público sem que seja anunciado que é uma ficção. Para tal, é essencial que a cena tenha dados realísticos e verossimilhantes, não pode haver dúvida de que a cena poderia ser um acontecimento real que estivesse se dando naquele exato momento, naquele local onde é encenada. Boal (2014, p. 32) reforça que Teatro Invisível ainda assim é teatro, e que precisa ter um roteiro de ações bem definido e que cada personagem esteja bem desenvolvido/a. Ao mesmo tempo, deseja-se que os espectadores e as espectadoras sejam cooptados/das a participarem, que os/as transeuntes entrem em cena sem um convite formal, para que se tornem *spect-ator* ou *spect-atriz*, e os atores e atrizes que ensaiaram a cena estejam completamente disponíveis para improvisar de acordo com as situações que forem surgindo. Boal explica que “no Teatro Invisível, os atores devem interpretar como verdadeiros atores”, e “o tema escolhido deve ser empolgante, do interesse dos futuros *spect-atores*” e *spect-atrizes* (*ibidem*).

Durante a realização de uma cena de Teatro Invisível,

o público ocasional que está presente durante a ‘atuação’ vai reagindo e dando opiniões de forma espontânea, mas essas pessoas não são conscientes de suas condições de espectadores e participam de todo o processo sem saber, pois nem durante nem depois de uma cena de Teatro Invisível é informado que aquilo se tratou de teatro. Provoca-se a interpenetração da ficção na realidade e a da realidade na ficção: todos os presentes podem intervir a qualquer momento na busca de soluções para os problemas tratados. Os atores e espectadores encontram-se no mesmo nível de diálogo e de poder, não existindo antagonismo entre a sala e a cena, mas sim superposição (Paro, 2018, p. 6).

No Arco-íris do Desejo, quarto aspecto apresentado, as técnicas foram desenvolvidas para se trabalhar com as opressões internalizadas, isto é, aquelas que se apresentam como “fantasmas” dentro da cabeça da pessoa oprimida. Os fantasmas são fictícios, mas as opressões e os outros sentimentos que geram são reais.

Diante de pessoas oprimidas com histórias subjetivas, “envolvendo questões de incomunicabilidade; dificuldade de executar o decidido, (...) falta de compreensão do próprio desejo frente à determinada situação ou imprecisão do posicionamento pessoal” (Santos, 2016, p. 92), Boal se indagou: “*Como alguém poderia se sentir oprimido não tendo um opressor palpável?*” Sem entender como seguir adiante com as propostas do Teatro do Oprimido, Boal decidiu investigar mais e iniciou laboratórios teatrais na França, juntamente com sua esposa, Cecília Boal<sup>50</sup>, que é psicóloga. O objetivo era externalizar essas opressões de maneira estética. Os jogos dentro desse processo se iniciam ao criar uma imagem daquilo que está internalizado para, então, a pessoa oprimida poder se relacionar com essas opressões ou pessoas opressoras. Arco-íris do Desejo é, portanto, “um conjunto de técnicas que foram desenvolvidas para analisar o processo de internalização e cristalização de opressões” (*ibidem*).

As ações sociais concretas e continuadas, quinta copa, encontram-se no centro, acima de tudo. Para além da conscientização, da coletivização das opressões e do fazer estético como meio para explorar as potencialidades, o Teatro do Oprimido almeja que as pessoas formem coletivos, ou passem a integrar coletivos já existentes, visando a transformação do mundo.

No Teatro do Oprimido, o fazer teatral não é suficiente. Este deve ser o ponto de partida para a atuação cidadã. Por isso, o processo de produção artística deve ser, necessariamente, também produção de conhecimento. A descoberta de potencialidades individuais e coletivas, através das múltiplas atividades da Estética do Oprimido, deve se converter em estímulo para a ação concreta no palco da vida (Santos, 2016, p. 191).

---

<sup>50</sup> Cecilia Thumim Boal, nascida em Buenos Aires, é viúva de Augusto Boal, e, além de atriz, é psicóloga e psicanalista.

Por fim, temos um pássaro que representa a organização dos envolvidos em coletivos e a multiplicação dessas ideias, pois o pássaro leva consigo a semente da árvore que visitou para que ela possa frutificar em outros lugares.

Assim, finalizamos a explicação de cada um dos elementos da Árvore do Teatro do Oprimido e seguimos para o aprofundamento do Teatro Imagem e do Teatro Fórum.

## 2.1 Teatro Imagem

O Teatro Imagem surge a partir de experiências de Augusto Boal com pessoas indígenas em países da América do Sul que, assim como ele, não tinham o espanhol como língua materna, e, portanto, durante as cenas de teatro aconteciam erros de comunicação (Boal, 2014, p. 251-252).

Numa proposta de não se traduzir em palavras o que deseja representar, e sim se utilizar do pensamento sensível, realiza-se, de maneira estética, o Teatro Imagem, que consiste em criar uma cena, ou uma representação, sem utilizar nem a fala, nem a movimentação. Utiliza-se da modelação do próprio corpo e, a depender da proposta, a modelação do corpo dos demais participantes e é permitido também utilizar objetos que auxiliem na criação da imagem.

O Teatro Imagem parte do pressuposto de que a arte é a de verdades por meio dos nossos aparelhos sensoriais. Essa técnica dispensa o uso da palavra para que seja possível o desenvolvimento de outras formas perceptivas que façam o uso do corpo, fisionomias, objetos, distâncias, cores, por exemplo. Utiliza-se da linguagem corporal para a compreensão dos fatos, problemas, pensamentos e sentimentos que estão por trás de determinada imagem. Tem como objetivo ampliar a visão sinalética, na qual significantes e significados são indissociáveis, para superar as restrições da linguagem simbólica das palavras, em que as realidades concretas e sensíveis são dissociadas (Paro, 2018, p. 5).

Boal (2014, p. 253) explica que não é preciso ter feito os outros jogos do TO antes de se experimentar o Teatro Imagem, mas nos pede para

ter em mente um dos princípios básicos do Teatro do Oprimido: “A imagem do real é real enquanto imagem”. Quando, usando meus atores e objetos disponíveis, faço uma imagem da minha realidade, essa imagem, em si mesma, é real. (...) Uma imagem não requer ser entendida, e sim sentida.

Existem diversas técnicas do Teatro Imagem. Na metodologia MEET<sup>51</sup>, utilizamos da seguinte maneira, primeiramente os tópicos serão elencados e em seguida cada um deles será descrito mais detalhadamente:

- Criação de uma imagem no próprio corpo
- Criação de uma imagem que representa uma opressão (Cena 1 - Imagem Real)
- Criação de uma imagem que seja uma resolução da opressão (Cena 3 - Imagem Ideal)
- Criação de uma imagem de transição entre a cena 1 - imagem real e a cena 3 - imagem ideal (Cena 2 - Imagem de Transição)

O Teatro Imagem é realizado na quarta aula da Metodologia MEET. Enquanto o grupo que se voluntariou para criar a cena modelo do Teatro Fórum sai da sala para ensaiar com um/a das/dos professoras/res, o/a outro/a professor/a conduz o Teatro Imagem. Para além de se treinar o pensamento sensível e a ação para a transformação da realidade, é também um aquecimento para o Teatro Fórum.

### 2.1.1 Criação de uma imagem no próprio corpo

Definida por Augusto Boal (2014, p. 253) como “Ilustrar um tema com o próprio corpo”, consiste em pedir que os e as participantes criem uma imagem, no próprio corpo, a partir de um tema dado. Por exemplo, o tema pode ser religião e então as pessoas representarão padres, pastores, santas, fiéis, etc., ou pode-se, dizer uma palavra que represente um grupo, como “mulheres”, “homens”, “operários”, “chefes” etc.

Costumamos ficar em roda, então sugiro que todas e todos dêem as costas para a roda e construam a imagem em seu corpo sem olhar para as demais pessoas. Conto até 3, quando todos e todas se viram para o centro da roda, onde podem se olhar e, claro, serem olhadas/dos.

Particularmente, procuro sempre pedir que criem imagens de “mulheres”, ao se virarem para o centro, mais de 90% das pessoas criam imagens de mulheres preocupadas com a beleza, ou fazendo poses de indiferença e discriminação com outras pessoas, outra pequena parcela cria imagens de mulheres cuidando de crianças e duas ou três pessoas, num conjunto

---

<sup>51</sup> Esta maneira de se realizar o Teatro Imagem, seguindo essas etapas, foi aprendida de maneira prática no curso ministrado por Dimir Viana, e, após essa vivência passou a ser realizada nas aulas da Faculdade de Medicina da Unicamp, incorporando-se a proposta de jogos da metodologia MEET. Mesmo estando descrita por Augusto Boal, foi somente após vivenciar que percebi a importância e a possibilidade pedagógica que esse jogo tinha a oferecer para a metodologia.

de 40, representam mulheres fortes ou com corpos neutros. Após se observarem, e sem dizer nada, peço que criem imagens de “homens”, quando todas as pessoas se viram para o centro, vemos vários homens fortes, a minoria representa os homens em poses grotescas ou que parecem estar chamando outras pessoas para uma briga. Neste momento, chamo para a reflexão. Para tal, peço que observem bem como estão e as imagens de todas as outras pessoas, peço que se virem de costas, refaçam a postura anterior de “mulheres” e virem novamente ao centro e pergunto: “O que vocês como grupo observam?”

Espero que eles e elas percebam por si só o machismo ainda completamente infiltrado em nossa sociedade de cultura patriarcal. Proponho que digam quais características observam nas imagens de mulheres, as próprias mulheres que representam em seus corpos uma imagem do que é ser “mulher” discordam completamente daquilo que propuseram, os homens ficam constrangidos e um ou outro se defende. Para fechar esta parte do jogo, peço que façam uma transição entre a imagem “mulher” para a imagem “homem”. Tal qual fiz com a imagem “mulher”, peço que ressaltem as características representadas nas imagens propostas individualmente pelo grupo ao criarem imagens para “homens”.

Propor que façam esse jogo com o corpo faz com que eles e elas registrem os preconceitos ainda existentes, mas que pareciam resolvidos no discurso. Se esse jogo fosse exclusivamente verbal, estaríamos utilizando do pensamento simbólico, e portanto, tenho certeza que todas e todos teriam falas sobre o feminismo, e os que discordam ficariam em silêncio. Em ação, em jogo, possibilitamos que os corpos falem por si mesmos, que revelem pensamentos que nem sempre são ditos.

Se você, leitor/a, pretende realizar este jogo, aviso que neste ponto gera-se um mal-estar geral em todas as pessoas, inclusive em mim que proponho a reflexão. Faço então a confissão de que, quando fiz pela primeira vez este jogo, eu também fui machista, e espero que isso seja um alerta para nós. Um alerta de que precisamos constantemente nos conscientizar de que vivemos numa sociedade machista e, portanto, mesmo sabendo ser errado, precisamos estar atentos e atentas para fazer essa cultura parar, para que possamos propositadamente construir um mundo feminista. Transformar o mundo não é não fazer nada, não é “não ser machista”. É agir, é propor e construir o imaginário feminista, é conversar sobre feminismo, é inserir o assunto, é modificar o próprio pensamento. Não tem a ver com isenção e, sim, com ação. É passar do papel de espectador passivo para agente de mudança.

### 2.1.2 Criação de uma imagem que representa uma opressão (Cena 1 - Imagem Real)

Uma pessoa se voluntaria para ser a criadora da cena. Ela tem uma ideia de um tema que apresenta uma opressão e experimenta representá-lo utilizando os corpos de seus/suas colegas, modelando-os em ação. Por exemplo, ela tem a ideia de representar uma cena de violência contra uma criança, então ela escolhe uma pessoa para ser o/a agressor/a, uma pessoa para ser a criança e talvez mais algumas pessoas que assistem a cena ou possam ser aliadas tanto da pessoa que agride, como da que sofre a violência. Ao final da modelagem, temos uma cena estática que representa uma opressão. Se for difícil para o grupo saber o que é, pode-se intensificar as opressões, ou mesmo compartilhar verbalmente o tema que foi escolhido. Importante ressaltar que a pessoa não deve explicar cada uma das personagens, nem mesmo o porquê de representar essa ou aquela opressão. É preciso investir na proposta estética, deixar que todos e todas, inclusive nós propositores/ras, nos deixemos conduzir pelo pensamento sensível.

Boal (2014, p. 258) define essa técnica como “*Ilustrar um tema com o corpo do outro*”. O autor reforça a importância do consenso para o grupo, que “deve ser consultado a todo momento, sendo, em última análise, o construtor da imagem coletiva do tema”, ou seja, o grupo precisa concordar que a imagem representa a opressão.

Como nas outras propostas, é “importante que a pessoa construindo a imagem trabalhe rápido, para que não seja tentada a pensar com palavras (linguagem verbal) e então traduzir palavras em imagens (linguagem visual)”, o jogo consiste em construir de maneira estética, sem qualquer tradução, a imagem criada é “o próprio original” (Boal, 2014, p. 259).

### 2.1.3 Criação de uma imagem que seja a resolução da opressão (Cena 3 - Imagem Ideal)

Convida-se todas/os as/os participantes para alterarem a imagem de modo que seja apresentada uma cena em que as coisas mudaram; nesta cena final espera-se um exercício de imaginação para um mundo melhor. Pode-se dizer que esta cena seja o objetivo final, por vezes algo utópico.

Boal (2014, p. 264) define essa imagem como “modelo ideal no qual a opressão tenha sido eliminada e que todos, dentro desse modelo ideal, cheguem a um equilíbrio plausível; uma situação que não seja opressiva para nenhum dos personagens”.

Tanto na criação da Imagem Ideal (Cena 3), como na Imagem de Transição (Cena 2), o/a professor/a deve explicar que, neste jogo, “todos os participantes estão autorizados a opinar” (Boal, 2014, p. 264), um de cada vez vai até a imagem e age como um/ escultor/a e “muda tudo quanto ache necessário” (*ibidem*). A cada alteração confirma-se com o grupo se

alguém mais gostaria de realizar outra alteração e até mesmo desfazer alguma alteração proposta anteriormente.

É bastante desafiador sustentar que as pessoas não falem, é preciso insistir. Após a alteração de todas as pessoas que quiserem “opinar”, pode ser que haja mais de uma imagem de ideal, o grupo, então, precisa decidir a que mais se adequa, ou mesmo propor uma nova imagem mesclando as ideias anteriores. Esse processo será repetido na próxima parte do jogo, na construção da imagem de transição (cena 2).

#### 2.1.4 Criação de uma imagem de transição entre a cena 1 - imagem real e a cena 3 - imagem ideal (Cena 2 - Imagem de Transição)

Depois de criadas as duas cenas que representam, respectivamente, a opressão e uma de resolução, busca-se a transição, procura-se o caminho que foi realizado entre a cena 1 e a cena 3. Esta cena trata-se do plano de ação, do planejamento para a realização do projeto, que é necessário para tornar possível o sonho criado, a imagem ideal (cena 3). Novamente os/as participantes precisam opinar em ação, alterando a imagem sem falar, sem explicar.

#### 2.1.5 Em ação: fazendo Teatro Imagem

No Teatro Imagem não são permitidas “soluções mágicas”, isto é, não se pode propor que a personagem oprimida tenha poderes mágicos ou aja de maneira incoerente com a realidade, pois este é um exercício para se criar um repertório a ser usado futuramente na vida real. Também não é possível que a cena 1 - imagem real represente uma situação em que não haja mais um ponto de retorno. Por exemplo, no caso em que uma pessoa dispara uma arma contra outra pessoa, não há nada que a pessoa que recebe o tiro possa fazer.

Boal (2014, p. 264-288) aborda várias outras maneiras de se trabalhar as imagens, seja para um enfoque mais amplo dos problemas da sociedade, seja para um trabalho mais subjetivo, com as técnicas do Arco-íris do desejo.

Na metodologia MEET, encerramos o jogo de Teatro Imagem pedindo aos atores e atrizes em cena que apresentem as imagens criadas agora na ordem dos acontecimentos temporais: cena 1 - imagem real, cena 2 - imagem de transição e cena 3 - imagem ideal.

Mesmo já tendo conduzido várias vezes sessões de Teatro Imagem, certa vez percebi o quanto estava castrando a imaginação dos/das participantes. Uma estudante escolheu representar um assédio contra as mulheres em um ônibus. Tínhamos a cena 1 - imagem real, que pode ser descrita da seguinte maneira: vemos uma parte do ônibus com 3 cadeiras duplas; na primeira dupla, sentam-se dois homens, na do meio senta-se um homem

na janela e uma mulher no corredor; um homem em pé no corredor apóia sua mão no ombro desta mulher que o olha sem gostar de tal proximidade; nas últimas cadeiras estão uma mulher na janela e um homem sentado ao seu lado (no corredor) com as pernas abertas, invadindo o espaço da outra passageira. Há ainda mais uma passageira mulher que está em pé, e mexe no celular e parece alheia ao que acontece.

Ao se buscar construir a cena 3 (imagem ideal) em que as opressões deveriam ser resolvidas, a cada ideia que alguém sugeria, rapidamente ou eu mesma ou alguém do grupo já dava pontos contrários para essa sugestão. Em ação, como curinga e professora, percebi que daquele jeito jamais conseguiríamos que uma ideia fosse realizada. Aproveitei a conscientização e falei para eles e elas “vamos testar, antes de qualquer crítica ou contraponto, vamos testar”. Falei da importância do teatro na realização de sonhos e que precisamos sonhar antes de mais nada. Pedi então qualquer ideia que alguém tivesse, por mais absurda que fosse, precisaria ser testada em cena, esteticamente. Propus ao grupo: “Vamos sonhar o nosso ônibus ideal? Como será esse ônibus em que as mulheres podem andar tranquilamente?”

A estudante Sabrina, que participava neste dia, escreveu a seguinte reflexão em seu relato final (grifos nossos):

*A cena do ônibus e do caso de assédio me trouxe várias reflexões. A resolução final, ou cena 3, a que nosso grupo chegou, me fez pensar em várias situações que já vi e vivi. Acho que a constante lembrança, por parte das professoras, de que a cena final deveria ser o que imaginamos como “mundo perfeito” é bem interessante. Penso muito sobre como uma das principais bases da existência humana é a esperança. Se deixamos de acreditar e ver propósito no que quer que fazemos, é tudo em vão. Uma pessoa sem sonhos é uma pessoa morta em vida. E ser lembrada disso nas aulas é lembrar que o que conhecemos como utopia pode simplesmente ser um futuro possível, além de só residir no campo das possibilidades inalcançáveis.*

*Na nossa cena 3 do ônibus, os homens passageiros também se revoltaram com o caso de assédio e defenderam a menina assediada. Hoje, infelizmente, não vejo isso como uma realidade possível.*

*Como dito nessa mesma aula, “toda mulher conhece outra mulher que já foi abusada, mas nenhum homem conhece um homem que já abusou”. No [último] mês (...) eu pensei muito sobre como, em qualquer ocasião, homens só protegem homens. E nós, mulheres, somos “nós por nós mesmas”. Ver a cena 3 acontecendo me levou a reflexões de que, talvez um dia, com muito trabalho de base e educação não sexista desde o berço, isso possa mudar.*

“**O que conhecemos hoje como utopia pode simplesmente ser um futuro possível**”, escreveu Sabrina. Assim como ela, Augusto Boal (2014, p. 264) nos propõe imaginar o mundo que queremos e que a cena 3 represente “uma situação que não seja opressiva para nenhum dos personagens”.

Naquele dia, a cena 3 realmente foi utópica, porque ainda não vemos homens se levantando para defender mulheres de assédios, mas ela não é uma solução mágica (que se utiliza de feitiços ou fantasias). Portanto, foi uma representação passível de existir no mundo real. Depois de criada a cena 3, a cena 2 (de transição) foi criada em poucos minutos. Assim que todas e todos no grupo compreenderam o assédio na cena 1 e a resolução proposta na cena 3, a cena 2 teve uma criação orgânica e apresentava como imagem os homens que sentavam à frente da garota se levantando, um momento de surpresa e espanto para o homem que segurava o ombro da mulher sentada, uma reação da garota do corredor com o celular que levanta e começa a filmar o assédio, e como numa sequência natural de ações, o homem que estava na última cadeira fecha as pernas.

Para encerrar este tópico, voltamos a lembrar sobre a potência dos sonhos, e como nos ensina Paulo Freire,

é preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire *apud* Cardoso Neto, 2022, p. 24).

E como disse Sabrina, **“uma das principais bases da existência humana é a esperança. Se deixamos de acreditar e ver propósito no que quer que fazemos, é tudo em vão. Uma pessoa sem sonhos é uma pessoa morta em vida”**.

## 2.2 Teatro Fórum: de sua origem ao modo de fazer

O Teatro Fórum nasceu durante uma apresentação do que se denominava “dramaturgia simultânea” e consistia em uma encenação, realizada por atores profissionais que representavam uma situação de opressão. Este evento é um dos mais famosos narrados por Augusto Boal e é possível assistir este trecho no documentário<sup>52</sup>. Aconselho que assista ao vídeo, mas narro também essa história.

O grupo de atores apresentou a história de uma mulher que trabalhava muito e entregava boa parte de seu salário a seu marido, que lhe prometia estar construindo uma casa com o dinheiro, para que depois pudessem morar juntos lá. Para comprovar tal empreendimento, o marido lhe entregava papéis com coisas escritas dizendo que eram os recibos da compra dos materiais. A esposa não sabia ler e ia guardando esses papéis, até que

<sup>52</sup> Trecho do documentário de Augusto Boal sobre o nascimento do Teatro Fórum. Na filmagem vemos uma encenação realizada em 1993 e não a cena original. Disponível em: <https://youtu.be/IZhlpnSVRUg>. Acesso em: 15 Set. 2023.

um dia ficou desconfiada de que o marido pudesse estar mentindo e procurou uma vizinha que sabia ler e escrever, pedindo que ela lesse o que estava escrito nos papéis. Ao ler, descobriu-se que os papéis eram cartas de amor que a amante do marido enviava. A cena de teatro se encerra com a esposa aguardando o marido que chegaria a qualquer momento. Neste ponto, Augusto Boal virava-se para o público e perguntava: “E agora, o que deve fazer esta mulher?” A encenação toda era inspirada numa situação real, a esposa da vida real estava na plateia, e o marido real chegaria no dia seguinte. A proposta era levantar ideias para se auxiliar aquela mulher individualmente, mas também imaginar repertórios para outras situações similares que pudessem acontecer a qualquer uma das pessoas presentes.

É preciso lembrar que essa história se dá na década de 1970<sup>53</sup>, em que os divórcios não eram regulamentados como atualmente e que uma mulher divorciada era mal vista pela sociedade. A plateia era formada exclusivamente de mulheres camponesas que sabiam que a “mulher não poderia perder o marido porque uma mulher sem marido, naquela comunidade, não era respeitada” (Santos, 2016, p. 83). Assim, várias pessoas da plateia iam dando ideias e eram os atores e as atrizes que encenavam as possíveis mudanças. Todas as ideias eram aceitas e representadas. Cecília Boal, no podcast “Rádio Novello apresenta”<sup>54</sup>, conta essa história e diz que várias possibilidades eram até banais e outras sugeriam que a esposa fosse embora. Então, o marido dizia que ele ficaria naquela casa e ainda traria sua amante para morar com ele, o que certamente não agradou a plateia.

Uma mulher, na plateia, muito incomodada com a situação sugere que a esposa tenha uma conversa muito séria com o marido e que depois o perdoe. Augusto Boal acha que a ideia não condiz com a agitação da mulher, mas pede ao ator e à atriz que encenem a proposta.

O ator que representa o marido chega em casa, a atriz que representa a esposa diz que descobriu tudo e que nunca mais ele deveria fazer aquilo e que ela o perdoava. Ao ver a encenação a mulher que fez a sugestão fica muito nervosa e segue-se um diálogo entre ela e Augusto Boal. A mulher diz que pediu uma conversa “muito séria”, Boal diz que os atores realizaram a conversa “muito séria” e a mulher diz que não era isso, e sim uma conversa “muito séria”, os dois vão se exaltando e, num impulso de raiva, Augusto Boal pede que a mulher venha ao palco e que ela mesma faça a personagem da esposa. A mulher pergunta: “Posso?” e ele responde: “Podeeee!”

<sup>53</sup> Exatamente no ano de 1973. Fonte: <https://utida.medium.com/parte-3-teatro-imagem-e-teatro-f%C3%B3rum-f46dc94cc2cd>

<sup>54</sup> Rádio Novello apresenta, episódio “Quem conta a história”, publicado em 24/08/2023, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1vAjEDxRWtt3L34ZmTF4Oy?si=y5odGCYnQAaYBnLTAJw72Q>.

Assim, num impulso de raiva, a mulher deixa de ser espectadora para se tornar *spect-atriz*, pois a comunicação verbal não era suficiente para expressar sua ideia. A mulher sobe ao palco, a cena se inicia e o marido chega em casa. A mulher-atriz, que passa a representar a esposa, começa a brigar com o marido-ator e bate nele com a vassoura, derrubando itens do cenário. A mulher-esposa senta-se na cadeira e diz ao marido que ele irá lhe trazer o jantar pronto. Infelizmente, não sabemos o nome da mulher que até mesmo Augusto Boal atribui como a criadora do Teatro Fórum.

O Teatro Fórum, portanto, é uma representação teatral, e um convite para que as/os espectadoras/res se tornem sujeitos em ação, isto é, *spetc-atores*. O fórum apresenta-se como um caminho estético para se discutir um tema, para se sonhar a mudança e ir além do sonho. É o movimento de agir para expor as ideias, se permitir partir do mundo das ideias e agir no mundo real, ressaltando que o mundo das ideias é essencial para ser o ponto de partida por ser infinito em possibilidades e movido pelo desejo.

Ao convidar espectadores/ras a entrarem ativamente em cena, as próprias pessoas podem compreender as forças opressoras que estão atuando, podem improvisar e agir de acordo com suas vontades intuitivas. Por outro lado, as pessoas que são opressoras no mundo real podem ter a oportunidade de se conscientizarem disso, possibilitando, inclusive, vivenciarem, em cena, os papéis das pessoas oprimidas e compreenderem como tais pessoas se sentem quando estão vivendo sob uma opressão. Tal qual uma simulação de consulta médica, qualquer pessoa durante uma sessão de Teatro Fórum pode viver por algum tempo um papel que existe no mundo real e experimentar as sensações em ação.

O Teatro Fórum é “uma técnica teatral na qual a barreira entre palco e plateia é destruída e o diálogo direto é implementado” (Santos, 2016, p. 85). A cena criada, denominada cena modelo, “é uma representação cênica de um problema real – com pessoas que vivenciaram o problema – onde oprimidos e opressores entram em conflito na defesa de seus desejos e interesses” (*ibidem*). É importante que a cena modelo apresente o conflito que gera a opressão, deixando evidente quem são as pessoas oprimidas e quem são os/as opressores/ras. Além disso, o enredo deve ser finalizado sem que as pessoas oprimidas resolvam a opressão apresentada, pois a mesma será debatida em ação durante o fórum.

Somente após assistir a cena modelo começará o fórum. Neste momento, as pessoas da plateia serão convidadas a entrar em cena e agirem esteticamente para “pensarem em ação” estratégias para transformar aquela realidade apresentada. O processo de construção de uma cena de Teatro Fórum é tão importante quanto o resultado estético. O fato de falar sobre as opressões vivenciadas para se criar a cena é, por si só, um caminho para desvelar e

trazer consciência sobre as estruturas de poder, de se olhar para o problema a partir de outras narrativas e, uma forma de as/os participantes se reconhecerem pertencentes a um coletivo que sofre as mesmas opressões.

Como dito anteriormente, é necessário reconhecer as opressões e se tornar sujeito em ação da própria vida, sem se resignar num pensamento de como “as coisas são assim e basta”, mas perceber que a opressão que assola uma determinada pessoa pode ser uma opressão social e, portanto, coletiva. O Teatro Fórum é um caminho para a conscientização de tais opressões, de que somos sujeitos em ação, que pertencemos ao mundo e podemos nos omitir ou agir. Como seres humanos somos criativos e coletivos e não seres passivos. O sentimento de pertencimento pode nos mover para a ação.

Para a criação da dramaturgia da cena modelo do Teatro Fórum, é preciso compreender três conceitos fundamentais: Contexto Social, ASCESE e Metáfora. Bárbara Santos (2016, p. 198) desenha um esquema para explicar esses três conceitos, representados na figura a seguir:

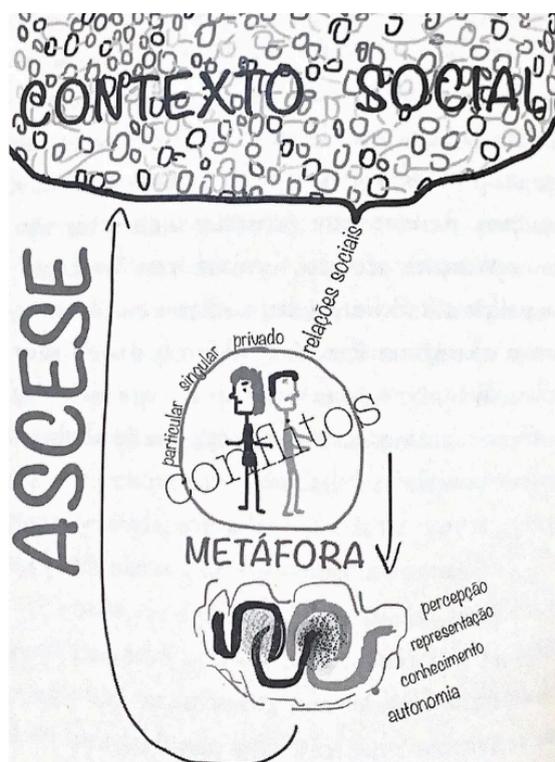


Figura 3 - Ilustração de Bárbara Santos, apresentando os conceitos de Contexto Social, ASCESE e metáfora

Podemos definir que contexto social é a forma como os problemas se apresentam para determinada pessoa em determinada situação. Quando uma pessoa oprimida narra a sua história de opressão, é necessário buscar o contexto social no qual essa história está circunscrita para compreender as “implicações afetivas, econômicas, hierárquicas, políticas, culturais (entre outras)” (Santos, 2016, p. 197). Por vezes, as pessoas oprimidas se responsabilizam pelas opressões que sofrem, por isso é importante incentivar que as pessoas contem suas histórias individuais. Em seguida, em coletivo, buscamos revelar o contexto social, trazendo consciência sobre as relações de poder envolvidas. Para encontrar soluções reais, a encenação teatral vai representar os problemas e não apaziguar os conflitos. “Para provocar mudanças efetivas é preciso revelar o conflito, ou seja, mostrar o que não pode ser identificado na superfície do problema, descortinar os motivos que o alicerçam” (Santos, 2016, p. 197)

No Teatro do Oprimido, ASCESE<sup>55</sup> é o caminho do Micro (problema individual) ao Macro (contexto social). “A ASCESE visa a retirada do véu da ignorância (...). O grupo constrói sua perspectiva sobre o problema que necessita transformar. [A] criação da representação estética deve ser processo de produção de conhecimento” (Santos, 2016, p. 200). A partir da construção estética do grupo, é tarefa do/da curinga “facilitar essa ASCESE coletiva, através de perguntas, provocações e informações que promovam a análise das circunstâncias mais gerais (...). A sessão de Teatro Fórum também deve ser um exercício de ASCESE” (*ibidem*).

Reveladas as opressões pessoais, propõe-se que a pessoa oprimida as represente por meio de Metáforas, ou seja, que use imagens, palavras<sup>56</sup> e sons para representar esteticamente essa opressão. “Cada vez que, diante de um problema, buscamos formas de representá-lo, temos de sair da posição de quem o vive para a de quem o observa” (Santos, 2016, p. 203). Ao se mover de dentro do problema para fora, para uma posição de observador/a, nos permitimos deixar a perspectiva interna para encontrar a visão mais expandida, para que possamos nos conscientizar sobre o que está no entorno, ampliando a área de percepção e acesso à realidade.

---

<sup>55</sup> A palavra ASCESE vem do grego e significa exercício. Fonte: “Dramaturgia do Teatro do Oprimido e estrutura do Teatro Fórum”, disponível em: <https://utida.medium.com/parte-9-dramaturgia-do-teatro-do-oprimido-e-a-estrutura-dram%C3%A1tica-do-teatro-f%C3%B3rum-9bd4bff5e0d5>. Acesso em: 01 Mar. 2024.

<sup>56</sup> “Palavra”, na Estética do Oprimido, tem a ver com o seu uso estético amplo, além do seu uso discursivo.

Percebendo, investigando e analisando o entorno, pode-se entender relações de poder, estruturas hierárquicas, fragilidades emocionais, condições econômicas, influências sociais e muitas outras coisas, que, aparentemente, não estavam incluídas no relato original da história, apesar de estarem incrustadas nas causas e na manutenção da situação em questão. (Santos, 2016, p. 204)

Como observamos na figura acima, as pessoas estão envolvidas num conflito que, a princípio, é particular. Observe que as pessoas estão conectadas ao contexto social, pelas relações sociais, embora às vezes não tenham consciência disso. Então, produzem as metáforas que as transformam também em observadoras de suas próprias realidades, o que propicia realizarem a ASCESE, ou seja, coletivizar as opressões, ir do micro ao macro, e revelar o contexto social. Assim, as pessoas participantes do processo irão contar suas histórias de opressão, expressar-se esteticamente utilizando metáforas, para chegarem ao contexto social por meio da ASCESE.

Augusto Boal afirmava que quando não se estabelece a ASCESE na sessão de Teatro Fórum, esta perde tanto sentido político quanto efetividade. Não se realiza uma Sessão de Fórum para analisar apenas o problema que Maria enfrenta em sua relação com João. Não se trata de centrar a análise e a discussão no caso particular entre este homem e esta mulher. A questão é compreender as implicações sociais que influenciam e determinam as relações entre homens e mulheres, a partir da história deste casal. Revelar que representações de homem e de mulher são socialmente valorizadas e disseminadas (Santos, 2016, p. 201).

Dessa maneira a criação de um Teatro Fórum se inicia por reconhecer que existe um conflito, é por esse motivo que utilizamos essa metodologia na quarta aula de MEET, que, como dito anteriormente, tem como tema “Como lidar com conflitos?”. Para resolver, ou se encaminhar para a resolução, é preciso reconhecer o conflito, usar da mediação, de entender suas causas e consequências, utilizar de práticas para seu enfrentamento. Bárbara Santos (2016, p. 204) sugere que é mais eficiente do que evitá-lo, é aproveitar o conflito como exercício vital para a sobrevivência, para bons relacionamentos e desenvolvimento humano.

O fato é que “toda sociedade é fragmentada e cada fragmento tem suas necessidades e interesses. É pelos conflitos que as sociedades se movem” (Boal, 2009, p. 71). Na nossa cultura o fim dos conflitos é estimulado como uma forma de evitá-los e não de resolvê-los. Por exemplo, nas escolas, as crianças muitas vezes são obrigadas a “fazerem as pazes” sem que haja uma mediação para o entendimento do problema, desta maneira elas são ensinadas de que não serão ouvidas, não serão atendidas em seus desejos e não devem negociar com a outra pessoa.

Outro exemplo da cultura patriarcal é o de ensinar mulheres a manterem a paz em seus lares,

mesmo que seja a custo da imposição da passividade. Este tipo de felicidade familiar: rejeita conflitos, silencia insatisfações, omite reivindicações, evita denúncias e privatiza violências físicas e psíquicas. A passividade gera a paz artificial, que sufoca a necessidade vital de expressão, reprime afetos e tensões que podem ser transformados em submissão, em doenças físicas e mentais ou, ainda, explodirem em atitudes violentas (Santos, 2016, p. 205).

Encarar o conflito, se aprofundar, exercitar a escuta, experimentar processos ativos de resolução possibilita o aprendizado sobre empatia, solidariedade, a mudança de ideia e/ou perspectiva e a habilidade de imaginar outras possibilidades de ação. Acolher a diversidade de pessoas e ideias propicia o desenvolvimento humano. Quando a diversidade é substituída pela desconfiança, passam a existir dois grupos: “os outros” e “nós”, e daí pode nascer a intolerância. “Com mais frequência do que se imagina, grandes conflitos se alicerçam em diversas e potentes sementes plantadas nas cabeças dos envolvidos, através da educação, cultura, religião, estratégias políticas, entre outras experiências sociais” (Santos, 2016, p. 208).

Para o teatro, o conflito é essencial para a cena, muitas vezes é o fio condutor da dramaturgia. Para o Teatro Fórum o conflito da vida real é o objetivo da encenação.

### 2.2.1 Regras do Teatro Fórum

Boal (2014, p. 50) explica que as regras do Teatro Fórum são importantes para que “se produza o efeito desejado: o aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz, a descoberta de táticas e estratégias para evitá-la e o ensaio dessas práticas”.

Sobre a dramaturgia (ou roteiro de ações) é preciso que seja elaborado com o objetivo de ser o mais claro possível, apresentando todos os personagens e suas ideologias. “As soluções propostas pelo/a protagonista dentro da estrutura da peça [ou cena] que servirá de modelo ao debate-fórum devem conter pelo menos uma falha política ou social” (*ibidem*). Durante o fórum essa falha será analisada e motivará as pessoas da plateia a irem à cena para improvisarem suas ideias em busca de uma resolução. Sendo assim, as situações opressoras devem ser bem definidas e apresentadas de maneira objetiva.

“Teatro Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico, no sentido de que todos aprendemos juntos, autores e plateia” (*ibidem*). A cena modelo precisa apresentar questões, indagações, inquietações para que a plateia se sinta mobilizada a intervir, pois durante o fórum é a plateia que deverá propor alternativas e trazer as respostas para resolução da opressão.

Apesar de Augusto Boal afirmar que a peça pode ser de diversos gêneros teatrais, a maior parte delas é representada no gênero realismo, o autor afirma que somente os gêneros “surrealista ou irracional [são incompatíveis] – porque o objetivo é discutir sobre situações concretas” (Boal, 2014, p. 51).

Idealmente, a cena modelo deve ter o mesmo rigor que qualquer outro espetáculo de teatro. As/Os personagens devem ser bem construídos e elaborados, com gestos precisos que apresentem seus propósitos e objetivos. Importante também propor o uso de figurinos, o uso técnico do espaço, do cenário e de todos os outros recursos cênicos que se dispuser, tais como música, luz, atuação, movimentação, expressão corporal, dentre outros.

Bárbara Santos (2016, p. 224-236) descreve os elementos principais para uma cena de Teatro Fórum:

**Contextualização:** como dito anteriormente é preciso inserir o contexto social na dramaturgia, sendo esse um desafio e ao mesmo tempo uma necessidade ética e política.

**Conflito:** as opressões são reveladas por meio do conflito entre oprimidos e opressores, o conflito precisa estar em cena, ele é a própria pergunta que o grupo que encena faz à plateia.

**Protagonista:** é uma personagem que representa um grupo de oprimidos e oprimidas. A protagonista é uma pessoa oprimida, que não deve estar resignada, e sim motivada a lutar pela transformação da realidade.

**Alianças:** é desejável que se inclua personagens aliadas ou que possam se tornar aliadas em algum momento, para que o Teatro Fórum não se configure a impossibilidade de resolver os conflitos apresentados.

**Contrapreparação:** “A contrapreparação é a contramão do conflito central. O modelo deve começar seguindo na direção do sonho da protagonista”, legitimando seus desejos e apresentando suas razões, e depois “seguir na direção oposta, do conflito e de sua crise” (Santos, 2016, p. 229).

**Desejo e necessidade:** é por meio do desejo e da necessidade que se consegue a identificação com a plateia. Os desejos representam os sonhos, a utopia, e a necessidade se apresenta como o fato concreto, algo que pode ser realizado. “O modelo deve revelar a injustiça da situação. Estar ciente de uma injustiça social e de necessidade de mudança não garante a realização

da luta. É preciso desejo, vontade, esperança e confiança na possibilidade de transformação” (Santos, 2016, p. 230).

**Caracterização:** é a forma como as personagens se apresentam. Para além de figurinos e adereços, é preciso deixar evidente quem são as personagens e quais são seus objetivos.

**Estratégias de luta:** é a maneira como a/o protagonista age diante do conflito da opressão; quanto mais estratégias forem apresentadas, mais opções a plateia terá para agir e pensar alternativas.

**Crise chinesa:** a crise chinesa é representada em mandarim “por dois ideogramas que representam conceitos associados: perigo e oportunidade. Momentos de crise são de perigo para quem os vive e, ao mesmo tempo, são oportunidades de aprendizado, de superação, de descoberta e de mudança” (Santos, 2016, p. 232). O momento de crise apresentado na cena modelo do Teatro Fórum deve trazer o perigo iminente e também a oportunidade que não será vista pela/pelo protagonista.

Novamente trazendo para a maneira como utilizamos o Teatro Fórum na metodologia MEET em aulas do curso de graduação em medicina, não dispomos de muitos recursos cênicos, nem mesmo de tempo de ensaio prévio ou de uma dramaturgia escrita e elaborada para cada cena. Ainda assim, buscamos que as cenas modelos tenham todos os aspectos descritos. Em todas as sessões que já realizamos, as cenas foram potentes e tiveram o objetivo pedagógico alcançado.

Em nossas aulas, a **criação da cena modelo** se dá da seguinte maneira:

As/os estudantes voluntárias/os conversam sobre possíveis temas para a cena modelo, trazendo suas histórias pessoais, histórias de outras pessoas ou até mesmo problemas que assolam a sociedade. Essa conversa se dá por meio de mensagens em um grupo no Whatsapp pelo período de três a quatro dias. Nós, professoras e professores, acompanhamos as mensagens e fazemos uma moderação, pedindo que depois do levantamento das possibilidades escolham uma das opressões. Para a escolha, pedimos que priorizem opressões que lhe sejam mais próximas; por exemplo, ao invés de se discutir o aquecimento global é mais interessante se discutir sobre a hierarquia dentro de um hospital estudantil.

Decidida a opressão, solicitamos que façam um roteiro de ações ou mesmo uma dramaturgia da cena que irão representar e apresentar, bem como incentivamos que façam a divisão dos/das personagens e levem opções de figurinos para usarem no dia. O uso de

figurino é importante sobretudo para caracterizar a pessoa oprimida, e pode se materializar numa bolsa, um chapéu, um casaco. Este processo todo dura uma semana, o tempo entre a terceira e a quarta aula da metodologia MEET.

No mesmo dia da sessão fórum realizamos um ensaio da cena modelo. Com base no roteiro e das personagens previamente definidas, partimos para ação. Como somos sempre dois/duas professores/ras artistas a conduzir as aulas<sup>57</sup>, um/a de nós fica na sala com a maior parte dos/das estudantes e conduz uma sessão de Teatro Imagem enquanto a outra pessoa vai até outra sala com os/as estudantes voluntários/rias e prepara a cena modelo. A apresentação desta envolve bastante improvisação, já que o ensaio se dá em uma hora, exigindo dos/das estudantes presença cênica e o jogo de atuação próprio do estado improvisacional.

Após o ensaio, os/as estudantes retornam à sala de aula para iniciarmos a sessão de Teatro Fórum. A plateia são os/as outros/as colegas que ficaram na sala de aula, realizando o Teatro Imagem, e, já foram informados sobre como se dará a sessão de Teatro Fórum.

**A sessão de Teatro Fórum acontece da seguinte maneira:**

1. A cena modelo é apresentada
2. A/O curinga conversa com a plateia, confirmando primeiramente se as opressões e os conflitos foram identificados, se a plateia reconhece quem é a pessoa oprimida (em alguns casos temos mais de uma pessoa e, portanto, a plateia poderá identificar todas neste momento ou no decorrer do fórum).
3. A/O curinga pergunta se alguém da plateia tem alguma ideia de como a pessoa oprimida poderia agir de maneira diferente. Ela/ele incentiva que a pessoa que tenha uma ideia, ao invés de falar sobre, vá contracenar com os/as demais atores e atrizes, atuando como a pessoa oprimida, substituindo a outra atriz ou ator e vivendo todas as forças opressoras.
4. A pessoa que tem a ideia deve se levantar e escolher o momento da cena que em que deseja atuar<sup>58</sup>. A pessoa escolhe qualquer parte da cena: o início, o meio, o fim, ou até insere uma nova situação em qualquer momento. O/A espectador/a vai em direção ao espaço do palco e entra em ação como

---

<sup>57</sup> Na metodologia MEET, estamos sempre em duas pessoas para conduzir a parte artística para que uma pessoa apoie a outra. Enquanto uma pessoa conduz os jogos, a outra observa e acolhe quem porventura precisar de auxílio. Ressaltamos que temos 40 estudantes em cada aula e que ao se mover o corpo e criar artisticamente, alguns sentimentos podem ser aflorados e é preciso acolher estudantes que precisarem.

<sup>58</sup> Augusto Boal (2014, p. 52) propunha de maneira diferente: ele dizia que a cena recomeçaria e a plateia novamente veria todos os fatos acontecerem e qualquer pessoa da plateia que tivesse uma ideia deveria levantar-se e parar a cena no momento em que desejasse mudar algo. Desta maneira, o curinga enfatiza que se ninguém se levantasse a cena seria repetida da mesma maneira e portanto, teria o mesmo final. Assim como no mundo, se ninguém se propuser a agir de maneira diferente, a situação continuará tal como está.

*spect-ator/ spect-atriz*. Ele/ela não deve dizer sua estratégia, nem o que pensou. Entrará em cena juntamente com os atores e atrizes que prepararam a cena modelo, e que deverão improvisar e encontrar meios de manter a opressão diante da mudança de atitude da personagem oprimida, agora substituída por outro/a *spect-ator/ spect-atriz*.

5. Após a substituição, o/a curinga deve conversar com a plateia e verificar o que os/as espectadores/ras acharam das alterações propostas. A plateia pode aceitar ou recusar a proposta; se for recusada, outra pessoa deverá ir até a cena e realizar uma proposta diferente.
6. Podem ser realizadas quantas ações forem necessárias ou desejadas pela plateia. Nem sempre a opressão é resolvida, o importante é criar repertórios, de como pessoas oprimidas poderiam agir diante dos mesmos problemas no mundo real.
7. A sessão de Teatro Fórum se encerra quando a plateia estiver satisfeita com as ideias testadas em cena ou quando se extinguir o tempo e/ou as ideias. Augusto Boal (2014, p. 55) diz que se o que estiver sendo discutido for uma questão urgente, algo que acontecerá em breve na vida real, e aquele coletivo tiver que lidar diretamente com o problema, “deve-se propor um modelo de *ação para o futuro*, a ser interpretado pelos *spect-atores/ spect-atrizes* que (...) participarão desta ação. É um treino, um ensaio, uma forma de se fortalecer”.

“O objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os *spect-atores [e as spect-atrizes]*, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na vida real” (Boal, 2014, p. 53). Desta forma, todos – autores/autoras, atrizes/atores, curinga e plateia – “tomam conhecimento das possíveis consequências de suas ações. Ficam conhecendo o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias das pessoas oprimidas” (*ibidem*).

Em ação, de maneira fictícia, é possível tentar caminhos, refazer, voltar no tempo e tentar alterar o desfecho. Simultaneamente, as pessoas oprimidas exercitam a imaginação do que se pode fazer e todos/todas aumentam seus repertórios de ações. O Teatro Fórum é um jogo que consiste “nessa luta entre o *spect-ator* – que tenta uma nova solução para mudar o mundo – e os atores que tentam oprimi-lo, como seria na realidade verdadeira, obrigá-lo a aceitar o mundo tal como está” (*ibidem*). Atores e atrizes devem se manter improvisando, presentes, pensando e agindo sem separar uma coisa da outra, aceitando as reações uns dos

outros. As personagens opressoras podem intensificar a opressão para que a/o *spect-atriz/spect-ator* sinta como é difícil alterar a realidade, mas devem também estar disponíveis para ceder se o que foi proposto for forte o suficiente para isso.

As ideias testadas nas substituições que forem aceitas pela plateia podem reverberar nos momentos que acontecem posteriormente na linha do tempo, isto é, se uma substituição altera o início da cena, é preciso imaginar o que acontece no decorrer do tempo depois desta mudança e isso também é feito em ação. Por exemplo: uma cena modelo representa uma família, a mãe, o pai e uma filha. Vemos ações diárias do pai aumentando a violência, até que no último momento ele agride fisicamente a esposa enquanto a filha assiste a tudo isso. Se a substituição se dá nos primeiros momentos e a proposta é que a mulher saia de casa e vá morar com a avó da criança, os momentos seguintes deixam de existir, mas é importante que a plateia encene o que acontece neste futuro a partir da mudança – o marido vai atrás da esposa? a mulher encontra outras pessoas aliadas? a mulher volta para casa depois de um tempo? O/A curinga precisa provocar a plateia instigando a olharem para o problema apresentado como um prisma de possibilidades.

O/A curinga jamais deve impor as próprias ideias ou tentar manipular a plateia em prol de algo em que acredita, deve estar aberto/a e disponível para o que vier, seja o que for.

O curinga não decide nada, deve questionar as próprias conclusões e enunciá-las em forma de pergunta à plateia, para que ela decida. Deve ser sempre sensível ao desejo da plateia, incentivando-a também a questionar as ações propostas (Pompeo Nogueira, Velloso, 2018, p. 97).

Então, o/a curinga deve atuar como um/a provocador/a, um instigador/a. É seu papel motivar a plateia, “corrigir erros e encorajar uns e outros a interromper a cena e intervir: se os espectadores não puderem mudar o mundo, tudo ficará como está. E se quiserem mudar – pois ninguém vai fazê-lo em seu lugar” (Boal, 2014, p. 54) –, podem e devem tentar em um ambiente protegido, podem ensaiar na ficção algo que fatalmente acontecerá na vida real. Neste sentido, o fórum funciona da mesma forma que uma simulação num ambiente de aprendizagem, um lugar em que todas as ideias são permitidas e o erro é aceito e, em decorrência disso, busca-se o acerto por meio da cena, como um ensaio para a vida real.

Um dos grandes desafios da/do curinga é saber o tempo de ação. Cabe ao curinga interromper uma substituição quando a ideia de mudança tiver sido apresentada, mesmo que os atores e as atrizes em cena ainda não tenham se dado conta, pois, ao permitir que uma

substituição continue, após a ideia ter sido testada, pode ser que os atores que interpretam os opressores consigam tempo para conceber novas estratégias ou repitam a mesma opressão por não terem entendido que aquele argumento se esgotou. Desta forma, a/o curinga é também um/a diretor/a teatral em ação, tem o dever de encerrar a cena quando esta tiver cumprido sua função. É importante agradecer a coragem de quem entrou em substituição e continuar instigando para outras pessoas testarem suas ideias em ação.

*É mais uma questão de feeling do momento, para o/a curinga saber a hora de interromper a cena, a substituição. De ter uma sensibilidade muito aguçada, de perceber como as pessoas estão, se elas estão confortáveis ou não, a ponto da/do curinga entrar no jogo e interagir, para ajudar o spect-ator. Acho que no fim, (...) mais do que saber as regras é um treinamento muito prático, o de se tornar curinga.*

*É super importante a gente ter referências, porque acho também que a curingagem tá na posição de direção, de mediador, de facilitador, de condutor, sendo também a negação desses papéis ao mesmo tempo, a depender do que está acontecendo naquele grupo, naquele momento.*

*Eu acho que tem muito um olhar do educador neste sentido da curingagem, de perceber a turma, da mesma forma que na aula, em percebendo como as coisas estão acontecendo, muda-se a maneira de se colocar em jogo, de propor em ação (Nádia Morali<sup>59</sup>).*

Em uma cena de Teatro Fórum do Jana Sanskriti<sup>60</sup>, grupo de Teatro do Oprimido localizado na Índia, no qual se apresentava algo recorrente na cultura do país, uma adolescente é vendida para um homem por meio do dote para se tornar sua esposa. Na substituição, uma garota de 16 anos da plateia entra em cena. O homem a olha avaliando se é um bom negócio levá-la, ela pede para não ser olhada daquele jeito e diz: “Eu não sou um animal numa feira”. A cena continua, o pai e o homem aumentam a opressão e questionam a garota sobre o que os outros diriam sobre isso, a garota se cala por alguns instantes. A curinga então a incentiva a continuar, dizendo “O que você vai fazer quando as pessoas contarem mentiras sobre teu pai?” A garota retoma a ação e responde: “Eu vou dizer só uma coisa, é que as meninas, elas também têm direitos.” A curinga então encerra a cena, pois aquela garota conseguiu responder aos seus opressores, ela conseguiu falar o que pensava e isso era o mais importante. A sua voz pode ter ecoado em outras garotas e mulheres da plateia, e essa coragem foi a mudança mais importante.

<sup>59</sup> Transcrição de áudio enviado pela professora Nádia Morali, refletindo sobre a prática de ser curinga em sessões de Teatro Fórum nas aulas da Faculdade de Medicina, com a metodologia MEET.

<sup>60</sup> Trecho do filme “Jana Sanskriti, Um Teatro em Campanha”, de Jeane Dosse, disponível no canal Curta! em: [https://youtu.be/aOSmToNRdYc?si=XILPJ7QAZ2s\\_e00Z](https://youtu.be/aOSmToNRdYc?si=XILPJ7QAZ2s_e00Z). Acesso em: 5 Mar. 2024.



Figura 4 - Cena de teatro fórum do grupo Jana Sanskriti

“Sempre estaremos mais bem preparados para enfrentar uma necessária ação futura se a ensaiarmos hoje, no presente” (Boal, 2014, p. 54). Seguimos, então, para os relatos de como foram as sessões de Teatro Fórum com estudantes de medicina nos anos de 2021 e 2022.

### 3. As pedras no caminho: cenas de opressão

No presente capítulo iremos relatar e analisar as sessões de Teatro Fórum realizadas com estudantes de medicina na quarta aula da metodologia ao longo dos anos de 2021 e 2022. Ao todo seriam 6 sessões (3 sessões por ano), entretanto em uma das turmas, decidimos não realizar o Teatro Fórum mas uma sessão de Teatro Imagem, que será descrita no próximo capítulo. E, na primeira turma, um estudante não autorizou a participação na pesquisa. Assim, iremos apresentar as narrativas<sup>61</sup> de 4 sessões de Teatros Fórum vivenciados/apresentados.

Destaca-se que as cenas de teatro se constituem como um registro histórico de opressões vivenciadas no curso durante o período de pesquisa. Vale lembrar que no período de 2021 e 2022 estávamos diante de um governo fascista que buscava realizar uma reconstrução da história, negando fatos comprovados por dados, fotos, vídeos e documentos oficiais. Testemunhamos a propagação de discursos absurdos que afirmavam que a ditadura militar brasileira foi uma revolução, que a Terra era plana, dentre outros. Para esse processo, foram utilizados recursos estéticos tais como a produção de documentários e propagandas que deturparam a realidade presente e a passada. Portanto, realizar o exercício de criar e apresentar cenas artísticas durante a disciplina MD 444, para além do seu valor de criação estética, tem uma importância social e histórica, como preservação da memória e do registro de ações que de fato aconteceram.

Resumidamente tivemos os seguintes temas:

1. Trote escolar
2. Racismo na graduação em medicina
3. Assédio sexual e chantagem com fotos
4. Assédio contra a mulher no ambiente de trabalho
5. Opressão na graduação em medicina

A primeira cena, referente ao Trote escolar, foi apresentada de forma virtual via Google Meet. A cena falava sobre como calouros eram recebidos e apresentava o assédio de um veterano contra uma caloura e a intervenção de outras amigas para ajudar a vítima. Essa cena não será apresentada em detalhes, pois não tivemos autorização de um estudante que participou.

---

<sup>61</sup> Por uma questão ética no que concerne à proteção de dados, e também para garantir o sigilo das/dos participantes, não é possível apresentar as cenas teatrais gravadas em vídeo. Por isso, elas serão narradas sob a perspectiva da pesquisadora. As narrativas da cena estarão destacadas no decorrer do texto com outra formatação e emolduradas com uma linha pontilhada.

A cena de racismo na graduação em medicina foi realizada de forma completa, isto é, com apresentação da cena modelo seguida de fórum. O roteiro inicial elaborado pelos/pelas estudantes que fizeram a cena está disponível nos anexos da tese. Informamos que o roteiro não teve alterações por parte dos professores. Infelizmente, as gravações deste dia foram perdidas e não há imagens a serem compartilhadas.

A cena que concerne o assédio sexual e chantagem com fotos foi realizada de maneira presencial, com uma sessão de teatro fórum produtiva e com muitas questões no *debriefing*, gerando um efeito duradouro em várias estudantes que tiveram gatilhos emocionais.

A cena de assédio contra a mulher no ambiente de trabalho trazia uma perspectiva machista de um opressor que, de um lado, defende a filha de assédio e, de outro, assedia funcionárias em sua própria empresa. Foi uma sessão fórum em que se trabalhou com o enfrentamento da opressão de mais de uma personagem oprimida.

A última cena, com o tema a opressão na graduação em medicina e a supervalorização do QI (Quociente de Inteligência). Foi inspirada no livro “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes<sup>62</sup>, trazido com o propósito de debater como a faculdade de medicina, e também a sociedade, valoriza as pessoas ditas "inteligentes" e menospreza aquelas que são menos capazes em áreas como lógica.

As cenas foram agrupadas em categorias para serem analisadas, quais sejam: Racismo na graduação em medicina (1 cena), Violência de gênero contra a mulher (2 cenas) e Opressão na graduação (1 cena).

Para organização do texto, neste capítulo, optamos por não transcrever cada cena. Iremos apresentar uma sinopse e suas reverberações, narradas a partir da perspectiva da pesquisadora que observa e que simultaneamente esteve em ação. Nos anexos, é possível ler as narrativas mais detalhadas das cenas modelos.

Nas sessões de Teatro Fórum realizadas durante a pesquisa e narradas a seguir, a função de curinga foi revezada entre Adilson e eu. Dessa forma, em algumas cenas eu estava na posição de espectadora e, em outras, atuando como curinga e, portanto, eu estava participando e conduzindo o fórum. Apesar de já ter realizado essa função outras vezes, creio que é uma função de grande responsabilidade, e por vezes tenho dúvidas se estou agindo da melhor forma.

---

<sup>62</sup> Keys, Daniel, **Flores para Algernon**, editora Aleph, 2018. O romance foi adaptado para o cinema em 2000, com o mesmo título e com direção de Jeff Bleckner.

Bárbara Santos (2016, p. 245) ressalta que a prática de ser curinga tem uma dimensão pedagógica “baseada essencialmente numa *Atitude Maiêutica* – método pedagógico desenvolvido por Sócrates”, e destaca alguns pontos nos quais o/a curinga deve se apoiar, ressaltando que “em uma *Atitude Maiêutica*, a dúvida é ferramenta de estratégia reflexiva, processo de análise crítica e de busca de respostas autônomas”. O/A curinga precisa:

- ter “curiosidade diante das diversas perspectivas envolvidas na discussão”
- buscar “compreender a estrutura lógica de cada perspectiva e de identificar a constelação de interesses que alicerçam os argumentos”
- usar da “sinceridade tanto na elaboração dos questionamentos que auxiliam a discussão coletiva quanto na expressão das próprias opiniões”
- ter “responsabilidade em evidenciar aspectos prioritários da discussão e de socializar dados objetivos disponíveis”
- ter o “compromisso com a viabilidade de transformação da realidade” (*ibidem*)

### 3.1 Racismo na graduação em medicina

O primeiro tema destacado para ser analisado se refere ao racismo. Trata-se de assunto atual, importante e necessário. Vale lembrar que desde 2004 a Unicamp realiza ações afirmativas de inclusão social para ingresso na universidade. Mas somente em 2017, como resultado de lutas políticas do movimento negro, passou a ter opção de cotas raciais durante a inscrição do vestibular<sup>63</sup>.

A cena apresentada pelos/as estudantes foi uma das cenas mais impactantes e necessárias até então produzidas em aula. Os/as estudantes criaram o roteiro da cena, as personagens, os figurinos e disposição do cenário. Adilson conduziu o fórum. Naquela época, estávamos retomando o ensino presencial, ainda com restrições sanitárias, portanto a turma ficava dividida em duas salas, metade realizando os jogos com Adilson, metade comigo. Por volta da metade da aula, Adilson ficou somente com os participantes que realizaram a cena modelo do Teatro Fórum, e os demais foram para minha sala. Realizamos uma sessão de Teatro Imagem, que pedagogicamente utilizamos para ensaiar as substituições e explicar em ação sobre soluções mágicas e pontos de não-retorno. Naquele dia, o teatro Imagem foi sobre violência contra a mulher, reforçando a quantidade de vezes que esse outro tema apareceu.

---

<sup>63</sup> A Lei Federal 12.711, promulgada em 2012, conhecida como “Lei de Cotas”, garante que 50% das vagas de todos os cursos de ensino superior, de instituições federais, sejam reservadas a pessoas pretas e pardas que cursaram ensino médio em escola pública. Embora a lei infelizmente não se estenda a instituições de ensino estaduais, a Unicamp implementou ações afirmativas racialmente orientadas. O processo começou antes mesmo da lei, em 2004, quando foi criado o PAAIS (Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social), no qual as pessoas autodeclaradas pretas e pardas, e também pessoas que cursaram ensino público, recebiam uma bonificação nas notas do vestibular, isto é, não era reservada uma cota de vagas, mas obtinha-se uma pontuação a mais. Somente em “21 de novembro de 2017, o projeto de ação afirmativa a ser implementado foi divulgado. A primeira edição do vestibular da Unicamp com opção de cotas raciais e o Vestibular Indígena ocorreram em 2018, para ingresso no ano letivo de 2019” (Rosa, Facchini, 2022, p. 1).

Infelizmente, o registro visual foi perdido, portanto, será apresentada a descrição dos acontecimentos a partir da memória da pesquisadora e dos registros contidos nas mensagens das conversas no whatsapp, além do roteiro escrito da cena.

Sinopse: Juan é um estudante negro que chega à Faculdade de Medicina e sofre racismo, evidenciado desde coisas aparentemente pequenas, como a touca cirúrgica que não cobre seu cabelo volumoso, ao estilo black power, até ser ignorado pelo professor e colegas durante as aulas. Na representação, há uma personagem que faz a consciência de Juan, falando os seus pensamentos e reflexões, e os dois atores caminham juntos para realizar as ações.

A cena começa com um aluno negro, Juan, seguindo os demais colegas para se paramentar para a aula. A paramentação é um procedimento para vestir os itens de segurança antes de examinar pacientes, como luvas e touca. Juan anda sempre acompanhado de um outro ator (João) que o segura pelos ombros e mantém a cabeça baixa, no roteiro eles chamam essa personagem de “mochila” e ela age como a consciência/subtexto de Juan.

Ao chegar perto das toucas Juan fica de cabeça baixa e, diferente dos demais estudantes, não pega uma nova touca na caixa e vem ao centro da cena. Quem fala é a consciência, interpretada por João: “Nem adianta tentar, meu cabelo não vai caber, será que eu estou no lugar certo? Será que o professor vai me deixar entrar?”

Juan se aproxima dos colegas de sala que conversam animados e nem percebem o estado de ânimo do companheiro. Todos os colegas são brancos. Eles entram na sala e o paciente e seu acompanhante cumprimentam todos os estudantes exceto Juan, a quem não dão a mão. Juan se encolhe um pouco em cena.

O professor chega. É um homem branco, brincalhão com o paciente e rígido com os estudantes. Começa o procedimento, no caso eles simulam uma endoscopia. O professor é arrogante e diz que está “acima” dos estudantes. Ele se dirige a vários estudantes, exceto ao aluno negro, Juan. Pede para cada um realizar uma parte do exame e quando Juan pede para realizar, ele diz que hoje não ia dar. Juan insiste e diz que estudou anteriormente e que sabe como realizar o procedimento, que gostaria de tentar na prática. O professor é muito ríspido e pede que Juan saia da sala porque está atrapalhando e duvidando da autoridade dele.

Juan sai da sala arrasado e a consciência se pergunta: “Será que é implicância minha? Será que eu falei algo errado?”

Quando os demais colegas saem da sala encontram Juan e falam pra ele tomar cuidado com o professor, que se continuar agindo assim vai se dar mal na prova, que ele é o chefe do departamento e que sabe muita coisa.

Juan diz que o professor sempre age assim com ele, que se sente perseguido, ao que os demais respondem, para com isso, você precisa se esforçar mais, o professor é assim com todo mundo, pare de frescura e estude mais para a próxima vez. Juan até tenta contra-argumentar, mas não tem sucesso, pois seus colegas continuam a dizer que o professor tem razão e que ele está de “mimimi”.

Os colegas saem e Juan fica. O professor o encontra ao sair da sala de procedimento e diz para Juan parar de atrapalhar a aula, e questiona: “Seu lugar é aqui? Tem certeza que é isso que você quer? Você não pertence à medicina”. O professor completa dizendo que é preciso respeitar a vontade do paciente, por isso que ele não autorizou que Juan realizasse o procedimento, que ele, professor, não tem culpa.

O professor sai, e Juan fica em cena se questionando se deveria ou não estar ali.

Ao final da cena há um silêncio. Há outras e outros estudantes negros na sala. Por alguns minutos ninguém diz nada. Adilson começa a trazer os questionamentos sobre a cena, num aquecimento para o fórum: “Conseguimos perceber quem é a personagem oprimida? Todos reconheceram a opressão apresentada?”. A plateia responde afirmativamente para as perguntas. Adilson pergunta se há alguma ideia de como agir contra a opressão vivenciada. Ninguém se manifesta e começa uma conversa sobre racismo.

O aluno negro, Pepinho, fala como se reconheceu na cena, que é exatamente assim que sente na Unicamp. Ele explica que desde pequeno raspa o cabelo para evitar ser abordado na rua. Narra uma das inúmeras vezes que sofreu racismo dentro do campus. Eles estavam em vários estudantes da medicina, que costumam estar com camisetas com nome do curso, próximo ao Instituto de Biologia, conversando, quando um motoqueiro vem na direção do grupo para pedir uma informação. Ele se dirige a Pepinho e pergunta onde fica determinado lugar, ao que ele responde que não sabe, e o motoqueiro pergunta: “Você não trabalha aqui?” Pepinho questiona: “Eu estava vestido de tênis, de mochila, estava no meio de um grupo de amigos, e, mesmo assim, não sou reconhecido como estudante. É como se o lugar não nos coubesse”.

Após o relato, eu disse para ele que sentia muito que aquilo tivesse acontecido, e perguntei para a classe toda: “Até quando vamos aceitar que isso continue acontecendo? precisamos reconhecer o racismo que há em nós e imaginar novas possibilidades. É inconcebível que o hospital não tenha toucas adequadas, é inconcebível que as pessoas negras se sintam desconfortáveis em sua própria escola. O que podemos fazer? Pode ser algo pequeno, infelizmente não vamos solucionar o racismo na faculdade de medicina, nem na Unicamp e, infelizmente, nem na sociedade. O que está em nossas mãos para avançarmos em direção a isso?”

Um outro estudante se manifesta e diz que não sendo negro não tem lugar de fala e, portanto, não se sente confortável em ir substituir o ator e fazer o papel de Juan na cena. Adilson explica sobre o conceito de lugar de fala.

Djamila Ribeiro (2019) escreve um livro inteiro sobre esse tema. De forma sucinta, “lugar de fala” consiste em perceber quem é a pessoa mais capacitada a falar sobre determinado assunto. Por exemplo, para explicar racismo é importante que possamos ouvir uma pessoa negra falando; caso a única pessoa para falar sobre racismo seja uma pessoa branca, que ela seja uma aliada na luta antirracista e fale sob sua perspectiva, isto é, uma pessoa branca deveria falar sobre como é perversa a branquitude e de como ela contribui para o racismo estrutural. O fato é que as pessoas negras foram silenciadas historicamente e, frequentemente, não são chamadas para falar sobre assuntos dos quais certamente são as pessoas mais competentes. Além disso, o racismo impediu que muitas pessoas negras acessassem a universidade, escrevessem livros e contassem a sua própria história.

Reconhecer a existência de um lugar de fala permite a todos nós, que vivemos numa sociedade infestada de opressões e subjugamentos estruturais a nos perguntarmos “qual é o meu lugar de fala? qual é a pessoa que deveria falar sobre este assunto? e quem tem sido chamado para falar sobre isso? Se eu não sou a pessoa indicada, como eu contribuo para que esse assunto seja falado?”. Não é sobre deixar de conversar sobre assuntos difíceis, é exatamente o contrário. É falar exaustivamente sobre os assuntos, buscando as pessoas certas para estarem no local de destaque, ter a humildade de entender o momento de silenciar e, ainda mais, assumir uma postura crítica e em ação contra as opressões, mesmo que seja como uma pessoa aliada.

Quero abrir uma discussão sobre as substituições de pessoas não-negras na cena em que a opressão é sobre racismo. A primeira problemática se apresenta ao possibilitar que as pessoas brancas possam vivenciar, mesmo que teatralmente, o racismo que nunca viveram e assim se conscientizarem sobre o quão horrível é sofrer este tipo de preconceito. O contraponto disso é que as pessoas brancas são constantemente favorecidas e utilizar um momento do Teatro Fórum para que pessoas brancas tenham um espaço de reflexão, ao invés de fortalecer as ideias de pessoas negras que frequentemente são subjugadas, se confirma em mais um caso de racismo.

A segunda problemática, decorrente da primeira, é que pessoas brancas substituindo protagonistas negras, em um Teatro Fórum, se apresentam como heróis e heroínas que chegam para resolver o problema visto sob a perspectiva do opressor. Dessa forma, para quem detém o poder, a resolução é instantânea. Como o racismo vem diretamente

ligado à aparência física, uma pessoa branca em cena promove uma “solução mágica” do problema e é novamente colocada em um local de privilégio que a apresenta como mais sábia do que as pessoas negras.

Abro um parênteses aqui para relatar que, em 2018, participei de uma sessão de Teatro Fórum realizada pelo Centro do Teatro do Oprimido com o tema racismo, intitulada “Suspeito”. Todo o elenco era formado por pessoas negras. A cena apresentava ações racistas em uma loja de roupas, na universidade e em uma situação de caminhada na rua. Após a apresentação da cena modelo, o curinga Alessandro Conceição<sup>64</sup> conduzia o fórum e enfatizou que só pessoas negras poderiam substituir as personagens oprimidas. Foi a primeira vez que refleti sobre isso, e, na época, não compreendi a proposta e relativizei sobre as contradições de pessoas não-negras substituírem os oprimidos de racismo.

Alessandro Conceição (2017), em sua dissertação de mestrado, conta que essa decisão sobre as substituições demorou 6 anos para acontecer. Envolveu várias experiências de fórum, desde a montagem do espetáculo até as inúmeras tentativas de fóruns, reuniões e encontros com a equipe do CTO. Mas, e as pessoas brancas que quiserem participar? Elas podem, desde que entrem em cena como pessoas brancas, interpretando novas personagens que querem ser aliadas. Elas podem ir até a cena e se colocarem em seus próprios papéis sociais, podem experimentar em cena formas de se tornarem parte do movimento antirracista a partir da própria perspectiva.

Inicialmente a peça “Suspeito” era interpretada por um elenco que contava com pessoas brancas e negras. Após um período, quando o grupo compreendeu a importância de ter um núcleo que fosse discutir o racismo na perspectiva das pessoas que realmente já viveram esse processo, decidiram por um elenco exclusivamente de pessoas negras. Alessandro relata que tiveram

enorme dificuldade em encontrar músicos negros e formar um elenco totalmente negro. Era muito expressiva a disponibilidade de pessoas brancas que queriam participar e as negras que também queriam, mas não podiam. Essa real dificuldade foi outra forma de atentar com o racismo presente na sociedade, pois a partir desta escolha política, passamos a enfrentar a fúria, o escárnio, o descaso e muito ódio de pessoas que até então considerávamos parceiras (Conceição, 2017, p. 55).

Alessandro conta como se deu o processo de verificar que quando pessoas brancas substituíram as pessoas negras em cena, elas ofereciam propostas que não condiziam com a realidade.

---

<sup>64</sup> Alessandro Conceição é jornalista, mestre em relações étnico raciais, e curinga do Centro de Teatro do Oprimido - CTO.

No momento em que pessoas brancas substituíam os personagens negros, a diferença dos corpos e das cores já demonstrava imagens diferentes. A medida que estes corpos brancos desenvolviam suas alternativas como se fossem pessoas negras, as intervenções, as ideias, as sugestões, se mostravam ora fáceis demais, ora românticas demais, como por exemplo, um jovem branco ao substituir um jovem negro no momento da abordagem policial dá um beijo no policial. Situações como estas eram muito frequentes nos fóruns. Além do elenco, as pessoas negras que assistiam aquela cena, argumentavam que se fosse na realidade uma pessoa negra dificilmente faria aquilo e que, portanto, tal situação não serve. As discussões tomavam ares acalorados, com pessoas negras indignadas com a postura de pessoas brancas e algumas pessoas brancas dizendo que só queriam ajudar. E que não entendia do porquê de tanta agressividade e até ainda afirmando que, como é teatro, então vale tudo, pois ator/atriz não tem sexo nem cor. Mesmo eu, na função de Curinga mediador do fórum explicitando que estamos em busca de ações que possam nos ajudar a enfrentar o racismo e que, além do Teatro do Oprimido trabalhar com a realidade, as imagens por si só já falam. Então, como não considerar um corpo branco substituir um corpo negro e ainda sim dizer que não há diferença? (Conceição, p. 2017, 80).



Figura 5 - espetáculo “Suspeito”<sup>65</sup>

Ao escrever sobre isso, me lembrei de uma outra aula da MD 444, que provavelmente aconteceu em 2019. Durante o *debriefing*, o professor Jamiro falava sobre a importância de não se calar diante de coisas que estavam erradas. Então, para exemplificar, ele conta que uma vez estava andando por uma praça e tinha uma viatura da polícia estacionada de maneira errada, atravessada, atrapalhando a passagem das pessoas. Ele olhou

<sup>65</sup> A foto foi retirada do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=504890336685557&set=a.360823904425535>, outras fotos do espetáculo, estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=764640560710532&set=pcb.764641034043818>, acesso em 25 de março de 2024.

em volta e viu dois policiais tomando café a alguns metros dali, então foi até lá e questionou os policiais daquela atitude, dizendo que eles deveriam ter estacionado a viatura da maneira correta. Um estudante negro disse: “Professor o senhor pôde fazer isso, mas eu jamais poderia, eu teria sido preso por desacato, na melhor das hipóteses”.

Retomando o dia da sessão de fórum, na sala de aula, confesso que eu mesma não pensava da maneira como estou defendendo nesta tese. A mudança de perspectiva se deu, para mim, exatamente no processo de estudo e aprofundamento desses conhecimentos, e por ter tido a oportunidade de ler, ver e ouvir o trabalho de outras pessoas negras, tais como Alessandro Conceição, Licko Turle<sup>66</sup>, Dimir Viana<sup>67</sup> e Bárbara Santos.

Naquele dia, mesmo tendo convidado todas as pessoas para a substituição, elas se recusaram. Assim, não aconteceu nenhuma substituição, mas uma ação na própria plateia, misturando cena com *debriefing*, ficção com realidade.

O estudante Yellse, que é negro, fala sobre as dificuldades que vivencia na universidade e diz que a postura dos colegas pode, sim, ser diferente. Yellse é uma pessoa muito tranquila e trouxe grandes ensinamentos em poucos minutos ao falar, com sabedoria e paciência, sobre atitudes que podemos ter diante de situações racistas como, por exemplo, não nos omitirmos. Adilson convida a aluna Lara Brasilis para se sentar perto de Yellse e pede que ela se mantenha na postura que teve em cena, dizendo que o problema ocorrido na sala de procedimento não é pessoal, que ele é que está se vitimizando.

Yellse, com muita calma e gentileza, explica para ela que aquele comportamento tem se repetido sistematicamente desde seu ingresso na universidade, e que ela poderia ter se recusado a realizar o procedimento para ceder a vez para o aluno Juan. A aluna Lara Brasilis argumenta que, nessa situação, seria ela que ficaria sem aprender, e Yellse explica que deixar de ser racista é, por vezes, abrir mão de um privilégio. Ele continua e diz que em breve, ela provavelmente será chefe de algum departamento, ou terá o próprio consultório, e lhe pergunta: “Quantos médicos negros estarão contigo? Você contrataria especificamente pessoas negras?” A aluna Lara Brasilis tenta se manter na postura opressora da personagem, mas não consegue, ela se desculpa pela sua própria atitude em cena e na vida.

---

<sup>66</sup> Licko Turle é curinga, pesquisador, ator e diretor teatral é licenciado em Letras (UERJ) e possui os títulos de mestre e doutor em Artes Cênicas. Realizou pós doc e foi professor visitante da UFBA. É uma das pessoas que estuda e realiza Teatro do Oprimido na perspectiva de raça.

<sup>67</sup> Dimir Viana é educador social, multiplicador de Teatro do Oprimido, ator e diretor teatral. Doutor em educação pela UNICAMP e *Università di Bologna*. Para além disso, é um amigo pessoal e foi membro da banca de qualificação deste doutorado, insistindo para que eu apresentasse argumentos coerentes com o tema que foi trazido pelos estudantes e sobre o qual me propus a debater, pela minha ótica, mas sem me evadir das questões.

O racismo sempre existiu na academia, “o conflito se acentuou após a entrada de estudantes negros/as pelo sistema de cotas”. Com certeza, “as ações afirmativas não aumentaram o racismo. Ocorre que a maior presença de estudantes negros/as no ensino superior fez emergir o racismo existente, tornando imprescindível seu debate” (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 3).

O aluno João, que fez a consciência (mochila), é negro e possui um cabelo grande e cacheado, explica como o seu cabelo faz parte de sua identidade. Num ritual que acontece na faculdade, os calouros raspam a cabeça (de maneira consentida<sup>68</sup>) e pintam várias bolas no couro cabeludo e ficam parecendo “cabeças de cogumelo”. João quis participar da brincadeira e raspou a base do cabelo, desenhando as bolas coloridas, no entanto, a parte de cima ele não alterou, mantendo os cachos, que demoraram mais de 4 anos para chegarem ao comprimento em que estavam.

João também relatou que um professor não o deixou participar da liga de cirurgia porque tinha o cabelo volumoso. Exatamente. Por mais inacreditável que possa parecer, após várias conversas entre João e o professor para que o aluno pudesse integrar a liga de cirurgia, o professor foi explicando o funcionamento, os dias e horários de encontro, material para estudo e quando chegou o momento de João frequentar os encontros com os companheiros da liga, o professor disse que ele só poderia ir se cortasse o cabelo. João explicou que cortar o cabelo para ele é mais do que pode ser para a maior parte das pessoas, é como tirar sua identidade, como ele se reconhece e se identifica no mundo e na sociedade. Assim, ele desistiu da liga de cirurgia. João termina o semestre dedicando algumas linhas para essa experiência em seu relato final:

*Obrigado pelo espaço seguro que a disciplina me proporcionou, me senti acolhido e pude falar sobre temas que eu geralmente não falo, como racismo e autoidentificação (João, 2021).*

Encerramos a aula reflexivos e nos comprometemos a auxiliar na luta antirracista. Mesmo assim, depois de 2 anos do ocorrido ainda não conseguimos com a secretaria do hospital a compra sistemática de toucas para cabelos grandes, como os cabelos negros.

Frantz Fanon (*apud* Fredrich *et. al.*, 2022, p. 5), médico negro explica sobre a sensação de inadequação e sobre como o seu erro poderia acarretar no desmérito de todos e todas as próximas pessoas negras a exercerem medicina.

---

<sup>68</sup> No começo do ano 2000 um calouro de medicina morreu durante um trote da faculdade. Os trotes das faculdades de medicina foram os mais violentos durante anos seguidos. Felizmente, o cenário mudou e os trotes escolares têm sido ressignificados para momentos em que se valoriza a criação de laços entre veteranos e calouros.

Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a me fragilizar, tremia ao menor sinal de alerta. Sabia, por exemplo que, se o médico cometesse um erro, estariam acabados ele e todos os que o sucedessem. O que se pode esperar, na verdade, de um médico negro? Enquanto tudo estivesse correndo bem, era alçado às nuvens, mas cuidado, não faça nenhuma besteira, em hipótese alguma! O médico negro jamais saberá a que ponto sua posição beira o descrédito. Eu lhes digo, já estive emparedado: nem minhas atitudes civilizadas, nem meus conhecimentos literários, nem minha compreensão da teoria quântica eram vistos com bons olhos.

Vanessa Friedrich<sup>69</sup> *et. al.* (2022) em seu artigo “Desvelando o racismo na escola médica: experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em Medicina” explica que há três dimensões do racismo que oprimem o/a estudante de medicina: racismo internalizado, racismo interpessoal e racismo institucional. Ela completa que essas dimensões “se sobrepõem, evidenciando seu caráter estrutural, atrelado ao desenvolvimento histórico-econômico de nosso país” (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 1).

O racismo internalizado representa a interiorização dos padrões racistas pelo grupo estigmatizado, incorporando visões negativas sobre si mesmo no que se refere à capacidade, habilidade e valor. Em relação aos sentimentos negativos despertados, os/as estudantes relataram dor, autocobrança, impotência, inferioridade, insegurança, sensação de não pertencimento, nervosismo, pessimismo, raiva, revolta, baixa autoestima, solidão, angústia, tristeza, vergonha, preocupação com o futuro profissional, medo e fenômeno do impostor (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 4).

A crença de inferioridade dos/as estudantes negros/as é reforçada em nível interpessoal nos olhares, piadas ou comentários sobre o cabelo. Em nível institucional, nega-se a necessidade do estudo da saúde da população negra, enquanto a baixa representatividade no corpo docente e discente não é percebida como expressão do racismo (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 1).

Os problemas são bem profundos, porque revelam que uma pessoa branca enfrenta menos dificuldades que uma pessoa negra. Ao se cursar medicina e, sinceramente, em qualquer área, as pessoas negras sofrem diversas violências no caminho para se sentirem legitimadas. Mesmo sendo portadoras de conhecimento, são exigidas delas mais embasamento, que se portem de um “jeito correto” para terem minimamente a chance de serem ouvidas.

A representatividade é outro fator importante. “A visão que vislumbra pessoas negras apenas na posição de serventes faz parte de uma ideologia fomentada desde a infância, a partir da educação e da mídia” (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 6). Como dito anteriormente, Augusto Boal denomina isso de “Invasão de Cérebros”, ou seja, quando em todos os lugares a pessoa negra não é representada em locais de poder, com bons cargos de trabalho, definitivamente fica introjetada a desconfiança de que determinado lugar não lhe pertence, ou

---

<sup>69</sup> Vanessa Friedrich é médica e atualmente é promotora de saúde profissional na Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, também é professora nas Faculdades Pequeno Príncipe. Possui Mestrado em Ensino das Ciências da Saúde.

de que não será capaz de realizar tal trabalho. Soma-se a isso uma sociedade que mantém o mito da democracia racial, que propaga que não há diferenças entre as pessoas por causa de sua etnia, e, portanto, legitima violências racistas e “cria as condições para a internalização desses valores por pessoas brancas e não brancas, naturalizando desigualdades historicamente e socialmente construídas” (*ibidem*).

Falando especificamente sobre o curso de medicina da Unicamp, William Rosa e Regina Facchini (2022) publicaram um dossiê intitulado “Você é um dos reprovados?: Cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina”, no qual apresentam dados sobre a entrada e permanência de estudantes negros/negras e vários depoimentos de momentos em que eles e elas sofreram racismo. Sobre a quantidade de estudantes negros/negras no curso de medicina da Unicamp,

em 2015 havia 10 autodeclarados negros no curso (dois pretos e oito pardos), seguindo tendência de menos de 10% de pretos e pardos matriculados (...). Já em 2016, ano em que houve mudanças nos critérios da bonificação no PAAIS<sup>70</sup>, o número de autodeclarados subiu para 34 (30 pardos e quatro pretos). Nos anos seguintes, considerando as várias formas de ingresso (PAAIS, ENEM-Unicamp, livre concorrência e a opção por cotas raciais, possível a partir do vestibular de 2018), constatou-se contínuo crescimento de autodeclarados pardos e aumento considerável de autodeclarados pretos. A partir de 2019, estudantes pretos e pardos passaram a compor uma média consistente de 41,5% dos matriculados no curso (Rosa, Facchini, 2022, p. 26).

As reações ao racismo, realizadas por estudantes negros/negras, nem sempre são conscientes e podem ter estratégias individuais ou coletivas. “Dentre as individuais, podemos citar: alterar a aparência (...), empenhar-se mais nos estudos, ignorar as situações de racismo, evidenciar as conquistas pessoais aos colegas e buscar apoio psicológico” (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 9). Há pouco tempo, encontrei o estudante João em uma aula de simulação de consultas do 4o ano, ele estava com o cabelo curto. Achei inoportuno abordar isso com ele, porque, independente do que ele dissesse, com certeza haveria a camada de reação ao racismo, e falar sobre isso sem o tempo adequado para uma escuta acolhedora, poderia machucá-lo. Eu fiquei muito triste e imaginei o quanto esse processo deve ter sido doloroso para ele. Falando da minha percepção, senti que ele foi violentado.

As reações coletivas vêm acompanhadas da participação em coletivos negros que buscam estratégias de pertencimento e enfrentamento do racismo. Na Unicamp, o coletivo se chama “Quilombo Ubuntu”<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS) da Unicamp é um sistema que beneficia estudantes que realizaram o ensino médio em escolas da rede pública e, posteriormente, também houve pontuação por raça.

<sup>71</sup> Quilombo Ubuntu: <https://www.instagram.com/quilomboubuntu/>.

Sobre as formas de enfrentamento ao racismo na Medicina, a organização em espaços coletivos de acolhimento, resgate e valorização da cultura negra e iniciativas para incluir a discussão do racismo no currículo, ensino e pesquisa médicos têm se mostrado imprescindíveis. Mas como ir além? O efetivo enfrentamento do racismo na escola médica requer mais que a postura ativa de docentes, discentes e gestores dessas instituições, mas a crítica ao sistema econômico que sistematicamente privilegia pessoas brancas (Fredrich *et. al.*, 2022, p. 10).

Para concluir esse tópico, apresento alguns acontecimentos racistas que ocorreram nos últimos tempos na própria UNICAMP. Em 19/08/2023, durante o evento Unicamp Portas Abertas (UPA), uma pessoa fez falas racistas contra indígenas e a universidade emitiu nota de repúdio<sup>72</sup>. No dia 02/09/2022, um professor se incomodou com a aula oferecida pelo grupo Racionais MCs, que por sinal esteve lotada<sup>73</sup>. Em 25/04/2021, a professora Katiúscia Ribeiro denunciou ataques racistas e sexistas durante uma palestra virtual da Unicamp<sup>74</sup> para buscar soluções.

E, por fim, um pouco de acalanto estético de obras produzidas por estudantes negros e negras da medicina da Unicamp.

A primeira, uma dança que está disponível no Instagram<sup>75</sup>, realizada por Ramon Araújo de Carvalho, estudante de medicina e participante dessa pesquisa. Ramon, além de frequentar a disciplina obrigatória de entrevista, participou das disciplinas eletivas MD 885 e MD 985. Quando ele apresentou esse vídeo durante a eletiva, oferecida de maneira online por conta da pandemia, disse que há tempos não dançava.

A segunda, uma foto do mural da Unicamp, com o sol nascendo enquanto Janaína Alves caminhava para a aula de entrevista.

---

<sup>72</sup> Nota pode ser lida em:

<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/08/22/unicamp-repudia-manifestacao-racista>.

<sup>73</sup> Por Rapahel Sans, **Professor se irrita com Racionais MCs na Unicamp e é acusado de racismo**, <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/9/2/professor-se-irrita-com-racionais-mcs-na-unicamp-acusado-de-racismo-122673.html>.

<sup>74</sup> por Vital Neto e Fernanda Pinotti, **Professora denuncia ter sofrido ataque racista em palestra virtual da Unicamp**, reportagem CNN, <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/professora-relata-ataque-racista-em-palestra-virtual-na-unicamp/>

<sup>75</sup> Instagram do Quilombo Ubuntu, Unicamp: [https://www.instagram.com/tv/COyRxK\\_H90f/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D](https://www.instagram.com/tv/COyRxK_H90f/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D). Acesso em 05/02/2024.



Figura 6 - Foto de Janaína Alves<sup>76</sup>, estudante de medicina

### 3.2 Violência de gênero - violência contra a mulher

A seguir serão apresentadas duas cenas que foram realizadas nas sessões de Teatro Fórum relacionadas à violência de gênero contra a mulher. Para diferenciá-las, a primeira será referida como Assédio Sexual e chantagem de fotos e a segunda como Assédio Sexual no Trabalho.

#### 3.2.1 Assédio sexual e chantagem com fotos

A sessão de Teatro Fórum, que será analisada a seguir, gerou sensações contraditórias. De um lado, há a sensação de que a aula foi bem conduzida, que as substituições foram bem colocadas, e, ao mesmo tempo, a sensação que deveríamos ter feito de outra maneira.

Logo após a sessão pedi que os e as estudantes me enviassem áudios sobre a experiência. No geral, estão impactados e entendem a importância de se discutir tal tema. No entanto, no *debriefing* que acontece logo em seguida, as opiniões passam a se alterar, e nós, o grupo de professores, passamos a ser acusados de culpabilizar a vítima.

---

<sup>76</sup> Janaína Alves autorizou que seu nome real fosse utilizado para dar crédito pela autoria da foto.

Acontece um efeito que até então não tinha se passado conosco. Muitas pessoas começam a pedir para falar, algumas ficam fisicamente abaladas e, mesmo depois de 18 meses do ocorrido, é difícil ter um diagnóstico exato do que se passou durante a descrição da cena. Ao final deste tópico levanto algumas hipóteses do que poderia ter sido feito de maneira diferente, para conseguir se fomentar o debate.

Pessoalmente, fiquei em dúvida sobre inserir essa cena na tese, não para ocultar um problema ocorrido, mas porque me senti a pessoa que transmite uma má notícia e aquela que gerou gatilhos emocionais em várias e vários estudantes. Ao falar novamente sobre isso, tenho receio de cutucar novamente uma ferida que, infelizmente, sei que não está cicatrizada, afinal ainda temos muitas violências contra mulheres acontecendo.

Então, vamos aos fatos:

Sinopse: Lúcia, uma mulher de 49 anos, é abordada por Augusto Costa em uma festa. Ele se apresenta como fotógrafo e oferece um trabalho de modelo fotográfico para ela. Lúcia fica na dúvida, mas após conversar com uma amiga, decide aceitar o trabalho de modelo. Ela combina o horário com Augusto Costa e, quando se encontram, ele oferece a ela uma bebida, que Lúcia aceita. Infelizmente, a bebida continha alguma droga que faz com que Lúcia perca a consciência. Quando Lúcia acorda ela está sem uma parte das roupas e vai até um hospital pedir ajuda. No hospital ela é hostilizada pelo médico que a julga e diz que ela fez uso de muitas substâncias e que depois não “deu conta”.

Ela vai para casa e não tem coragem de contar a ninguém o que aconteceu. Augusto Costa passa a chantageá-la para não divulgar as fotos que fez dela sem roupas. Ela mora com seu filho adolescente, que não percebe que a mãe passou por um momento difícil e que tem passado por uma chantagem financeira. Na conversa que ela tem com o filho, ele fica jogando no computador o tempo todo.

Lúcia fica angustiada, e, numa das vezes que vai entregar o dinheiro pessoalmente para Augusto Costa, conhece Regina, uma outra vítima do mesmo crime. Regina convida Lúcia para ir à delegacia e prestar queixa, Lúcia recusa, mas Regina vai assim mesmo. Na delegacia a delegada não consegue resolver as coisas, no entanto, registra o crime.



Figura 7 - Lúcia com Augusto Costa no carro

### Substituições:

Eu fui a curinga neste dia e ao acabar a cena, perguntei se a opressão apresentada estava clara, ao que a plateia respondeu com o gesto afirmativo de cabeça. Expliquei que qualquer pessoa poderia substituir a Lúcia, no entanto, teria que manter o gênero feminino, pois era essencial que a personagem oprimida fosse mulher.

Em seguida perguntei se alguém teria ideia de algum ponto em que Lúcia poderia ter agido diferente e que isso pudesse reverter a situação. Diante do silêncio da plateia, eu digo para o grupo que não há solução e que teremos que ir embora assim sem uma proposta.

Um estudante sugere que a mudança seja a de “ela não aceitar a bebida”, mas eu digo que não é possível fazer essa alteração pois, nesse caso, a opressão deixaria de existir. Atualmente tenho dúvidas se essa foi a melhor estratégia, talvez essa teria sido uma possibilidade de solução a ser experimentada, mesmo que depois a gente avançasse no fórum pensando em outras possibilidades de se sair da opressão.

1ª substituição:

Cena do atendimento médico, a aluna Benjamine diz que naquela situação ela pediria para chamar um outro médico. Quando convidada para vir para a cena, ela reluta e troca olhares com a colega. Ela está visivelmente incomodada. Ainda assim eu reforço o pedido e, novamente, talvez eu pudesse ter oferecido a qualquer outra pessoa para participar da cena.

Como temos o registro em vídeo desse momento, eu tive a oportunidade de observar melhor as reações das pessoas que participaram, o que me faz querer que nas próximas ações com Teatro Fórum eu possa estar mais atenta a diversos sinais que estiveram presentes durante esse dia e que eu não percebi ou segui adiante apesar da percepção.

No fim, Benjamin decide realizar a cena.

Benjamine senta-se na maca, o aluno que fez o médico coloca novamente o figurino e peço que alguém da plateia esteja disponível para entrar em cena como a nova personagem a ser solicitada por Benjamine. O estudante José se dispõe e fica de prontidão para o caso de ser necessário entrar em cena.

O médico entra em cena e repete as opressões anteriores, perguntando onde Lúcia estava na última noite, e a aluna Benjamine responde “numa festa”, ao que o médico diz que percebeu, pois o exame detectou a presença de inúmeras drogas. Lúcia dessa vez responde que não usou nada e o médico emenda dizendo que os exames não mentem e começa a descrever várias drogas presentes nos exames.

Ele continua dizendo que ela já tem 49 anos e que deveria ter mais responsabilidade, que já não tem mais 15 anos. Lúcia diz que não está confortável e o estudante Fabrício que faz o papel do médico diz que está indo embora e chama José para entrar em cena.

Eu interrompo, o que causa risos generalizados. Explico que quem precisa pedir uma alteração das ações é a pessoa oprimida. Peço que as/os colegas reconheçam o quanto Fabrício está desconfortável no papel do opressor e que para acabar com aquela situação ele decide chamar o próximo estudante. Faço o paralelo de que no mundo real, os opressores não chamam ajuda para os oprimidos. Pergunto a Benjamine se ela gostaria de continuar a cena e ela pede para que outra pessoa venha em seu lugar.



Figura 8 - a estudante que fez substituição na cena do hospital, eu estou à direita

Ficamos eu e a estudante que fez a substituição sentadas lado a lado depois que eu interrompi a cena e ficamos conversando com as/os demais colegas. É importante ressaltar que ter uma ideia e falar sobre ela é diferente de executá-la em cena. Durante a cena teatral as ações opressoras são sentidas e isso gera lembranças de outras opressões vivenciadas, o que dificulta uma nova forma de agir e, ao mesmo tempo, cria repertório para novas reações diante das opressões. Ressalto o ato de coragem que Benjamine teve ao mudar de atitude e dizer que estava desconfortável, diferente da primeira vez em que Lúcia foi representada e respondia com burburinhos.

### 2a Substituição:

A estudante Gisele diz que vê uma possibilidade na cena com o filho e que gostaria de fazer o filho. Explico novamente sobre a importância de se substituir primeiramente a pessoa oprimida, para depois a gente experimentar aliados e até mesmo

opressores<sup>77</sup>. Mesmo que o filho possa se tornar um aliado, na cena apresentada ele se comporta mais como opressor. Existe uma relação de poder, e mesmo que o filho não se conscientize, na cena ele estava mais preocupado com o jogo do computador do que propriamente com o que a mãe estava sentindo.

Gisele diz que acredita que, como o medo da Lúcia é realmente expor o filho, que ele pode ser uma pessoa central para ajudá-la a enfrentar esse momento, que a conversa com o filho pode possibilitar que Lúcia se abra. Convido novamente Gisele para vir à cena. Outra estudante complementa que ele até pergunta se ela está bem, mas não se preocupa com a resposta, outro estudante começa a entrar na discussão e peço para a gente tentar em ação, pois a nossa proposta é a da improvisação, do jogo prático e não tentar resolver no discurso.

Gisele se incomoda com a filmagem, mas acaba autorizando que continuemos filmando. Eu e Adilson oferecemos para parar a gravação, mas ela diz que está tudo bem. Continuamos e agradeço a coragem.

A cena recomeça, Lúcia agora interpretada por Gisele, pede licença para entrar no quarto do filho que pede para ela aguardar uns minutos, pois está no meio do jogo. Ela entra, espera e avisa que precisa ir ao shopping. O filho novamente provoca que ela vai à matinê de carnaval, ela diz que não, que irá resolver uns problemas. Ele pede dinheiro para sair com os amigos e ela diz que não tem, que acabou gastando com uns imprevistos.

Dessa vez, o filho percebe e diz que ela está estranha desde aquela festa do ano novo que ela pode contar pra ele o que está acontecendo. Lúcia diz que sabe que ela é uma senhora e que o filho é adolescente, pede que o filho não a julgue, e conta o que aconteceu. Ela fala da abordagem de Augusto Costa, da proposta de ensaio fotográfico, o filho a critica por ela ter desejado fazer o ensaio, e se oferece para trabalhar para ajudar a conseguir dinheiro. Nesse ponto, ela narra desde o dia do crime em que ela entrou no carro e “apagou” e depois não se lembrou de mais nada. Lúcia começa a chorar. O filho fala que se esse homem tá importunando ela, que ele vai bater nele. Lúcia diz que ele tem jogado muito jogo de computador que não é assim que se resolve as coisas.

---

<sup>77</sup> Como descrito no segundo capítulo, a regra é que a substituição seja das pessoas oprimidas. Outras intervenções também são possíveis para criar aliados/das. No entanto, a substituição dos opressores, principalmente em cenas que representem consultas médicas, possibilitando que estudantes de medicina assumam os/as personagens que representam outros/as profissionais de sua área, podem ter um caráter pedagógico para vivenciar e ensaiar outras ações. Mesmo assim, isso deve ser feito somente após experimentar as outras substituições.

Depois ela conta que foi ao hospital e que o médico foi um escroto. O filho continua ouvindo e ela diz que Augusto Costa está ameaçando divulgar as fotos dela sem roupa, e que ela não vai expor o filho e nem os amigos dele que poderão receber essas fotos. Diz que tem entregado dinheiro pra ele, e o filho diz que ela não pode mais encontrar com esse cara sozinho. Lúcia pede novamente para o filho não a julgar, ele confirma que não está julgando, e ela diz que ela mesma está se julgando. O filho oferece suporte, diz que vai com ela que vão resolver e termina com a frase: “eu vou te ajudar” e se abraçam.

Na plateia, quando questionados se concordam com essa alteração, um estudante diz que depende muito da reação do filho. Um outro diz que não vê uma solução total do problema, mas que essa conversa com o filho ameniza o sofrimento da Lúcia. Ele lembra que, durante a cena modelo, a delegada não sabia de uma solução, que essa cena ainda não acaba com o problema. Eu completo que Lúcia consegue uma pessoa aliada, e que esse é um passo, mas precisamos de mais um passo para caminhar para a resolução. Devolvo para a plateia a provocação de tentarmos mais uma vez.



Figura 9 - Cena com o filho

### 3ª substituição:

O estudante Klauss diz que uma possibilidade seria encontrar outra pessoa aliada e ir até o jornal. Dalai, o estudante que fez o papel de Augusto Costa, diz que nesse caso provavelmente o opressor divulgaria as fotos. Peço que esperem e tenham calma, vamos tentar caminhar passo a passo em busca da resolução e convido Klauss a vir para a cena e vivenciar o papel de Lúcia. Ele escolhe o momento da cena em que conhece Regina, a jornalista, outra vítima do mesmo golpe, no momento anterior à ida até a delegacia.

A cena recomeça com uma nova postura de Lúcia, interpretada por Klauss. Regina encontra com Lúcia no shopping e elas conversam. Lúcia pergunta à Regina se ela já contou para alguém. Regina diz que não contou para ninguém, Lúcia diz que contou para o filho e que ele a apoiou. Lúcia pergunta se Regina toparia ir à imprensa divulgar o crime e ela se nega, diz que não pode se expor dessa maneira, que ela prefere ir à delegacia. Desta vez, as duas trocam telefones.

Há uma pausa na cena. Klauss diz que de certa forma confia na Regina, mas ainda não a conhece bem, inclusive surge a suspeita de que talvez ela seja parceira de Augusto Costa. Então, Klauss diz que seria melhor ir com outra pessoa junto à delegacia, pensa em pedir ajuda para Sara, a amiga que estava na festa com ela. Na plateia, vários estudantes se manifestam. Uma estudante diz que Regina, além de vítima, é também testemunha. Uma outra estudante sugere que o filho vá junto à delegacia. Valquíria, a estudante que interpretou Lúcia na cena modelo, diz que envolver o filho menor na delegacia talvez coloque o jovem em uma situação ainda mais delicada.

Outro estudante reforça que Sara pode ser a pessoa mais indicada, pois ela estava junto no dia da abordagem inicial de Augusto, e que foi ela que convenceu Lúcia a fazer as fotos. O estudante argumentou que, ao saber do que aconteceu, Sara vai se sentir culpada tornando-se uma aliada empenhada em tentar resolver o problema, o que gera risos na plateia. Klauss decide por realizar a cena pedindo ajuda à Sara e contando-lhe o que aconteceu. Eu explico que essa cena tem um risco, pois Regina pediu que ela não contasse para mais ninguém, para a gente se atentar que nossas escolhas têm consequências.

Inicia-se a cena em que Lúcia, por telefone, chama a amiga Sara para conversarem e, quando Sara chega, Lúcia relata novamente o crime sofrido. A cena seguinte se passa na delegacia. Estão presentes Sara, Lúcia, Regina e a delegada. Regina se abre dizendo que não se sente segura por relatar uma situação delicada. A delegada diz que a delegacia da mulher é um ambiente seguro e que o caso não vai ser divulgado, somente os envolvidos terão acesso. Regina conta novamente o abuso que sofreu, que não tem mais dinheiro para entregar ao abusador e que precisa pôr um fim nessa história. A delegada pergunta se Lúcia quer acrescentar algo, e Lúcia inclui a amiga Sara, explica que as duas já viram Augusto Costa e que estavam juntas na abordagem inicial. A delegada pergunta de que provas elas dispõem, e explica que todas as informações podem auxiliar na resolução do caso. Lúcia diz que tem o telefone, o cartão, que tem inclusive o laudo médico com a descrição de todas as drogas encontradas no seu corpo. A conversa continua e a delegada diz que é complicado, que é uma quadrilha e diz que, se quiserem continuar com a denúncia, não há muito o que fazer, que não há como garantir que as fotos não serão divulgadas, que inclusive acreditam que haja um informante dentro da polícia, pois já receberam outras denúncias e não conseguiram resolver, pois é um grupo organizado com muitas pessoas. Regina fica muito preocupada e explica que a divulgação das fotos pode pôr fim à carreira dela que está apenas começando. Lúcia relata sua preocupação com o filho ameaçado por Augusto Costa, que sabia inclusive o nome da escola em que o filho estudava.

Interrompo a cena e explico que estamos deixando Olívia, a estudante que interpretou a delegada em “maus lençóis”, pois ela é uma estudante de medicina e chegamos a um momento em que precisaríamos de mais informações legais (jurídicas) de como prosseguir nessa situação. Explico que eu mesma não disponho de tais informações e que o ideal seria posteriormente procurarmos como agir diante de um crime como esse. Complemento minha fala ressaltando a importância de a personagem oprimida ter ido buscar ajuda, agradeço a todos e finalizo a sessão do fórum dizendo que encontramos, de maneira coletiva, um bom caminho para se lutar contra a opressão.

Logo em seguida, peço que todas e todos me mandem um áudio por whatsapp sobre como foi participar da sessão de Teatro Fórum. Recebi 30 relatos por mensagem que só pude ler e/ou ouvir após a aula. Naquele dia, após a sessão de fórum, os/as estudantes tiveram alguns minutos para me mandar uma mensagem, tomar uma água e depois voltarem para a sala, na qual nos dispusemos em um grande círculo para o *debriefing*.

Logo no começo, a estudante Gisele, que substituiu a personagem oprimida na cena com o filho, relatou um assédio que ela própria havia sofrido e o quanto foi importante ela poder ter compartilhado e contado com a ajuda de outras pessoas. Complementa que é um trauma que ela ainda não sabia se iria superar. Uma outra estudante, Ludmila, nada falou

durante o *debriefing*, mas estava bem agitada sendo possível notar as pernas balançando e os pés batendo. Eu a olhei várias vezes, mas não soube o que fazer. Algumas outras pessoas falaram, pontuando uma coisa ou outra, abrindo mais os questionamentos e a frustração de não termos uma resposta final.

Quando Kauê começou a falar, outras pessoas estavam com as mãos levantadas, inclusive a Aurora. Kauê dizia que havia odiado o Teatro do Oprimido porque nós, professores, utilizamos uma metodologia que culpava a própria vítima de seus males. Ele disse que foi muito difícil ver a personagem Lúcia sofrendo várias vezes a mesma opressão, o mesmo crime, em cada uma das substituições. Enquanto ele falava, Aurora soltou seu corpo na cadeira, ela estava tendo uma crise de ansiedade. Como a única mulher entre os professores, eu me levantei para oferecer apoio, e foi tudo bem rápido. Aurora saiu da sala e eu saí atrás dela e, portanto, perdi a maior parte do que foi dito no grupo.

Eu acolhi Aurora da melhor maneira que pude. Não sou psicóloga, não sei reconhecer uma crise, apesar de ter tido várias desde a pandemia. Fiquei ao lado de Aurora, sentada no chão, confortando-a com um carinho no ombro e ela chorava. Não sei quanto tempo passamos assim, me lembro que o professor Thiago saiu da sala para oferecer apoio e eu recusei, pois pensei que Aurora pudesse estar assim por ter vivido alguma violência de gênero ou mesmo abuso.

Após algum tempo, nos sentamos na escada e ela me contou que não se sentia legítima para dizer coisas em frente ao grupo, e que quando ela ouviu Kauê falar daquela maneira, que não era a mesma maneira que ela pensava, ela se sentiu inapropriada e, inesperadamente, começou a ter uma crise no meio da sala, a pior coisa que poderia lhe acontecer (segundo ela mesma). Eu, que já passei por crises de ansiedade, imagino o quão difícil deve ter sido para Aurora passar por isso, ter uma crise disparada exatamente pelo medo de se sentir inadequada e depois precisar voltar ao grupo em outras aulas. Naquele dia, pedi que ela escolhesse o que gostaria de fazer, e ela decidiu ir embora. Aurora já estava em tratamento de saúde mental e já tinha uma profissional de referência para pedir ajuda. Mesmo assim eu não fiquei tranquila.

Voltei para a sala com as/os demais estudantes e professores. É difícil explicar o que acontecia, pois eram muitos questionamentos e ataques para a equipe propositora. Olhando para o passado e refletindo sobre, acredito que passamos por um momento de surto coletivo. O grupo experienciou um problema real, que lhes tocava diretamente. Conversando com os outros professores, Thiago disse que muito provavelmente a maior parte deles já deve

ter compartilhado “nudes” e naquele dia talvez tenham se dado conta do problema que poderiam ter enfrentado.

Jamile, uma das estudantes, nos faz um pedido ao trabalharmos com atividades deste tipo, que julgo ser mesmo relevante. Ela disse:

*Talvez a comoção coletiva ocorrida tenha sido percebida por se tratar de um tema que envolvia violência contra mulher em uma sala com várias mulheres. Acho importantíssimo considerar que talvez dinâmicas desse tipo, sem o devido aviso sobre possíveis gatilhos e sem um acolhimento de pessoas especializadas, possam causar sentimentos tão ruins quanto, ou até piores, quando é tratado um tema de violência contra outras minorias que também são minorias numéricas em sala.*

Eu costumo me sentir responsável e comecei naquele dia um processo intenso e de mergulho sobre o que poderia fazer diferente para que pudesse apoiar esse grupo de estudantes e, também, para que em próximos fóruns eu pudesse encaminhar de outra maneira. A primeira das decisões foi a de me colocar atuante, não jogar a responsabilidade nos estudantes e nem dizer “eles que lidem” ou “eles que não sabem isso ou aquilo”.

Na aula seguinte, optamos por ouvir os/as estudantes e não fizemos os jogos da aula 5 - “Como se sentir doente”. Várias pessoas faltaram, inclusive Aurora que tivera a crise de ansiedade, e mesmo Ludmila que teve sintomas físicos após a sessão de fórum. A estudante Benjamine, que substituiu a personagem oprimida na cena do médico, foi muito atuante nessa discussão e por diversas vezes nos acusou de falta de acolhimento e responsabilidade. Diretamente à mim, cobrou uma postura diferenciada por ser a única mulher no grupo, que eu deveria ter me disponibilizado a acolher as demais estudantes que sofreram gatilho após a cena. Eu tive muita vontade de me defender e me explicar, mas sabia que precisava ouvir e me desculpei, me comprometi a naquele mesmo dia disponibilizar os canais de denúncia no Google Classroom e, novamente, coloquei meu número de celular na lousa me disponibilizando pessoalmente a ouvir e até mesmo ir junto com a pessoa que desejasse denunciar casos nos órgãos competentes.

Outra estudante, Lia, disse que ouvimos com indiferença o depoimento de Gisele e que não oferecemos suporte. Kauê e Jamile atacavam constantemente a metodologia e o Teatro do Oprimido. Adilson, por diversas vezes, tentou argumentos racionais que fundamentam o que estávamos fazendo, mas foi em vão. Valquíria, que viveu a personagem Lúcia pela primeira vez, disse que não imaginaram que isso aconteceria e que não gostaria de ter gerado tantos gatilhos nas companheiras de sala. O estudante que mais estava arrasado foi Dalai, pois, além de ter vivido o personagem Augusto Costa, ele foi o proponente do tema. Após todos irem embora, ele ficou conosco na sala e chorou, pois se sentiu o causador de

todo o mal. Acolhemos Dalai, o elogiamos sinceramente, pois é um estudante dedicado e preocupado com os demais, sempre generoso nas suas falas.

Benjamine também nos escreveu, no relato final, que ela considerou

*positiva a forma como essa situação [do fórum] foi adereçada na aula seguinte, com um espaço seguro e livre para que as pessoas expressassem como se sentiram, discordâncias e dúvidas.*

Dalai, que fez o papel do opressor, disse que

*senti na última aula que estava conectado para sempre com aquele grupo e que poderia confiar naquelas pessoas, sobretudo nos professores e na professora. Logo, com todo impacto que as opressões e sentimentos retratados e discutidos traziam, vinha, também, todo cuidado e apoio de quem estava presente.*

Após um tempo, compartilhei com outras pessoas o que aconteceu em busca de tentar diminuir o meu próprio sofrimento e de buscar um apoio coletivo para esse grupo. Uma delas, Hosana Mariotti, me lembrou de que nossos/nossas estudantes são pessoas adultas, e portanto, capazes de lidar com um trauma e, se necessário, podem buscar ajuda profissional para tratarem a saúde mental que possa ter ficado abalada após a pandemia, ou mesmo após a sessão do fórum. Essa postura me lembrou a própria Alessandra Ancona, a Lelê, em minha defesa de mestrado quando me disse que eu precisava “deixar os estudantes seguirem seus próprios caminhos”. A constatação óbvia de que são adultos me auxiliou a buscar recursos e a suavizar a minha culpa em relação ao ocorrido. Diversas vezes, nos meses seguintes repetia para mim mesma: “são adultos”. Diante desse fato, eu posso ir até um certo ponto, posso propor coisas, mas não posso impor nada, a autonomia deles é mais importante.

Aurora, faz uma auto reflexão após ter tido a crise de ansiedade, ou como ela chamou, “momento de sensibilidade”, depois do Teatro Fórum:

*Me fez entender que o meu maior problema é ter vergonha de mim mesma, ter medo de ser criticada, estranhada e odiada, ou até virar piada. Esse foi um dos conhecimentos que eu construí em relação a mim. (...)*

*O módulo de entrevista tem outro objetivo muito claro e amplo: abrir nossos olhos e apurar as nossas emoções para um mundo que existe e inexistente em nós. É preciso se sentir desconfortável, é preciso se sentir como uma vítima, é preciso se indignar e se mobilizar. Não vivemos em uma fantasia utópica, na qual não há questões impossíveis de se lidar – às vezes, simplesmente não existem soluções para os problemas mais turbulentos, e isso não significa que você seja uma pessoa cruel que não está tentando fazer a diferença. Essa é a importância de se colocar no lugar do algoz. Por outro lado e, ao mesmo tempo, colocar-se no lugar da vítima é um exercício de empatia, de desconforto e de impotência. Isso é importante na prática médica humana.*

Mesmo sem ter certeza do que exatamente desencadeou a reação da turma, levanto algumas hipóteses do que poderíamos ter feito de maneira diferente. Isso só foi

possível depois de rever minha própria prática, pesquisar e entrar em contato com outras experiências de Teatro Fórum. A primeira diz respeito à dramaturgia da cena modelo. A cena trazia um fatalismo no próprio enredo, finalizando na delegacia que trazia a ideia de impossibilidade de resolução. O fatalismo precisa ser substituído pela crise chinesa. A segunda é sobre a ASCESE. Acredito que, como professores e professora, deveríamos ter cuidado da forma como as coisas se deram. Creio que a postura de escuta é essencial para esse trabalho, mas, por vezes, somos as pessoas que vão dar diretivas para enfatizar a importância da conscientização sobre o problema ser coletivo.

A terceira foi a minha minimização com o tema que foi trazido. Diante de tantas cenas teatrais de violência contra a mulher que já havia assistido durante as aulas com MEET, achei que essa história da exposição das fotos fosse banal, tal qual uma pessoa branca diante do racismo. Coloquei a importância que isso teria para mim, que tenho uma relação diferente com meu próprio corpo e uma profissão que provavelmente não seria impactada por isso. Reforço que eu havia compreendido completamente a violência e o abuso sofrido e mesmo assim não tive dimensão de como as coisas poderiam acontecer.

Neste ano, 2024, uma professora foi demitida<sup>78</sup>, após estudantes de sua turma acessarem o celular dela e divulgarem fotos nuas que estavam em uma pasta pessoal. Infelizmente, na vida real, essa professora foi vítima de um abuso e em seguida foi condenada pelas pessoas que trabalhavam com ela, tais como outros professores, coordenadora e diretor/a.

A quarta foi não ter permitido que as pessoas substituíssem a vítima antes de ela tomar a bebida adulterada. Creio que isso traria a possibilidade de imaginar como as coisas se dariam, talvez o opressor tivesse encontrado outra maneira para deixá-la desacordada, aliviando a sensação de culpabilização da vítima.

A última é que, depois de repensar, creio que permitir a substituição da personagem oprimida por um homem foi uma decisão ruim. Me lembrei de outra cena realizada em um dos anos anteriores à pandemia numa das aulas de entrevista: o caso era de violência doméstica com agressões verbais, mas nenhuma física. A protagonista foi substituída por outras *spect-atrizes* que encontraram outras possibilidades, como criar uma rede de apoio, ligar para a polícia, e a cena terminava com a mulher ainda com medo do marido, como na vida real.

---

<sup>78</sup> Por Thauany Melo “Professora denuncia que foi demitida após ter fotos dela nua vazadas por estudantes: ‘Me senti violada’”, reportagem do G1 datada de 26 Mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/03/26/professora-denuncia-que-foi-demitida-apos-ter-fotos-dela-nua-vazadas-por-estudantes-me-senti-violada.ghtml>

Na última substituição, um estudante homem veio para a cena. Dois corpos masculinos passaram a agir de outra maneira. Assim que o *spect-ator* entrou em cena, ele se apresentou mais reativo e, em poucos minutos, o ator que interpretava o marido deu um empurrão no ator que interpretava a esposa. A agressão escalou a ponto do marido “pegar” uma arma imaginária e atirar na esposa. Atualmente entendo o que Alessandro Conceição (2017) passou anos tentando compreender, embasar e explicar: um corpo diferente em cena gera reações diferentes. Por mais que eu queria auxiliar na luta antirracista, eu de fato não tenho o repertório e a cultura para substituir uma pessoa negra no enfrentamento do racismo. Assim, um homem ao entrar em cena para substituir uma mulher vítima de abuso e violência doméstica não compreende a impossibilidade de ela ser agressiva com o seu agressor.

Uma outra opinião após a escuta atenta do acontecido, veio da Monique Lima, também pesquisadora de Augusto Boal. Ela disse que, diante do problema, talvez devêssemos ter usado a última aula para fazer uma grande sessão de fórum sobre a postura e proposta dos professores durante a aula. Ao invés de escutar as diversas acusações, poderíamos ter proposto que o grupo nos interpretasse, e interpretassem a si mesmos como oprimidos da aula que realizamos e nos abrir as possibilidades de um fórum que buscasse novas possibilidades de como deveríamos ter agido. Essa é uma ideia que guardo comigo, pois penso que poderia ter auxiliado as/os estudantes a elaborarem outras camadas do acontecido.

Por fim, por ser uma pessoa que não se contenta em estar parada diante de uma situação difícil, busquei ajuda na instituição para tentar criar um grupo de apoio e escuta para mulheres que sofreram violência. Não encontrei apoio junto aos professores da psiquiatria e nem nenhuma outra alternativa que não fossem as já existentes: SAVS<sup>79</sup>, GRAPEME<sup>80</sup> e SAPPE<sup>81</sup>. Como eu mesma já tinha utilizado o serviço do SAPPE diversas vezes, sabia que não haveria profissionais suficientes para acolher mais essa demanda. Então, decidi dar um passo pequeno e promover uma roda de conversa, que no caso chamei de “roda de escuta”. A depender de quantas pessoas viessem, pensaria nos próximos passos.

---

<sup>79</sup> SAVS - Sistema de atenção à violência sexual, da Unicamp. Whastapp: 19 3521-7924. E-mail: [savs@dedh.unicamp.br](mailto:savs@dedh.unicamp.br). É um serviço de acolhimento para qualquer violência sexual (com ou sem dano físico) para pessoas da comunidade da Unicamp. Mais informações em: <https://www.direitoshumanos.unicamp.br/genero-e-sexualidade/savs/>

<sup>80</sup> GRAPEME é um grupo de apoio psiquiátrico e psicológico para estudantes da Faculdade de Ciências Médicas e também para residentes. Mais informações: <https://www.fcm.unicamp.br/ensino-extensao/graduacao/grapeme-grupo-de-apoio-ao-estudante-da-fcm>

<sup>81</sup> SAPPE - Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica para todos e todas estudantes da Unicamp, tanto na graduação como na pós-graduação. E-mail: [sappeass@unicamp.br](mailto:sappeass@unicamp.br). WhatsApp (19) 99372-4506. Mais informações: <https://www.prg.unicamp.br/sappe/>

Para essa roda, chamei a professora Daniele Sacardo que, além de professora de ética da turma, é psicóloga. Pensamos juntas numa programação curta que consistia em receber as alunas, dividi-las em grupo para uma escrita e depois o compartilhamento das opressões. Conciliei as nossas agendas e propusemos um horário durante o almoço para que fosse possível as estudantes participarem, confirmei com a secretária Gislane se o dia e horário estavam livres para as estudantes ou se havia alguma atividade agendada, e estava tudo certo.

Fiz um *card* de divulgação e pedi que a secretaria da Faculdade de Ciências Médicas divulgasse entre todos os estudantes, de 1o a 6o ano. Mesmo que a proposta fosse o acolhimento das estudantes que haviam participado do Teatro Fórum, juntamente com a prof. Dani Sacardo, acreditamos que dessa maneira contemplaríamos outras mulheres que precisassem de escuta.



Figura 10 - Divulgação Roda de Escuta

No dia e hora agendados, eu estava nervosa, ansiosa e aflita e, ao mesmo tempo em paz, pois sentia que era preciso agir e eu estava agindo, disponível para o que viesse. Infelizmente, as estudantes não compareceram ao encontro. Esperamos por mais de 20 minutos, eu, Nádía Morali, Dani Sacardo e mais uma estudante que na época estava no 6o ano.

Foi frustrante.

Mas creio que, pessoalmente, me gerou a sensação de encerramento daquela cena apresentada no semestre anterior. Não sei como as estudantes seguiram no curso, não sei como elas têm lidado com as violências cotidianas atendidas no CAISM<sup>82</sup> durante o internato. Infelizmente não pude saber e quero acreditar que elas se uniram como grupo, se fortaleceram e continuam fazendo a faculdade, apesar das adversidades existentes.

Encerro esse tópico com o relato final de Klauss, o estudante que fez a última substituição, no qual ele fala sobre o viver de verdade:

*Eu jamais conseguiria imaginar o quão mais além esse módulo me levaria, quantas coisas eu experienciaria nas próximas quatro aulas, quantas histórias e vivências eu testemunharia, quantas emoções difíceis eu sentiria e quantas lições eu carregaria comigo ao final (ou começo) de tudo.*

*As aulas não só nos guiaram através de reflexões sobre situações de conforto/desconforto, planejamento coletivo, resolução de conflitos ou papéis/sentimentos de cuidadores e doentes, como também nos colocaram diante de inúmeros dilemas, pensamentos e sensações conflitantes. Cada aula foi como uma montanha russa, sempre começando com alongamentos e dinâmicas de expressão corporal e vocal – onde o aluno se reconhecia primeiro, para depois reconhecer o próximo – seguidas por pequenas cenas nas quais a interação com o outro gradualmente crescia, tomando corpo até que, logo depois, os grupos apresentavam as cenas temáticas, frutos da criatividade e discussão grupal. E, por fim, a sala era dominada por uma conversa densa, heterogênea e profunda onde todas as ideias, sentimentos e reflexões interagem entre si, seja ou não em conflito.*

*Vivenciar o módulo foi difícil, desconfortável e até angustiante em alguns momentos. Mas foi real, foi vívido e significativo. Para mim, o poder dessa disciplina está justamente em sua proposta de desafiar, instigar, comover e provocar o aluno. Pois, ao mesmo tempo em que isso desperta sensações desconfortáveis, também estimula o aluno a assumir um papel – uma posição – na sala de aula, papel esse que ecoará na sociedade, no momento em que esse mesmo aluno sai da sala de aula, forma-se e torna-se um profissional. Cada aula foi como um grande espelho, refletindo tudo o que já vivemos, estamos vivendo ou viveremos no futuro. Seria ingenuidade pensar que as situações encenadas ou comentadas em cada tema do módulo pertenciam apenas ao plano da ficção. Cada cena, cada personagem e cada problemática expostas ao longo das cinco aulas tinha lugar no mundo real. Do mesmo modo, todos os desdobramentos emocionais desencadeados por cada um desses elementos também era real, portanto, também tinha lugar de pertencimento na vida de cada um fora daquela sala.*

*Acredito que a beleza da disciplina reside na possibilidade de experimentar e refletir sobre tudo isso em conjunto. O apoio multilateral e explícito dos professores e dos colegas tornou tudo mais fácil, além de também gerar um forte sentimento de esperança e até mesmo de segurança, como fruto da união. Desenvolver a capacidade de perceber que o outro sente aquilo que sentimos; reconhecer que o outro também sofre; ser capaz de se colocar no lugar da vítima e ser capaz de assumir uma posição de mudança foram alguns dos muitos aprendizados valiosos do módulo, presentes em cada uma das aulas (Klauss, 2021, grifo nosso).*

---

<sup>82</sup> CAISM - Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher é um hospital da mulher localizado dentro da Unicamp, que atende desde consultas médicas, tratamento de câncer, até partos e UTI neonatal. É um centro de referência da região, recebendo casos de alta complexidade. O internato no CAISM começa no 5o ano da graduação em medicina. Ao buscar informações sobre esse hospital da Unicamp, me deparei com mais uma faceta do machismo, o nome do hospital homenageia um médico homem.

### 3.2.2 Assédio sexual no trabalho

Se alguém me falasse que elaborar uma cena de teatro por WhatsApp daria certo eu jamais acreditaria. Pois bem, é o que temos proposto aos estudantes, e eles/elas conseguem escolher a opressão, definem o enredo e personagens pelo aplicativo mensageiro que ficou famoso por inúmeros conflitos e por problemas de comunicação. Por isso, transcrevo trechos dessa conversa, para que seja possível compreender o processo.

Rogério: A ideia seria trabalhar numa cena em dois tempos, e seria algo que aconteceu na infância/ adolescência dela e depois o impacto disso no presente. Tipo uma violência/ um abuso sofrido mais jovem e depois como médica ela ver e ou ouvir homem falando/fazendo alguma merda que mexe com ela por conta da situação que já passou. Acho que se enquadra na situação, mas tbm não precisa ser isso, é só uma ideia, já que a professora havia dito para fazer tipo um *brainstorm*

Carlos Alberto: É uma boa ideia.

(...)

Ametista: Eu pensei em fazer uma cena em dois tempos também, só que mais voltada para interações sociais e fazendo um paralelo com parte da discussão da nossa última aula. A primeira cena seria uma situação mais explícita de *bullying* de um grupo de crianças e, na outra cena, a mesma vítima crescida e com esperanças de que, num determinado ambiente que deveria ser de acolhimento, não será mais vítima de algo parecido, mas acaba sofrendo uma exclusão mais implícita/sutil do que na primeira cena (por exemplo ao tentar integrar um grupinho da faculdade). A ideia seria destacar os personagens que não são os “agressores principais” ou explícitos, mas sim os que são coniventes ao não ter sensibilidade ou empatia suficiente para defender a vítima. Fazer uma crítica mais voltada pra isso, já que é muito fácil identificar o que está errado numa cena de *bullying* infantil, mas difícil em contextos mais sutis.

Maria: Apoio muito!!!

(...)

Flor: eu amei a ideia da Ametista. Lendo ela me passou na cabeça sobre assédio também, como é naturalizado ao longo do tempo. Se um homem ver um cara assediando uma criança, surge aquele comportamento de “bater e proteger” de macho alfa. Mas, ao mesmo tempo, se algo acontece com uma mulher adolescente/adulta, é naturalizado

Ametista: exatamente! Captou bem a essência.

Maria: Gente, mais alguma ideia? Precisamos fechar hoje! [sobre a cena de *bullying*] Eu tinha pensado em algo nessa linha tmb, mas a Flor tinha comentado cmg um pouco mais da ideia dela, q é mt boa tmb. Acho q ela podia falar um pouco aqui e a gnt decide por qual linha seguir.

Flor: Eu tinha pensado em algo mais ou menos assim: Um recorte de um cara que defende a filha de uma “cantada” de outro homem. Só que, nessa defesa, ele faz isso POR ELE. no sentido de “é MINHA filha, como

você pode fazer isso com a MINHA MENINA". Nessa nuance de posse e não de defesa para qualquer criança em situação de assédio/abuso.

Aí, no outro recorte, esse mesmo cara seria um chefe em um local de trabalho, por exemplo.

E aí tem uma funcionária mulher que está lutando e dando duro para se promover, mas ele chega nela e diz que ela precisa fazer "algo a mais" para conquistar o cargo. E aí focar nesse papo, com um ambiente de trabalho que perpetue a opressão: somente os homens nas posições melhores, mulheres que concordam com essa visão e, no geral, todo mundo vê o acontecimento de uma forma velada.

Pensei nessas cenas pq mostram uma certa hipocrisia própria do machismo.

A primeira proposta de cena é enviada na 2ª feira e a última mensagem é na 4ª feira à noite para a sessão de fórum que se realizou na 5ª feira da mesma semana. Como professora, é angustiante acompanhar as conversas e evitar intervir. Após as ideias serem expostas, as pessoas votam entre a cena de *bullying* e a cena de *machismo*, que no grupo chamam de *machismo velado*.

Cada qual sabe de suas próprias dores e gatilhos emocionais, por isso, sem julgamentos, duas pessoas dizem não serem capazes de falar sobre *bullying* pois iriam chorar em cena, elas até propõe trazerem os próprios relatos reais, mas desistem por não se sentirem capazes de tocar nas feridas que vivenciaram. Acredito que seria mais fácil para as pessoas falarem de suas opressões se a troca de ideias iniciais acontecesse de maneira presencial.

Achei isso tão forte e importante, pois sou de uma geração em que não se falava sobre *bullying*, e inclusive os filmes norte-americanos a que tive acesso durante minha infância e adolescência exaltavam como fortes os personagens que praticavam o *bullying*. Eu mesma fui estudar sobre o assunto quando virei professora de crianças, em 2012, e novamente em 2021, quando auxiliei no desenvolvimento de uma oficina utilizando a metodologia MEET para combater um caso de *bullying* em uma escola que a Marina Meyer foi professora.

Nas conversas por WhatsApp do grupo do Teatro Fórum, as/os estudantes começaram a decidir sobre o enredo e personagens. Carlos Alberto é o único homem no grupo, já que Rogério tinha uma consulta médica marcada para o dia do Teatro Fórum e não conseguiria estar presente, portanto Carlos faria o papel do pai e chefe da empresa. Ainda faltava definir os outros personagens. Em geral, as pessoas se propunham para os papéis, mas o pedófilo da primeira cena ninguém queria fazer. Até que Débora aceitou o desafio já se desculpando com as companheiras de cena.

Acompanhamos as conversas das pessoas dizendo que não seriam capazes de fazer o opressor, que era pesado demais, que seria difícil dizer o que era preciso para a cena desenrolar. Quero ressaltar o quanto Adilson foi certo e gentil com essa mensagem enviada antes da apresentação, lembrando sobre a representação, sobre a ficção, simultaneamente acolhendo todas as colocações e motivando-os para criarem o Teatro Fórum. Nossas últimas mensagens no grupo:

Leticia: Oobaa ❤️ que bom que decidiram.

Bom dia

Pessoas queridas, lembrem de levar figurinos, algo que os diferencie de si mesmos, um lenço, um chapéu, uma camisa, etc

Pensem também em nomes para os/as personagens

E teremos um tempinho com vcs para ensaiarem a cena 😊

Obrigada e até já

Adilson: Bom dia, pessoas. Tanto para quem fará opressor quanto para quem fará oprimido é fundamental não perder de vista ser uma representação e que o objetivo principal é fazer uma crítica contundente e, coletivamente, buscar encontrar caminhos para se contrapor à opressão. Vamos juntos.

Obrigado

A seguir, a narrativa da cena realizada e as substituições.

**Sinopse:** A cena modelo tem dois atos. No primeiro vemos um pai e uma filha num parque. A filha fica sozinha por alguns instantes enquanto o pai atende uma ligação no celular. Neste momento, um homem chega perto da criança tentando assediá-la e convencê-la a acompanhá-lo até a casa dele. O pai chega a tempo e protege a filha, empurrando o abusador. Enquanto pai e filha conversam, o abusador atravessa a cena levando outra adolescente. Mesmo com a insistência da filha para que o pai fosse ajudar a outra garota, o pai decide ir embora.

No segundo ato, vemos um ambiente de empresa e conhecemos a história de Amanda, que tem uma mãe que está doente e precisando de tratamento médico, e que está prestes a ser promovida para um cargo de vice-diretora do departamento, no qual ela trabalha há 7 anos.

Na cena seguinte, Amanda é chamada na sala do chefe (que é o pai na cena anterior), que elogia o trabalho dela, revela que ela é quase tão boa quanto Léo que tinha só 6 meses de empresa quando foi promovido. E que a promoção da Amanda está muito perto de acontecer, que só falta ela fazer mais um negócio. Enquanto o chefe diz isso, ele se aproxima pelas costas e passa a mão nos ombros de Amanda que se afasta.

O chefe propõe que Amanda vá até a empresa no sábado, dali a 3 dias, para resolverem essa questão, ela vai saindo da sala e dizendo que não gostaria, o chefe pede que ela pense nos 3 dias que restam e para tomar uma decisão.

Amanda sai transtornada da sala do chefe e fala para a plateia o quanto ela se esforçou por aquele emprego e agora ou ela se submete ao assédio, ou ela não terá a promoção que ela tanto precisa, ao mesmo tempo, a mãe precisa de dinheiro imediatamente para auxiliar no tratamento médico.

Amanda se encontra com a assessora do chefe, Cláudia, e descobre que há tempos o chefe abusa dela. Cláudia se mostra conformada com a situação. Então, Amanda vai falar com uma colega de trabalho, Paula, que incentiva a amiga a realizar uma denúncia pública, chamar a imprensa.

Amanda vai novamente à boca de cena e pergunta: “O que eu devo fazer? O que você faria se estivesse aqui?”

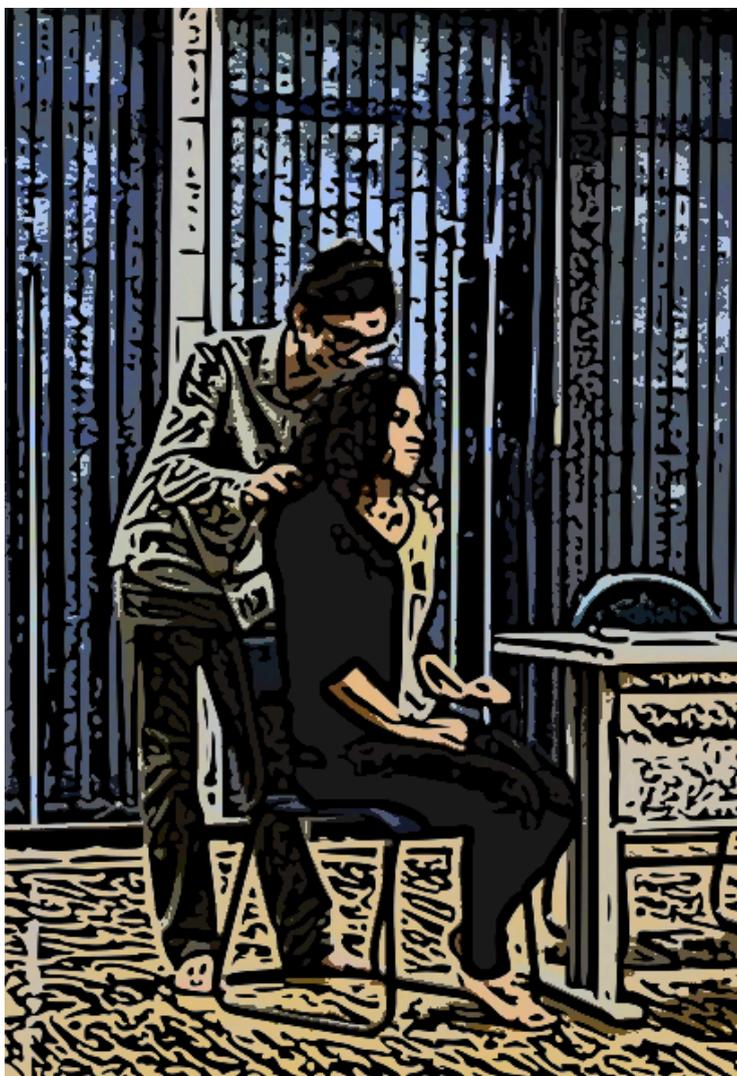


Figura 11 - Amanda sofre o assédio

Neste dia, Adilson foi o curinga do fórum. Quando a cena modelo terminou, a plateia estava quieta e reflexiva. Ele perguntou para todos e todas se haviam entendido a opressão que foi retratada pelo grupo. As cabeças confirmam que sim. Pede que a estudante Lélia, que interpretou Amanda, fique perto dele. Segue questionando “quais são personagens ‘oprimidos e opressores’?” Um estudante responde que os opressores são o homem na primeira cena, e o chefe depois. As personagens oprimidas são Amanda e a assessora Cláudia.

Adilson prossegue e pergunta se a protagonista, Amanda, pode simplesmente ir até a mídia e denunciar o chefe. Clara, uma estudante que está na plateia, responde que não, que ela pode ser demitida. Ele continua e pergunta se alguém tem alguma ideia, Clara diz que conversaria com a assessora. Adilson então a convida para vir à cena, mas a estudante se recusa e ele abre para outras pessoas que quiserem vir à cena. Ninguém se manifesta, então ele segue motivando, lembra que é um jogo e então, Maria decide substituir Amanda em uma conversa com a assessora.

### 1a substituição:

Amanda sai da sala do chefe e encontra a assessora. Conta o que aconteceu e se espanta com a postura da Cláudia. Tenta acolher a assessora e diz que sente muito que ela tenha passado por isso. Cláudia diz que não vê problema, que a mãe dela também teve que passar por isso, que ela também fez e não se arrepende. Amanda fala que ela também está sendo oprimida e que não está justo porque o Léo conseguiu uma promoção em apenas 6 meses, que se elas se unirem elas podem mudar isso. A assessora diz que: “Isso é conto de fadas de feminista!”, e se afasta fisicamente de Amanda que mantém uma postura acolhedora e não de ataque. Amanda insiste novamente para uma denúncia dupla e Cláudia argumenta que a prima dela fez isso e que agora estão passando fome e que ela prefere ficar onde está. Amanda pergunta se ela compreende que as duas podem fazer a mudança, que elas podem mudar a realidade, a assessora então diz que: “O mundo está assim há 2000 anos e não é agora que vai mudar”, ela completa que o marido dela sabe e que aceitou a situação e que no dia-a-dia é “de boa” que ele só pega na mão dela, passa a mão no braço dela. Amanda fica ainda mais ressentida com a situação e pergunta se Cláudia não se sente mal com isso, ao que ela responde “é só aceitar, a gente tem que aceitar”.



Figura 12 - Amanda e Cláudia conversam

Apesar da fala bem decidida da assessora Cláudia, as expressões de seu corpo revelam que ela fica incomodada com a situação, ela fica bem agitada e começa a sair de perto de Amanda. Durante o fórum isso é ressaltado e conversado juntamente com a plateia. Para observarmos que, por vezes, as expressões do corpo, a comunicação não-verbal revela o que nem sempre é fácil de dizer.

Adilson retoma a fala como curinga, agradece a participação da Maria que substituiu a protagonista Amanda e resalta a quantidade de ideias que foram levantadas nessa intervenção. Ele então se dirige para Flor, a atriz que interpreta a assessora Cláudia, e lhe pergunta “Você não se sentiu mobilizada, em nenhum momento, em concordar com a Amanda?”. E Flor responde: “Deu muita vontade, eu fiquei dividida.”

Como curinga, ele segue explicando que os/as opressores/ras em cena devem intensificar um pouco a opressão<sup>83</sup> durante uma substituição, mas que se sintem que é o

<sup>83</sup> Augusto Boal (2014) faz a mesma orientação aos atores e atrizes da cena modelo, para intensificar um pouco a opressão para que o/a *spect-ator/ spect-atriz* sinta as forças opressoras em ação. Eu, particularmente, com a

momento de ceder, podem ceder. Ele começa a ressaltar pontos importantes do que a *spect-atriz* trouxe em cena mas, antes de concluir, joga essa pergunta para a plateia, com o que concordo totalmente. É o que se espera de um/a curinga, que busque o diálogo com a plateia, para que sejam eles e elas a evidenciarem os pontos importantes e trazerem as possíveis soluções.

A estudante Guilhermina, que interpretou a colega, Paula, diz que um dos momentos mais importantes foi quando Amanda perguntou se a Cláudia se sentia incomodada com os assédios. Ela continua dizendo que dependendo da abordagem que a Amanda tiver, pode ser que Cláudia consiga se abrir mais e fale do porquê ela se sentiu incomodada ou qualquer outra coisa, para que primeiro a própria Cláudia possa se reconhecer como oprimida, para depois poder ser uma aliada. Adilson reforça que a importância da conversa realizada em cena. Mesmo que a personagem esteja reforçando falas machistas, pode ser que Cláudia depois compreenda que Amanda pode ser uma companheira com quem ela possa contar.

Neste momento, Adilson pergunta para Maria como foi “estar no lugar da Amanda”. Ao que Maria responde “Frustrante”, e ele segue o diálogo perguntando o porquê. Maria diz que é uma situação muito difícil de se estar e que foi complicado fazer a assessora perceber que ela estava sendo oprimida e que ela sentiu que não tinha capacidade de fazer isso na cena. Adilson reforça que ela teve, sim, uma enorme capacidade, e que se Flor, a atriz que interpreta Cláudia, ficasse um pouco mais livre da orientação de aumentar a opressão, talvez fosse possível continuar essa conversa a partir do ponto em que estavam para vermos o que poderia acontecer. O curinga, Adilson, propõe que, ao recomeçarem a cena, Flor alivie um pouco, mas não muito, a opressão e que ela possa se dar conta em cena de que o que acontece é de fato um assédio.

Neste momento o estudante Rafael Henrique sugere que Amanda talvez possa reagir mais intensamente ao descobrir que Cláudia também já foi assediada, de parar com os argumentos e fazer um acolhimento real, legitimar que Cláudia não merece ser tratada desta maneira, ressaltar tudo o que ela trabalhou e dizer o quanto isso é injusto. Adilson pede que ele segure este argumento para ver se depois ele se anima de ir até a cena e fazer uma substituição.

---

experiência e trabalhando com não-atores, faço uma indicação de maneira diferente: ao invés de pedir que intensifiquem a opressão, peço que estejam presentes na ação, reagindo ao que lhes foi dito.

## 2ª substituição:

Repetição da primeira substituição, agora com a atriz tentando aliviar a opressão. Vemos praticamente a mesma cena novamente, mas desta vez Maria-Amanda acolhe ainda mais a assessora que mais rapidamente desiste da conversa e diz que precisa voltar ao trabalho.

Flor, a atriz que interpreta a assessora, diz que é muito difícil, que ela tentou aliviar, mas que não conseguiu. Porque ao mesmo tempo que ela é vítima, ela também é a opressora. Ela entende que a mente da assessora está calcificada, e que ela, Flor, compreende que a personagem é mais oprimida do que opressora.

Adilson insiste com Flor, pergunta a ela se diante dos argumentos expostos por Amanda ela acredita que seria possível se dar conta de que é oprimida há muito tempo. Flor diz que sim. Adilson legitima a frustração da Maria, que novamente não conseguiu fazer com que a assessora reconhecesse a opressão, e complementa dizendo que não podemos seguir aceitando que está tudo bem.

Guilhermina faz uma fala com recorte de classe, explica que para mulheres que possuem cargos altos é menos difícil de fazer uma denúncia do que para mulheres de classe social baixa, em que o que está ameaçado é a própria vida. Por vezes, podem ter demorado 10 anos para conseguirem um emprego estável e a perda do emprego pode culminar em fome. Flor concorda com isso, e faz o recorte da própria personagem da assessora, que diferente da Amanda, precisa do emprego para as contas básicas.

Maria complementa, que na cultura que vivemos, nós, mulheres, aprendemos sempre a cuidar dos outros em detrimento de si mesmas. A assessora é assediada sistematicamente, mesmo que não queira, porque ela faz isso em prol dos filhos. A personagem Amanda cogita fazer o mesmo em prol da mãe, aceitando que ela própria pode se sacrificar, desde que as pessoas que elas amam fiquem bem.

Algumas pessoas vão dizendo o que pensam de maneira verbal. Ressalto um dos pontos mais importantes desse momento que foi levantado, que é o de não julgar a personagem Cláudia, a assessora, que está envolta em problemas maiores e estruturais da sociedade.

### 3a substituição:

A estudante Maria faz novamente a protagonista Amanda, desta vez com a colega de trabalho, Paula. A conversa avança no sentido de a colega compreender que as consequências de uma denúncia na mídia é muito arriscada para a protagonista.

Adilson ressalta a importância e coragem de falar com outra pessoa depois de ter passado pelo que a Amanda passou, que pode parecer pequeno, mas é grandioso porque ao falar sobre o que aconteceu, é possível pensar em outras ideias, legitimar o que aconteceu, conseguir acolhimento e encontrar pessoas aliadas.

Alguém da plateia sugere uma cena entre pai e filha, em que a filha esteja no trabalho e descubra como o pai se comporta e confronte ele, mas logo outra pessoa já complementa que é muito irreal a criança no trabalho e, mesmo que ela fosse, dificilmente ela ficaria sabendo dos assédios. Então, a proposta é reformulada incluindo uma conversa entre pai e filha em casa, para falarem sobre o que aconteceu no parque. Adilson acolhe a sugestão, mas diz que prefere tentar primeiro outras substituições ali na empresa.

### 4a substituição:

A estudante Mônica vem para a cena para substituir a Amanda. A cena começa como uma continuação da última substituição, ou seja, ao final da conversa com a colega de trabalho. A colega de trabalho, Paula, insiste em ir à mídia, mas Amanda diz que do jeito que a justiça é no Brasil ela vai perder o emprego e provavelmente nada vai acontecer com o chefe. Amanda então conta que a assessora sofre assédios sistemáticos, Paula se espanta, e Amanda diz que não a julga, mas queria encontrar outras alternativas, porque a assessora diz que não vai denunciar. Amanda segue dizendo que não vai ter forças para fazer a denúncia sozinha e, ao mesmo tempo, não pode deixar a assessora nessa situação.

Paula então sugere que conversem com a assessora e talvez possam criar um grupo de apoio, ou uma maneira de fazer denúncias anônimas, porque talvez haja até mais mulheres que estejam passando por isso na empresa. As duas decidem ir naquele momento conversar com a assessora. Amanda adverte que vai ser uma conversa difícil, que ela está muito bloqueada com a situação, que ela está na defensiva, que ela não está bem e, que apesar de ela não dizer, Amanda teve a impressão de que gostaria de sair dessa situação de abuso. As duas se dirigem à sala da assessora.

Cláudia recebe as duas muito bem, então Amanda se desculpa pela última conversa em que ela não estava muito bem, tinha acabado de sair da sala do chefe e estava chateada, mas enquanto estava conversando com a Paula percebeu que deveria voltar ali e conversar direito, escutar, saber se está tudo bem mesmo.

Cláudia diz que está tranquila, feliz (o que soa estranho) e que o foco dela, neste momento, é a própria família. Amanda pergunta se ela já refletiu sobre isso, que ela compreende que é uma situação difícil. E Cláudia, reage: “Pensar no quê?”. Amanda diz que não está julgando, que ela entende os motivos de Cláudia, mas que é uma situação em que está vulnerável e ninguém merece passar pelo que ela está passando. Cláudia diz que não tem escolha. (Diferente da primeira vez, Cláudia agora fala de si mesma e não da sociedade, do mundo, não é um ataque, é uma abertura).

Paula, a colega, pergunta se ela já se abriu com alguém, se os assédios acontecem com frequência, e Cláudia diz que não entende porque elas tem que falar sobre isso, mas... (Cláudia respira e suspira, e oportunamente, as outras esperam). Então, Cláudia desabafa e diz que às vezes ela tem que ir na sala do chefe, que elas sabem como isso funciona... As duas escutam e realmente compreendem. Paula elogia Cláudia, reconhece que ela é competente, que estudou e que tem muita capacidade para estar no cargo em que está, Amanda complementa que talvez exista um outro jeito de lidar com isso. Cláudia se irrita e diz que o outro jeito é que ela precisa de um emprego e questiona se as duas vão arranjar outro emprego para ela.

Amanda então diz que elas podem tentar, e que ela própria também não quer mais continuar na empresa depois disso, que naquele mesmo dia ela vai passar a procurar outro emprego. Cláudia diz que se tivesse outro emprego ela teria coragem de denunciar o chefe, de colocar na justiça, mas que ela não pode ser impulsiva pois tem muito a perder.



Figura 13 - O acolhimento, a escuta e o vislumbre de um caminho em coletivo

Jamiro questiona se arranjar outro emprego em outro lugar resolveria a questão porque as mulheres que conseguem sair se afastam da situação dos abusos, mas e as mulheres que ficam? Eu mesma respondo que a Cláudia disse, em cena, que se tivesse outro emprego ela iria denunciar, e confirmo com a estudante se ela disse isso mesmo, e ela confirma.

#### 5a substituição:

O estudante Daniel vai para o palco. A proposta dele, como *spect-ator*, é uma cena com uma conversa entre o chefe e o Léo, o cara que foi promovido a diretor financeiro com 6 meses de empresa. Léo chega na sala, cumprimenta o chefe e diz que gostaria de conversar sobre a Amanda, que ela é uma pessoa muito competente e que há boatos que ela possa ser promovida em breve, e que ele, Léo, ficou feliz em saber, porque ela merece a promoção e que até hoje não entende porque ele foi promovido antes dela.

O chefe responde que por ele ser homem fica mais fácil de confiar e que já o respeita. Léo pergunta qual é o objetivo final da promoção, se é o bem-estar da empresa, que não é diferente ser homem e mulher, e questiona “se ela é a pessoa ideal, porque ela ainda não foi promovida?” (o estudante ator, que interpreta o chefe, fica meio sem jeito, com dificuldade de responder).

O chefe diz que ela ainda precisa fazer um negócio para ele para poder ser promovida. Léo tenta dizer que se o objetivo final é o bem da empresa, que o chefe talvez possa desistir desse acordo para promovê-la. O chefe responde que no ponto em que ele está agora ele não tem como voltar atrás.

Léo então confirma com o chefe se ele tem uma filha, e o chefe diz que sim, a Belinha. Léo pergunta se ela é uma boa estudante, o chefe responde que sim, que só tira 10. Léo então questiona e pede que o chefe pense que se Belinha, que é inteligente e capacitada, estivesse precisando de um emprego, mas que para isso ela precisasse fazer um favorzinho, como ele, o pai dela, se sentiria? O chefe então responde que sentiria que “isso estaria desrespeitando a honra dela e a minha, que sou pai dela”.



Figura 14 - Léo conversa com o chefe

Naquele momento, o curinga interrompe a ação. Aplausos da plateia. Adilson relembra a dramaturgia que foi criada pelo grupo e apresentada: mostrar na primeira cena um pai preocupado com a filha e que quase bate em um abusador e que, na cena seguinte, é o chefe da empresa e se revela o assediador de outras mulheres.

Começa-se um debate sobre a postura do homem na sociedade, que cada homem precisa abrir mão de seus privilégios e que o homem não tem que ser protagonista em todas as frentes, que precisam ativamente se transformar em aliados. Novamente, ser feminista não é somente reconhecer o machismo estrutural, é agir. É revoltante perceber como um homem é mais escutado que uma mulher dizendo a mesma coisa.

Outro ponto essencial que foi falado é que o personagem Léo só pôde chegar e falar com o chefe, porque as outras cenas existiram antes. Precisamos estar atentos para que não fique a impressão de que os homens são os salvadores. O boato que Léo ouviu provavelmente foi decorrente das conversas entre as funcionárias.

Thiago finaliza ressaltando a importância da coragem, de medir as consequências de nossas ações para encontrar os caminhos para agir e não se omitir. A coragem está no Léo ao ir falar com o chefe, mesmo se arriscando a ser demitido, e está sobretudo em Amanda,

que mesmo após o assédio, consegue compreender que a assessora é ainda mais oprimida que ela, pois sofre há mais tempo com os assédios do chefe e, por mais que a dor do que aconteceu esteja forte, Amanda encontra caminhos para não se silenciar, para buscar o diálogo e os caminhos possíveis para resolução.

Nesta aula, pedimos que quem quisesse nos enviasse posteriormente os áudios, e tivemos somente 3. Transcrevo alguns trechos, iniciando com o de Ametista, que fez o papel da filha no Teatro Fórum:

*Eu achei tudo incrível. As aulas do começo foram muito estruturadas (...) e eu fiquei muito feliz de poder ter essa experiência e, sinceramente, eu não sei como a gente vai simplesmente deixar de ter o módulo de entrevista depois da semana que vem. (...) É uma experiência que todo mundo deveria ter. A gente acaba treinando muito a empatia e a socialização. (...) Agora falando do que eu senti que poderia ter tido [no fórum] é (...) ter refeito outras opções de cena como, por exemplo, a cena entre a criança e o pai (...). Depois de tudo que aconteceu no parque, ela poder falar com o pai dela “Como assim o pai dela não agiu da mesma forma com a outra menina do que agiu com a filha?”*

*E aí mostrar essa reflexão, porque com certeza a filha do chefe ficou afetada pelo o que aconteceu. Ela ficou sentida porque foi um momento de muita empatia que ela teve e realmente foi muito doloroso para uma criança ver aquilo acontecendo.*

*E também refazer a conversa do chefe com o Léo, que era do setor financeiro, para tentar mudar esse argumento que se relaciona com a posse (...) e se aproximar de algo que realmente humaniza o pensamento do chefe em relação ao que ele pensa sobre as mulheres. Para tirar essa ideia de que as mulheres pertencem ao homem e não pelo merecimento que elas têm em várias outras frentes.*

Ametista problematiza a última substituição, e concordo com ela, que foi uma saída machista. O argumento que o Léo usou foi aceito pelo chefe, mas não porque o chefe entendeu que uma mulher merece ser tratada como um ser humano e, sim, pelo aspecto de posse, o chefe se sentiria ofendido se a mesma coisa acontecesse com a filha dele, por ferir “a honra da filha e a honra dele”.

E o que não percebi no dia, mas compreendo neste momento da pesquisa, é que algumas falas também foram machistas, como por exemplo, a de enaltecer a coragem de Léo que foi conversar com o chefe. Então, mesmo repensando o machismo, os desafios são enormes, porque pessoas que no discurso são feministas, acabam agindo de maneira machista e ainda esperando as congratulações.

Luís, outro estudante que esteve presente no dia, nos envia o seguinte áudio:

*Sobre essa reflexão acerca da experiência, no geral eu senti que foi muito proveitosa. Eu gostei muito desse espaço que a gente tem aberto, acolhedor e libertador que estimula a gente a buscar o abraço do outro, o toque, o afeto, a sugerir mudanças para o bem, enfim, se desenvolver e resolver situações, (...) buscando um equilíbrio. Isso é bom. Gostei e me senti empoderado. (...) Gostei de ter um estímulo de ir ao encontro do outro, de realmente parar e escutar, e, por poder interferir no papel do outro.*

*Empoderamento e criação de vínculos, [pois] muitas vezes a gente fica fechado no próprio caminho, e ali poder ver as pessoas para além do papel, ver a pessoa que estava desempenhando aquele papel e ver como esse papel a afetou.*

*É bom isso de enxergar, de se utilizar da empatia, e também enxergar a outra pessoa nesse confronto, dá mais um nível de grandeza, de sair desse papel e enxergar o que tá acontecendo, aí você pode se desvincular desse papel e encontrar uma mudança. E também é bem bonito enxergar a pessoa se desvinculando, (...) igual a assessora que a gente via o corpo que comunicava de outra forma, mesmo que verbalmente ela sustentasse o discurso, você via que no corpo ela sentia o desconforto.*

Luís nos apresenta exatamente o que Boal dizia: ao fazer teatro, a pessoa vê a si mesma como que descolada de si, como um reflexo de si mesma, e vendo-se compreende e conscientiza quem era, e projeta quem pode vir a ser. “Eu vejo e me vejo, eu falo e me escuto, eu penso e me penso – isto só é possível pela fissão do eu. O eu-agora percebe o eu-antes e prenuncia um eu possível, um eu-futuro” (Boal, 1996, p. 41).

Rafael Henrique, que também nos enviou suas impressões por áudio, disse:

*Eu achei uma experiência extremamente produtiva. Achei muito bem construído, de uma forma muito criativa, e me senti muito incentivado a participar, a expressar minha opinião naquele momento sobre a cena. (...) Foi um tema muito difícil para mim, principalmente a primeira parte foi bem desconfortável, e enfim, o fato de assédio infantil, isso mexe demais comigo. (...) Essas duas cenas serviram para o debate para discutir o pai protetor, o macho alfa, e na empresa dele, ele é o poderoso chefe e ele é totalmente inverso do que ele defendia, porque na verdade é bem condizente, porque ele entende que a mulher seria uma posse dele, por causa dessa cultura do patriarcado do capitalismo. (...)*

*O que mais eu senti foi uma ansiedade, (...) cheguei bem perto de uma crise de ansiedade, mas eu estava me controlando muito, porque eu tava encontrando caras conhecidas, e sabia que era uma atuação, que não tava acontecendo de verdade.*

*Durante a segunda parte fiquei muito confortável por pensar que as coisas mudaram, e que eu tenho um senso de justiça, porque eu fiquei muito irritado com a pergunta que a personagem Amanda fez: “o que você faria no meu lugar?”*

*Nossa eu não consegui, eu fiquei sem chão. (...) Muito provavelmente eu nunca vou passar para uma situação dessa porque eu sou homem. Então vai ser muito difícil eu sofrer esse tipo de assédio, e ser tratado com tanta naturalidade para outras pessoas. (...)*

*Fiquei muito feliz quando a Mônica volta como aliada conversando com a Paula, e elas chegam junto com a assessora e compreendem que elas estão juntas, que elas passaram por aquilo e que ela não merecem isso e que elas estão ali para apoiar e respeitar a decisão assessora e eu quero muito ser esse tipo de pessoa em qualquer situação, de chegar e acolher. (...)*

*Sinceramente eu estou apaixonado pelas aulas, (...) porque é o momento em que eu sinto que eu posso trazer dilemas e pontos que eu penso muito, mas eu não tenho tempo hábil ou, às vezes, eu não tenho essa criação de cenário esse ambiente seguro, não necessariamente confortável, porque a intenção é (...) discutir temas, e [a perspectiva] para que a gente possa mudar as coisas, é uma das coisas mais maravilhosas que eu tenho.*

Rafael Henrique traz vários pontos em seu relato, um deles é o de ter quase tido uma crise de ansiedade e ter encontrado maneiras de conseguir permanecer ainda assim, lidando com os gatilhos emocionais de maneira diferente do outro fórum e, ainda, ressaltando a importância e utilidade do fórum para possibilitar a mudança. Recentemente, no quarto ano, após uma simulação de consulta médica, Rafael Henrique sugeriu que eles pudessem fazer simulações de consultas médicas como no Teatro Fórum, ir parando, voltando, alterando, e reforçou novamente o quanto se apaixonou pela metodologia.

O outro ponto é o que já foi debatido neste capítulo diversas vezes. Ele compreende que como homem não irá passar por esse tipo de assédio, pois vivemos numa cultura patriarcal e machista. Encerro trazendo dados da vida real, comprovando a importância de trazer esse tema para ser discutido.

Em dezembro de 2023, foi realizada uma pesquisa<sup>84</sup> com médicas e o resultado foi de que “seis em cada dez médicas já sofreram assédio sexual ou moral”. A pesquisa foi realizada por meio de formulário eletrônico e preenchida por 1.443 médicas.

Maria Rita Mesquita<sup>85</sup>, primeira secretária da Associação Médica Brasileira, diz que “Os números são bastante expressivos, mas não diferente do que imaginávamos. É uma situação bastante desastrosa.”

Mais da metade das médicas (51,14%) já sofreu agressões verbais ou físicas e 72,35% têm conhecimento de episódios do tipo. Entre as vítimas, aproximadamente metade (44,62%) denunciou o caso à chefia imediata ou à diretoria, com apenas 11,24% surtindo efeito. Cerca de 10% também prestaram queixa em órgãos judiciais ou policiais. No entanto, somente em 5,4% das vezes houve apuração e punição dos responsáveis.

Somente 5,4% dos casos tiveram punição dos responsáveis, levando em consideração que só metade das médicas que sofreram agressões denunciaram. A percepção sobre igualdade de gêneros é a de que 76,3% das entrevistadas consideraram que não há igualdade.

<sup>84</sup> Ivone Minhoto Meinão, a idealizadora e coordenadora da pesquisa que pode ser acessada em: [https://www.apm.org.br/wp-content/uploads/Pesquisa-APM\\_AMB\\_nov2023.pdf](https://www.apm.org.br/wp-content/uploads/Pesquisa-APM_AMB_nov2023.pdf).

<sup>85</sup> Entrevista concedida a revista Veja, por Diego Alejandro **Seis em cada dez médicas já sofreram assédio sexual ou moral.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/seis-em-cada-dez-medic-as-ja-sofreram-assedio-sexual-ou-moral-diz-pesquisa>.

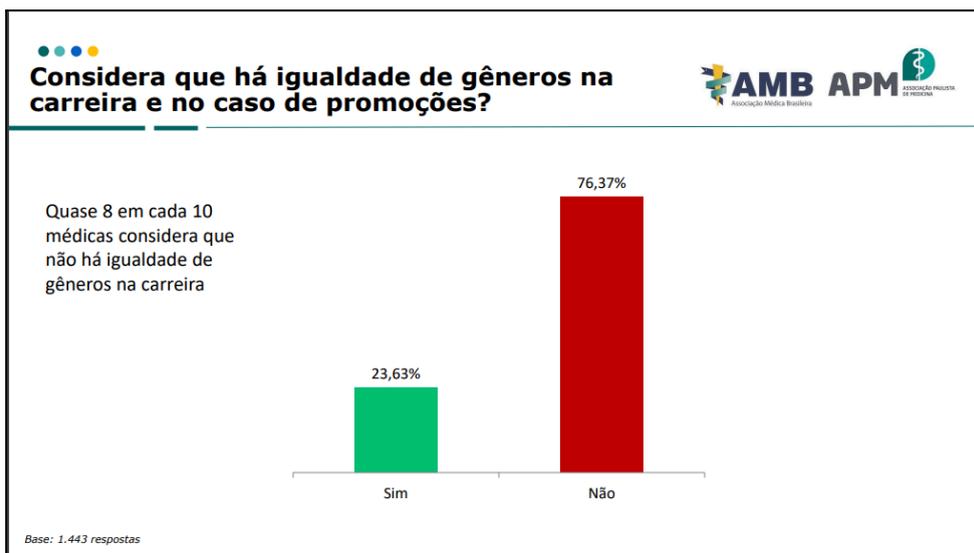


Figura 15 - Médicas relatam a percepção sobre igualdade de gênero na carreira

Para além das médicas, são inúmeros os casos de violência e assédio de médicos contra pacientes. Para mim, um dos casos mais estarrecedores aconteceu em julho de 2022. Foi o caso de um médico anestesista que abusou de mulheres durante o parto delas<sup>86</sup>. As enfermeiras e técnicas tinham desconfiado, mas não puderam impedi-lo até que no dia 11/07/2022, quando conseguiram transferir uma das pacientes para uma sala, onde esconderam um telefone celular e gravaram o crime. O médico foi preso em flagrante pelo crime de estupro e logo depois perdeu o registro no CRM (Conselho Regional de Medicina), ficando impedido de exercer a medicina novamente. E essas mulheres, enfermeiras e técnicas, coletivamente, foram as heroínas, pois encontraram uma maneira de conseguir que a justiça fosse feita.

### 3.3 Opressão na graduação em medicina

Essa cena foi proposta pelo grupo inspirada no livro “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes. O grupo traz a proposta para que seja possível discutir sobre o Coeficiente de Rendimento (CR) alto exigido aos estudantes de medicina. Na história, um homem tem um baixo Q.I. (Quociente de Inteligência) e se submete a uma cirurgia revolucionária que

<sup>86</sup> Por Danilo Vieira, Felipe Freire e Leslie Leitão, **Funcionárias de hospital desconfiaram de anestesista e trocaram sala de parto para fazer o flagrante de estupro**, reportagem do G1, disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/11/video-mostra-momento-em-que-anestesista-estupra-gravida-durante-o-parto.ghtml>.

aumenta seu Q.I. Para a cena modelo, o grupo define 3 cenários para apresentar a história e a opressão vivenciada por José Muller: a escola, o consultório médico e o bar.

Sinopse: José Muller é um homem adulto que frequenta aulas do EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Ele tem dificuldade de aprendizagem e sofre *bullying* dos colegas de sala. Uma das colegas, Fernanda, durante os xingamentos a José, torna-se uma pessoa omissa, que não faz *bullying*, mas também que não age como aliada. O professor tem um comportamento opressor, pois além de não coibir o *bullying*, concorda com as ofensas dirigidas a José.

O professor sugere que José faça uma cirurgia na cabeça, uma descoberta nova e revolucionária para que José “deixe de ser burro”, ao que José responde “eu sou gente”. José aceita a cirurgia, o professor o acompanha ao consultório médico e o procedimento é um sucesso.

Após alguns meses, José reencontra os colegas no bar, e desta vez é inteligente e lê muitos livros. Infelizmente, ainda assim continua sendo hostilizado. José então bebe, recita “Poema em Linha Reta” de Fernando Pessoa e termina a cena dançando um tango.



Figura 16 - José Muller dança

Antes de descrever as substituições que se sucederam, quero ressaltar a criação estética dessa cena. Esses estudantes trabalharam juntos em uma semana de elaboração e por uma hora antes da apresentação da cena modelo, e produziram, em tempo ínfimo, um espetáculo cheio de profundidades, sutilezas e acima de tudo, beleza. Dramaturgicamente escolheram dançar para encerrar a cena.

Neste dia, ao me encontrar com o grupo de atores e atrizes do fórum para ensaiarmos a cena, me deparei com esses estudantes sensíveis, disponíveis, engajados e completamente assustados. Fizemos um jogo rápido de concentração, depois fomos para um jogo de personagem; confesso que não sei o nome com o qual esse jogo está descrito, mas vou narrar para que seja possível compreender.

Peço que fechem os olhos e se imaginem como o/a personagem que irão vivenciar, que fiquem um minutinho com esse/a personagem, tentem pensar em sua história de vida: “como cheguei até aqui?”, “imaginem *flashes* de uma vida inteira, desde o nascimento, infância, adolescência, vida adulta”. Passo a já chamá-los e chamá-las pelos nomes de personagem: “que sonhos vocês tinham?”, “como se sentem?”. Passo da proposta mental de criação da personagem, para a proposta corporal. Peço que observem a sua respiração e identifiquem como ela é, em seguida que eles e elas abram os olhos e enxerguem o mundo tal qual o/a personagem que agora vivem. E, em seguida, se proponham a fazer ações como esse/essa personagem: “estudem os passos dessa pessoa, alterem os seus corpos e moldem para que esse/essa personagem exista”, “exagerem bastante a alteração e na dimensão dos gestos, experimentem; se servir, repitam a movimentação, se não servir experimentem outra, e outra e outra”. Aprendi uma indicação de jogo com a Sílvia Leblon<sup>87</sup>, artista e palhaça e repito: “se nenhuma ideia lhes vier, inventem, que é a mesma coisa”<sup>88</sup>.

Ressalto algumas coisas que apareceram nesse dia, momento em que como professora de teatro pude auxiliá-los na criação de seus personagens. Godofredo, que interpretou o papel de Ronaldo, e Nicolas, que interpretou o papel de Normando, estavam improvisando bem os papéis de colegas opressores, e eu pedi que eles encontrassem uma camaradagem entre si. Ludmila, que fez a médica, é uma pessoa tímida que rapidamente se envolveu com a personagem da médica. Durante o ensaio, foi decidido que ela faria também a garçonete do bar.

João, ao improvisar José nos primeiros momentos, trouxe uma postura de coitado e fui incentivando que ele encontrasse a força do personagem, disse que as opressões eram de

---

<sup>87</sup> Sílvia Leblon é atriz, palhaça e diretora de teatro, atuando em teatro, televisão, cinema e publicidade. É uma formadora de palhaçaria.

<sup>88</sup> Tal qual outros teatrólogos, brincantes e artistas, a maior parte dos jogos que sei, aprendi jogando. Ao aprender algo corporalmente e em ação, se aquele jogo me modifica em algo, pego-o para mim, por vezes jogo novamente e, em outras, proponho o jogo em minhas próprias aulas como experiência, para ver como reverbera, para experienciar novamente a partir de outro ponto de vista. A indicação da Sílvia Leblon para os momentos de criação, para mim, é genial. A posição de aprendiz me trouxe o poder da criação, da possibilidade do erro. Por vezes, na frente de uma mestra, eu, e maioria de nós, recuamos de nossas inventividades pelo medo de errar, de decepcionar. Se escuto que exatamente o que se busca é a invenção, retomo para mim a responsabilidade e me recorro de minha própria sabedoria em imaginar coisas, quaisquer coisas, saio da inação para ação, mantenho-me em jogo.

fato potentes e ele poderia reagir a elas. Marcelo, que interpretou o professor, é um cara gentil e afetuoso com seus colegas e buscou um tom agressivo e forte. Estava muito difícil para que ele conseguisse oprimir José, orientei que ele tivesse como subtexto que estava ajudando José, pedi que ele buscasse falas que fossem um jeito agressivo de oferecer ajuda, que ele podia sim interpretar um personagem agressivo, mas havia também outras possibilidades. Joana, que interpretou a Fernanda, foi um *insight* de último momento, em coletivo estávamos em dúvida se ela seria uma aliada de José ou se seria mais uma opressora. Nos últimos minutos, optamos pelo meio termo, daquela que é quase uma aliada, ela não xinga, mas se omite.

Após a apresentação da cena modelo, eu comecei a conversar com o grupo de estudantes. Eu estava particularmente preocupada, pois nossa última experiência tinha sido bem intensa e eu ainda me culpava por uma má condução do fórum. Eu estava buscando e dizendo cada palavra com cautela. Naquele dia, fiz uma analogia entre o Teatro Fórum e o plano terapêutico para a realização de um tratamento de uma doença. Primeiramente perguntei se tinham identificado as opressões existentes na cena, e obtive uma resposta positiva. Digo que agora que sabemos quais são os problemas, precisamos pensar em possibilidades para se mudar o desfecho dessa história, tal qual uma doença crônica que tem várias frentes de tratamento para evitar-se ou protelar-se as complicações crônicas. No teatro tentávamos imaginar caminhos para solucionar ou diminuir as opressões apresentadas.



Figura 17 - eu ajoelhada frente ao fórum de estudantes

A primeira pessoa a falar comenta sobre a postura da personagem Fernanda, por sua omissão frente à atitude dos colegas. Outras pessoas também falam dessa personagem, em como ela parecia querer ajudar José, mas na verdade ela o convencia a aceitar as opressões que sofria. Achei interessante que a plateia tenha se incomodado com a postura da personagem, penso que essa reflexão foi importante para que refletissem sobre as próprias posturas diante de opressões que presenciam.

Volto o assunto para a opressão principal. Um dos estudantes, Daniel, que estava visivelmente envergonhado, sugere que José não aceite a cirurgia, e eu o convido para tentar essa sugestão em ação, ele engole seco e a plateia ri. Eu me desculpo e reforço que é um convite, para tentarmos resolver em ação. Daniel pergunta se José tem problemas mentais, junto com o grupo respondo que ele tem dificuldades em aprender, mas que não tem nenhum tipo de deficiência. Daniel ainda está reticente em fazer a cena, então lhe garanto que serei generosa e peço o compromisso da plateia em ser generosa nesta substituição. Ele escolhe o momento da escola para fazer a proposta.

#### 1ª substituição:

Daniel veste o chapéu de José Muller e se torna *spect-ator*. A cena recomeça a partir da indicação da cirurgia realizada por Normando. Desta vez, José diz que não quer fazer, que ele não sabe que história é essa de lhe abrir a cabeça. Mesmo após o incentivo de Fernanda ele responde diversas vezes que não fará a cirurgia. Nicolas que interpreta Normando, intensifica a opressão, dizendo que além de burro, José é medroso. A cena se mantém mais alguns minutos na insistência dos colegas e na firmeza de José em se negar a cirurgia, interrompo a cena e agradeço a participação de Daniel.

Volto a conversar com a plateia, expliquei que estávamos buscando caminhos e que esse tinha sido um primeiro passo importante. Compartilho com eles que eu mesma não esperava que essa fosse a primeira ideia a ser testada, convido-os para pensarmos juntos: “a opressão acabou depois da decisão de José?”, ao que eles responderam que não. Eu continuo a provocação: “tem alguma outra maneira de auxiliar o José a pensar em outros caminhos em busca de uma solução?” Maria Lua pergunta se naquela cena específica, respondo que não necessariamente, pois a partir da alteração que se propôs, quando nosso personagem José Muller decidiu não fazer a cirurgia, passamos a alterar o futuro da cena e a consulta com a

médica deixa de existir, mas ele pode, se desejar, pedir ajuda médica ou outras que o grupo quiser.

A própria Maria Lua propõe que ele busque uma ajuda em coletivo, porque sozinho ele não vai conseguir, sugere que ele pudesse buscar ajuda com uma conselheira, uma outra professora. Respondo que acredito que é uma ótima ideia, e pergunto se ela topa improvisar essa cena, ao que ela responde “Topo!”. Novamente a plateia ri e percebo que deixei a estudante constrangida. Peço desculpas e complemento que por vezes me esqueço que, estando em uma posição de poder, eu me torno opressora e que essa não era minha intenção. Felizmente Maria Lua se sente motivada, veste o chapéu de José Muller, e completa que ela gostaria de falar com a coordenadora da escola. Peço que ela escolha alguém para fazer a cena com ela, ela se vira para os/as colegas, mas ao invés de escolher, ela pede que alguém faça com ela, o que considero uma opção melhor do que a que eu mesma propus. Após alguns minutos, Mônica se levanta e se dispõe. Para mim, esses minutos de espera são difíceis, no entanto, são essenciais para que o sujeito, que está na posição espectador, faça a ação de entrar no jogo e se torne *spect-ator*.

## 2a substituição:

José Muller pede licença e entra na sala da coordenação, a professora o cumprimenta e em seguida questiona se ele não deveria estar em aula, ao que José responde que não está se sentindo muito bem. A coordenadora pergunta se ele está doente e ele responde que não, que o que está acontecendo é que seus amigos da sala e o próprio professor não estão sendo legais, e que falaram que vão serrar a cabeça dele, que chamaram ele de burro, de mula, que o professor quer levar ele numa médica que vai abrir a cabeça dele e colocar alguma coisa lá pra ele ficar inteligente.

A coordenadora pergunta se José não entendeu errado, porque aquilo não faz nenhum sentido. José diz que tem certeza absoluta. A coordenadora responde que ele deve estar muito nervoso, que ele não está dizendo nada com nada e lhe oferece um chá. José diz que quer ajuda mesmo, que esse deveria ser o papel do professor o de ajudar e não rir dele, que ele sabe que tem dificuldades, mas que ele está tentando. A coordenadora então pergunta se José já teve um acompanhamento psicológico, se já passou por alguma profissional especializada em dificuldades de aprendizagem, ao que José responde que nunca foi e que acha que essas coisas são de gente louca.

Ela complementa que pode ser importante buscar uma ajuda profissional, que tudo bem se ele tiver alguma dificuldade de aprendizagem, que seria importante saber o que é, e se ele não tiver nada, tudo bem também, que a escola vai continuar ajudando.

Ela pergunta se ele sabe pegar ônibus e metrô e ele responde que sim, então ela lhe entrega um papel com o contato de uma orientadora pedagógica que atende com preço social e pede que ele busque ajuda, garante que ninguém vai serrar a cabeça dele, e que se não der certo ela pode mudar ele de sala, e que de qualquer maneira ela irá conversar com o professor pra entender essa história toda.

Essa cena é ótima para verbalizar o absurdo da proposta da cirurgia, quando contada para uma pessoa “de fora”, colocando o foco na incoerência, nós, na plateia, percebemos o quão incoerente é a proposta.

Mesmo assim, na vida real, o governo do Mato Grosso do Sul<sup>89</sup> fez um projeto para combater o *bullying* nas escolas por meio de cirurgias estéticas (ou reparadoras). Dentre as cirurgias oferecidas estão a de estrabismo, cirurgias plásticas para alteração de nariz e orelha, entre outras. Em busca para saber se o programa anunciado em maio de 2023 foi realizado, encontrei uma reportagem<sup>90</sup> que afirma que nenhum procedimento foi realizado até fevereiro de 2024. Infelizmente, não foram realizados por falta de agendamento, e não por uma conscientização da problemática educacional envolvida nessa proposta de “resolução” *do bullying*. Até o ano passado, 208 crianças e adolescentes estavam inscritos nessa lista. Apesar de não ser uma cirurgia no cérebro, como apresentada na cena modelo, fazer alterações físicas em vítimas de *bullying* não resolvem o problema, ao contrário, reforçam o fato de que a vítima é que precisa se adequar, buscando um padrão instituído para que ela seja aceita e deixe de ser alvo de violência.

Retomando a aula, eu, particularmente, estava satisfeita com o fórum, o caminho encontrado foi coletivo (pedir ajuda), com atitudes oriundas do personagem oprimido e sua ação uma forma de resistência à opressão que vinha sofrendo. Mesmo assim, olhei para a plateia e perguntei: “e aí, o que acham?”. Silêncio. Espero um minuto analisando as reações e faço outra pergunta: “vocês acham que muda o desfecho com essa atitude?”, algumas respostas tímidas: “muda”. Reforço que o teatro, infelizmente, não é a solução para todos os problemas que temos no mundo, que isso realmente seria ótimo, mas de qualquer maneira podemos fazer teatro para pensar, para descobrir outras possibilidades, para experimentar

<sup>89</sup> por Maira Di Giaimo, **Governo do MS oferece cirurgias para jovens que sofrem *bullying* e gera polêmica**, disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/governo-do-ms-oferece-cirurgias-para-jovens-que-sofrem-bullying-e-gera-polemica-16601844>, acesso em 27 Mar. 2024.

<sup>90</sup> por Lethycia Anjos, **Criado há 8 meses, programa de cirurgias gratuitas para vítimas de *bullying* não realizou nenhum procedimento.** Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2024/criado-ha-8-meses-programa-de-cirurgias-gratuitas-para-vitimas-de-bullying-nao-realizou-nenhum-procedimento/>, acesso em 27 Mar. 2024.

outras maneiras de lidar com o problema, de pensar outros problemas. Perguntei: “você estão satisfeitos?”. Silêncio. Jamiro pergunta: “O comportamento dos outros colegas irá mudar depois disso?”, gestos de cabeça dizem que não. Jamiro continua explorando as questões: “Para nos lembrarmos que atenuar uma opressão não é necessariamente resolvê-la. As opressões podem ser complexas. Estamos confortáveis com esse desfecho?”

Um estudante diz: “A escolha dele de não fazer a cirurgia é uma forma de fazer resistência e ao mesmo tempo traz uma carga muito grande para José, pois os colegas intensificaram a opressão, alterando os argumentos para fazer o *bullying*”. Eu concordo e pergunto se eles gostariam de fazer uma cena com os colegas da sala depois das ações que vimos nas substituições, ou se eles preferem encerrar o fórum. Silêncio. Jamiro se manifesta e pergunta se ele próprio pode fazer a substituição. Os/As estudantes ficam surpresos. Não é a primeira vez que o professor Jamiro se dispõe a entrar em cena, e isso nós, professores, sabemos, mas eles não sabem.

Quero registrar a importância que tem quando um professor/a entra num jogo juntamente com seus estudantes. Isso representa a disponibilidade, a abertura, pois ao se mostrar vulnerável, ganha-se a confiança e o respeito de seus estudantes, consegue-se em poucos minutos uma horizontalização das relações de poder, dilui-se o medo e cria-se um relação de afetividade, de companheirismo, ideal para os ambientes de aprendizagem.

Eu sorrio e, como todas as outras vezes, digo que é claro que ele pode. Falo pros estudantes que eles/elas podem constatar que estamos realmente abertos para o que vier, que estamos improvisando, que eu e Jamiro não havíamos combinado de antemão para que isso acontecesse. É uma maneira de ensinar na prática, como é assumir riscos, estar presente e valorizar o conhecimento que o grupo trouxe para o debate estético naquele dia.

### 3a substituição:

Jamiro se levanta e pede pra fazer a cena do bar, continuando o enredo. Entrego-lhe o chapéu e peço para entender um pouco mais. Junto com Jamiro recapitulamos e ele vai criando o enredo do que aconteceu: cena da sala de aula em que ele se recusa a fazer a cirurgia, cena da conversa com a coordenadora, atendimento com a profissional especializada que confirmou que ele tem dificuldade em ler e escrever e que ressaltou que ele é ótimo em outras coisas (cena não realizada, Jamiro que diz como foi a conversa ao se imaginar como José) e, por fim, José mudou de sala de aula e desde a primeira cena, passaram-se 6 meses. Definimos que esse encontro seria a comemoração de fim de ano.

Estudantes-atores rapidamente assumem seus lugares em volta da mesa do bar, assim que a cena começa, todos conversam animadamente e bebem. José entra no bar e se dirige aos colegas. Normando ao ver que ele se aproxima diz: “eita, José!”, o professor emenda: “nossa, me deu dor de cabeça” e se afasta.



Figura 18 - professor se afasta

José tenta cumprimentar os colegas que não lhe retribuem o aperto de mãos. Fernanda pergunta como ele está e ele responde que mudou de sala. José pega um copo para se servir da bebida e Normando já emenda que ele não sabe beber, que é tão mula que nem pra isso presta. José diz que quer experimentar. Fernanda diz que acha melhor ele não fazer isso, que pode ficar ruim. José diz que pra saber das coisas é importante experimentar. Normando o chama de burro, diz que ele não vai conseguir beber. José pergunta se é preciso ser inteligente para poder beber, ao que Normando responde: “precisa, precisa ser inteligente igual a gente”. O professor retorna para perto dos estudantes e Normando aproveita e diz: “tá aqui, o professor, diz aí, José é burro ou não é?”, o professor balança a cabeça e diz que isso todo mundo já sabe, de maneira quase inaudível o professor fala: “ele estragou minha vida”.

No dia essa fala me chama a atenção, mas não me lembro se conseguimos falar sobre isso durante o *debriefing*. Marcelo, o estudante que interpretou o professor, me

surpreendeu novamente. Em poucos minutos ele entendeu a situação do professor opressor. Após assistir a cena da coordenadora, ele entendeu rapidamente que o professor iria ser chamado para uma conversa, e, pensando como o personagem, responde esteticamente da maneira como aquele personagem reagiria, culpando a vítima de tê-lo denunciado e não revendo suas próprias ações. Espero sinceramente que a gente possa ter falado sobre isso, mas esse fio de memória me escapou. Retornando para a cena:

José se serve de bebida, se sentindo sozinho vai para a parte da frente da cena e se senta no chão. Nicolas, que interpretou o colega opressor Normando, também me surpreendeu ao convidar os demais personagens a se aproximarem de José, dizendo que ia ser engraçado vê-lo passar mal de beber, ele ainda complementa que vai até se sentar para assistir.

José dá o primeiro gole e faz uma careta, Normando ri. José sentado bem próximo ao público diz que tentou se aproximar dos colegas, mas que não conseguiu, e diz que está feliz porque no bar tem mais gente, que até dá pra olhar nos olhos dos outros para cumprimentar. José dá um tchauzinho para a plateia e alguém corresponde, vários estudantes suspiram. Ele confessa que tem dificuldade para ler e escrever e fala que tem uma coisa que sabe fazer bem, pede licença para dançar um tango.

José desliza pelo espaço e Normando tira sarro, chega a dizer: “Não sabe nem escrever o próprio nome, como é que vai saber dançar? Ainda mais um tango...” Neste momento, algo inusitado acontece, José tenta tirar Normando para dançar que fica constrangido e visivelmente “desmontado” de sua pose opressora. Fernanda pede para deixá-lo em paz, de maneira sutil, mas finalmente é um pedido direto para o opressor, ela sai de sua omissão e de seus pedidos para que José aceite os insultos. São instantes que revelam a criação estética em curso, as mudanças de ações a partir do movimento de resistência de José, frisando, proposto pelos próprios estudantes.

Enquanto José desliza pela sala, bailando, me lembro da fala de um estudante enquanto eu perguntava se tinham alguma ideia para minimizar a opressão.

O estudante se lembra do jogo de “empurrar a outra pessoa”<sup>91</sup> que ele fez logo no início da aula com outro colega. Ele diz que quando os dois colocaram o máximo de força, eles foram incapazes de sair do lugar, mas quando deram um passo para trás e ele ofereceu a resistência sem encostar no colega ele compreendeu que, a partir do momento que ele sabia quem ele era e percebeu a pequena distância daquele que o empurrava, ele percebeu que poderia até diminuir a força que fazia porque agora ele sabia quem ele era e aquilo não lhe atingiria mais.

<sup>91</sup> Jogo “Empurrar um ao outro”, Boal, 2014, p. 116.

A recusa de Normando em dançar não afetou José, ele se manteve pleno, dançando corajosamente pelo bar. José finaliza a dança e agradece ao público que aplaude. José recebe os aplausos e finaliza: “Muito obrigada por terem me acolhido!”, manda um beijo para a plateia arrancando mais suspiros.  
Suspiro.



Figura 19 - Jamiro-José Muller sorri enquanto conversa com o grupo, a perna atrás é de Nicolas, interpretando Normando.

O final do fórum é uma aula, uma lição de vida, cujos professores são estudantes atores que fizeram o fórum, João e Nicolas. Fico emocionada ao ouvir novamente, na gravação, as palavras deles:

Letícia: E aí, grupo, como vocês estão?

grupo: Muito bom!

Marcelo: Foi ótimo...

Letícia: Vocês acharam que foi um caminho?

grupo: Hum hum.

Letícia: Vocês tinham imaginado essa possibilidade?

grupo: Não... não...

Nicolas: Foi difícil encontrar formas de opressão e intimidação depois da substituição, da possibilidade que eles trouxeram...

Letícia: Ficou difícil de oprimir?

Nicolas: Ficou.

João: Ficou difícil aceitar a potência dele, né? Quando eu só coloco ele como uma pessoa com dificuldade de aprendizado, aí pronto, mas quando você se vê diante de uma potência... opa, peráí...

Nicolas: Principalmente quando ele joga para outras pessoas, quando ele deixa de “ser” sozinho e joga outras pessoas junto da cena que poderiam ser auxílios para ele, aí fica muito mais difícil de continuar [a oprimir].

Espero que esses conhecimentos tenham ficado de alguma maneira impregnados na memória daqueles que participaram da aula. Assim como no dia do Teatro Fórum sobre violência de gênero, no caso das fotos, pedi que estudantes me enviassem um áudio sobre a experiência. Recebemos 26 áudios e mais 11 mensagens de texto, totalizando 37, que podem representar todos os presentes no dia, ou pelo menos a maior parte, já que as turmas possuem, no máximo, 40 estudantes.

Tenho a missão, quase impossível, de selecionar alguns desses relatos para a tese. A dificuldade se encontra porque não sei quais podem ser retirados, pois representam vozes diversas e as julgo importantes.

Começo, com o relato de Bestie, que foi o único a dizer que não gostou muito:

*E sobre a aula de hoje, eu gostei do começo da aula, que foi meio que comum de todas as outras aulas, dos jogos, eu gosto dessas atividades mais dinâmicas. E quanto ao Teatro Fórum, que foi o ponto principal da aula, eu vou admitir que não gostei muito, porque acho que é muito difícil, impossível na verdade, transpor uma situação real de opressão corriqueira para um teatro e que todas as respostas que vieram e que poderiam ter vindo foram muito superficiais, porque nenhum ator consegue fidedignamente assumir o papel de quem está sendo oprimido e colocar a resposta que ele quer que seja, a resposta certa ou o caminho certo, e os outros atores entrarem exatamente em qual seria a resposta da sociedade para esse estímulo. Então, eu não gostei do Teatro Fórum e não participei diretamente como ator nem no começo nem na substituição de nenhum ator depois.*

Bestie nos traz a perspectiva da ficção e nos apresenta o claro desafio a que se propõe o Teatro do Oprimido: como transpor as questões abordadas em cena para a realidade? Como realizar ações concretas e continuadas em nossa comunidade? Acredito que cada atuação, cada sessão de fórum, provoque essas questões, e não sei como elas se darão no futuro. O que posso afirmar é que falar sobre uma situação faz com que se amplie a perspectiva, encenar uma situação permite experimentar sensações e emoções, intensificando a empatia e a compaixão com as pessoas oprimidas e, tão revolucionário quanto, permite aos opressores e as opressoras refletirem sobre o seu próprio papel.

Relato de João, que interpretou o José da Silva:

*Refletindo sobre a aula de hoje do Teatro Fórum, de como resolver conflitos, acho que a minha principal reflexão, que é inclusive uma coisa que o José (...) sempre dizia: “Eu sou gente!”. Sabe, e eu acho que na questão de resolver conflitos, principalmente no contexto de opressão, (...) acho importante sempre pensar nisso, eu sou gente. Eu tenho dificuldade em alguma coisa, eu não sou burro, eu não sou uma besta, eu sou gente. Eu sou bom em alguma coisa, eu não sou a elite intelectual do país, eu não sou um neurocirurgião mais top do mundo, não, em primeiro lugar: eu sou gente. Gente de fato tem dificuldades, mas gente também tem potência, gente também tem gente inclusive. Então, é como administrar minhas dificuldades e pedir ajuda, né? Pedir ajuda para outras pessoas, criar uma rede de apoio porque assim fica muito mais leve. Porque quando a gente pensa que antes de ser médico, antes de ser burro, antes de ser qualquer coisa a gente é gente, e todo mundo é gente como a gente. Acho que a palavra aqui ficou gente. Eu, João, sou gente. E eu, João, tenho potências, eu, João, tenho dificuldades, eu, João, tenho amigos e eu, João, tenho família e no fim, aceitando isso dá tudo certo.*

Trago o conceito que passei a refletir a partir do meu contato e estudos sobre comunicação não-violenta<sup>92</sup>. Todos somos humanos. Nem monstros, nem seres insignificantes. Humanos. Isso nos possibilita conversar com os opressores, e nos possibilita reconhecer nossas próprias escolhas e potências, como bem disse João.

Relato de Nicolas, que interpretou Normando, o colega opressor:

*Pensando nos sentimentos e emoções, primeiro sobre o fato de ter sido um opressor. Foi bem interessante, mas ao mesmo tempo, foi uma sensação ruim, foi bom por ser uma experiência, e conseqüentemente gerar um conhecimento com isso. Mas foi ruim porque eu me senti ruim sendo opressor; e eu acho, que talvez na ânsia de tentar fazer um papel bom e as pessoas compreendessem todos os níveis de opressão, essa separação entre o personagem e a minha identidade mesmo acabou sendo afetada, e com isso parecia que era eu que tava fazendo a opressão, mesmo sendo uma encenação. E, conseqüentemente, uma sensação negativa, uma sensação de estar fazendo algo ruim apareceu.*

Nicolas nos apresenta as sensações de viver um opressor, ele, que tantas vezes esteve no papel do oprimido, nos traz a perspectiva de que sentiu coisas ruins e a aproximação, a entrega para viver o personagem fez com que ele se sentisse mal, pois mesmo na ficção, na cena, os sentimentos que vivenciamos são reais.

O áudio da Denna traz uma auto reflexão sobre conflitos:

*Eu acho que a principal sensação que ficou dessa aula, é perceber que os conflitos, quando eles não são agressivos, eles podem ser muito mais produtivos e, pra mim, isso foi muito importante, porque eu já tinha entrado em contato com essa sensação antes, porque eu acho que sou uma pessoa que tem muita facilidade para entrar em conflitos e muitas vezes de forma agressiva. E, perceber como dar espaço para todas as pessoas envolvidas no conflito [possam se expressar], e tentar fazer com que isso aconteça de uma forma, ironicamente, harmoniosa, pode levar a resultados muito bons. Eu continuo achando que os conflitos são muitos necessários e que as coisas só andam para frente se houver conflito. Foi muito bom ver como é importante, e difícil, dar lugar para as pessoas que estão no conflito,*

<sup>92</sup> Comunicação não-violenta (CNV) foi concebida por Marshall Rosenberg, A CNV é uma ferramenta, um método, uma maneira de buscar caminhos compassivos para o diálogo, com respeito mútuo, tanto para quem diz algo, quanto para quem escuta. É uma atenção a como realizar a comunicação, e não um silenciamento, é uma busca por justiça social.

*principalmente aquelas que estão ao meu lado, que é uma coisa que eu às vezes tenho dificuldade, a de deixar que as outras pessoas defendam o mesmo ponto de vista que eu.*

Daniel fala de uma maneira geral sobre o módulo de entrevista e a possibilidade de refletir sobre conceitos que ele irá vivenciar na vida profissional.

*O que eu achei sobre as aulas e sobre as dinâmicas (...) é que são muito interessantes por colocar a gente em algumas situações diferentes do habitual das outras aulas e muitas vezes são situações em que você tem que sair de sua zona de conforto e pensar de jeitos diferentes do que você tá habituado e tentar enxergar por outras perspectivas, e isso é muito importante para a gente, para nossa formação médica, porque isso vai ser necessário na nossa atuação, na nossa vida. Acho que em qualquer área de atuação isso seria muito importante, mas principalmente na área médica que requer muita [habilidade], pois tem várias situações de conflito, diferenças, de ter que lidar com posicionamentos individuais. Eu acho que isso é o grande valor da disciplina, é você não ter que aprender isso por conta própria já na sua vida adulta como médico, mas sim na graduação e poder ir treinando isso ao longo da graduação.*

#### 4. Ensinar e aprender: uma via de mão dupla

O samba é o pai do prazer  
O samba é o filho da dor  
O grande poder transformador  
(Caetano Veloso)

“O grande poder transformador” de autoconhecimento ao reconhecer as próprias emoções e poder transformá-las para ser uma pessoa melhor, agir no mundo, ser aquela que motiva, que propõe que reflete e se transforma em ação em minha própria atuação docente e artística, porque não, não dá para separá-las.

Para este capítulo, trago reflexões acerca de como estou/estive em alguns momentos marcantes das aulas de teatro na Medicina, o que foi por mim aprendido e quais reflexões e conexões foram feitas. Apresento um recorte do que nos contaram os e as estudantes que vivenciaram essas aulas durante os anos de 2021 e 2022. Destaco a dificuldade em realizar uma seleção para a presente pesquisa, pois não se trata simplesmente do ato de analisar dados. Ao ler e rever os materiais coletados, dentre relatos, vídeos, fotos, áudios, pessoas reais são evocadas, lembradas, rememoradas. Diante da impossibilidade de se apresentar todos os relatos, gostaria ainda de destacar que as vozes de todas as pessoas que participaram do processo fazem parte da tese, mesmo aquelas que não foram aqui apresentadas na íntegra.

Tal qual Paulo Freire, Augusto Boal e tantas outras pessoas, o que me move é a esperança de transformação real no mundo. Costumo dizer aos/às estudantes que entendo que eles/elas fiquem nervosos ao verem sinais vitais ruins em um/a paciente, e que eu também fico em pânico quando ouço eles/elas dizerem que as coisas não tem jeito, que não há uma perspectiva de mudança. São muitas forças de poder trabalhando em prol de manter as relações como estão, favorecendo os/as mais privilegiados/as e convencendo a grande parte da população de que elas não têm opção.

A perspectiva dominante faz com que a ideologia da hierarquia, por exemplo, pareça necessária e natural. Ajudar os estudantes a contemplarem a “necessidade” de hierarquia na área da saúde é crucial para mover o cuidado em direção ao seu objetivo de prática interdisciplinar. Desenvolver uma consciência crítica é apenas o primeiro passo para criar mudanças. Embora seja importante ver os problemas e como eles são mantidos, é na ação que é possível realizar a mudança real. O objetivo do TO é a justiça social e ajudar os grupos oprimidos a se sentirem capacitados para trabalharem em direção à justiça (Love, 2012, p. 7).

Então, continuamos a propiciar um espaço para discutirmos as ideias, sem julgamento, com acolhimento e incentivando-os/as a continuarem tentando alterar aquilo que

as/os oprime em prol de uma graduação melhor e, principalmente, em prol da formação de melhores médicos/cas que cuidam de seus pacientes de maneira humanizada. Várias coisas que acontecem durante as aulas de teatro são difíceis de explicar. Há uma atmosfera que se configura, um clima de cumplicidade que por vezes não são ditos nem nas cartas, nem nas avaliações e nem mesmo no *debriefing*. Quando contamos a outros e outras docentes sobre o curso, percebo que eles/elas não compreendem o que fazemos; então, convidamos para que eles e elas venham participar da aula.

Algumas docentes já aceitaram e, para a surpresa delas, ao chegarem para ver a aula, pedi que elas fizessem os jogos juntamente com os/as estudantes. Afinal, para compreender a metodologia, é preciso fazer e não somente observar. Mesmo diante da dificuldade, tentarei explicar com as palavras o que se passa nesses encontros. As aulas de teatro para estudantes da área da saúde com a metodologia MEET, são diferentes de aulas de teatro para estudantes formais ou de cursos livres de teatro. Como dito na introdução, os objetivos são distintos, mesmo que o conteúdo programático seja similar ou até mesmo igual.

Os jogos têm um fim em si mesmo. Precisamos que os/as estudantes se coloquem em ação, que pensem sobre o tema para além do discurso, movendo o próprio corpo e se relacionando com os/as demais colegas em situações provavelmente jamais vivenciadas durante a graduação. As cenas criadas e apresentadas têm destino semelhante, elas não são mais do que improvisações junto ao próprio grupo de estudantes. Diferente de um curso de teatro, as cenas não serão ensaiadas posteriormente, nem dirigidas, nem mesmo apresentadas em outros espaços. E tem tantas cenas potentes que dá vontade de pedir para fazerem de novo e de novo, pois refletem inúmeras coisas importantes e deixam o desejo de que mais pessoas do corpo docente da faculdade de medicina pudessem ver.

Soraya, uma estudante da disciplina em 2021, nos escreve sobre a metodologia e a ordem das propostas durante cada encontro:

*O modo como foi construída a dinâmica das aulas também foi excelente: inicialmente, fazíamos os jogos para ficarmos mais soltos. Achei uma ótima maneira de nos conectarmos como turma, em vez de já nos colocarem para encenar, sem essa parte antes, com certeza estaríamos mais travados e as aulas não renderiam tanto. Depois, encenávamos um assunto sobre o tema da aula. Foi interessante como cada grupo conseguiu criar diversos cenários para falar sobre o tema sem focar na medicina. No início, achei que todos os grupos trariam como cenário alguma situação médica. Porém, as situações foram extremamente criativas. E no final, a aula era encerrada com chave de ouro por meio das reflexões. Aprendi tanto com a análise de cada um dos meus colegas, trazendo reflexões que eu não tinha pensado, trazendo o assunto para o contexto da medicina e para o contexto da sociedade, importante para nossa formação médica e como pessoas melhores. Sempre saía da aula muito reflexiva com o que tinha escutado, sempre pensando no tipo de médica que eu quero ser (Soraya, 2021).*

Os jogos, para além de mover o próprio corpo, de criar vínculo com as demais pessoas, também são momentos para identificar opressões, sensações vivenciadas e experimentadas durante a formação médica. Após a realização de alguns jogos, é preciso disponibilizar um tempo para falarem sobre como se sentiram, tamanho impacto que geram. Essa foi uma pauta a qual retornamos várias vezes nas reuniões entre nós, docentes. Tivemos que balancear dois pontos, falar sobre a experiência, ou seguir para manter o fluxo da criação. Como em outras ocasiões, optamos por testar empiricamente e percebemos que mesmo que se “quebre” o fluxo da criação estética e corporal, vale a pena uma pausa para falar sobre algumas sensações, pois isso faz com que eles e elas retomem os próximos jogos mais focados.

Para esses momentos, optamos por fazer uma roda por alguns minutos antes do intervalo, que de qualquer maneira já seria uma pausa no fluxo de energia. Nos primeiros anos da criação da metodologia MEET, realizávamos o intervalo no momento de preparação das cenas finais, mas isso trazia o complicador de quase sempre ficarem sem intervalo. Por isso, alteramos para um intervalo logo depois dos jogos de aquecimento, em geral depois de 1h30 da aula de 4 horas. O plano de aula de cada encontro está descrito no Guia de aula da metodologia MEET - Medical Education Empowered by Theater e, portanto, não irei descrever cada um dos jogos nesta tese.

A título de exemplo, destaco um desses jogos em que percebemos a necessidade das pessoas comentarem após a experiência. O nome dado ao jogo foi “observar em trio”, que consiste em uma pessoa ficar parada ao centro enquanto as outras duas a observam. A pessoa observada deve evitar se mexer, e pedimos que o olhar dela se fixe no horizonte. As outras duas que observam não podem tocar a pessoa parada, mas podem se aproximar e se distanciar como quiserem, buscando um olhar cuidadoso e livre de julgamentos. O jogo é repetido três vezes para que todas as pessoas vivenciem o ato de observar e de ser observada.

Costumamos cronometrar o tempo em, no máximo, dois minutos para cada pessoa, ainda sim, quando as/os participantes falam sobre a experiência, eles/elas têm a impressão de que durou uma eternidade. As outras questões que aparecem após esse jogo são referentes à autoestima, à idealização dos corpos, às inseguranças, e também às opressões de gênero, de raça e de orientação sexual. As mulheres participantes do jogo relatam que se sentem mais confortáveis em trios exclusivamente de mulheres.

O paralelo imediato com a prática profissional está relacionado com o exame físico, prática realizada habitualmente em todas as consultas médicas. Invariavelmente, as/os participantes falam sobre a compreensão do desconforto de ser paciente em tais momentos,

algumas pessoas relatam que nunca tinham “pensado” dessa maneira até realizar o jogo. Uma residente, isto é, médica já formada, após participar de uma de nossas formações veio nos agradecer durante o intervalo. Ela disse que não sabia como lidar com o incômodo ao realizar o exame físico e não compreendia exatamente o desconforto dos/das pacientes, que a partir daquele momento ela tinha entendido verdadeiramente, e que certamente mudaria sua prática. A estudante Bianca fala sobre essa vivência:

*Nessa aula fizemos uma dinâmica na qual nos dividimos em trios, e uma pessoa ficava parada enquanto as outras duas ficavam observando-a. Eu me senti muito desconfortável, com a sensação de estar sendo totalmente julgada quando fui observada. Foi uma forma de me colocar na pele dos pacientes, que são sempre analisados e observados e muitas vezes se sentindo desconfortáveis. Muitas vezes, os profissionais da saúde desconsideram que aquela é uma pessoa que deve ser tratada com humanidade e não como um objeto de estudo. As nossas palavras e a forma como nos portamos têm um poder muito grande, podendo acolher ou afastar alguém, e é muito importante considerar isso para deixar o paciente confortável – o que inclusive ajuda no desenvolvimento de um plano terapêutico (Bianca, 2022).*

Assim, além de ser um dos jogos que pode levar à consciência suas próprias opressões, também exercita a alteridade, ao pensar nos/nas pacientes que irão atender. Muitas pessoas relatam que o desconforto foi ainda maior ao observar a outra pessoa do que ser observada. Esse compartilhamento dura uns 5 minutos e, nós, docentes, não emitimos opinião nem julgamento.

Essa pesquisa é orgânica e vai sendo moldada de acordo com os acontecimentos. Eu mesma fui e sou constantemente transformada por essas e esses estudantes que vivenciam as aulas. É difícil estar sempre presente, a energia gasta para a condução é grande, mas é recompensador. Um dos pontos que aprendi foi que precisamos errar, acolher o erro, e tentar novamente. Os jogos estão no plano de ensino para isso também, viver intensamente. Para viver o momento é necessário estar disposto a se entregar, e portanto, pode ser que dê certo, mas pode ser que existam outras tantas possibilidades que não podemos imaginar, então vamos nos colocar em ação, e, para isso, em risco.

Por vezes, observo como um/a estudante está no começo da aula e de como vai se transformando, tem uma mudança de estado, nem sempre identificável como da alegria para a tristeza ou vice-versa, mas quase sempre acontece uma pulsão de vida. Lembro de uma estudante que estava se arrastando aula após aula, até que no jogo do cardume<sup>93</sup>, na terceira aula, ela tentou essa abordagem e foi um fiasco. Ao tentar ficar longe do foco, demonstrar seu descontentamento, e fisicamente deixar o corpo mole e ir se arrastando, destoou do grupo e

---

<sup>93</sup> Cardume: Esse jogo consiste em um grupo caminhar pelo espaço com as mesmas movimentações, tal qual um cardume de peixes; qualquer pessoa pode alterar a movimentação, desde que todas as outras a acompanhem.

ficou em evidência, era nítido o esforço que ela fazia para não se deixar contagiar pela energia das outras trinta e poucas pessoas que pulavam, se mexiam energicamente e estavam eufóricas. Na quarta aula, ela chegou machucada, uma parte do corpo imobilizada e falei que ela poderia ficar sentada durante os jogos, qual não foi a minha surpresa quando ela simplesmente cansou de ficar sentada e entrou em ação, e fez, do jeito que deu, e foi o dia em que esteve mais disponível de todos, como se a casca externa que dizia que ela não poderia gostar de estar ali tivesse sido quebrada e ela se envolveu.

Melissa não é a estudante a qual eu me refiro, mas ela retrata em seu relato como percebeu que teria uma decisão a tomar: ficar brava e reclamando ou participar das aulas.

*Percebi que, mesmo nas quintas-feiras de manhã em que acordava mais cansada – definitivamente sem vontade de fazer dinâmicas físicas e, por vezes, com a bateria social já no vermelho – eu tinha duas opções: ficar emburrada e passar 4 horas reclamando mentalmente dos professores, ou me entregar à dinâmica da aula e tentar, pelo menos um pouquinho, assimilar o propósito pedagógico que estava sendo proposto ali. Confesso que, em alguns dias, eu até tentei ficar emburrada e escondida em algum canto, mas no final as dinâmicas ficam tão envolventes que realmente me era difícil prosseguir nesse objetivo inicial. Era como se as aulas me recargassem de certa forma (Melissa, 2022).*

Para mim, é um desafio constante ser professora de medicina. Busco diariamente estar presente e disponível. Foco principalmente na escuta ativa, em como ouvir de verdade, sem julgamentos. Mantenho-me alerta e repito para mim mesma o quanto tenho a aprender. Após tantos anos trabalhando com as aulas de teatro, sei o que preciso fazer, já pratiquei e conduzi muitas vezes os mesmos jogos e isso me dá uma segurança, ao mesmo tempo em que pode me levar para o automatismo e a frustração, pois cada pessoa é capaz de responder de maneira diferente a cada proposta.

#### 4.1 Uma médica em ação: a criação e encenação de uma personagem

Durante o ano de 2021, acompanhei as aulas das disciplinas eletivas MD 885 e MD 985<sup>94</sup>, ministradas por Adilson Ledubino, Jamiro Wanderley e Thiago Santos na condição de observadora e não de condutora da proposta. Foi importante estar junto e viver a experiência como observadora. Porém, ao final do semestre, com a conclusão dos trabalhos, havia duas cenas para serem apresentadas: uma com o tema etarismo e outra com o tema de

<sup>94</sup> As disciplinas MD 885 - O Teatro para Aprimoramento da Relação Médico-Paciente e MD 985 - O Teatro para Aprimoramento da Relação Médico-Paciente II são eletivas, oferecidas respectivamente no primeiro e segundo semestre de cada ano, no período noturno, e, mesmo vinculadas à medicina, permitem que qualquer pessoa se inscreva. As disciplinas têm como ementa “Prática da empatia na relação médico-paciente por meio da construção e representação de espetáculo teatral promovendo o debate cultural, filosófico e antropológico sobre a morte, a espiritualidade, as crenças, o sofrimento, a solidão provocada pela doença, o acolhimento da família e o papel do médico nesta relação.” Fonte: <https://www.dac.unicamp.br/portal/caderno-de-horarios/2024/1/S/G/FCM/MD885>.

violência contra a mulher. Tal qual a proposta dessa frente do MEET, as e os estudantes improvisaram as cenas, criaram a dramaturgia, ensaiaram e apresentaram a cena.

Para otimizar os ensaios, Adilson pediu que eu ficasse com o grupo de mulheres para a cena de violência, juntamente com o Thiago, e ele e Jamiro ficaram com o grupo que estava ensaiando a cena de etarismo. Os ensaios online eram feitos pelo aplicativo Zoom, cada grupo em uma sala virtual.

A cada semana a cena ia ganhando nuances, detalhes e mais histórias compartilhadas. Em um dos ensaios, a Renata Coutinho Pereira<sup>95</sup>, nos trouxe um texto que ela escreveu para a sua personagem Amanda, vítima de violência doméstica.

*Eu achava que era tão feliz, não percebi quando meu sorriso deixou de ser verdadeiro... foi gradativo? Não lembro a última vez que vivi tranquila, segura... tudo se perdeu, parece tão distante... as pessoas no trabalho nem imaginam o que sinto, o que vivo, o terror que me aflige... como a superficialidade do meu corpo esconde minha alma dilacerada... cada aperto no braço, cada xingamento, cada maltrato, eu percebo no olhar... aquele olhar de ódio. Cada vez que não podia ter acesso ao meu dinheiro, ao meu cartão, à minha vida... por ciúmes ou paranóias... que vazio, que tristeza, como dói estar aqui... mas eu tenho medo... medo do desconhecido, de sair por aí, de ser sozinha novamente, a insegurança do que vem... Preciso realmente de ajuda, nada pode ser mais doloroso que continuar neste sofrimento... Para quê? Por quê?*

E depois que ela leu, ficamos emocionadas. Agora precisávamos encaixar esse texto na cena. Pensando como diretora da cena, e simultaneamente professora, pedi que Renata gravasse o texto e que ele fosse colocado em *off*, isto é, que simulasse a voz do pensamento dela. Para a cena, pedi que ela dançasse. Renata ficou muito espantada com a minha proposta, ela me respondeu que não sabia dançar. Pedi que ela não se preocupasse, que ela somente se movesse como lhe desse vontade ao ouvir o texto. Ela improvisou rapidamente naquele momento, ainda desconfiada. Naquele ensaio, seguimos para as outras cenas e ficamos de trabalhar mais aquele momento específico na semana seguinte, me ofereci para que se ela tivesse outros momentos durante a semana, eu poderia ensaiar só com ela, para a gente ir criando. Mas esse ensaio extra não aconteceu... não comigo.

Qual não foi a minha surpresa quando, na semana seguinte, ela não só havia criado a coreografia, como tinha ido gravar numa praça. Em uma semana, a Renata saiu do estado de “não sei dançar” para dançar num local público e gravar. Não sei explicar o tamanho do meu orgulho e alegria. As duas cenas finais da disciplina foram apresentadas e

---

<sup>95</sup> Renata Coutinho Pereira é médica e, em 2021, fazia residência. Ela foi uma das estudantes da disciplina MD 985 no segundo semestre de 2021. Uso o nome verdadeiro de Renata para lhe atribuir a autoria e também porque as imagens estão públicas e disponíveis no Youtube.

transmitidas ao vivo pelo Youtube. Felizmente, as cenas estão disponíveis<sup>96</sup> no canal da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, e aos 17min e 20seg é possível ver a cena da personagem Amanda dançando<sup>97</sup>.



Figura 20 - a dança, trecho da cena

#### 4.2 Não teve fórum, mas teve teatro

Numa das turmas, não foi a primeira daquele ano, as pessoas chegaram muito cansadas e desanimadas para a aula. Já havíamos recebido a avaliação (Apêndice A) da outra turma em que as únicas reclamações eram o tempo excessivo de aula e a “enrolação” durante o *debriefing*. A minha sensação é a de que estes/estas estudantes já chegaram dispostos à indisponibilidade (se é que isso existe). Antes mesmo de vivenciar a aula toda, já se ajeitavam para adormecer durante o *debriefing*. Vários faltaram na segunda aula. Vários foram embora, após as cenas, quando se passou a lista de presença. Na terceira aula, enquanto conduzíamos o *debriefing*, cerca de quinze pessoas estavam deitadas de olhos fechados, em meio a roda de outras pessoas sentadas no chão de madeira. Como continuar uma conversa com alguém que não olha para você? Que dorme à sua frente?

Eu, que dificilmente me contenho, comecei a sentir raiva, misturada com desprezo e angústia, respirei fundo e tentei uma conversa que não soasse tão agressiva, pois

---

<sup>96</sup> As duas cenas estão disponíveis no link: <https://www.youtube.com/live/Gl5aYbBCIGs?si=m1agV3Xt3IMvwVxE>.

<sup>97</sup> Amanda, interpretada por Renata dança na praça, enquanto ouvimos o texto gravado. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Gl5aYbBCIGs?si=FckePohITCrh38hY&t=1042>.

estou de fato empenhada em aprender e ensinar caminhos de não-violência. Estávamos na aula de “como fazer um plano coletivo”, e perguntei para todos “É assim que vamos continuar essa aula? A gente vai fingir que está dando aula e vocês vão fingir que estão participando? Como podemos alterar isso coletivamente para que seja diferente?”. Algumas pessoas que estavam deitadas sentaram, com aquela cara de criança que sabe que vai tomar bronca, e que só fica te olhando pra acabar logo e poder voltar a fazer o que quer. Eram 11h10 da manhã e, sem avisá-los, havíamos definido entre nós, professores, que a aula terminaria às 11h30.

Essa questão do horário me incomoda. Parece que desde a retomada de aulas presenciais, a duração das aulas vêm diminuindo sem uma regra clara, e tem sido insuportável para estudantes ficarem até o final do período. Eu tentava verdadeiramente escutá-los/las, foi um exercício físico ouvir enquanto estava com raiva. A primeira fala veio de uma estudante, que corajosamente quebrou o silêncio e reivindicou tempo maior de intervalo e que pudéssemos dispensar mais cedo, ela disse “Não é porque está escrito que a aula vai até às 12h que ela necessariamente precisaria ir”. Escutar isso não me ajudou com meus sentimentos e, da maneira como pude, eu agradei e ouvi os demais comentários. Perguntei se resolveria um intervalo maior e algumas pessoas concordaram, outras não. Eu queria uma resposta que nem eles sabiam me dar.

Se tem uma coisa que eu tinha convicção é que eu sabia ser professora das aulas de teatro, estava me sentindo bem naquele dia, achando que estava melhorando como professora, mesmo ainda tendo muito a aprender. Liberamos os/as estudantes mais cedo, eles e elas se foram, minha raiva se tornou esta indignação: “como podiam reclamar de algo que não tinham vivido?” Estavam ecoando as reclamações da outra turma. Como deveríamos lidar com isso? Aproveitamos o final do período para nos reunir e pensar em estratégias. Saí de lá arrasada, da boca para fora buscava argumentos externos para a insatisfação, a indisponibilidade. Por dentro, me sentia culpada de estar errando e fui pensando, conversando comigo mesma, e compreendi que aquele era um ponto de mudança, havia algo que precisava ser feito.

As horas foram passando a raiva baixando, foi chegando a melancolia me dizendo “pra quê?”. Fiquei lá conversando comigo mesma. A sensação foi realmente péssima. A metodologia não estava funcionando, eu estava fracassando, fiquei mesmo arrasada. Para piorar, o grupo que se voluntariou para o Teatro Fórum não respondia nossas mensagens no WhatsApp. Precisei de cinco dias para elaborar e acolher os sentimentos deles/delas, cavei mais em minhas profundezas, me sentindo desesperada.

Na véspera da aula, isto é, na quarta-feira, mandei um áudio para o grupo do Teatro Fórum pedindo sinceridade, expressei que adoraria que fizéssemos o fórum, mas existia a possibilidade de fazermos a aula aos moldes das anteriores, apresentando as 4 cenas, e que qualquer decisão seria bem vinda. Além da estudante que propôs o enredo para se trabalhar a opressão, mais uma respondeu que gostaria sim de participar. Fiquei animada. As horas passaram, a meia-noite de quarta para quinta chegou e ninguém mais respondeu. Adilson não estaria no dia seguinte. Então, o que eu deveria fazer?

Na quinta de manhã, no horário da aula, cheguei e conversei com todos/todas, falando da inviabilidade de se fazer o Teatro Fórum. Fiz o paralelo com um plano terapêutico que precisa ser alterado, e que está tudo bem, as alternativas restantes eram/são boas. Busquei motivá-los e pedi que utilizassem o tempo da aula para respirar e tomar fôlego diante de tantas adversidades que estavam enfrentando no curso. Elas/Eles me olhavam sem saber o que responder, começamos a aula, Nádia e eu conduzindo os jogos. Fui elaborando minhas frustrações, completamente concentrada no fazer. Como no teatro, a aula é uma improvisação, é preciso escuta, presença e disponibilidade para se manter em jogo. Fui percebendo que o clima estava bom, que estavam despertos, motivados e engajados em jogar.

Durante o jogo “Jana-Cabana”<sup>98</sup> aconteceram coisas que não tinham acontecido, como duas pessoas ficarem de coelhos e nenhuma das duas ceder. Neste momento, me ofereci para continuar o jogo, sendo a pessoa que dizia o comando e precisava me encaixar.

Fizemos o jogo “Eu faço”<sup>99</sup> como um treino para o Teatro Imagem e, mesmo os que não queriam participar, acabaram se deixando levar, sendo a porta, a maçaneta, ou mesmo o tapete. Foi divertido. Começou a sessão de Teatro Imagem com eles propondo uma cena com um tema que o professor Thiago Santos havia compartilhado no começo da aula, mas percebemos que ela não se desenrolava. Mudamos o tema para a opressão contra pessoas homoafetivas durante a copa mundial de futebol no Catar. A imagem continha uma pessoa

---

<sup>98</sup> Jana Cabana está descrito no repertório do Teatro do Oprimido, e consiste em formar cabanas com duas pessoas que levantam os braços e encostam as mãos, e uma pessoa dentro da cabana (jana ou coelho). Há ainda uma pessoa que fica “solta” sem ser uma cabana ou estar dentro dela. Algumas pessoas conhecem esse jogo como “coelhinho sai da toca”. São três comandos, o primeiro “Jana!” em que as pessoas que estão dentro da cabana devem procurar uma nova cabana, e a pessoa que está “solta” deve também tentar. O segundo comando é “cabana”, neste caso, as duplas de cabana se desfazem e refazem uma nova cabana, com outra pessoa. O último é “tempestade” em todos e todas mudam de posição e podem alterar de papéis.

<sup>99</sup> Aprendi o jogo “Eu faço” com a professora Christiane Suzanne Yvonne Page quando ela esteve no Brasil e ofereceu uma disciplina eventual no segundo semestre de 2019, na Unicamp. O jogo consiste em um grupo criar um cenário, se utilizando dos próprios corpos para fazer os objetos. Faz-se uma roda, alguém dá uma ideia, por exemplo “cozinha”, um/a a um/a dos/das participantes entra na roda e diz “eu faço tal coisa”, e fica na pose do objeto a que se propôs a fazer. Por exemplo, com o cenário “cozinha”, as pessoas entram em cena e vão dizendo e construindo as imagens, “eu faço o fogão”, “eu faço a mesa”, “eu faço a cadeira”, eu faço a geladeira” e assim por diante. Christiane explicou que ela usa esse jogo para dizer sobre a diferença entre “eu sou” e “eu faço”, apresentando as diferenças entre a pessoa e a personagem que ela faz.

com a cadeira levantada acima da cabeça, pronta para bater num casal de homens que estava caído ao chão. Duas pessoas no entorno filmavam a cena.

Foi a primeira vez em quatro aulas que senti o grupo pulsando junto, pensando junto, trabalhando junto. Perguntei “Como podemos minimizar essa opressão, ou mesmo resolvê-la? Qual seria uma imagem de resolução que não altere quem são essas pessoas?” Em coletivo, começou a criação da imagem 3, a imagem ideal. Uma pessoa entrou como guarda/policial e apontou a arma para o agressor. Abaixaram a cadeira do agressor, ele chegou a ser algemado. O casal se sentou e foi amparado pelas pessoas que anteriormente só filmavam. Assim, na cena final, tínhamos o casal homoafetivo sentado no chão, parecendo aliviados, duas pessoas que os acolhiam, uma guarda que prendia o agressor que estava algemado.

No entanto, o grupo não aprovou esta como uma solução possível, pois o local era o Catar, país no qual é crime uma relação homoafetiva. Inseriram então na imagem uma pessoa que representava a ONU para tentar uma resolução diplomática e, mesmo assim, ainda não conseguimos dizer que a entrada deste novo agente, resolveria a questão, pois a guarda/policial não se resignaria a desobedecer às leis do próprio país. Chegamos a um impasse, neste momento, Thiago Santos, falou sobre o ponto de “não-retorno” descrito por Augusto Boal. Não havia saída para aquela situação se o local de ação fosse o Catar. Foi proposto que alterássemos o lugar para Brasil, o grupo entendeu e aceitou.

No Brasil, a discriminação por causa da orientação sexual é crime, mesmo que seja difícil a mudança cultural, e que nem sempre a lei se cumpra, a lei existe e, portanto, a policial poderia realizar a sua função de acordo com a lei. Com a alteração do espaço ficcional pudemos retomar ao Teatro Imagem, de forma que fosse plausível que uma pessoa fosse algemada e presa por estar agredindo um casal homoafetivo. Então, foi proposto que construíssem a imagem intermediária. Muda daqui, mexe dali, e na imagem intermediária algumas pessoas seguravam o agressor e lhe tiravam a cadeira, acontecia a chegada da guarda/policial e as pessoas que antes filmavam abaixavam para conversar com o casal.

Não tivemos o Teatro Fórum, mas conseguimos nosso objetivo: trabalhar coletivamente e imaginar novos futuros. Como professora, precisei conviver com minha própria raiva e frustração diante dos/das estudantes para conseguir acolher as possibilidades da mudança. Para além de não ter Teatro Fórum, tivemos uma sessão potente de Teatro Imagem. As/os estudantes se sentiram acolhidos e compreenderam em ação o que é escutar de fato as demandas das outras pessoas e se disponibilizar a alterar o plano. Espero que eles e elas possam fazer esse paralelo quando estiverem atuando como médicos e médicas, que

respeitem seus e suas pacientes com suas demandas e, que por mais que tenham estudado e saibam sobre a sua própria profissão, estejam sempre disponíveis para mudar e se manterem permeáveis às novas possibilidades.

Sabrina falou sobre esse ponto de mudança depois da conversa que propus durante o *debriefing*.

*As aulas foram muito boas, apesar de às vezes um pouco cansativas por causa do desgaste do fim de semestre, mas a dinâmica ficou ainda melhor depois que tivemos a conversa geral com a turma. As conversas fluíram mais e parecia que tudo se encaixava melhor e as pessoas se entregavam mais. Por fim, gostaria de agradecer aos professores por terem trazido essa matéria de uma maneira tão única para a gente! (...) Por favor, continuem fazendo o trabalho de vocês com maestria, empatia e com ouvido para nós, alunos. Muito obrigada pelo semestre! (Sabrina, 2022).*

Para além da escuta verdadeira, a decisão de buscar novas possibilidades, o fato de ter passado dias vivenciando as emoções e lidando com o conflito me possibilitou ultrapassar uma barreira de duvidar de mim mesma e enfrentar as vozes dissonantes que ecoavam sem de fato ajudar. No final, creio que foi bom ter passado por isso, me sinto mais preparada para lidar com as próximas questões que porventura possam aparecer, me disponibilizando a me aprofundar nas questões. Eu me sinto mais forte e consciente do meu próprio trabalho. Claro, que após transpor minhas dificuldades subjetivas, busquei em coletivo, com os outros docentes, formas para tentar resolver a questão do *debriefing* e testamos um modelo que estamos utilizando até hoje.

Foi a partir deste dia que, após a apresentação das cenas, cada participante passou a retornar ao seu grupo de origem e, por 10 minutos, levantaram os pontos principais de uma delas – que não foi a que fizeram e apresentaram – para somente depois fazermos um *debriefing* com todas as pessoas. Anteriormente, esse primeiro momento não existia, e íamos diretamente ao segundo momento, com todas as pessoas. Percebemos que essa maneira proporciona que as pessoas mais introspectivas consigam se expressar, e que suas ideias sejam contempladas quando voltamos para a roda com todas as pessoas. Como um pedido, ao retornarem ao grupo, solicitamos que todos e todas falem e sejam ouvidos, e que depois um resumo seja feito no grande grupo, sem necessariamente haver um/a orador/a.

O compartilhamento das ideias fica mais dinâmico e as pessoas se sentem mais confiantes para falar no grupo geral após terem conversado com os pares. O tempo fica otimizado, já que uma parte do *debriefing* acontece em grupos menores, possibilitando que eles e elas falem mais abertamente, sem se preocuparem.

Faço agora minhas as palavras do estudante Dalai:

*Há momentos em que os processos de transformação se tornam mais intensos, e eu acho muito importante que abracemos essas oportunidades ou que, pelo menos, estejamos abertos/as para aprender com elas. O módulo de entrevistas foi um desses momentos (Dalai, 2021).*

#### 4.3 O que as/os participantes nos contam?

Foram diversos dados coletados para essa pesquisa durante os anos de 2021 e 2022. Essa quantidade de dados me causa a sensação de estar nadando num oceano de informações e emoções, mas não com sensação de afogamento e sim de deslumbramento. Notório e gratificante ver o quanto que em apenas 5 encontros é possível propiciar conexões e possibilitar que as pessoas vivam experiências profundas.

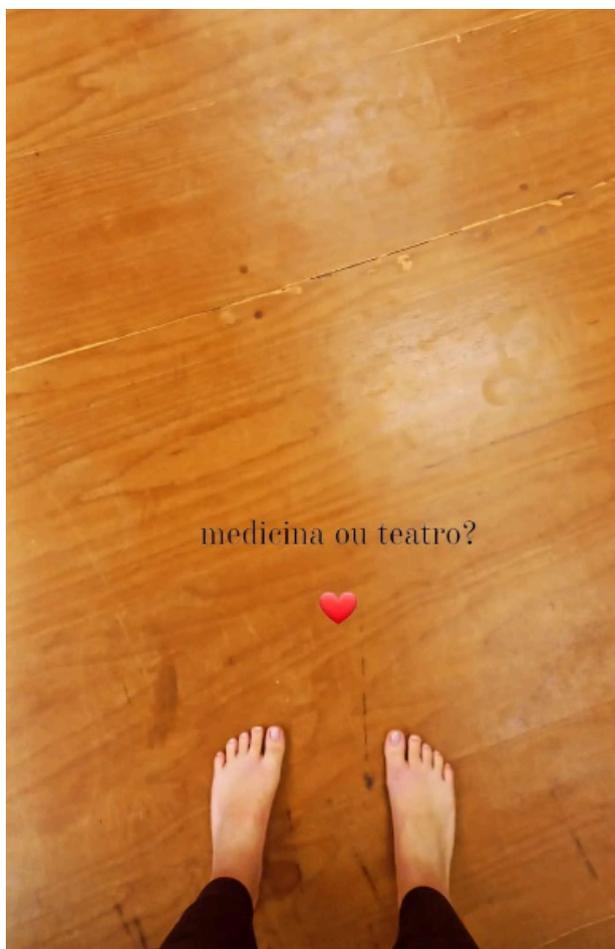


Figura 21 - Estudante Mônica, pergunta, medicina ou teatro?<sup>100</sup>

Em 2020, primeiro ano da pandemia, as aulas da MD 444 foram totalmente online. Optamos por esse modelo, pois percebemos que não haveria outra possibilidade

<sup>100</sup> Eu responderia “medicina E teatro”.

durante o restante da graduação para que pudéssemos realizá-la de maneira presencial. Ao refletir sobre o passado e conversando com esses estudantes de maneira informal agora que eles e elas estão no sexto ano, soube que foi uma boa decisão e que conseguimos propiciar momentos que os/as estudantes pudessem ficar mais leves, mexer o corpo, olhar novamente para os/as colegas do grupo.

As turmas de 2021 fizeram o módulo de maneira híbrida, a primeira aula foi feita em conjunto com todas as turmas, de maneira online. A primeira turma fez ainda as outras três aulas online, para que pudéssemos voltar ao modo presencial. Para essa pesquisa, pedimos que essas turmas nos escrevessem cartas de expectativas, em que deveriam expressar o que esperavam do módulo de entrevista. Como a primeira aula foi conjunta, diferente dos outros anos, recebemos 120 cartas na primeira semana. As cartas de expectativas estavam recheadas de pedidos para que as aulas retornassem de maneira presencial. Por conta da pesquisa, eu li todas e repassei aos outros professores, mas não foi possível a retomada. Somente na 4ª aula da primeira turma, ainda no formato online, quando o tema “Como resolver conflitos”<sup>101</sup> foi apresentado, as pessoas iam abrindo os microfones e falando das frustrações, das decepções com a graduação, que a coordenação já tinha informado que as aulas práticas, ainda não realizadas por conta da pandemia, não seriam oferecidas de maneira presencial. A ativação de conhecimento, primeiro período da aula, que geralmente dura 15 minutos, durou cerca de uma hora.

Naquele momento, os outros professores compreenderam e acolheram as falas das/dos estudantes. O professor Jamiro prontamente resolveu pelo celular e a última aula da primeira turma foi presencial, assim como as outras 4 aulas das outras turmas. Foi também a minha primeira aula de teatro presencial depois de três semestres em isolamento. Mesmo sendo a aula 5 com o tema “O impacto de sentir doente”, eu estava eufórica, foi difícil concatenar as ideias e conter a agitação para falar de maneira em que fosse possível ser compreendida. Mesmo com um tema tão profundo, Rafaela relata como foi bom e divertido:

*A aula presencial que tivemos foi muito importante para podermos nos conectar melhor com nossos colegas. Por fim, as risadas que pudemos dar durante as aulas (seja com as ótimas encenações ou com nossos erros durante os jogos) foram muito revigorantes. Senti que era um ambiente bem leve e de aprendizado emocional (Rafaela, 2021).*

Em 2022, foi submetido um novo pedido ao Comitê de Ética para coletar novamente os dados, desta vez com todas as aulas presenciais. Numa reunião dos professores para planejamento da disciplina, conversamos sobre os trabalhos a serem realizados pelos(as)

---

<sup>101</sup> Em 2021, a quarta aula ainda era nomeada utilizando o verbo “resolver” ao invés do verbo “lidar”.

estudantes. Percebemos que a carta de expectativas tinha o mesmo conteúdo, eles e elas diziam que chegavam esperando uma aula com slides projetados e se surpreendiam, e que diante disso tinham expectativas boas em como se daria o curso. Algumas pessoas acreditavam que perderiam a timidez e o medo de falar em público, e depois revelavam não terem conseguido isso em cinco aulas, mas que tinham entrado em contato com emoções e sensações que não esperavam. Outros diziam que não entendiam direito, mas que achavam divertido, e ao final também relataram que tinham aprendido conceitos tanto para a vida pessoal como para a vida acadêmica e profissional.

Por isso, a partir daquele ano, deixamos de pedir que nos escrevessem as cartas de expectativas e, a partir de 2023, substituímos essa atividade por um jogo de palavras<sup>102</sup>. Após o mesmo, as folhas com as palavras são recolhidas e um formulário online é preenchido para criar uma nuvem de palavras digital, por meio do site <https://www.mentimeter.com/pt-BR>. Essa nuvem digital apresenta com maior tamanho e visibilidade as palavras que foram escritas mais vezes durante o jogo. Na última aula, antes do *debriefing*, o jogo é refeito, porém, escrevendo uma palavra que definisse o módulo de entrevista. Neste momento, um novo formulário online é preenchido e as duas nuvens de palavras são disponibilizadas no *Classroom* daquela turma.

Apresentamos abaixo, a título de exemplo, a figura de uma nuvem de palavras do final do módulo, criada por 39 estudantes de uma turma de 2023.

---

<sup>102</sup> Jogo de palavras: cada participante escreve uma única palavra acerca da expectativa com o módulo numa folha e a coloca ao centro da sala para ser lida. Em seguida, cada participante escolhe outra palavra (sem ser a sua) e caminha pela sala repetindo essa palavra em voz alta. Jogo aprendido com Diego Alves Marques, performer, professor e pesquisador integrante do Coletivo Parabelo, que investiga práticas performativas públicas desde 2005 (Marques, 2022).

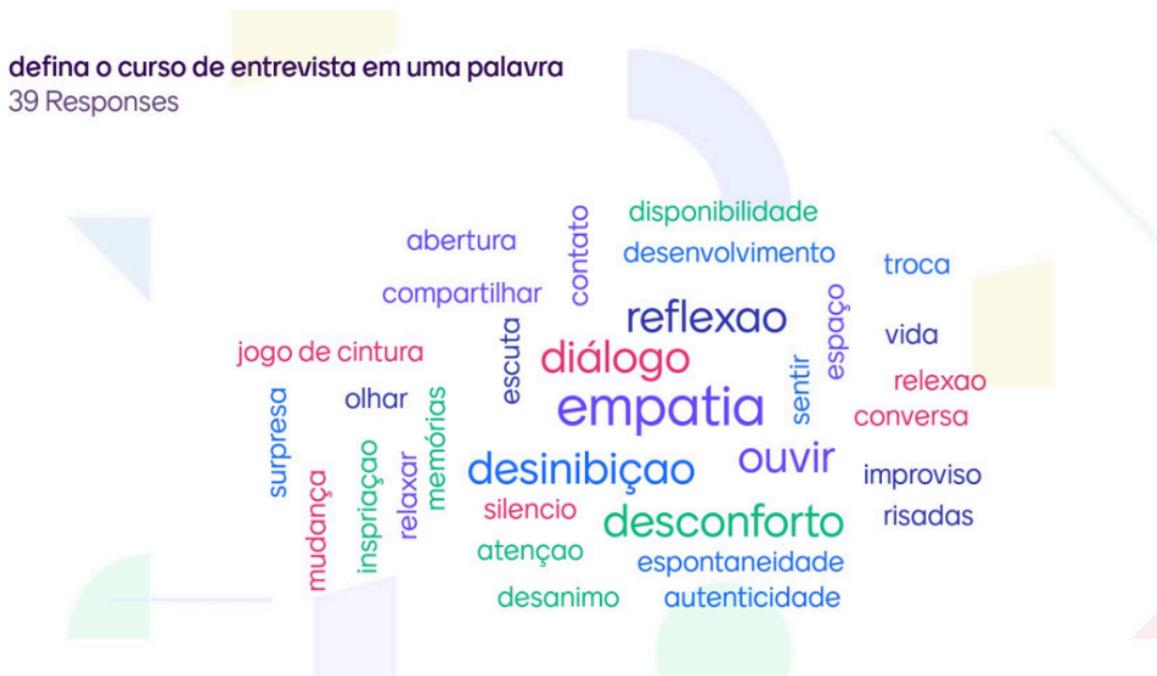


Figura 22 - defina o curso de entrevista em uma palavra

Mesmo em se tratando de uma turma fora do recorte da pesquisa, consideramos interessante apresentar o resultado tendo em vista que as palavras que mais apareceram em 2023 coincidem com as que nos trouxeram os/as estudantes em seus relatos finais nos anos de 2021 e 2022. Esse jogo já foi realizado 6 vezes desde 2023. Ao final de cada módulo e a cada nova turma, os mesmos conceitos voltam a se repetir: empatia, diálogo, reflexão, desconforto, desinibição (ou fortalecimento do grupo), ouvir/ escutar etc.

Para essa tese, ao total, foram analisadas 120 cartas de expectativas somente de 2021, e mais 231 relatos finais dos anos de 2021 e 2022. Além desse material escrito, foram analisados 54 áudios enviados durante três aulas após as sessões de teatro fórum. E, por fim, realizamos a avaliação anônima com 55 respostas, que corresponde a  $\frac{2}{3}$  dos/das estudantes de 2022, disponibilizada na íntegra no Apêndice A. No meio do oceano de dados, mergulho fundo e volto à superfície para contemplar. Reconheço os processos, estou permeada de tantas emoções e sensibilidades, e tenho certeza das transformações do futuro, aquela flor de Drummond realmente furou o asfalto, e resplandece de esperança.

A seguir, apresento algumas vozes dos/das estudantes que participaram desta pesquisa, lembrando que se trata de uma seleção, pois foi necessário realizar um recorte. Após uma primeira seleção, havia um pouco mais de 100 relatos entre as cartas de expectativas e relatos finais. Vale a pena destacar como dado relevante que, dentre todos esses relatos, nos dois anos de pesquisa, somente uma única pessoa expressou não ter gostado

das aulas. Apresento abaixo um trecho do relato dessa estudante. Manifesto o estranhamento ao ler esse documento, tendo em vista que Laís, a estudante que o escreveu, demonstrava desconforto nas atividades mas, ao mesmo tempo, bastante disponibilidade, realizando todos os jogos e as cenas da aula. A mesma atenção era constatada durante o *debriefing* em que se mantinha atenta à conversa, mesmo se não dizia nada. Felizmente, com o TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido assinado, podemos apresentar na íntegra suas palavras:

*Não houve momentos relevantes, houve momentos revoltantes, aqueles miniteatros/encenações, gente, que tortura e era para fazer em todas as aulas, o fato de ficar tocando nos outros e sendo tocada, que desagradável, aquelas intermináveis conversas a respeito do tema abordado, que cansativo. Os momentos que eu não queria ter vivenciado foi tudo, não queria ser obrigada a fazer o que é muito chato e sem sentido/significado para mim. Mas, eu sei que é o trabalho de vocês, e vocês estão lá para fazer o melhor que podem. A culpa não é de vocês (Laís, 2022).*

Após a leitura de seu relato, enviei a resposta abaixo no *Classroom*:

Oi, Laís, sinto muito de verdade que tenha sido tão difícil. Realmente não era o nosso objetivo. Agradeço muito por sua sinceridade e por, com tantas sensações péssimas, ter feito as atividades, se colocando no lugar de experimentar.

Participando da mesma turma e, portanto, das mesmas propostas, esteve Marcelo, o estudante que interpretou o professor opressor na cena do José Muller. Este é um dos relatos lidos em grupos de pesquisa e que vale a pena ser relido em momentos de dúvida e insegurança em relação ao trabalho que realizamos. Ele segue na íntegra:

*Os dias tinham sido difíceis de acordar.*

*O despertador tocava e com ele o desespero de ter que levantar, fazer, café, passar pano de chão, tomar banho e caminhar cuidando pra não sujar o tênis de folhas. E ainda assim atrasado pra tudo.*

*A caminhada era infeliz. Atravessar a rua me exigia o mínimo de simpatia pra agradecer ao motorista que parava o carro pra eu cruzar sua frente. Um "joinha" mal feito, um sorriso mal ensaiado. Uma corrida de cabeça baixa e um tropeço que me assustava e arrancava, de mim, o mínimo de expressão possível.*

*Eu ia pra salas de chão pisado e cadeiras estranhamente confortáveis. Duas temperaturas: Ártico ou Marrocos. Salas grandes, espaçosas, uma lousa e uma pessoa estranha lá na frente. Doenças, vírus, lesões, mortes, coisas que matam, bichos que matam, pessoas que matam uma a outra ou, em certos casos, se matam. Tudo isso em slide de fundo azul e título amarelo.*

*Foi então que decidi mudar o caminho. A praça era circular, troquei o ângulo da caminhada e fui parar num lugar diferente, completamente diferente. O mundo me oprimia e os caminhos eram muito ortodoxos, mas minhas pernas ainda tinham permissão pra me deslocar por outros campos.*

*E então fui para esses outros campos. O pé ainda sujo de folha apodrecendo, os agradecimentos vãoos pros que paravam pra eu atravessar, olhar pro outro lado ao tangenciar quem estava praticando tai-chi sob músicas do Oriente que infiltravam meus ouvidos.*

*Fui parar numa sala cujo chão era de madeira. Tive que tirar meu tênis sujo, pisar só de meia. Também sujas, também encardidas, agora de carvão. Fiquei com medo de sujar o chão de carvão também.*

*E então a caminhada parecia menos opressora. Acordar me pareceu menos sofrimentogênico. Foi assim que eu abandonei o café e degustei o pãozinho durante a caminhada. Somente quando ela se dirigia àquela sala de chão de madeira.*

*Agradecer os motoristas soou mais tolerável e o sorriso saía mais naturalmente. Fui de encontro comigo mesmo naquela sala, fui de encontro com meu passado, entendi meu presente e pude aceitar a ideia de ter um futuro. Um amanhã que não fosse uma rua banhada de sangue, um amanhã que não fosse ter medo de sair da rua, um amanhã sem medo. Sem monotonia, mas polifônico. Aceitei a ideia de ouvir outras vozes se dirigindo a mim, mesmo antes das 10 horas da manhã.*

*Contudo, muitas comportas tiveram que permanecer fechadas. Sorte que foi naquela sala que eu achei os martelos pra quebrá-las. E quebrei canecas, taças, a cristaleira e as paredes de dry wall. Quebrei lâmpadas e aprendi a viver comigo mesmo no escuro, me esforçando pra ver, me esforçando pra achar um caminho pra resolver aquelas situações.*

*Foi no chão de madeira onde meus pés repousavam quando eu entendi muitas coisas. Foi lá que eu entendi que havia um pouco de opressor em mim. Fingir ser outra pessoa era algo que eu já fazia muito antes, mas me forçando a fingir, neste chão de madeira, me forçou a descobrir quem eu realmente era. E o que eu realmente poderia deixar de marca e pegadas neste mundo, nem que fossem pegadas por entre as folhas caídas no chão. Nem que isso deixasse meu tênis sujo.*

*Que se dane meu tênis sujo. Aquele caminho me ensinou a viver e respirar nos outros caminhos, que permaneceram necessários. Aquelas salas com slides azuis em títulos amarelos eram necessárias. Mas eu tinha um martelo e um tênis sujo pra saber lidar com tudo isso. Eu tinha, e tenho, as memórias e as construções feitas numa sala de chão de madeira. Desse chão, fiz árvores. Floresci o caminho. Agradei aos motoristas. Acordei sem despertador, tive coragem de tomar caldo de cana e seguir o asfalto ouvindo música. Tirando o fone pra ouvir as pessoas praticando tai-chi. Tirando o fone pra dar bom dia.*

*Foi naquela sala de chão de madeira que eu aprendi, um pouco mais, sobre como ser quem eu era (Marcelo, 2022).*

A carta do Marcelo reforça o que o grupo vinha dizendo durante as aulas: eles estavam cansados, exaustos, negligenciando suas próprias necessidades, ignorando seus sentimentos e seguindo em frente para tentar “dar conta” de tudo que havia para ser feito. É

difícil descrever a profundidade com que essas palavras chegaram para mim. Estávamos em época de eleição em 2022, com Lula e Bolsonaro disputando as eleições presidenciais. Lula ficara na frente no primeiro turno, mas tínhamos um segundo turno, e eu estava muito preocupada.

Havia medo no ar, eu não sabia o que fazer, voltava a me questionar sobre minhas abordagens, minha forma de me comunicar, estava me colocando em dúvida sobre a efetividade das aulas, do doutorado, da pesquisa quando recebi esse relato. Foi como subir à superfície depois de um longo tempo soterrada. O ar entrando pelas narinas e revigorando cada pedaço de mim. Eu o agradei e soube imediatamente que essa carta estaria na tese como síntese do trabalho e, ao mesmo tempo, um certificado da eficiência da proposta. Seguimos.

#### 4.3.1 O que os dados nos mostram

Na avaliação realizada por meio do *Google Forms*, perguntamos se a relação com os/as colegas de sala havia mudado.

4. Você acredita que sua relação com seus/suas colegas de classe mudou após estas atividades?  
55 respostas

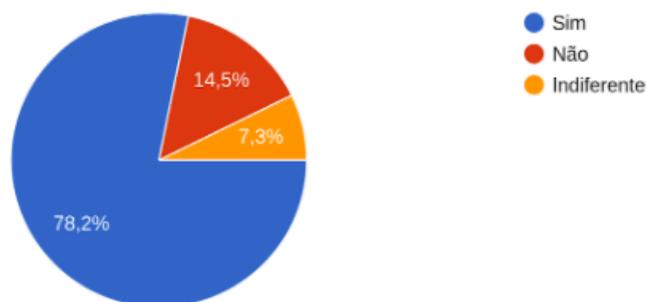


Figura 23 - Relação com colegas de classe

Como podemos verificar no gráfico 78,2% das pessoas responderam que sim. O estudante Joca, fala sobre como a experiência pode nos colocar frente a nós mesmos, de nos reconhecer como parte de um coletivo, e apesar do desconforto, do medo, esta pode ser a oportunidade de sair do automático, da mecanicidade.

*Eu recoleto experiências a fim de melhor experimentar as próximas, considerando as diferentes vivências e visões de mundo, sentimentos e aflições, incertezas e momentos inesperados, em que o menor de cada um desses fatores pode mudar uma vida toda. (...)*

*Ali, surgiu uma dinâmica em que os **ouvintes deveriam se tornar agentes do encontro**. Ora, deveríamos dançar, pular, improvisar pequenas histórias e **conhecer uns aos outros**, mesmo que esse não tenha sido o combinado. Daí eu me questiono quantos de nós nos esquecemos de nos colocar no lugar do outro. Seria algo próximo da ideia daquele que sabe se debruçar ao leito para cuidar, no caso da relação médico e paciente, mas, aqui, eu foco na relação entre seres humanos que vai além da profissão, da correria e mecanicidade do dia a dia. (...) Muitos desabaços e pedidos de ajuda vieram à tona, pois muitos não estavam preparados para se abrir. Nessa abertura, muitas histórias foram contadas, mas o que me chamou a atenção foram as **confissões: tantos carregavam medos, receios, incertezas e travas que simplesmente extravasaram, mas não havia para onde fugir, e é aí que os mecanismos de defesa disparam, nós bem sabemos**. (...)*

*Passei a carregar a ideia de que saber lidar com os desconfortos e, com isso, criar ambientes acolhedores, pode ser revolucionário. Essa perspectiva de alteridade pode ser alimento nobre para o sustento de que não estamos sozinhos. Ademais, **embora esteja clara a preferência pela previsibilidade, muito mais do que o desconforto e o imprevisto, isso fica pequeno quando se pensa que a vida é mais possibilidade do que aceitação** (Joca, 2021, grifo nosso).*

Ele reforça o que propomos como parte estruturante da metodologia MEET, partes essenciais da teoria e prática freireana e boalina, a de que “**os ouvintes deveriam se tornar agentes do encontro**” e encerra dizendo que a “**vida é mais possibilidade do que aceitação**”. Os grifos são feitos por mim neste e em alguns outros relatos.

Um dos objetivos do módulo é trabalhar a convivência das pessoas e propiciar um fortalecimento do grupo. A maior parte dos relatos fala sobre esse aspecto, especialmente a turma de 2021, que mal se conhecia de maneira presencial, tendo se encontrado antes do período de isolamento social, apenas por duas semanas de aula em 2020, quando estavam no primeiro ano. Retomamos de maneira presencial somente quando estavam no 4o semestre da graduação em setembro de 2021. Fernanda disse que:

*Vejo que todas as turmas saíram prejudicadas de alguma forma da pandemia. No caso da minha e da turma seguinte, a convivência entre grupos. Somos todos frutos de uma amizade construída virtualmente, que posso afirmar com total certeza que não dá certo. Minha sala ao invés de construir amizades, construiu **inimizades virtuais**. Passamos a brigar muito e por situações bobas, em alguns casos. Até falávamos no grupo da turma que o único momento em que o grupo estava lotado de mensagens era no momento de confusões. Perdemos o olhar, o abraço, os gestos sinceros e passamos a se relacionar apenas com mensagens, que embora digam muito, não dizem nada. Então, **voltar ao mundo dos vivos e de cara a disciplina fazer a gente olhar um no olho do outro, um correr junto com o outro, tocar no outro, trombar com o outro, brincar com o outro e ainda por cima encenar com o outro e ser assistido pelo outro, foi demais. Obrigada por possibilitar que todos nós nos déssemos mais uma chance** (Fernanda, 2021, grifo nosso).*

Péricles e Dalai reforçam a importância de conhecerem as pessoas mais intimamente.

*Eu aprendi que muitas pessoas têm algo guardado para si e que nem podemos imaginar. Pensamos que os outros têm a vida perfeita, tudo sob controle, mas a verdade é que não. Não sou menos por ter ansiedade ou medo do desconhecido. **Aprendi que muitas vezes não temos solução, mas sempre há algo a ser feito, como um abraço de conforto ou um olhar** (Péricles, 2021).*

*Descobri que existem muitas **pessoas incríveis em minha turma** e, estendendo a ideia para fora da sala de aula, que provavelmente existem muitas pessoas incríveis e desconhecidas em nosso dia-a-dia, enfraquecendo as visões mais desesperançosas do mundo. A diferença do ambiente das aulas para o ambiente da nossa vida diária é que, muitas vezes, não existe um contexto favorável para que as habilidades que colocamos em prática nesse módulo, como empatia, compaixão, escuta atenta e cuidado, possam aflorar de forma mais natural. **Os jogos, o olho no olho e a improvisação nos permitiu ficar abertos para deixar emergir muito do que tínhamos de potência criadora** (Dalai, 2021, grifo nosso).*

Mesmo que, como disse Nana, nós tivéssemos conseguido uma presença genuína e de qualidade nas aulas online:

*Os meses de isolamento social me fizeram valorizar a presença virtual genuína. Presença com interesse de estar presente, ouvindo o que se fala, interagindo e se preocupando com quem divide um pedaço de tela com você. A voz de quem quer falar e quer ser ouvido, tal qual os professores da disciplina, me deram ânimo e companhia. Não imaginava que uma disciplina me ajudaria a lidar com a solidão do isolamento (Nana, 2021).*

O processo da pandemia fez com que muitas pessoas se sentissem solitárias. Eu mesma, que aprecio os momentos de solidão, que passei a pandemia em família, senti muita solidão. Foi muito ruim mesmo e espero nunca mais ter que passar por isso. Joca nos conta:

*Viver em isolamento social é experimentar muito pouco da vivência da faculdade e, a maioria do tempo, muitos de nós tivemos que enfrentar a graduação por si só e consigo mesmo (Joca, 2021).*

E, em seu relato final, Carlos nos fala sobre a importância de mexer o corpo, de ter se divertido e podido se relacionar com os/as colegas de maneira presencial:

*Soltar o corpo, se entender no espaço, improvisar, descontrair, extravasar, olhar uns aos outros... Tudo isso, ainda mais depois de um período tão duro e solitário de isolamento social, foi essencial para construir laços com as pessoas e estabelecer conexões tanto verbais, quanto não verbais (Carlos, 2021).*

Durante as aulas falamos muito sobre a conscientização e aceitação dos próprios sentimentos e emoções. Na avaliação anônima, perguntamos que sentimentos eles haviam experimentado durante o módulo. O tipo de resposta era em caixa de seleção que permitia a escolha de mais de uma opção e a digitação de outros que julgassem pertinentes. Segue o gráfico com as respostas.

### 9. Que sentimentos você vivenciou durante o curso?

55 respostas

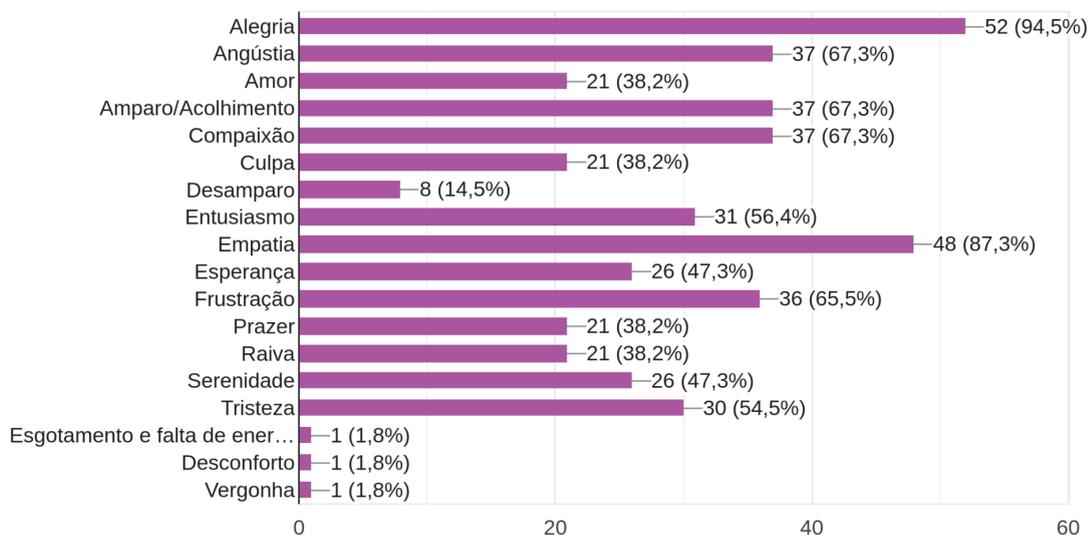


Figura 24 - Sentimentos vivenciados

Das 55 pessoas que responderam o questionário, 52 colocaram a alegria como um dos sentimentos vivenciados, sendo esse o sentimento o que mais aparece nas respostas. Denise fala brevemente sobre esse sentimento.

*Gostei muito de todos os jogos, me divertia nas aulas mesmo quando acordava indisposta ou cansada no dia delas (Denise, 2022).*

A empatia foi o segundo sentimento mais predominante, com 48 respostas. Se voltarmos à nuvem de palavras ao final do módulo, a empatia é uma das maiores palavras. A empatia é também muito frequente nos relatos finais dos/das estudantes.

*Outro aspecto muito importante trabalhado foi a empatia. Durante as aulas, pensamos e vivenciamos circunstâncias por meio de ferramentas teatrais em que pudemos nos colocar no lugar do outro, transpondo, por meio do improviso, imagens de situações da vida real que possivelmente nos depararemos ao longo de nossas vidas, não somente na profissional, mas também em contextos rotineiros e comuns a todas as pessoas (Clarice, 2021).*

Amora escreve sobre vários aspectos que ela vivenciou durante esses encontros, desde o planejamento e os temas da aula, até o acolhimento e o diálogo verdadeiro, confirmando que estamos realizando ao que nos propomos, uma pedagogia dialógica.

*Como eu falei no último encontro, repito: **a confiança foi construída; o diálogo foi realmente uma via de mão dupla; a troca foi mútua** (...) todos deixaram um pouco de si e levaram muito para casa. Eu penso que não somente a posição da disciplina imediatamente antes de Semiologia (3º ano) é estratégica, útil e inteligente, como também a divisão interna da matéria em si. É tudo muito bem pensado (...). É um sucesso porque, além de nos **pôr à prova em nossos sentimentos** mais primitivos no quesito de sociabilidade (vergonha, desconforto, pertencimento), nos ajuda a desenvolver habilidades que nem sabíamos que tínhamos ou que pudéssemos nos apoderar. Foi um módulo que **exigiu muito de mim – emocionalmente, psicologicamente, fisicamente (rs) –, mas de forma positiva**. Nada foi “pesado demais” ou uma “penitência”. (...)*

*E, indo além da medicina em si – porque a vida não é “só isso” –, me sinto alguém diferente. Acho que existiu uma Amora pré-módulo e outra pós-módulo de entrevistas. E eu me afeiçoo ainda mais por esta que os redige, pois **me sinto mais preparada para lidar com pessoas não só no âmbito médico, mas também na vida**. Tratar alguém como ‘gente como a gente’, ter empatia, ser solidário, transpor desejos e necessidades da perspectiva do outro para a nossa... coisas tão básicas e tão faltantes ao mesmo tempo hoje em dia. Sinto-me reforçada com o “básico”. Obrigada, queridos. Espero encontrá-los de novo. Com amor (Amora, 2021, grifo nosso).*

Uma observação importante é que Amora foi da turma que não teve a vivência prática durante a última aula, pois dedicamos o último encontro para conversar sobre o fórum de assédio contra a mulher, o caso das fotos. Ela não foi uma das atrizes da cena modelo, tampouco uma das *spect-atrizes* que entraram em cena. Mas esteve presente todos os dias. Então, mesmo no dia em que as emoções foram mais intensas, que foi muito difícil, em geral, as pessoas presentes avaliaram positivamente a experiência, reiterando a importância de se falar sobre assuntos problemáticos, sobre lidar com todo tipo de emoções.

A estudante Amanda reflete sobre a intensidade de se conectar com sentimentos profundos, e de que é muito difícil não “entrar no automático”, pois a própria graduação espera que ela, estudante, se torne uma médica humanizada, empática e preocupada com as outras pessoas e, simultaneamente exige uma produção e ritmo de atividades que não possibilitam que ela tenha momentos para vivenciar os próprios sentimentos.

*Alguns momentos que eram mais pessoais e voltados para a questão de doença/morte na família. Como meu tio faleceu há um mês, nesses momentos eu tinha vontade de não estar ali presente na sala, me deixavam triste. Era uma tristeza que eu não teria tempo para sentir, pois logo em seguida já mudava a atividade, depois era almoço, aula de tarde e outras atividades à noite. **Senti que eram despertados sentimentos que eu não teria tempo para processá-los, então acabava por negligenciar eles**.*

*Uma vez que a grade curricular da medicina nos automatiza a estudar em qualquer circunstância, mas enfatiza a empatia com os sentimentos do próximo (futuros pacientes), noto uma incongruência. Pois, **se para me tornar médica tenho que negligenciar o que sinto para corresponder ao que é esperado de mim, como vou me manter sensível aos sentimentos do próximo se meus sentimentos são insensibilizados durante 6 anos?** (Amanda, 2022, grifo nosso).*

Tenho refletido sobre isso juntamente com as novas professoras que integram a equipe desde 2023<sup>103</sup> para as aulas de entrevista, Nádia Morali e Tatiana Mirabeti Ozahata. Durante esses encontros conseguimos propiciar momentos em que esses e essas estudantes realmente vivenciam e falam sobre as conexões profundas e reflexões que realizam sobre comunicação, empatia, identidade médica. No entanto, temos notado que ao longo dos anos, durante a graduação deles e delas, essa experiência vai se perdendo, ficando uma leve sensação de algo que foi proveitoso, mas que deixou somente um lampejo na memória.

Consideramos também que, em momentos de experiência nas unidades de saúde, nos hospitais, as atividades experienciadas gerem *gatilhos* emocionais que as/os façam refletir sobre como gostariam de agir. No entanto, apenas 5 aulas em um curso de 6 anos são insuficientes para sedimentar tantas coisas. A partir de 2024, com a alteração do currículo da Faculdade de Medicina da Unicamp, almejamos conseguir mais momentos para se trabalhar esteticamente, de forma longitudinal.

Esse pedido também foi feito por algumas pessoas, dentre elas, Clarice:

*Assim como alguns disseram durante a última aula, repito aqui: **essa disciplina deveria se estender mais ao longo da graduação**, pois traz competências muito importantes para a profissão, ajudando-nos a ficarmos confortáveis em conversas com outras pessoas, e, sobretudo, a exercer a empatia e estarmos preparados para situações complexas que com certeza surgirão. (Clarice, 2021, grifo nosso)*

O desconforto aparece uma única vez no quadro dos sentimentos, pois foi digitado por um/a dos/das estudantes. Nós não colocamos esse sentimento como opção pois como o desconforto é frequentemente relatado pelos e pelas estudantes, então dispusemos uma única pergunta para isso. Se retornarmos à nuvem de palavras, veremos que “desconforto” é, entre seis definições, um das que mais aparecem para definir o módulo de entrevistas em uma única palavra.

---

<sup>103</sup> Em 2023, houve alteração no quadro docente do curso, pois o professor Thiago Martins iniciou um pós-doutoramento na Europa e o professor Adilson Ledubino tornou-se professor da educação básica da rede municipal de ensino de Campinas, após aprovação em concurso, tendo de se afastar das atividades junto à universidade.

## 6. você se sentiu desconfortável durante as atividades cênicas?

55 respostas

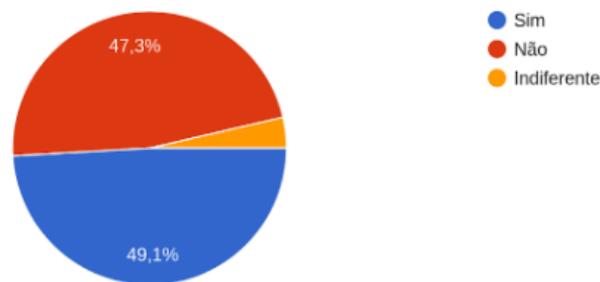


Figura 25 - Desconforto durante a realização das atividades cênicas

De acordo com as respostas daquele dia, vemos no gráfico quase que um empate entre as pessoas que se sentiram desconfortáveis e as que não se sentiram. Creio que a maneira de diminuir o desconforto seja a criação de um ambiente seguro, em que eles e elas possam se expor, e como ressalta Lalô, também se sentirem livres para se expressar e a de não se sentirem julgados/das.

*É muito interativa e trabalha vários aspectos do nosso comportamento como expressividade, criatividade, trabalho em grupo... é top! Mas o interessante é que os profs conduzem ela de maneira bem leve e livre de amarras, sabe.*

***Deixam a gente criar sem preconceitos, sem julgamentos com os resultados finais. O cativante é esse jeito de sempre tirar algo do que foi construído e, a partir disso, aplicar o que se tem como objetivo nos encontros (Lalô, 2021, grifo nosso).***

Na avaliação havia uma pergunta sobre o porquê de se sentir confortável ou desconfortável durante os encontros, e uma pessoa reforçou a importância de nossas falas como docentes durante as atividades, e conseqüentemente nossos atos acolhedores e respeitosos.

*As professoras sempre frisaram que aqui era um lugar de respeito e que nada precisava ser perfeito. Por isso eu me sentia à vontade para errar, diferente das outras disciplinas em que muitos professores nos culpam quando erramos, como se não tivéssemos nos esforçado o suficiente (Comentário anônimo).*

Miranda nos faz um depoimento pessoal sobre como participar das aulas com a metodologia MEET foi terapêutico e diz que pôde “iniciar um processo de ressignificação das coisas que aconteceram, de modo que” acabou tendo mais confiança nela mesma.

*Por muitos anos, eu me fechei. Sofri muito bullying na escola e depois no cursinho, então, eu acabei ficando com medo de me expressar. Tentava ao máximo passar despercebida. Mas isso não estava me fazendo bem, só que eu não estava conseguindo iniciar a mudança (abrir-me novamente) sozinha. Essa disciplina me ajudou nisso e foi maravilhoso.*

*Nessa matéria, que foi mais uma lição de vida para mim, **eu tive o prazer de pensar sobre o nosso impacto na vida das pessoas**, que é algo que eu sempre gostei de refletir sobre, mas que agora eu pude fazer de forma coletiva, avaliando outras formas de pensar, de se expressar e de ponderar as coisas. Eu vi o quanto somos hostis nas pequenas coisas, mas o quanto podemos ser “salvadores” nas coisas ainda menores. Uma única frase, uma única entonação, um único gesto ou mesmo um único olhar podem mudar tudo: deixar a pessoa confortável ou desconfortável; passar confiança ou desconfiança; passar empatia ou antipatia.*

*(...) **Estou com mais coragem de me expressar e me permitindo errar, mostrar-me “vulnerável”.** Todos nós erramos e eu também tenho esse direito, e o quanto é maravilhoso se permitir não ser obrigado a saber das coisas a todo momento, não se punir por não saber algo e ir em busca desse conhecimento de forma leve e prazerosa. E para o meu futuro, com certeza eu quero ser, mesmo que talvez eu só consiga em partes, parecida com os professores dessa matéria. Eu desejo muito ter a sensibilidade, a empatia, o cuidado e a sabedoria que vi em todos vocês: Adilson, Jamiro, Letícia e Thiago (Miranda, 2022, , grifo nosso).*

Rodolfo nos faz um relato super pessoal, enfatizando que nunca tinha feito isso antes, e apesar de similaridades com o relato da Miranda e da Amanda, vou trazer o relato dele por me identificar com a vivência de sentimentos ambíguos, e por falar especificamente sobre a humanização.

*No primeiro encontro só lembro de abrir minha boca pra falar meu próprio nome quando nos apresentamos com aqueles jogos e para uma pequena fala durante o teatro. Já no segundo encontro eu consegui falar o que eu pensava sobre um assunto na discussão após os teatros. Terminei de falar e minha mão estava suando e meu coração acelerado. Naquele dia eu tive dois sentimentos muito fortes depois da aula. O primeiro, que veio mais cedo, **foi de liberdade**. Eu me sentia leve e feliz por ter conseguido finalmente me abrir e falar com sinceridade o que eu sentia abertamente. Mas, **mais tarde veio uma completa insegurança** se eu tinha falado algo que mudaria o jeito que as pessoas me veriam aqui na faculdade, o que perdurou até o final da sexta feira, quando eu percebi que na verdade tinha feito as pessoas se identificarem mais comigo, me dando a liberdade pra me entregar mais ainda nos encontros subsequentes.*

*Sou extremamente grato pelo esforço e dedicação que os professores do módulo de entrevista entregam **para tornar aquele ambiente o mais acolhedor possível, ensinando a nós, alunos de medicina, a sermos mais humanos e abertos a escutar o que o outro tem a falar, resolver conflitos internos e externos e amplificar aquilo que chamamos de empatia**. Muitas vezes o curso de medicina exige dos ingressantes anos de dedicação, anos de amizades reduzidas à tela do computador e aos livros, e infelizmente restringe o tão importante convívio social que aflora a humanidade dentro de nós. **O módulo de entrevista com certeza é a faísca que reacende o fogo da humanidade que, em muitos médicos, é apagado** (Rodolfo, 2022, grifo nosso).*

Em um comentário anônimo, na avaliação, uma pessoa traz esse relato sobre o autoacolhimento:

*Um dia na roda inicial o professor disse pra gente abraçar o próprio corpo e pensar (resumidamente) em amor próprio; foi num dia em que eu estava triste e frustrada por me sentir mal, e aquele momento de auto acolhimento fez toda a diferença pra mim. Alguns exercícios romperam barreiras que eu tinha com outros colegas. Algumas cenas trouxeram lembranças ou projeções com sentimentos muito vivos: ri, chorei, pensei em coisas importantes que já tinha pensado ou que nunca tinha pensado antes. Percebi características em alguns colegas que serviram pra eu saber que não me identifico com eles (isso não é ruim porque vamos precisar escolher com quem se agrupar no internato) (Comentário anônimo).*

A maioria das e dos estudantes reconhece que o Teatro é uma metodologia válida e que pode contribuir para a formação médica.

10. Você concorda que o teatro seja uma metodologia válida para o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando formação ampla e humana? ...

55 respostas

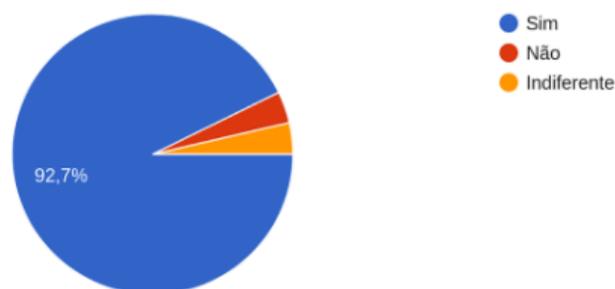


Figura 26 - Teatro é uma metodologia válida para a formação médica

Laura nos escreve sobre frequentar uma disciplina da medicina que se utiliza das artes para falar/experienciar os temas:

*Não posso deixar de **ressaltar a profundidade que chegamos nas discussões** desenvolvidas, pois com a necessidade de nos envolvermos pudemos torná-las muito mais proveitosas. (...) E que saibamos cada dia mais compreender a importância de diversas formas de expressão, o acréscimo delas ao nosso currículo, que não nos tornemos pessoas engessadas e mecânicas. (...) Acho que, em geral, nós, alunos, **tendemos a dar menos importância para matérias como esta**, que fogem do esperado padrão técnico e tentam nos passar valores por meios alternativos, os quais buscam nos conectar mais a eles, porém espero que tal visão equivocada tenha sido superada com a disciplina de vocês (Laura, 2021, grifo nosso).*

Nise nos falou sobre como compreendia a criação de personagens.

*Para mim, criar a personagem envolve aspectos subjetivos e emocionais que estão relacionados com as minhas lembranças. Por isso, tal processo acaba sendo algo prazeroso e saudosista, que nesse momento de pandemia me faz rir e chorar, mas de felicidade e saudade (Nise, 2021).*

João, ecoando Augusto Boal, fala sobre a perspectiva de todos e todas de podermos fazer teatro, e mais, que já fizemos teatro antes, sem necessariamente nos darmos conta disso:

*Acredito que há muitas potências dentro de cada um e que, a própria ação de ativar esses recursos já é em si atuar. Não necessariamente fazer uma cena precisa de palco, ou de fingimento, tampouco de exageros. Atuar é mover-se e, ainda que parado, expressar os sentimentos, pensamentos que se manifestam no interior, de forma acessível e disponível ao outro.*

*Além disso, parafraseando Ferreira Gullar, o teatro existe porque um “eu” não basta. De tão complexos e multifacetados que podem ser os sujeitos, é improvável que se possa conhecer, de fato, todos os seus traços, todas as suas potências - em situações inusitadas, inclusive, pode-se surpreender a si mesmo. Seja para se encaixar em um grupo, liberar emoções, esquecer por um tempo os problemas, lidar com um momento que exige seriedade ou para descontrair, costumamos adequar discursos, gestos e atitudes. Tudo isso culmina no teatro, onde o ator incorpora um personagem, emprestando e recebendo afetações, abrindo possibilidades, que se aproximam do que [Fernando Pessoa] traduziu como muitas “almas”.*

*Entretanto, a despeito das pequenas atuações cotidianas, **o ambiente universitário não favorece essas vivências nem a exploração das potências do indivíduo.** A universidade parece prezar apenas por protagonistas, expurgando coadjuvantes, figurantes e, muitas vezes, até a plateia. Isso ocorre, pois, a intensa demanda; o discurso opressor da supervalorização do rendimento; a competição por vagas em ligas, estágios e residências, por títulos acadêmicos e desportivos, por status reduzem o campo de possibilidades e de recursos que são necessários para que os estudantes sobrevivam ao ambiente hostil.*

*Vale ressaltar que esse contexto não impossibilita totalmente as performances, as quais agora sim são dissimuladas: o aluno finge que entendeu a aula ou que domina o conteúdo que está apresentando no seminário, por exemplo. Porém, o que me parece mais inviabilizado é a acessibilidade e a disponibilidade ao outro, mostrando que aquelas circunstâncias desmantelam o convívio. Dentro do módulo de entrevista, torna-se ainda mais evidente o quanto as pessoas não se empenham em conhecer melhor quem não faz parte dos seus grupos. Também me assusta a dificuldade que nós (também me incluo) temos para olhar nos outros. Das viagens mentais durante madrugadas insones e reflexivas, somadas às discussões dentro da sala de aula, diria que as **relações sociais dentro da turma padecem de uma enfermidade, a hipermetropia social**, visto que não conseguimos enxergar e construir vínculos com os mais próximos.*

*Como conseguiremos vislumbrar e nos comunicar com um completo desconhecido, nosso paciente e sua complexidade? Como um módulo honesto, não chegamos a conclusões e resoluções absolutas para, mas nos aprofundamos na abordagem, a qual julgo ser mais holística, que **convida ao autoconhecimento e a empatia, expande as possibilidades e acolhe aquelas potências que são subestimadas pelo conceito estereotipado do ser médico.** O mais valioso, entretanto, é a articulação do grupo, cheio de desconhecidos, que se olham, se conversam, contracenam para essa finalidade em comum e com foco no cotidiano (João, 2022, grifo nosso).*

Sobre os jogos da aula, eles estão realmente intrinsecamente ligados com as cenas e o *debriefing*. Só é possível que as pessoas se sintam confortáveis para trabalharem umas com as outras após terem jogado juntas. Este é um ponto que aparece em quase todos os relatos. Interessante o comentário que Apolo fez de maneira presencial durante o *debriefing* e, posteriormente, em seu relato:

*Essa matéria me ensinou que mesmo naquelas pessoas da minha sala que nunca me comuniquei, reside uma coisa boa que pode me trazer ela para perto, algo que sem o presencial não iria conseguir. Este módulo **foi importante para desenvolver minhas habilidades sociais com os meus pares, para reconhecê-los como colegas, para fazer teatros que não me imaginava fazendo e para me lembrar que tenho joelhos. Esse módulo é realmente como um joelho, muito importante, mas só percebemos que ele está faltando quando está com problemas, portanto é importante ter essa matéria antes mesmo do clínico, porque é agora que vamos sentir o joelho doer sem uma boa comunicação com o paciente (Apolo, 2021, grifo nosso).***

Essa reflexão sobre os joelhos gerou risos entre as pessoas da sala e foi desencadeada pelo alongamento inicial daquela aula, quando pedi que esticassem os braços para cima e depois deixassem pender até o chão, dobrando os quadris. Pedi que desse um “oi” aos próprios joelhos, que fizessem um carinho e se acolhessem. É muito interessante saber o que se passa com as pessoas quando vivenciam algo que definitivamente não estava no meu horizonte.

Andréia reforça de como para ela as atividades corporais a auxiliaram a se conscientizar de si mesma, de como isso pode auxiliar a entender a outra pessoa, e da importância da relação médico/a - paciente:

*Para mim, as atividades corporais foram muito relevantes, porque, para mim, **a consciência e compreensão do próprio corpo no espaço permite elevar as relações com o outro.** Penso que para melhor compreender o outro (que, no nosso caso, o paciente) e também o mundo como um todo devemos, primeiramente, **compreender a nós mesmos.** Com isso, temos consciência do lugar que ocupamos, que já ocupamos e que desejamos ocupar e podemos, de maneira mais harmoniosa, estabelecer conexões com o outro, sempre ciente de si. Parece abstrato, mas para exemplificar, tomemos a relação entre médico e paciente. **Nós, futuros médicos, devemos ter a consciência do lugar que ocupamos, da importância que exercemos na vida dos que estão sob nosso cuidado, do nosso poder, para assim, podermos fazer um bom uso das nossas características e potencialidades, sempre tentando trazer benefícios. Mas conscientes que o mau uso poderá gerar, por outro lado, malefícios e péssimas repercussões para a qualidade de vida do paciente (Andréia, 2022, grifo nosso).***

Na avaliação, perguntamos se após vivenciar o módulo de entrevistas a forma como eles e elas percebiam a relação médico/a - paciente mudou e 83,6% das pessoas responderam que sim.



Figura 27 - Forma de encarar a relação médico/a x paciente

Sobre o aspecto da identidade médica, Fernanda escreve:

*A cada aula eu passei a perceber que o médico não precisa ser sério, bravo, rígido, muito menos detentor do saber. Passei a ver que o médico só precisa ser um ser humano como qualquer outro. Alguém que acorda todos os dias, tenta dar seu melhor, que acerta muito, mas que é passível de errar. Alguém que não precisa ser frio, mas que pode sim dar amor e acolhimento, pode abraçar e ter uma relação de amizade com seus pacientes. Isso me deixa tão mais calma e segura com o futuro. Agora, acredito que, além da formação técnica, **se eu for eu mesma, conseguirei ser uma excelente médica** (Fernanda, 2021, grifo nosso).*

Tal como Fernanda, na avaliação 94,5% das pessoas acreditam que vão utilizar os conceitos desenvolvidos no curso de entrevista em sua vida profissional, confirmando que a grande maioria tem a percepção de que construíram conhecimentos com a metodologia MEET.

8.1 Você acredita que utilizará os conceitos desenvolvidos neste curso na sua vida profissional?

55 respostas

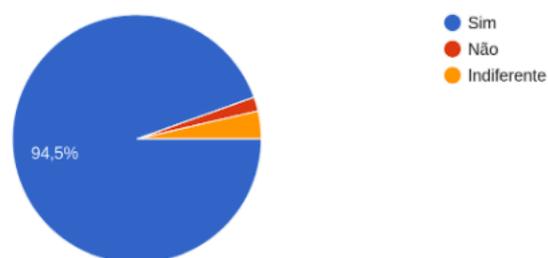


Figura 28 - 94,5% das pessoas acreditam que irão utilizar conceitos do curso na vida profissional

Felipe fala especificamente sobre o seu trabalho junto a um dos ambulatórios do hospital, que ele frequentava semanalmente há mais de um ano, sendo um apoio aos/às demais profissionais.

*Conforme o tempo de vivência no serviço [do ambulatório] foi passando, fui notando que o grau de atenção e individualidade que eu direcionada aos pacientes, sobretudo aqueles com demandas não-médicas (ou seja, demandas que não são relacionadas diretamente à consulta, como marcar pacientes novos), foi reduzindo. Viver essa atividade me fez lembrar da **importância de direcionar atenção devida e individualizada a cada paciente/acompanhante**, ainda mais em um cenário ambulatorial em que há mais tempo. Além disso, foi importante para que eu retomasse o hábito de ativamente buscar demandas dos pacientes e seus acompanhantes, em não somente esperar que elas venham a mim ou à equipe do serviço (Felipe, 2022, grifo nosso).*

Nicolas fala sobre as suas reflexões ao vivenciar o módulo e confirma que acredita que usará os conceitos aprendidos nas diversas relações profissionais.

*“Como foi vivenciar o módulo de entrevistas?”*

*Em “O Espelho”, Machado afirma: “O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra (...) o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior.”*

*Para mim, vivenciar o módulo de entrevistas foi como um sono bom. Como em um sonho, **me vi livre de parte das amarras do mundo**. Dentro de um “ambiente controlado”, por meio de representações e atividades hipotéticas, consegui unir a alma pessoal e a alma acadêmica, o ver e o ser visto, a relação entre a alma que olha de dentro para fora e a outra que olha de fora para dentro. Mais concreta e sucintamente, vivenciar o módulo de entrevistas foi bom, sei disso pelas habilidades desenvolvidas, pelas reflexões geradas, pela vontade de chegar a próxima quinta de manhã mesmo retornando exausto para casa nas quintas à noite.*

*Inúmeras reflexões brotaram durante os encontros! Silêncio e fala, opressão e desabafo, conflito e solução, narcisismo e alteridade, padecimento e aconchego... Dialeticamente, fui conduzido entre teses e antíteses até encontrar uma síntese construída coletivamente mas significada dentro das percepções e modo pessoal de ser. Diante disso, **para além da formação de habilidades que serão usadas futuramente, as reflexões foram de grande valia no surgimento e/ou validação de uma identidade mais consciente acerca dos dilemas profissionais e das inúmeras relações que vivemos/viveremos. Relações médico-paciente, médico-médico, paciente-paciente, alma interna-alma externa** (Nicolas, 2022, grifo nosso).*

Como apareceu diversas vezes nos relatos anteriores, destaco a frase de Amora (2021): “Me sinto mais preparada para lidar com pessoas não só no âmbito médico, mas também na vida”. No gráfico abaixo, vemos que 92,7 % das pessoas também acreditam que utilizarão os conceitos desenvolvidos no curso não somente da vida profissional, mas na vida pessoal.

8.2 Você acredita que utilizará os conceitos desenvolvidos neste curso na sua vida pessoal?  
55 respostas

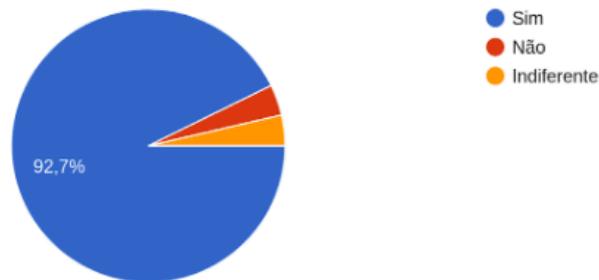


Figura 29 - Utilização dos conhecimentos desenvolvidos no curso na vida pessoal

Um/a estudante, de maneira anônima, nos disse que:

*Nas rodas de conversa, perceber a visão dos meus colegas sobre temas tão pertinentes para a vida pessoal e profissional (como injustiças, desigualdades, questões éticas) me fez ter esperança (Comentário anônimo).*

E, como os relatos falam de vários aspectos ao mesmo tempo, e talvez esse tema tenha passado despercebido, quero enfatizar que as e os estudantes de medicina relataram que realmente aprenderam sobre comunicação, que é o nosso objetivo principal, em se tratando de um curso de entrevista. Mesmo que, para além disso, tenham vivido outras experiências, refletido sobre tantos outros assuntos e experimentado tantas outras sensações. Dentre as 55 pessoas que responderam, 90,9% acreditam que desenvolveram suas habilidades de comunicação.

1. Você acredita que estas aulas foram importantes para desenvolver habilidades de comunicação?  
55 respostas

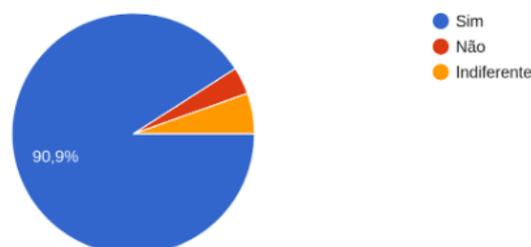


Figura 30 - Autoavaliação sobre o aprendizado de habilidades de comunicação

Godofredo disse que:

*Uma reflexão que não resultou de uma aula específica, mas sim de uma construção de todas as aulas ao longo do módulo: a ideia de que não existe um melhor jeito de conduzir uma entrevista, sendo livre para adotar a abordagem que você preferir contanto que você, como médico, esteja disposto a se abrir e a realmente ouvir o paciente, **permitindo uma verdadeira conversa humana** (Godofredo, 2022, grifo nosso).*

Sobre a comunicação não-verbal, parte importante e indissociável da comunicação, a estudante Dulce também reforça a importância de ter aprendido sobre isso em ação.

*O módulo de entrevistas foi algo que me surpreendeu. No início da disciplina as minhas expectativas estavam um pouco baixas, uma vez que eu não entendia muito bem qual era o objetivo de termos aulas nesse modelo que para mim não era convencional. Isso mudou já no início da primeira aula em que fui, quando os professores começaram a propor atividades em que movimentávamos o nosso corpo, nos deixando mais confortáveis tanto com o ambiente quanto com as pessoas ao nosso redor. O que mais aumentou o meu interesse na disciplina **foi perceber que eu estava me sentindo muito mais aberta a falar com as pessoas**, o que é muito importante quando pensamos em uma situação médico-paciente, em que é vital que seja mantida uma conversa ativa entre os dois. Eu sou uma pessoa que sinto bastante dificuldade de expor a minha opinião em público, então em uma das aulas o fato de eu ter me sentido confortável e aberta para falar para todos o que eu estava sentindo no momento já considero um ganho enorme que me foi permitido devido à disciplina. Ademais, outra situação que sinto que foi muito importante no meu crescimento pessoal foi a simples atividade de **andar pelas salas olhando nos olhos de meus colegas**. Percebi que não era algo que fazia com muita frequência, o que também tem grande significância quando pensamos nas relações interpessoais, pois **acredito que olhando nos olhos dos outros e percebendo as emoções ali presentes, é possível conhecer muito melhor uma pessoa**. (...) E permitiu ter uma visão muito mais ampla do ambiente e das pessoas, de modo a pensar não só apenas naquilo que está sendo dito, como também na maneira como está sendo dito (Dulce, 2021, grifo nosso).*

O Teatro Fórum realizado por esses e essas estudantes tornou-se o cerne deste trabalho e, por isso, na avaliação colocamos uma questão para que avaliassem o que acharam de participar desse tipo de experiência. O grau de importância para os/as estudantes, numa escala de 0 a 10, foi de 8,18. Sendo que 41,8% do total de participantes atribuiu conceito 10 sobre a importância de participar de uma sessão de Teatro Fórum como parte integrante da metodologia, como pode ser observado no gráfico abaixo.

## 5. Qual conceito você atribui para a importância de participar de um "Teatro Fórum"?

55 respostas

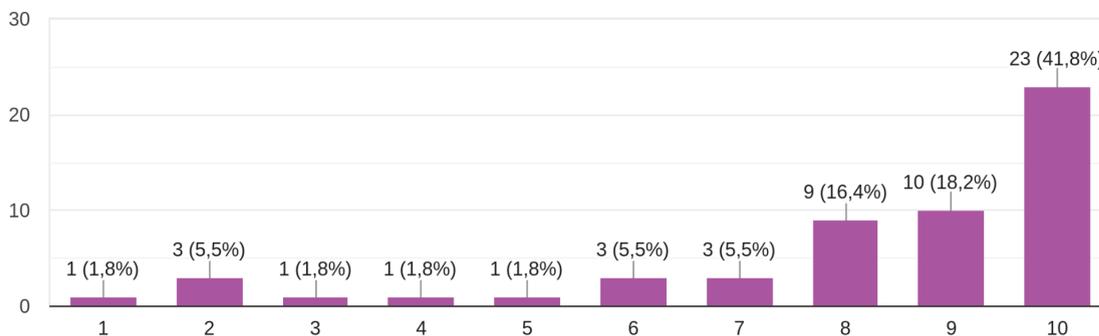


Figura 31 - Gráfico sobre a importância em se participar de um Teatro Fórum

Carlos nos enviou o seguinte áudio logo após a sessão de Teatro Fórum, de violência contra a mulher, no caso das fotos:

*Eu achei a prática do Teatro Fórum muito interessante (...) Acho uma estratégia interessante até comparando com situações que os indígenas acabam usando com os sonhos. Eles acabam utilizando os **sonhos como espaços criativos para criar alternativas para lidar com situações da vida**. Coisas que nós, homens brancos da sociedade, em geral, acabamos não fazendo. Acabamos vendo os sonhos como algo irreal que a gente não consegue lidar. Acho isso uma prática muito interessante para a gente testar as hipóteses (Carlos, 2021, grifo nosso).*

“**Sonhos como espaços criativos para criar alternativas**”. Esse estudante vislumbrou algo que naquela época eu ainda não falava nas aulas, o sonho como projeto, como proposta, como objetivo. O Teatro Fórum pode nos possibilitar a sonhar e testar as ideias em ação.

Agnes, de maneira bem descontraída, nos fala sobre o exercício de estar presente, de se reconhecer oprimida e opressora durante a sessão de Teatro Fórum:

*Ora, devo admitir que a minha disposição já não era das melhores, pensava comigo mesma sobre essa bendita aula que acontecia demasiadamente longe do meu ponto de ônibus e me obrigava invariavelmente a sair de casa mais cedo na quinta-feira. Quinta-feira! Justamente o dia mais decepcionante da semana, quando você acorda com a realização de que não, amanhã ainda não é sábado. E para adicionar insulto à injúria, o módulo era sobre “Entrevistas”. Por acaso teriam muitas dessas? Porque se há algo que eu odeio são entrevistas, eu sei, eu sei que é essencial para a profissão, mas prefiro adiar até o momento em que for inadiável. Bem, você só pode imaginar o quanto eu não estava feliz.*

*Porém, logo no início, se a memória não me falha, o Adilson disse que só pedia para nós estarmos aqui. Aqui. Nessa sala. Nesse momento. Aqui? Eu? Eu nunca estou aqui na minha vida, sempre matutando sobre o muito mais adiante, o pouco mais atrás, qualquer coisa que me tire do agora é válida. Porém, naquele aqui eu tomei uma decisão, naquelas manhãs tentaria, de fato, honestamente, estar ali. E, agora que tudo terminou, não me arrependo nenhum pouco. Óbvio que eu não era sempre bem sucedida, dava onze e meia minha alma já estava no RS [Bandejão da R. Saturnino], mas vou ser gentil comigo mesma e considerar que tive um desempenho acima da minha média.*

*Então, o resultado disso foram algumas experiências que eu gostaria de não esquecer. Dentre elas, o **Teatro Fórum** foi uma das mais especiais, estava assistindo e pensando como? **Como eu mudaria isso? E minha cabeça estava vazia de sugestões não violentas.** Logo pensei nas minhas não tão muitas vivências, quando **fui a oprimida** e até quando **fui a opressora**, não irei negar já ter cumprido esse papel, o que eu fiz que piorou a situação, o que eu poderia ter feito para melhorá-la, será que realmente aprendi ou estou constantemente repetindo os mesmos erros e caindo nos mesmos padrões de comportamento. Todas essas são questões que levei para dentro e continuo com elas aqui. Da mesma maneira, várias frases dos professores me marcaram, uma em singular, creio que foi da Letícia, ela disse algo nas linhas de que nós não somos nem bons nem ruins, isso é muito variável e, sei lá, imagino que talvez estejamos andando por essa Terra simplesmente buscando fazer uma redução dos danos que causamos na vida de quem nos rodeia. *Primum non nocere*<sup>104</sup>, não é mesmo?*

*Além disso, quando reviro a minha memória em busca de algum momento que preferiria não ter vivenciado, nenhum vem à superfície. E olha que admito ser uma pessoa cronicamente de mal com a vida. Assim, embora seja inegável que nem tudo foi uau, **em geral eu saia pensando sobre as discussões da aula e ainda estou pensando sobre os temas e acredito que cada vez mais eles vão aparecer na minha vida**, quando eu realmente estiver lidando com pacientes, tendo que iniciar conversas, buscando deixá-los confortáveis, montando um plano coletivo e buscando agir com o máximo de humanidade quando eles estiverem doentes. Em geral, **acho que ficou comigo o exercício de sair da minha própria cabeça abarrotada de mim mesma e olhar sabe, olhar para os outros**, para quem eu nunca tinha olhado antes mesmo estudando juntos há mais de um ano, para as pessoas que eu só vou ver uma vez na vida, mas que talvez, naquele momento, elas só precisam mesmo ser vistas e, embora ser entendido possa ser um desejo frequentemente não realizável, ser ouvido é algo que não deveria ser tão difícil de encontrar. Enfim, vivenciar esse módulo foi certamente uma viagem. Estar nas aulas foi um prazer e posso falar com segurança que aprendi muito e (pelo menos acredito) ter saído uma pessoa melhor. Agora é buscar praticar o tempo todo (essa é a parte difícil!) (Agnes, 2022, grifo nosso).*

---

<sup>104</sup> *Primum non nocere*, do latim, é um termo da bioética e significa “Primeiro, não prejudicar”.

Por fim, chego ao tema que dá título a esse trabalho: Opressões vivenciadas durante a graduação em medicina da Unicamp. Afirmo que a pequena comunidade analisada reflete as grandes opressões presentes na sociedade. Algumas opressões não estão resolvidas no ambiente acadêmico, mas vêm sendo minimizadas no que grande parte dos/das estudantes chamam de “bolha”. Luana fala sobre duas opressões debatidas durante as aulas:

*Também foi muito importante quando trouxemos para debate a questão da expressão LGBTQI+ no ambiente Universitário em comparação com o ambiente "de fora da bolha". Outra reflexão importante foi sobre um debate sócio-racial e de como algumas pessoas sentiam que eram olhadas de forma diferente pela sociedade só por serem de determinada raça (Luana, 2021).*

Naquele dia, durante o *debriefing*, um estudante disse que é bissexual e, que quando está na Unicamp, ele se sente seguro ao andar de mãos dadas com outro homem, no entanto, quando ele vai visitar a família em sua cidade natal, ele jamais faria isso, mas quando está se relacionando com alguma mulher, ele pode agir normalmente em ambos os lugares. A preocupação desse estudante não é se expor, ele não tem medo que as pessoas reconheçam sua orientação sexual, o que ele teme, com razão, são as agressões oriundas de pessoas homofóbicas, ou no termo mais recente e abrangente, LGBTfóbicas.

Interessante que Luana, uma estudante não-negra, ressalta a importância do debate racial durante a aula, e, aparentemente, ela não se conscientizou de que o racismo existe dentro da universidade e de que é tão violento com estudantes negros e negras, de acordo com o que foi relatado no capítulo anterior, com uma das cenas de Teatro Fórum.

Por meio da análise das cenas de Teatro Fórum, foram destacadas três grandes opressões: racismo, violência de gênero contra a mulher e pressão por um alto desempenho acadêmico. Para além do Teatro Fórum, outras cenas foram representadas e revelaram outras opressões, seja da sociedade, como uma cena que tinha uma pessoa em situação de rua, seja dentro do próprio ambiente médico, como uma cena de transfobia.

Camilo considera que falar sobre as opressões durante as aulas foi a parte mais importante do módulo:

*A reflexão sem dúvida mais importante ao meu ver foi a nossa discussão acerca das individualidades do nosso Curso de Medicina, tratando de assuntos como trote, violências e microviolências, assédio moral, verbal e sexual etc ainda infelizmente presentes na nossa realidade como estudantes de Medicina na UNICAMP. Mais importante ainda foi discutir maneiras de se contornar ou de se resolver esses conflitos.*

*Os momentos mais relevantes das atividades para mim foi quando precisávamos necessariamente participar ativamente dos processos, por ser algo que nos tirava da nossa zona de conforto (Camilo, 2022).*

Para esta tese, optamos por analisar as cenas de Teatro Fórum, e, portanto, as opressões representadas em outras cenas não foram analisadas. No entanto, para se ter uma ideia mais generalizada das opressões vivenciadas na graduação em medicina da Unicamp, colocamos a pergunta “Quais as principais opressões que você identifica no curso de medicina?” na avaliação anônima. Foi uma pergunta aberta e, após ler e analisar todas as respostas, agrupei-as em três grandes grupos, descritos a seguir:

1. Opressões hierárquicas e tratamento ruim nas relações de poder, seja entre professor/a e estudante, entre médicos/cas e pacientes, entre residentes e internos/nas, entre médicos/cas e equipe multi e até mesmo entre as/os estudantes.
2. Opressão pela exigência de alto rendimento escolar, pressão para participação de atividades extracurriculares, extensa carga horária acarretando falta de tempo para o autocuidado.
3. Opressões sociais e pelo padrão de corpo físico. Tais como: opressões de gênero, de classe social, de raça, e também por um ideal de corpo dentro dos padrões de beleza estipulados por uma mídia e um imaginário do que é ser um médico confiável (homem, magro, branco e cis).

Seguem algumas transcrições das respostas, que foram anônimas:

*Opressões do que se espera que médico seja (branco, hétero e homem) e também opressões acadêmicas como você ter que tirar as melhores notas e ser melhor do que o outro, pois se você não estiver fazendo várias coisas vc não é o suficiente.*

*A opressão por professores, por residentes, pela hierarquia formada, pelos outros alunos que esperam engajamento de você em situações que você não tem interesse de participar.*

*Física (embora tenhamos conquistado nos últimos anos uma diversidade sociorracial dentro do curso, ainda temos a permanência da valorização irrestrita explícita ou velado, do corpo todo como correto, do corpo todo como melhor).  
Intelectual (talvez associado ao processo de seleção de "só entra o melhor" a ideia de uma intelectualidade homogênea e única ainda é muito presente, a desvalorização de outras formas e meios de saberes ainda prevalece com grande intensidade).*

*Principalmente opressão acadêmica, no sentido de propagar uma cultura de que você como aluno sempre tem que aguentar a cobrança não importa o nível de dificuldade, em especial quando os anos mais velhos interagem com os mais recentes na graduação*

*Opressão sobre produtividade, ser o melhor e estudar sempre mais. Opressão sobre postura, ter determinado comportamento por ser da medicina.*

*Creio que no curso de medicina muitas vezes existe uma busca por superioridade em relação a outras pessoas e uma competitividade excessiva.*

*Creio que da parte dos professores para com os alunos, às vezes parece ter menos interesse em ensinar e mais em mostrar como você é o detentor do conhecimento.*

*A Atlético e pressões sociais gerais dos pares para certos tipos de comportamentos e de ideias (i.e. beber, fumar etc). Para mim essa é a principal.*

*racismo, professor-aluno, pressão psicológica para sempre ser melhor, uma parte da galera da atlética se acha superior e exclui as pessoas que não são fazem parte do grupo deles,*

*não ser de um curso que os outros cursos gostem*

*Muita pressão de alguns docentes que não priorizam a empatia na hora de ensinar*

*Exigência de ter respostas e resoluções para tudo, pressão e questões relacionadas ao gênero.*

*Limitações por diferença de classe social (nem todos conseguem frequentar os mesmo ambientes e isso impacta um pouco nas relações sociais)*

*Racismo, machismo, a comparação constante com alguém que se sai melhor que eu academicamente, a pressão pra não errar*

*Professores que tratam alunos de forma diferente a depender das suas notas.*

*Professores que olham mais e dão mais atenção para pessoas brancas em um ambiente em que há brancos e negros.*

*A descaracterização de quem eu sou e substituição por um papel de médico/estudante de medicina.*

*Assédio moral, falta de empatia, cinismo*

*As principais opressões que identifico são de gênero, como mulher já me senti um pouco incapacitada pelos pares, como se eu devesse trabalhar mais para conseguir algum destaque. Fora isso identifico opressões com os pacientes, uma segmentação da pessoa, um tratamento da doença como se ela não fizesse parte do universo que aquele paciente vive.*

*Pressão para ser o melhor; pressão para o currículo ser incrível, despersonalização em relação às emoções, importância demasiada às notas e pesquisa com pouca relevância no indivíduo. Acredito que cuidar é estar cuidado, e o curso não nos ensina a nos cuidar, mas é um processo infinito de degradação e defraudação.*

*Culpabilização por se achar insuficiente e por ter vida "fora" da medicina.*

Nas respostas espontâneas e abertas notamos o quanto eles e elas sentem as opressões que sofrem e as que permeiam o curso e sabemos que não existem espaços formais dentro da graduação em medicina da Unicamp para se discutir e se enfrentar tais problemas. Verificou-se que as aulas de teatro, da metodologia MEET, foram (e continuam sendo) um espaço seguro para que todos e todas possam falar abertamente sobre como se sentem, das opressões que vivenciam, da possibilidade dos/das estudantes se reconectarem consigo mesmos, pois, mesmo estando no segundo ano da graduação, alguns/algumas estudantes relataram que tinham se esquecido dos motivos que as/os fizeram escolher medicina e afirmaram terem retomado o desejo de cuidar do outro, de serem altruístas.

Constatou-se que, ao criar esteticamente, ao se estar em relação com o outro, ao se movimentar, ao se expressar com o próprio corpo, sensações interditadas emergiram, memórias escondidas saltaram e assuntos que estavam engasgados ganharam a roda. A arte viva pode impregnar o corpo de cada um/a e agir profundamente, transformando não só a vida dos estudantes, mas também a minha vida e provavelmente a da comunidade onde vivem. Boal (2009, p. 111) afirma que

*arte é forma de conhecer, e é conhecimento, subjetivo, sensorial, não científico. O artista viaja além das aparências e penetra nas unicidades escondidas pelos conjuntos. Sintetiza sua viagem e cria um novo conjunto – a Obra; que revela o Uno descoberto nesse mergulho; este, por analogia, nos remete a nós mesmos.*

Porém, tal qual na sociedade mais ampla, na qual estamos inseridos, as opressões diagnosticadas ainda não estão resolvidas e certamente será necessária muita luta para que se

avance em direção à sociedade que sonhamos: justa e igualitária. Apesar de não ter pesquisado sobre há quanto tempo essas opressões existem dentro do curso de medicina, baseados em dados da sociedade mais ampla, podemos deduzir que o racismo certamente atravessou o caminho das poucas pessoas negras que conseguiram cursar medicina antes da implementação das cotas raciais.

O mesmo acontece em relação às violências de gênero contra a mulher na medicina que existem desde a fundação do curso, com as primeiras turmas majoritariamente de homens, configurando-se como um espaço em que o machismo foi perpetuado e diagnosticado pelas turmas mais recentes<sup>105</sup>. Por fim, a última opressão analisada na tese, qual seja, a exigência por altos índices de rendimento, acreditamos que esse tema seguirá sendo apresentado em cena, como já ocorreu nas aulas dadas em 2023, tendo em vista que justamente naquele ano a média de notas para aprovação em disciplinas no curso de medicina passou de 5,0 para 7,0.

Os coletivos Quilombo Ubuntu (coletivo antiracista) e MUDA (coletivo feminista)<sup>106</sup> são uma conquista da mobilização estudantil e participam ativamente para exigir mudanças na graduação, no entanto, ainda não se sabe sobre respostas contundentes da coordenação do curso para se confrontar tais opressões. Em 2023, tivemos uma das maiores greves estudantis da Unicamp<sup>107</sup>, que pedia por funcionamento dos restaurantes universitários aos finais de semana, ampliação das cotas sociais e raciais, implementação de cotas para pessoas trans e pessoas com deficiência (PCD) e pela reconstrução do prédio Paviartes, local onde funcionam os cursos de Artes Cênicas e Dança da Unicamp e que está em ruínas desde 2020.

A greve teve a paralisação de 91% dos cursos de graduação, os únicos três cursos que não aderiram foram Medicina, Odontologia e Engenharia Civil<sup>108</sup>. Esses dados apontam para o que temos presenciado junto às conversas com estudantes, de que é muito difícil

---

<sup>105</sup> Dados sobre a desigualdade de gênero foram apresentadas no capítulo 3.

<sup>106</sup> O coletivo MUDA está em processo de reativação no ano de 2024, desde que as últimas lideranças do coletivo concluíram a graduação, em 2022. O esvaziamento de coletivos feministas foi constatado na pesquisa de iniciação científica de RODRIGUES, Olgata, **Bioética e Gênero: O Processo de Feminização da Medicina no Estado de São Paulo e a conformação de Coletivos Feministas**, 2020. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2020P17558A35353O5647.pdf>

<sup>107</sup> Saraiva, Ingrid, Marques, Lucas, **Transicionar, aldear e aquilombar: a greve de 2023 da Unicamp e as lições de 2016**. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2023/10/18/transicionar-aldear-e-aquilombar-a-greve-de-2023-da-unicamp-e-as-licoes-de-2016>, acesso em 19/06/2024.

<sup>108</sup> Sampaio, Isayane, **Após uma semana, DCE diz que 91% dos institutos estão em greve; Unicamp diz que avalia impactos**. Reportagem realizada em 10/10/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/10/10/apos-uma-semana-dce-diz-que-91percent-dos-institutos-estao-em-greve-unicamp-diz-que-avalia-impactos.ghtml>, acesso em 19/06/2024.

mobilizar politicamente estudantes da medicina, pois os/as docentes, em geral, são contrários a esse tipo de manifestação que paralisa as aulas e impede que o conteúdo programático seja cumprido. Por isso, os/as estudantes temem a represália e se preocupam em ficarem prejudicados em sua formação. Para além disso, os/as estudantes que estão no internato (de 5o a 6o ano) possuem responsabilidades no que tange o atendimento de pacientes em ambulatórios e nas UBS (Unidade Básica de Saúde).

Abre-se uma possibilidade de pesquisas futuras sobre como essas demandas podem ser levadas para o colegiado e de se investigar as razões de constantemente serem abafadas e, em casos mais extremos, terem suas lideranças estudantis ameaçadas de expulsão do curso de medicina. E como já diziam Boal e Freire, não adianta esperar que os grupos opressores se mobilizem para acabar com as opressões, mas é necessário um projeto político para que as vozes das pessoas oprimidas sejam ouvidas, legitimadas e que se criem ações para caminharmos para uma nova realidade, começando pela graduação, se expandido para a Universidade e, esperamos, para a sociedade.

Uma das propostas do projeto deste doutorado era de tentar que outros espaços artísticos fossem formalizados na Faculdade de Medicina da Unicamp, bem como promover a apresentação das cenas criadas em aula para as demais pessoas da faculdade (funcionários/as, docentes e discentes). No entanto, a pandemia inviabilizou esse processo, o que também poderá ser retomado futuramente como uma proposta de dialogar com a comunidade acadêmica e enfrentar as opressões diagnosticadas.

## Conclusões Finais

Qualquer árvore que queira tocar os céus precisa ter raízes tão profundas a ponto de tocar os infernos (Carl G. Jung<sup>109</sup>).

A presente tese tinha por objetivo refletir acerca do trabalho com a metodologia MEET - *Medical Education Empowered by Theater*, que vem sendo desenvolvida junto à disciplina obrigatória MD 444 (Laboratório de Habilidades II - módulo entrevista) desde 2015 para estudantes do 2o ano de medicina da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Definimos como recorte o período de 2021 e 2022, e realizamos um estudo verticalizado das aulas em que foram realizadas sessões do Teatro Fórum – uma das ramificações do Teatro do Oprimido de Augusto Boal – e nos debruçamos sobre as cenas que foram produzidas a partir dessas sessões, buscando identificar a existência de opressões na educação médica, assim como nos propusemos em pesquisa anterior.

As cenas criadas por essas turmas nesses dois anos, assim como nos anos anteriores, revelaram que muitas das opressões são recorrentes como racismo, violência contra a mulher e cobrança por altos rendimentos. As opressões apresentadas são reflexos da sociedade. Infelizmente, não se restringem ao ambiente de graduação em medicina e muito menos, são especificidades da UNICAMP.

Finda a pesquisa (não o trabalho junto ao curso de Medicina), podemos afirmar categoricamente que a metodologia funciona, mesmo realizada em apenas cinco encontros. A experiência vivida nas aulas de teatro é/foi tão intensa, que as pessoas realmente aprendem/ram que é possível conscientizar de que várias opressões são coletivas, e, portanto, estruturais e não subjetivas.

Apesar de algumas mudanças, sendo a mais recente a reformulação do currículo, resta ainda a frustração de não se ter conseguido identificar o quanto as lutas contra as opressões frutificaram. Temos a impressão que a maior parte dos/das estudantes não se engajam nos coletivos que buscam a transformação da faculdade, tais como MUDA (Coletivo Feminista), Coletivo Ubuntu (Antiracista) e mesmo o CAAL (Centro Acadêmico Adolfo Lutz). Como alguns/algumas estudantes falaram em seus relatos finais, eles e elas estão tentando sobreviver, com o foco em passar pelos seis anos de formação e aguentar firmes para seguirem para a vida profissional.

---

<sup>109</sup> Jung, Carl Gustav *apud* Faustino, D. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon**. Brasil: Ubu Editora, 2022.

No que tange a mudança estrutural, certamente ainda irá demorar, o que não impede de seguirmos no caminho desse propósito de transformação. Ficamos na expectativa que os/as estudantes sigam atentos/tas para as opressões estruturais e, assim, nem adoeçam, nem se tornem médicos e médicas opressores. Ainda assim, as aulas de teatro se apresentam como um refúgio durante a graduação, para além do aprendizado em comunicação, um lugar terapêutico, de autoconhecimento, de prática de empatia e de compaixão. “Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e o nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira” (Boal, 2014, p.11).

Verificamos a necessidade de um trabalho longitudinal, preferencialmente em todos os anos, para que possamos resgatar os temas abordados nas aulas de teatro, engajar politicamente os/as estudantes e propor ações que realmente possam reverberar nas estruturas do curso da graduação e também na sociedade. Cinco aulas de teatro, e pouco mais de 10 simulações com atores e atrizes durante um curso de 6 anos, apesar de serem mais do que as experiências encontradas em outras IES (Instituições de Ensino Superior), ainda é insuficiente para conseguir o engajamento necessário para uma transformação real.

O encontro com outras experiências que se utilizaram do teatro na educação médica, nos fez compreender que não estamos sós, de que ao nos apoiarmos em duas teorias tão importantes e reconhecidas, como o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido, reforçou que estamos no caminho certo. Assim como nos resultados encontrados e publicados em tais artigos, foi possível verificar que MEET se apresenta como uma metodologia eficiente e relevante para se ensinar comunicação, desenvolver competências humanas e também para diagnosticar opressões que permeiam a vida dos/das estudantes. O teatro é uma linguagem válida para que as pessoas expressem o que estão vivendo, para que compreendam as próprias opressões e para ensinar medicina, empatia, presença, cuidado com o outro e a possibilidade de ação para se transformar o mundo.

Mais do que isso, a pesquisa nos permitiu também rever a organicidade da metodologia, experimentando algumas modificações para aprimorá-la, tais como: 1) a alteração da denominação do quarto encontro. Ao invés de se intitular "Como resolver conflitos?", passamos a denominar "Como lidar com conflitos?", pois o verbo lidar apresenta-se mais coerente com os resultados alcançados; 2) alteração no formato do *debriefing* e do plano de aula para possibilitar um melhor acolhimento das emoções dos/das estudantes. Também, por meio da pesquisa, reafirmamos alguns princípios primordiais para a realização do trabalho como o contrato de confiança, o espaço adequado para a realização das

aulas, a proibição de uso de celulares em sala e, talvez o mais importante, esse é um trabalho feito no coletivo, demandando mais de um docente especialista em sala de aula, independente do número de estudantes por turma. No mínimo tem de ser uma pessoa da cena e uma do campo da saúde.

Relembramos que parte da pesquisa foi realizada durante a pandemia. Ter vivido esse período de reclusão e tensão deixou algumas coisas no estado de desimportância e outras se tornaram mais urgentes. A pandemia escancarou o quanto a política é indissociável da vida pessoal, da prática docente e artística. Evidenciou que os problemas aparentemente sem solução fazem parte de um projeto político e, se não sabemos os caminhos, precisamos dialogar mais e mais sobre os pontos, ouvir opiniões divergentes, estar dispostos a apresentar ideias e a mudar de pensamento. Boal nos ensinou que não tem nada a ver com ganhar, tem a ver com jogar. Jogar junto e encontrar os mesmos objetivos para unirmos os ideais e construirmos o mundo que queremos.

Concluo a pesquisa com mais maturidade. O processo da pesquisa modificou a metodologia e, simultaneamente, me modificou. Percebo que estou envelhecendo com sabedoria, e, por isso, minhas raízes vão cada vez mais fundo e foi necessário que me deparasse com meus conflitos, meus infernos, para poder subir forte em troncos, galhos, copas, e para, como define Bárbara Santos (2016), poder criar asas. Deixo aqui as últimas palavras em forma de carta.

*Obrigada pela companhia. Espero que eu tenha conseguido apresentar a intensidade que foi realizar essa pesquisa, me colocar em experiência e me disponibilizar a aprender cada vez mais.*

*Uma pesquisa de doutorado não termina. A gente define um recorte, faz a pesquisa. Com a tese escrita, finalizo uma etapa para seguir pesquisando. É muito difícil encontrar esse encerramento. A sensação é de prazer de ter realizado algo e concluído um processo. Uma sensação de estreia, de coração disparado e sorriso no rosto, e sim, claro, para quem já esteve em cena, a sensação que deveria ter me dedicado mais, ensaiado mais um ponto ou outro. Deu vontade de voltar para o projeto inicial, então eu o reli mais uma vez e, apesar da sensação de que algo me escapou durante o processo, vislumbro com orgulho o caminho percorrido.*

*Percebo que deixo as memórias, as histórias, os aprendizados do meu percurso que apresenta meus erros, e conseqüentemente, meus acertos. Sigo tentando aprender o que pode ser um tempo espiralar e não mais linear, pois reconheço que muito do que está na versão final da tese estava no projeto, estava na dissertação de mestrado e no Guia do MEET.*

*Mantenho minha fé na humanidade e, como disse Paulo Freire (2005, p. 213) “na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. Nessa intensidade que foram esses 4 anos de pesquisa, nessa caminhada em que eu vim andar e voei, deixo o amor e a ação como propostas para quem quiser seguir; e encerro com reticências, porque espero verdadeiramente que essas ideias se façam sementes e cresçam em outros lugares...*

## Referências

- BIESTA, Gert, **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**, tradução Rosaura Eichenberg, 1a ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BOAL, Augusto, **A estética do Oprimido**, Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto, **Arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOAL, Augusto, **Jogos para atores e não atores**, 16a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOAL, Augusto, **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**, 8a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOAL, Julián, **Sob antigas formas em novos tempos: O Teatro do oprimido entre “ensaio da revolução” e adestramento interativo das vítimas**, Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Rio de Janeiro, 2017.
- BRETT-MACLEAN, P., YIU, V., & FAROOQ, A. (2012). Exploring Professionalism in Undergraduate Medical and Dental Education through Forum Theatre. *Journal for Learning through the Arts*, 8(1). <http://dx.doi.org/10.21977/D9812660>, disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/50p2s33s>
- CARDOSO NETO , O. F. . **A Educação, A Vida, A Morte, A Amorosidade E Empatia: Conversas Com Paulo Freire**. *Revista Panorâmica online*, [S. l.], v. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1443>. Acesso em: 13 maio. 2024.
- CAMARGO, Rosangela. BUENO, Sônia. **O teatro na formação do enfermeiro**. *Revista Baiana de Enfermagem*. 26. 347-362. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6251>, 2012.
- CONCEIÇÃO, Alessandro S., **Cor dos oprimidos: o Teatro do Oprimido como resistência, ação e reflexão frente ao racismo**. Dissertação (mestrado). Orientadora:

- Elisângela de Jesus Santos. 2017. Disponível em: [https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/80\\_Alessandro%20da%20Silva%20Concei%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/80_Alessandro%20da%20Silva%20Concei%C3%A7%C3%A3o.pdf), acesso em 25 de março de 2024.
- COURTNEY, Richard, **Jogo, teatro & pensamento**, São Paulo: Perspectiva, 1980.
- COSTA, Tanise Nazaré Maia *et. al.*, **Teatralização e a Educação Médica: a experiência em uma oficina** - Ananindeua/PA: Itacaiúnas, 2021. Disponível em: [https://editoraitacaiunas.com.br/wp-content/uploads/2021/03/ebook\\_teatralizacao\\_educacao\\_medica.pdf](https://editoraitacaiunas.com.br/wp-content/uploads/2021/03/ebook_teatralizacao_educacao_medica.pdf), acesso em 13 de março de 2024.
- FREDRICH, Vanessa C. R.; COELHO, Izabel C. M.; SANCHES, Leide C. Desvelando o racismo na escola médica: experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em Medicina. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs421>, acesso em 27 de março de 2024.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia como prática da liberdade**, 14a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 66<sup>a</sup> ed., São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FRUTUOSO, Letícia; **MEET (Medical Education EmpoMEET (Medical Education Empowered by Theater): um encontro sensível entre o teatro e a medicina**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, orientação: Márcia Strazzacappa, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2019.1094453>. Acesso: em 22 de ago. 2022
- GOLDSCHMIDT, Irene Leonore. **O teatro de Augusto Boal e a educação profissional em saúde**. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro , v. 10, n. 1, p. 61-69, June 2012 . disponível a partir de <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462012000100004>, 2012.
- GUPTA, Setu ; AGRAWAL, Abhinav ; SINGH, Satendra ; & SINGH, Navjeevan (2016). **Theatre of the Oppressed in medical humanities education: the road less travelled**. *Indian Journal of Medical Ethics*, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 200, nov. 2016. ISSN 0975-5691. Available at: <https://ijme.in/articles/theatre-of-the-oppressed-in-medical-humanities-education-the-road-less-travelled>.

HARARI, Yuval Noah, **Sapiens - Uma breve história da humanidade**, tradução de Janaína Marcoantonio, 51 ed., Porto Alegre: L&PM, 2020.

KRÜGER, C., BLITZ-LINDEQUE, J.J., PICKWORTH, G.E., MUNRO, A.J., & LOTRIET, M. **Communication skills for medical/dental students at the University of Pretoria: Lessons learnt from a two-year study using a forum theatre method**. *South African Family Practice*, 47, 60-65, 2005. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/safp/issue/view/1743>, acesso em 13 de março de 2024.

LIMA de OLIVEIRA, Monique, **Cantar a Revolução, ainda em em Bocca-Chiusa: Teatro de Arena e Augusto Boal desde a Companhia do Latão**, Campinas/SP: tese de doutorado. Orientador: Marcelo de Siqueira Ridenti, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1373780>. Acesso em 17 fev. 2024.

LOVE, Katie I., **Using Theater of the Oppressed in Nursing Education: Rehearsing to be change agents**. *Journal for Learning through the Arts*, 8(1). disponível a partir de: <https://escholarship.org/uc/item/4wr3c05w>, 2012.

MARQUES, Diego Alves, **Erratórios: andar dançar escrever com a cidade**, São Paulo/SP: tese de doutorado. Orientadora: Maria Helena Franco de Araújo Barros, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-29092022-094116/publico/DiegoAlvesMarques.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2023.

McGrath, D., Gormley, G.J., Reid, H. et al. **From ‘spectating’ to ‘spect-acting’: medical students’ lived experiences of online Forum Theatre training in consulting with domestic abuse victims**. *Adv Simul* 7, 11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41077-022-00208-1>. Acesso em 15 de março de 2024.

Nunes, Silvia Balestreri, **Teatro-fórum: histórias espalhadas e questões compartilhadas**, Anais do XIX Encontro Regional de História da ANPUH : seção São Paulo (19. : set. 8-12, 2008 : São Paulo). Poder, violência e exclusão. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30327>. Acesso em 16 jan. 2024.

PARO, César Augusto e SILVA, Neide Emy Kurokawa e **TEATRO DO OPRIMIDO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: TECENDO DIÁLOGOS**. Trabalho, Educação e Saúde

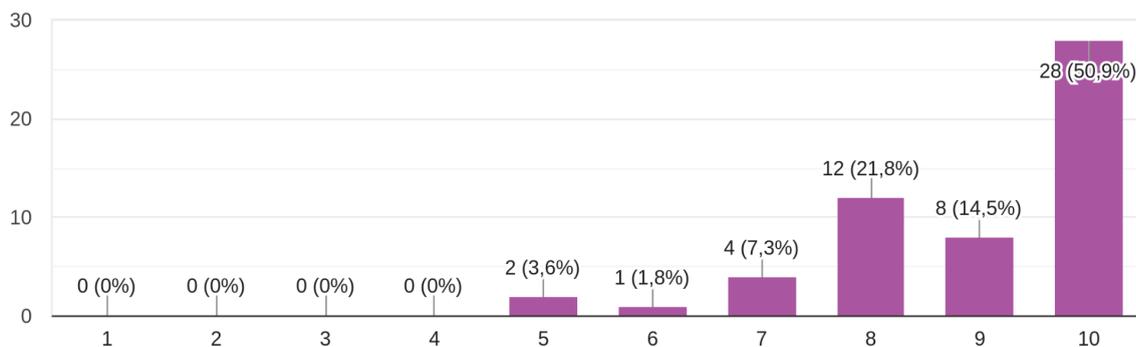
- [online]. 2018, v. 16, n. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00110>. Acesso em 2/2/2024.
- POMPEO NOGUEIRA, Márcia; LAIZ V. VELLOSO, Sônia. Reflexões estéticas: um caminho para um novo curinga. DAPesquisa, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 096–106, 2018. DOI: 10.5965/1808312907092012096. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13949>. Acesso em: 17 out. 2023.
- RIBEIRO, Djamila, **Lugar de fala**, São Paulo: Pólen, 2019.
- ROSA, W., & FACCHINI, R., “**Você é um dos reprovados?**”: cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina. Mana, 28(3), 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0404>, acesso em 27 de março de 2024.
- SANTOS, Bárbara, Teatro do Oprimido: **Raízes e asas - uma teoria da práxis**, Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.
- SARAPECK, Helen Ribeiro Pinto, **Abraçando a árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método**, Dissertação de mestrado, Orientador: Prof. PhD. José Luiz Ligiéro Coelho (Zeca Ligiéro) e Co-Orientador: Prof. Dr. Noeli Turle da Silva (Licko Turle). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. Disponível em: <https://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2016/DissertaoHelenSarapeckJulho2016entregue.pdf>. Acesso em 20 de fev. de 2024.
- STRAZZACAPPA, Márcia. **Dançando na chuva... e no chão de cimento**. In: FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012. p. 39-78.
- STRAZZACAPPA, Márcia M. H., **Reaprender e Desaprender**. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 168, 2023. DOI: 10.5965/10.5965/235809252612022e2176. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/23193>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- WATSON, Katie **Perspective: Serious play: teaching medical skills with improvisational theater techniques**. Acad Med. 2011 Oct;86(10):1260-5. [doi: 10.1097/ACM.0b013e31822cf858](https://doi.org/10.1097/ACM.0b013e31822cf858). PMID: 21869654, 2011.

## Apêndices

### Apêndice A - Questionário de avaliação (55 respostas)

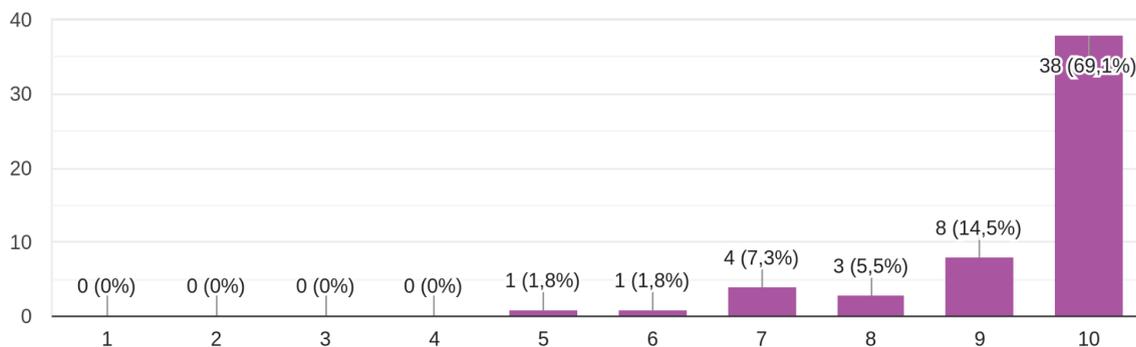
1. Qual conceito você atribui para a "metodologia utilizada em sala de aula"?

55 respostas



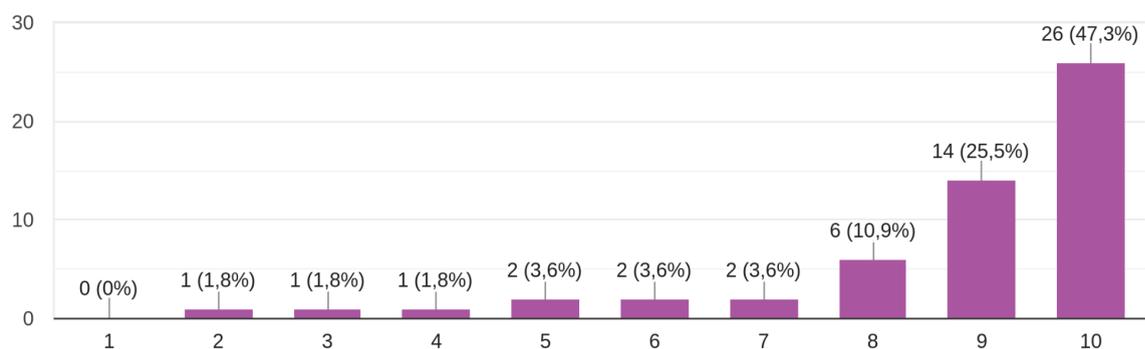
2. Qual conceito você atribui para os "Temas propostos"?

55 respostas



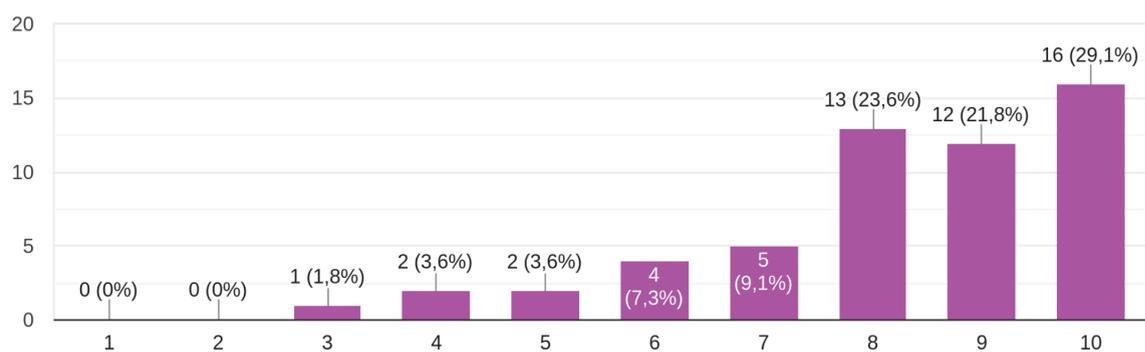
### 3. Qual conceito você atribui para as "atividades cênicas em sala"?

55 respostas



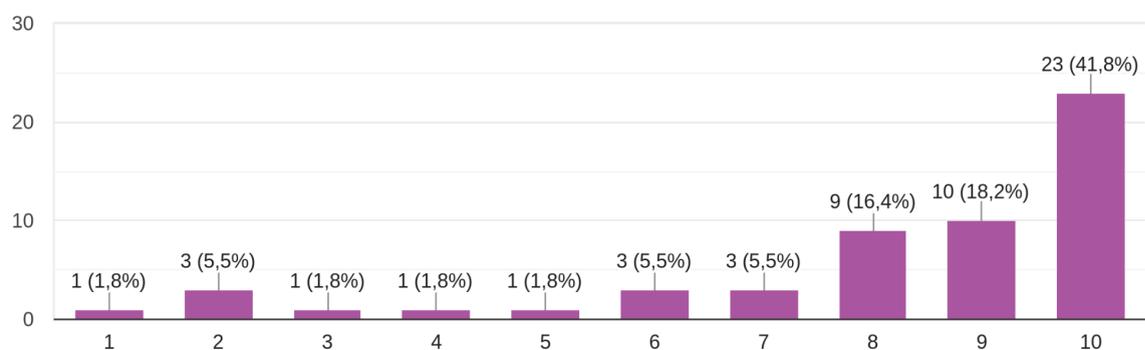
### 4. Qual conceito você atribui para as "entrevistas que você realizou como parte da avaliação"?

55 respostas



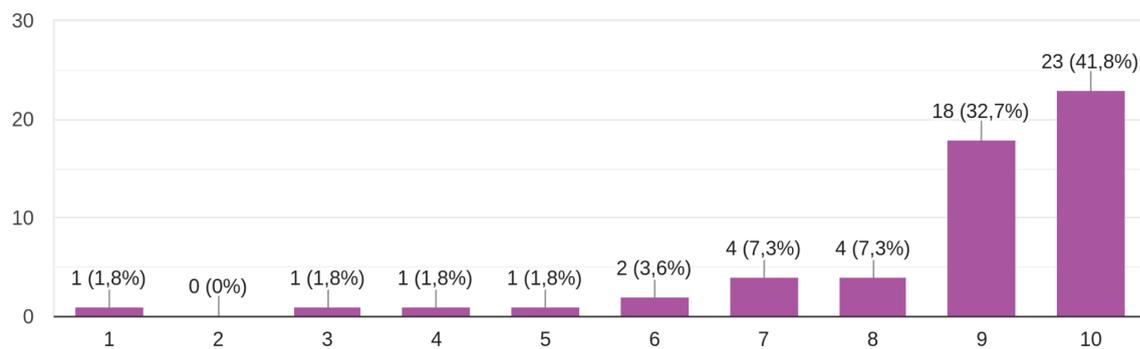
### 5. Qual conceito você atribui para a importância de participar de um "Teatro Fórum"?

55 respostas



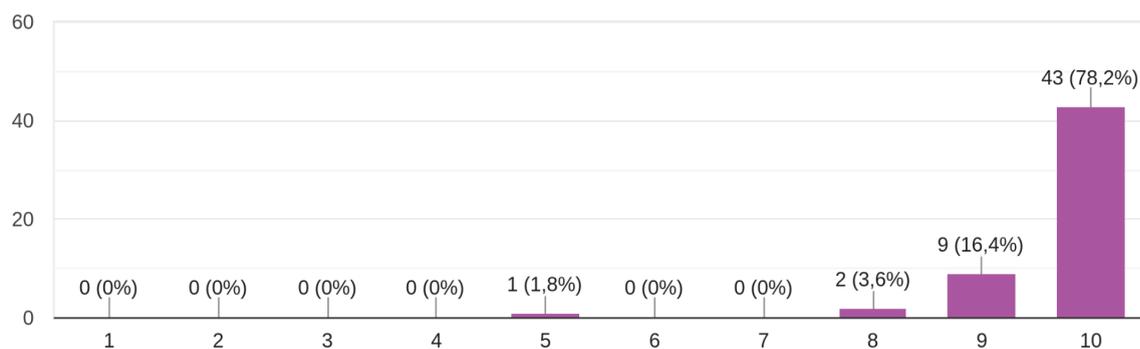
6. Por favor, atribua um conceito geral para o módulo de entrevista da Disciplina MD 444.

55 respostas



7. Por favor, atribua um conceito geral para os professores

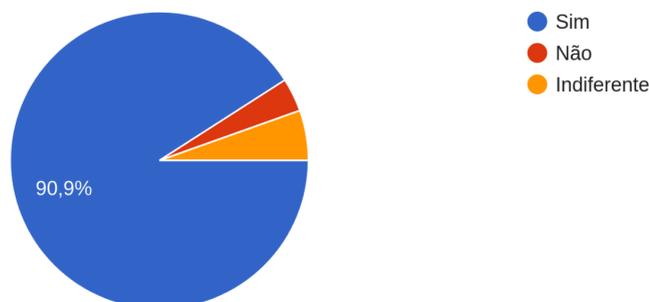
55 respostas



## Parte 2 - Auto Avaliação

1. Você acredita que estas aulas foram importantes para desenvolver habilidades de comunicação?

55 respostas



## 1.1 Como?

35 respostas

Nos expondo a situações de comunicação, mesmo que fictícias

Acredito que não melhorou a comunicação para com desconhecidos, apenas para amigos já conhecidos

Acho que foi muito interessante, despertou diversos sentimentos, reflexões, emoções.

Propiciou que nós mesmos tentássemos encontrar juntos situações que são relativas aos assuntos da aula e, mais importante, nós aproximou dos alunos da sala.

Eu sou péssima em falar em público, acredito que as aulas ajudem os alunos a se soltar

Foi possível melhorar a comunicação e treinar a fala em público

Através do improviso e da maior percepção corporal da linguagem

Foi uma boa forma de interagir com mais pessoas da sala

Montagem de diferentes grupos com diferentes pessoas e interação, trabalho em grupo e raciocínio rápido para improvisação

As aulas possibilitaram que eu desenvolvesse minha habilidade de conversar em diversas situações, inclusive em situações desconfortáveis. Além disso, senti que melhorei minha desenvoltura em situações de diálogo com pessoas desconhecidas.

Me fizeram pensar sobre sutilezas na comunicação que precisam de atenção e sobre coisas que parecem naturais, mas precisam de treino para serem desenvolvidas, e quando não o são podem causar prejuízos graves ao exercício da profissão médica.

Me ajudou a lidar com minha ansiedade e insegurança diante de um desconhecido, por exemplo.

Muito importantes. Ajudar a se soltar mais e perder um pouco a timidez.

O desenvolvimento das atividades lúdicas pra promover um contato maior face a face, olho a olho entre as pessoas e o uso do teatro foram fundamentais para a superação de sentimentos como a vergonha e a timidez e o acolhimento e a abordagem dos professores foi essencial para que me sentisse confortável em lidar com temas delicados.

Através da exploração do nosso eu interior, encontramos sentimentos e sensações. A partir disso, analisamos e pensamos de forma crítica, de forma a refletir nossas consultas atuais e as futuras, podendo nos modelar para o que consideramos melhor, como pessoas e como futuros profissionais.

Eu sou uma pessoa muito tímida e tive muito medo de não gostar das aulas por causa disso. Porém, acredito que ter um espaço seguro em que todo mundo está participando das atividades ajudou muito a melhorar minha comunicação, pois reduziu a sensação que eu costumava ter de estar passando vergonha. Ver todo mundo errando e acertando ali, no mesmo contexto que eu, sem que houvesse julgamento, fez com que eu me sentisse mais segura para me comunicar e realizar atividades com outras pessoas.

As aulas nos convidam, primeiramente, a estar disponíveis para uma conversa e a conhecer nossos próprios corpos e explorá-los para efetivar a comunicação.

Em sala, pessoas que talvez nunca se falaram conversam, mintam uma cena, agem em conjunto para um objetivo em comum. Eis aí um exercício essencial para o cuidado.

O exercício de se colocar em situações muito reais, somado ao imprevisto, que permite que você não ensaie certinho o que você quer fazer (bem parecido com o dia a dia mesmo) dá abertura para você "errar", fazer e falar coisas não condizentes necessariamente com o que você concorda, então refletir sobre isso depois ajuda, creio eu, a se preparar melhor para quando coisas parecidas de fato acontecerem.

O ambiente seguro da sala de aula possibilitou experimentar atividades que me ajudaram muito a quebrar certa timidez de falar com alguém desconhecido

Perda da insegurança e maior ganho de espontaneidade. Maior preocupação para com o próximo e para com o momento presente.

Sinto que depois das aulas, eu tem mais capacidade em escutar e acolher pessoas. Foi o que eu notei na última entrevista

Através dos teatros principalmente, vivenciando coisas que vamos acabar tendo que viver no futuro

Pensar em maneiras de desenvolver um diálogo de maneira mais efetiva, tornando a minha escuta ativa e favorecendo a participação também ativa do paciente.

Chegar nas pessoas é o mais difícil mas, quando você chega o resto das palavras sai naturalmente.

Não sei expressar. Houve uma introspecção, mas não consegui ver na prática se isso me faria entrevistar melhor. Me fez capaz de refletir sobre os outros (uma ideia empática), mas não tenho dados pra afirmar que foi suficiente pra me fazer entrevistar melhor.

Criando ambientes favoráveis e acolhedores para tratar de assuntos sensíveis

As atividades ajudaram a perder a timidez e as entrevistas mostraram que as pessoas normalmente estão abertas ao diálogo e a responder nossas questões.

A entrevista foi boa nesse aspecto.

Exercitando a conversa com pacientes, mas principalmente exercitando a expressão e

linguagem por meio dos jogos, que ajudam a se abrir mais e isso facilita o diálogo após eles, que permitem um momento reflexivo fundamental para absorver a experiência

Apesar de já ser uma pessoa extrovertida, senti uma melhor organização agora dos pensamentos e formas de iniciar, manter e instigar uma conversa. Além de ter me ajudado muito a prestar mais atenção às outras formas de linguagem, principalmente corporal, minha e das outras pessoas.

Foi proposto a saída "zona de conforto" e ter que interagir com pessoas que eu não tinha proximidade alguma e algumas até nunca troquei uma palavra. Isso é sempre importante para que a comunicação com o outro, com o desconhecido seja feita com maior fluidez e menor receio.

As aulas me fizeram entender alguns pontos como: não tem problema chegar em uma pessoa e iniciar uma conversa com ela. O curso também me fez perder um pouco a vergonha do olhar, do ato de olhar para si e para o outro dentro de um ambiente coletivo, no qual eu normalmente nome sentiria com vergonha ou inferiorizada pelo olhar do outro.

Foram importantes para me fazer lidar com a vergonha e para me fazer reconhecer o outro como um indivíduo com suas características, com suas vivências e com seu modo de pensar próprios. Além disso me ajudou a conversar com pessoas que eu nunca tinha conversado.

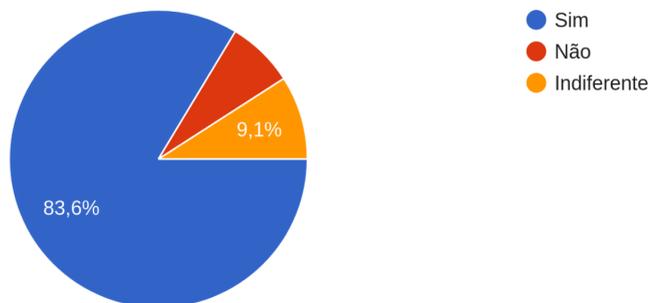
Me deixou mais aberto e com menos vergonha para falar com os outros.

Apreendi a escutar e acolher melhor, com mais disponibilidade nas conversas. Em meio ao módulo, me percebi mais aberta às conversas aleatórias e a entender que todo mundo tem algo a te ensinar, filosofia que eu tento internalizar a um bom tempo.

As reflexões e provocações feitas em aula me despertaram para prestar atenção na maneira em que a comunicação acontece e de como eu faço ela acontecer.

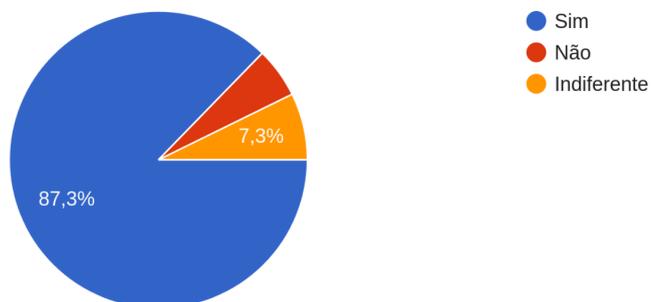
## 2. Você acredita que a sua forma de encarar a relação médico-paciente mudou?

55 respostas



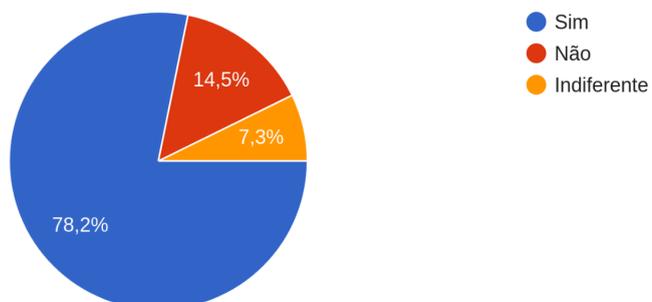
### 3. Você acredita que este curso facilitará seus primeiros contatos com os pacientes?

55 respostas



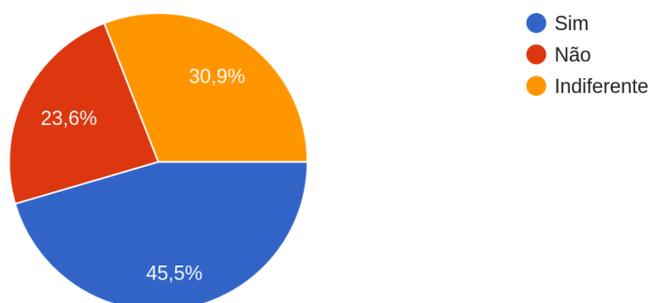
### 4. Você acredita que sua relação com seus/suas colegas de classe mudou após estas atividades?

55 respostas



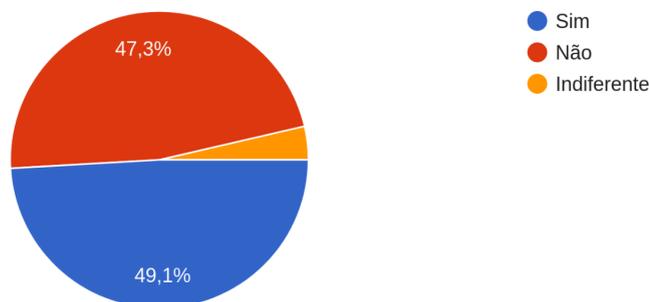
### 5. Esse curso motivou você a estudar?

55 respostas



6. você se sentiu desconfortável durante as atividades cênicas?

55 respostas



7. Quais as principais opressões que você identifica no curso de medicina? 55

respostas

Opressão no sentido de ter q saber tudo, ou parecer q eu preciso saber tudo. Além do complexo tempo que a gente não possui pra fazer outras atividades ou pensar sobre as nossas atividades

Opressões de gênero, opressões na relação professor-aluno, opressões raciais

Trabalhos extra-classe

Ser visto por outros cursos, como um curso de pessoas arrogantes.

Professores com alunos

Opressões do que se espera que médico seja (branco, hétero e homem) e também opressões acadêmicas como você ter que tirar as melhores notas e ser melhor do que o outro, pois se você não estiver fazendo várias coisas vc não é o suficiente.

Machismo e gordofobia

A opressão por professores, por residentes, pela hierarquia formada, pelos outros alunos que esperam engajamento de você em situações que você não tem interesse de participar.

Entre médicos e outros profissionais da área da saúde e entre médicos e pacientes.

Física (embora tenhamos conquistado nos últimos anos uma diversidade socioracial dentro do curso, ainda temos a permanência da valorização irrestrita explícita ou velado, do corpo todo como correto, do corpo todo como melhor). Intelectual (talvez associado ao processo de seleção de "só entra o melhor" a ideia de uma intelectualidade homogênea e única ainda é muito presente, a desvalorização de outras formas e meios de saberes ainda prevalece com grande intensidade).

Médico em relação a qualquer outro tipo de profissão ou em relação a pacientes

Opressão entre alunos, por nota, por classe social, racial, etc

Hierarquia exagerada nas relações de trabalho e profissional-paciente, reforço de estigmas socioeconômicos...

Professor-aluno, médico-interno, médico-paciente, interalunos

a opressão da hierarquia presente e de sempre precisar estar fazendo muito para ser um aluno bom ( participação em ligas, notas, ic, extensões... )

Hierarquização, agressividade

É possível citar várias. Acredito que a pressão por excelência imposta por alguns professores, a hierarquia no curso e a ideia de posição social atribuída à medicina são algumas das mais marcantes.

A opressão dos professores sobre os alunos, dos alunos sobre eles mesmos, dos médicos sobre eles mesmos e dos médicos com pacientes

Veterano X Calouro

Principalmente opressão acadêmica, no sentido de propagar uma cultura de que você como aluno sempre tem que aguentar a cobrança não importa o nível de dificuldade, em especial quando os anos mais velhos interagem com os mais recentes na graduação

Opressão sobre produtividade, ser o melhor e estudar sempre mais. Opressão sobre postura, ter determinado comportamento por ser da medicina.

Opressões com outros profissionais da área da saúde, opressão chefe-residente, opressão professor-aluno e opressão aluno de medicina-alunos dos demais cursos.

Do professor com o aluno, no sentido de esperar um desempenho muitas vezes inatingível

A relação médico-paciente

Creio que no curso de medicina muitas vezes existe uma busca por superioridade em relação a outras pessoas e uma competitividade excessiva.

A pressão para além de ir bem nas disciplinas obrigatórias, realizar tarefas extracurriculares.

As principais opressões são a cobrança de um rendimento excepcional, o discurso da necessidade de se engajar com todas as atividades da Universidade, o discurso de um corpo perfeito como exemplo de médico, entre outros.

Creio que da parte dos professores para com os alunos, às vezes parece ter menos interesse em ensinar e mais em mostrar como você é o detentor do conhecimento.

A toxicidade dos alunos que se acham melhores que os outros e a própria pressão de tirar notas altas

## 8. O que você aprendeu?<sup>55</sup> respostas

Aprendi a perceber mais os sentimentos do próximo e visualizar mais a pessoa com quem eu converso

Aprendi a ter mais empatia e também aprendi a demonstrar melhor meus sentimentos

Empatia

Aprendi a me expressar melhor.

Me expor mais, enfrentar a vergonha

eu aprendi a me abrir mais e me expressar de maneira mais fluida com pessoas que eu não apresento tanta intimidade por exemplo

A lidar melhor principalmente em questões de conflito e refletir antes de falar

Muitas coisas. Impossível sintetizar em poucos minutos.

Melhor comunicação e com todos e perceber a importância de se atentar a ouvir os outros.

Habilidades de comunicação e contato com o outros, mas principalmente, maior facilidade de identificação de elementos internos que afetam e modulam o contato.

Acho que o curso foi uma ótima forma de ver os membros da sala de forma diferente e praticar a nossa interação com o próximo

Aprendi que todos estão na mesma posição de vulnerabilidade e que compartilhamos da mesma experiência

Melhores técnicas de comunicação

Aprendi a me comunicar melhor, a observar melhor a situação e o meu entorno, a captar detalhes da conversa

A respeito de alguns temas, aprendi como detalhes ao tratar o próximo podem fazer toda a diferença na interação

Respeito, empatia

Desenvolvi habilidades de comunicação e aprendi muito sobre aspectos éticos e humanos da prática médica.

Muitas coisas, mas principalmente a ser mais atenta aos meus movimentos quando me relaciono com outras pessoas e à maneira como eu posso estar afetando elas e sendo afetada ao mesmo tempo

Principalmente aprendi a controlar minha insegurança, ansiedade e medo de falar e de como falar com desconhecidos.

Acho que esse módulo de entrevista foi importante para eu aprender a como conduzir

### habilidades de entrevista

Apreendi sobre como melhor atender os pacientes. Como reconhecer situações de opressão e tentar reduzi-las. Como iniciar uma conversa e manter ela. Apreendi que bolas planos coletivos e resolver conflitos não é tão simples quanto parece, mas que há estratégias para fazermos isso.

Habilidades comunicativas, mecanismos de driblar adversidades sociais e profissionais, lições de vida e amizade, como chegar a um consenso e elaborar um plano coletivo com minimização dos conflitos.

A olhar as pessoas no olho, improvisar, puxar assunto.

Relações e interações humanas.

Apreendi a me comunicar melhor e a ser mais sensível em relação aos pacientes.

Apreendi a me colocar no lugar da pessoa com quem me comunico, entender seu ponto de vista e tentar agurmentar para chegar a um caminho que agrade ambos os lados e a importância disso para a evolução dos pacientes.

Conheci um pouco mais sobre o meu corpo e sobre como posso usá-lo na comunicação, consolidei a necessidade de se olhar mais para o outro, aprendi mais sobre a percepção dos outros sobre o curso e como me envolvo nisso, na posição de opressor ou de um apoio em potencial.

A tentar identificar melhor os meus sentimentos e os dos outros, a não ser tão rápida em julgar as demais pessoas e as situações.

Apreendi que o silêncio pode dizer mais que 1000 palavras, que fazer nada é uma escolha; enfim, aprendi muita coisa nas dinâmicas incríveis que foram propostas

Eu aprendi que devemos dar toda a atenção do mundo à pessoa e ao momento que estão em nossa frente, sempre com muita empatia. Eu também aprendi que, na maioria das vezes, não é preciso ter medo de se conectar com os outros.

Apreendi a escutar mais os problemas dos meus colegas e entender que todas as questões são importantes, aprendi a lidar melhor com conflitos

Apreendi a me entregar mais a atividades que me deixam desconfortável e aproximar situações sem pré julgamentos

Apreendi sobre a importância de olhar e ouvir o outro, de como o nosso comportamento social normal e a reflexão sobre ele impactam na prática clínica.

Apreendi que todos temos muitas coisas em comum e que temos liberdade em compartilhar nossas aflições, sem receber julgamentos por ser uma realidade diferente daquela do outro.

Apreendi a refletir mais sobre essas diferenças e a ter paciência, porque entendi que tão importante quanto identificar a variedade de sentimentos é estar aberto para ouvir aquilo que

o próximo precisa falar e compartilhar.

A me comunicar melhor, a sentir melhor a dor do outro, a tratar as situações difíceis com mais leveza

A tornar a conversa com um paciente algo mais efetivo e frutífero.

habilidades de comunicação e expressão, empatia e escuta, a estar atento ao que podemos fazer e mudar numa situação de dor ou opressão, a olhar mais o outro

Chegar nas pessoas.

A ouvir mais e refletir mais sobre minhas impressões.

ouvir o paciente, se colocar no lugar dele

A ter empatia na conversa com o paciente

Formas de ouvir e compreender o outro.

Apreendi que as opressões não devem ser simplesmente aceitas e existem meios de resolvê-las em alguns casos.

A importância de estar presente, de se manter um diálogo verdadeiro com as pessoas ao meu redor e não só com os pacientes.

As partes que achei mais proveitosas foram escutar professores/professora falando nas discussões sobre as experiências próprias. Espero levar para o resto da graduação e para a vida profissional a necessidade de não se fechar frente ao sentimento do outro, de permitir se emocionar e tentar alcançar um equilíbrio. Nessa última aula, a parte que mais me marcou e que pretendo levar pra vida é como o professor Thiago tem uma escuta muito atenta, porque a partir da história que o Will contou ele foi capaz de entender e nomear sentimentos que nem o próprio Will tinha verbalizado. Espero desenvolver essa capacidade ao longo da graduação, ainda mais que tenho dificuldade em nomear os meus próprios sentimentos.

Algumas pontuações dos professores em relação a de como lidar com o paciente eram boas.

A encontrar um balanço melhor entre o distanciamento e empatia

A olhar nos olhos, a falar sobre sentimentos, a se importar com como o outro está

A me posicionar melhor, a expressar melhor meus posicionamentos, meus sentimentos e a ouvir e perceber um pouco melhor o outro

Lugares, situações horizontais deixam todos mais confortáveis.

Apreendi a ouvir mais, a olhar mais, principalmente.

Apreendi muito sobre respeito às individualidades, como lidar com frustrações, como lidar com situações desconfortáveis e como moldá-las para que fiquem mais confortáveis. Apreendi mecanismos de se iniciar uma conversa e a importância de ouvir o outro e transmitir confiança.

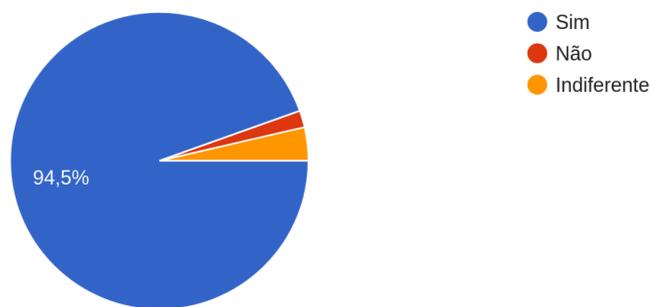
Eu aprendi a pensar no próximo, a enxergar de uma forma diferente o paciente, aprendi a lidar um pouco melhor com minhas frustrações e expectativas.

Aprendi a escutar ativamente, principalmente.

A me autoconhecer, cultivar minha criança interior, liberar minha criatividade. Sendo um humano melhor sei que posso ser um melhor médico também.

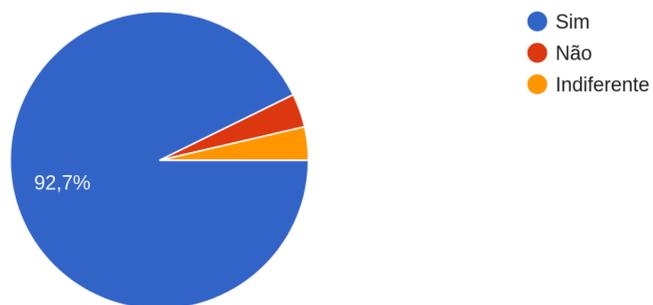
8.1 Você acredita que utilizará os conceitos desenvolvidos neste curso na sua vida profissional?

55 respostas



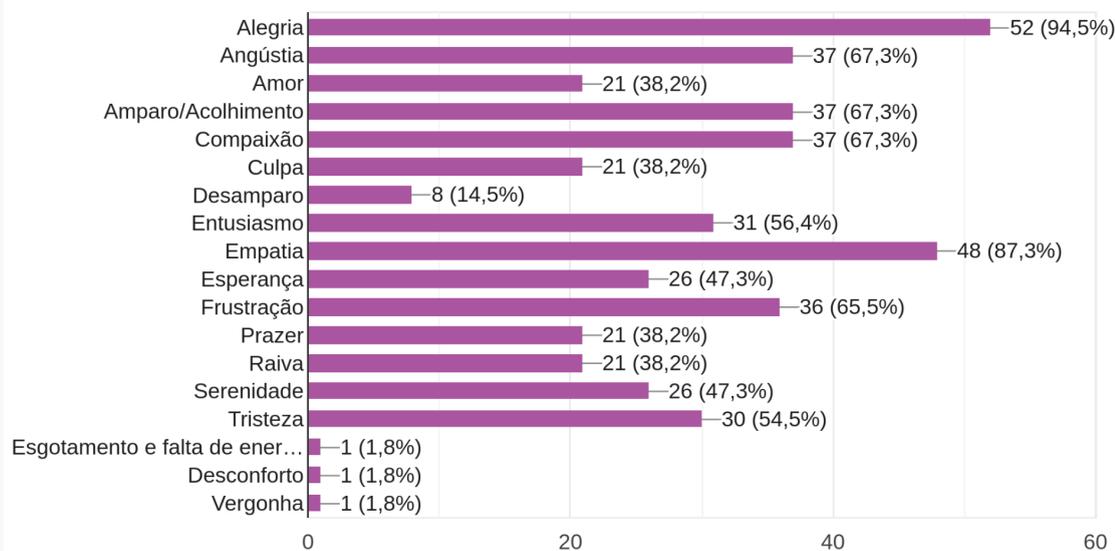
8.2 Você acredita que utilizará os conceitos desenvolvidos neste curso na sua vida pessoal?

55 respostas



## 9. Que sentimentos você vivenciou durante o curso?

55 respostas



### 9.1 Pode nos dar exemplos de alguma(s) situação (situações)?

17 respostas

Principalmente nas atuações, algumas foram muito comoventes

Nas entrevistas, nas encenações, etc

Cansaço "energético" pos aula, mas não num sentido negativo

As encenações foram os momentos em que mais pude vivenciar sentimentos.

Não consegui pensar em situações específicas que me suscitaram esses sentimentos. Só lembrei de tê-los sentindo eventualmente durante o curso.

Prazer: combinar uma cena e dar tudo certo e fazer as pessoas gostarem. Frustração: não gostar tanto de alguns dos jogos e querer ir para a parte da atuação logo. Alegria: divertir com os jogos e com as cenas. Empatia com o depoimento dos outros. Angústia de ter pouco intervalo para comer.

Algumas cenas no final da aula despertavam sentimentos como esses.

Senti alegria quando as peças eram engraçadas, senti tristeza quando me geravam gatilhos, senti raiva de alguns personagens fictícios

É legal se movimentar.

Última apresentação das cenas (compaixão, empatia e frustração) e jogos de toque físico (desconforto)

Muito a partir das cenas dos teatros, essas emoções são despertadas

Assistir e encenar os teatros fizeram com que nos colocássemos nas situações encenadas e sentíssemos o que os personagens sentiam.

Alegria em algumas cenas que eram engraçadas, e empatia em cenas tristes.

Um dia na roda inicial o professor disse pra gente abraçar o próprio corpo e pensar (resumidamente) em amor próprio; foi num dia em que eu estava triste e frustrada por me sentir mal, e aquele momento de autoacolhimento fez toda a diferença pra mim. Alguns exercícios romperam barreiras que eu tinha com outros colegas. Algumas cenas trouxeram lembranças ou projeções com sentimentos muito vivos: ri, chorei, pensei em coisas importantes que já tinha pensado ou que nunca tinha pensado antes. Percebi características em alguns colegas que serviram pra eu saber que não me identifico com eles (isso não é ruim porque vamos precisar escolher com quem se agrupar no internato).

Nas rodas de conversa, perceber a visão dos meus colegas sobre temas tão pertinentes para a vida pessoal e profissional (como injustiças, desigualdades, questões éticas) me fez ter esperança.

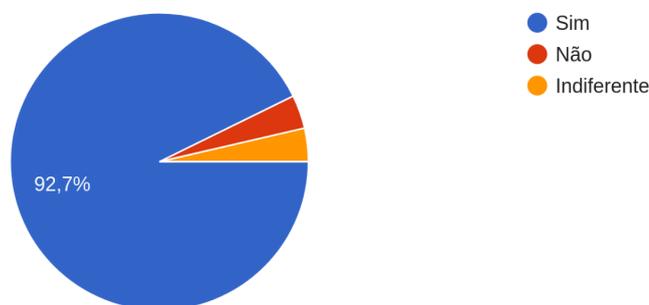
Ali, me senti culpada por não ouvir ou saber exatamente como resolver alguns conflitos. Mas, ao mesmo tempo, o espaço de acolhimento me ensinou a acolher a mim e aos outros em meio à incompreensão.

Gosto também de que grande parte dos meus anseios e valores foram colocados em pauta, me trazendo a serenidade da medicina e do ser humano que eu luto para ser todos os dias.

As vezes estava mais falando e as vezes me sentia mais voltada a escuta. Nessas, aprendi bastante e por muitas vezes me senti confrontada e em conflito com formas e jeitos de pensar até então. Foi bom sair da zona de conforto e sentir novas formas de estar no mundo.

10. Você concorda que o teatro seja uma metodologia válida para o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando formação ampla e humana? ...

55 respostas



### 10.1 Comente.13 respostas

Várias emoções foram suscitadas nessas atividades

Ja comentei na questão anterior

Acredito que o teatro seja uma forma de expressarmos corporalmente e verbalmente situações do nosso cotidiano pessoal e profissional, agregando muito para nossa formação, nosso entendimento e preparo.

O teatro proporciona um espaço de expressão que a gente não costuma ter na nossa rotina. Esse ambiente valida e destrincha sentimentos e situações, gerando reflexões importantes sobre si msm e sobre o outro.

No teatro você pode fazer tudo, então aprende tudo.

Extremamente relevante para lidar com emoções e pra poder encarar situações de um outro ponto de vista. Principalmente o Teatro Fórum, que permitiu que víssemos as sugestões na prática.

Exercitar habilidade humanas em um ambiente controlado e seguro é uma forma boa de simular e desenvolver como pessoa e profissional, abrindo não só a visão mas melhorando a execução de práticas que considera boas

Como bem dito em diversos momentos, o teatro nos permite experimentar situações que fogem (ou não) da realidade cotidiana daqueles que estão participando da cena, ou ainda exagerar essas situações para gerar um foco importante de cada tema, isso é muito importante na criação e consolidação da empatia e da compreensão interpessoal

O teatro permite a vivência de situações que conseguem criar experiências comparativas para a vida real.

O teatro trás os temas das aulas numa diferente perspectiva. Isso permite que o aluno olhe para o tema de forma diferente da habitual e desenvolva mecanismos para lidar com aquela problemática que são, também, diferentes dos habituais.

Todo o trabalho que tivemos com os teatros desenvolveu conversas/debates muito pertinentes, inclusive para nossa própria vida na medicina, isso mostra o quão válido é para nossa formação.

Ao atuar, deixamos nossas máscaras, medos, traumas e frustrações para adquirir um personagem que vive uma outra vida e experimentou outros eventos. COM isso, colocamos no mundo físico o exercício da empatia, de colocar em nós a emoção e a vivência do outro.

Muito! Exige uma desconstrução de nossas atitudes e pensamentos que é muito essencial

#### 11. Gostaríamos que você utilizasse o espaço abaixo para manifestar livremente sua opinião sobre o curso.<sup>27</sup> respostas

Queria ter dado 11 em várias perguntas ao invés de 10

Poderiam pensar melhor no horário do intervalo, pois as vezes o intervalo coincide com a hora que estão limpando o banheiro masculino

Acho que as aulas demora muito. 4 horas de duração deixa bem cansativo e a roda de conversa final é bastante prolongada e maçante também. Gostaria que as aulas tivessem sido mais sucintas.

Gostei do curso e acho que ele deve ser aplicado em vários cursos da unicamp, não apenas medicina

Amei o curso. Deveria voltar nos anos mais avançados no curso tbm

Deveria durar o semestre inteiro.

As aulas desse módulo me surpreenderam muito, de maneira muito positiva. Nunca gostei de teatro, mas esse ambiente me acolheu muito bem e eu pude ver sentido na prática do teatro, o que me fez ter muita vontade de praticar e de vir às aulas. De maneira geral, os assuntos foram tratados com muita delicadeza e cuidado para não banalizar as sensações nem espetaculariza-las, o que me deixou muito feliz. Na última aula, senti que poderia ter tido mais espaço para conversa e menos para encenação, para mim, porque acho muito desconfortável

encenar algumas doenças, especialmente sabendo que muitas delas fazem parte do sofrimento cotidiano de alguns colegas e do meu também. Mas não acho que isso tirou o valor dessa aula, apesar de ter me causado angústia, senti que ela me fez pensar muito em como acolher uma pessoa em sofrimento.

Gostei bastante analisando toda a trajetória, embora tenha sido um pouco difícil para eu engajar na dinâmica no começo do módulo.

Foi uma experiência incrível, muito obrigado!!

Uma das melhores matérias que já tive. Senti só falta de um pouco mais de tempo de intervalo. Além disso, as vezes o horário ultrapassava o 12h, atrapalhando um pouco o almoço. De resto, foi maravilhoso. As vezes um pouco cansativo.

O curso foi essencial para o meu aprendizado tanto como aluno da medicina, em quesitos técnicos e profissionais, quanto para aprendizados sociais. Considero um curso essencial e muito descontraído

Excelente oportunidade para uma melhor formação humana.

Acredito que o curso é muito importante para agregar na nossa vivência como futuros profissionais médico e também como um ser humano que vai cuidar de outros e para isso precisa de muita dedicação para ouvir e ser ouvido.

Foi um curso que me enriqueceu demais, pelas discussões que trouxe. Percebi que gosto muito de me expressar através do teatro, talvez eu tenha encontrado um novo hobby. Achei as atividades bem feitas e bem contextualizadas com o tema. Achei que muitas atividades se estenderam mais do que o necessário e acabou ficando bem cansativo. Mas, o saldo é 99% positivo, vou sentir falta dos professorxs, são pessoas tão sensíveis e incríveis que eu seria amiga facilmente.

Muito obrigada por tudo o que me permitiram passar nesse módulo. Foi bastante intenso e cheio de diversos sentimentos. Com certeza eu saio dele conseguindo administrar melhor o que eu sinto e o que eu tenho que fazer pelo que o outro sente.

Acho os jogos muito divertidos e produtivos, mas gostaria que não tivesse teatro todas as aulas (substituir por dinâmicas mais diversas). Pq acaba que a gente sempre sabe oq esperar de uma aula e outra, já que segue sempre o mesmo esquema de atividades, podendo se tornar um pouco massante às vezes. Acho que se tivesse menos teatros a gente poderia fazer preparações mais estruturadas e tocantes.

Excelente em tudo.

No geral, foi muito bom. Teve momentos em que me senti mal realizando as atividades, mas acho que foi um curso leve e que acrescentou. Na primeira aula, senti que o assunto tinha acabado e os professores tentaram reviver muito o assunto, o que tornou maçante. Nas outras, achei que as discussões fluíram bem

Algumas atividades ao meu ver são desnecessárias e não agregam tanto ao aprendizado, como por exemplo as da primeira aula. Outras são importantes sobretudo para pessoas introvertidas ao atuarem e principalmente improvisarem. Porém, nesses casos, as introvertidas na maioria das vezes não conseguem um bom desenvolvimento no improviso, o que pode ser feito, ao meu ver, é uma ajuda mais direcionada a elas.

Acho legal a ideia de incluir os alunos na roda de conversa e eles tomarem parte do rumo da discussão. Porém incomoda em alguns vários momentos alguns alunos "chovendo no molhado", tornando a discussão massante e entediante. Porém os professores têm bom senso em suas pontuações.

Curso necessário. Jogos divertidos e úteis. Cenas e discussões significativas. Mas as vezes o debate já tinha se enxugado e os professores ficavam "forçando uma barra", e o prolongamento não necessariamente era produtivo, ainda mais pela duração longa da roda final. Por último, acho que todos os alunos sentiram falta de um intervalo mais longo antes das cenas.

Eu amei cada instante, sem mais

A experiência do curso, apesar de muitas vezes desafiadora, foi bastante positiva

O curso foi muito relevante para a minha formação. Os professores são excelentes e ver a preocupação dos professores com questões tão relevantes me trouxe alegria e esperança.

Extremamente essencial e necessário para nossa formação.

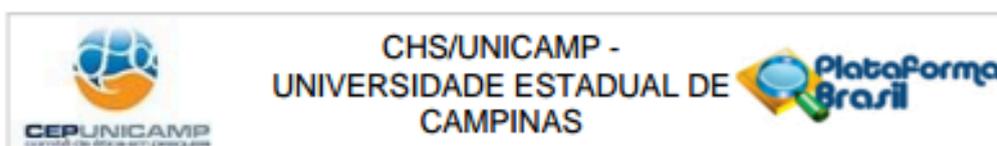
Eu simplesmente amei o módulo. Minha única crítica é contra a própria FCM, que coloca um currículo tão grande para o curso e não disponibiliza mais tempo para essa disciplina perfeita.

Sinto que cresci muito nas últimas cinco semanas, aprendi muito sobre mim e sobre o outro.

Abri mão de alguns escudos que me cercavam, percebi algumas relações de poder e, com certeza, vou levar comigo as reflexões feitas ao longo do curso!

Foi maravilhoso ter esse curso em plena grade de medicina. No começo pensei ser como um bônus, um respiro em meio à tanto conteúdo. Mas aos poucos fui entendendo que ali vocês ensinam o básico e o lindo da vida, sendo assim essencial pra nossa formação médica-humana. Obrigada!

Apêndice B - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE)



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** A metodologia MEET (Medical Education Empowered by Theater) e a estética do oprimido de Augusto Boal

**Pesquisador:** LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 47818521.9.0000.8142

**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.655.418

**Apresentação do Projeto:**

**INTRODUÇÃO:**

Neste projeto de pesquisa pretendo investigar as emoções, aprendizados e reflexões dos estudantes do curso de medicina nas disciplinas MD444 (obrigatória) e MD985 (eletiva) da Faculdade de Ciências Médicas que frequentarão aulas com a metodologia transdisciplinar MEET (Medical Education Empowered by Theater). MEET utiliza-se de conhecimentos das áreas do teatro e educação médica para propiciar aos estudantes um

ambiente de diálogo no qual se possa trabalhar a identidade profissional, a empatia, comunicação, presença ativa, disponibilidade, trabalho em equipe e propiciar reflexões acerca da vida profissional. A metodologia MEET é fundamentada na pedagogia de Paulo Freire e na estética do oprimido de Augusto Boal, assim, as propostas pedagógicas estão intrinsecamente relacionadas a esses autores.

**HIPÓTESE:**

Acredito que ao se trabalhar com jogo e arte num contexto educacional de formação profissional, abre-se aos estudantes a possibilidade de se expressarem sobre assuntos que frequentemente não são debatidos durante a graduação. Ao se fazer uma cena teatral propõe-se um espaço de criação

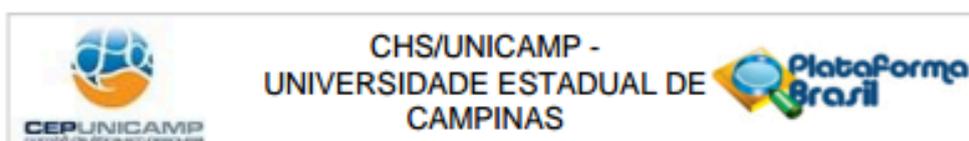
**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



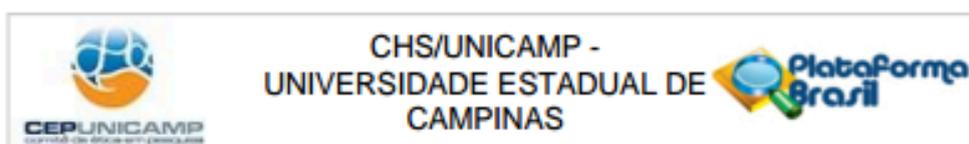
Continuação do Parecer: 5.655.418

diferente das aulas expositivas, não é possível ser passivo nesse tipo de experiência. Gostaria, por meio dessa pesquisa, de verificar como as/os participantes se percebem emocionalmente ao vivenciarem aulas com a metodologia MEET. Também acreditamos que teremos aumento do nível de empatia dos estudantes, mensurada por meio da escala Jeferson e que teremos resultados similares entre estudantes da Unicamp e estudantes da UMinho.

#### METODOLOGIA:

Será utilizado o modelo de pesquisa definido por Michel Jean Marie Thiollent. Serão coletados os seguintes dados: -questionário de empatia (individual) para averiguar alterações na empatia. Usaremos a escala Jeferson, pois é um instrumento amplamente utilizado para esse fim (em anexo) [Momento de coleta: Na primeira e na última aula da disciplina MD444 e MD985]-filmagem das cenas de teatro que os grupos encenam durante as aulas. Se a disciplina for oferecida de maneira remota, as cenas serão gravadas utilizando-se recurso de gravação da reunião [Momento de coleta: a cada encontro das disciplinas MD444 e MD985]. -áudio-diários (individual), será pedido que cada estudante envie pequenos áudios com descrição de suas emoções, sensações e reflexões realizadas [Momento de coleta: após cada encontro da disciplina MD444]. -questionário de autoavaliação das aulas de teatro (em anexo). [Momento de coleta: fim do curso da disciplina MD444]-uma entrevista a ser gravada em áudio com perguntas direcionadas, em grupo (sugerido 5 participantes) sobre as percepções deles(as) do curso. Serão quatro grupos, um de cada turma e disciplina. [Momento de coleta: fim do curso da disciplina MD985, e entre a 4a e 5a de cada turma da disciplina MD444]-Cartas (registro escrito): uma carta por estudante relatando as experiências vivenciadas durante os encontros. [Momento de coleta: fim do curso da disciplina MD444 e da disciplina MD985]- Uma história sobre a formação profissional: Opcional, a qualquer momento da disciplina de qualquer uma das disciplinas. Pedirei que as pessoas me contem por meio de um formulário ou e-mail uma história sobre a sua própria graduação/ formação profissional. Cada participante escolherá se desejará partilhar a história publicamente e como deseja que seja realizado o crédito da história (anônima, por codinome ou pelo nome verdadeiro). Obs.: Haverá transcrição do texto dos áudios e vídeos para posterior análise. O sigilo da identidade será mantido. Os vídeos e áudios não poderão ser disponibilizados posteriormente aos estudantes nem na internet. Poderão ser utilizadas imagens das cenas gravadas desde que sejam alteradas digitalmente para garantir sigilo da identidade dos envolvidos. Justificativa para coleta de áudios: entende-se que ao narrar as próprias experiências

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



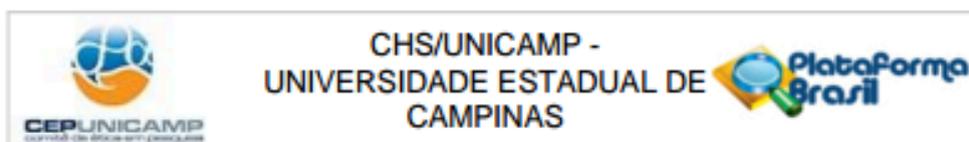
Continuação do Parecer: 5.655.418

eles estejam despreocupados em escrever corretamente, pretende-se tentar compreender e captar "a voz" dos/das participantes, suas emoções e reflexões imediatamente após vivenciar a experiência. Justificativa para coleta das cartas: A cada encontro faremos um debriefing para refletir sobre as propostas vivenciadas, no entanto, nem sempre o/a participante se sente à vontade para expressar suas opiniões e questionamentos. Utilizei cartas na minha pesquisa de mestrado e elas foram um instrumento importante para entender as reflexões feitas após alguns dias de término da atividade. As cartas resumiam em algumas palavras o que ficou de essencial e de aprendizado para cada participante.

#### Metodologia de Análise de Dados:

Utilizarei do método de pesquisa para verificar se as propostas realizadas em sala estão alcançando os objetivos, e, durante o processo de coleta de dados poderemos ir alterando as proposta da aula de acordo com as necessidades apresentadas pelos/as estudantes. Cada questionário/ação terá uma análise diferenciada. Após a coleta dos dados, farei a seleção das cenas, áudios-diários, cartas e histórias buscando identificar como o grupo de participantes refletiu sobre as opressões e emoções. Pretendo buscar se eles/elas se sentiram motivados a agir diante de tais conhecimentos. 1-questionário de empatia: a análise será quantitativa, pois é uma escala com respostas de múltipla escolha. Será realizada no início e final da disciplina. A pontuação será calculada no início e no final e verificarei se haverá alteração. 2-filmagem das cenas de teatro: na disciplina MD444 são apresentadas 4 cenas por dia, irei selecionar as cenas que apresentarem maiores discussões durante o dia e/ou que estejam mais alinhadas as propostas de discussões sobre as opressões, sentimentos, ambiente acadêmico e profissional. Após a seleção, decidiremos, junto à equipe de pesquisa, quais serão transcritas para uma análise qualitativa. 3-áudio-diários: servirão para verificar quais respostas teremos diante das propostas realizadas. Todas as gravações serão analisadas, posteriormente decidiremos quais serão transcritas. 4-questionário de autoavaliação: composto de questões fechadas e questões abertas. As questões fechadas serão tabuladas e será realizada a média. Todas as questões abertas serão lidas e servirão como suporte para as propostas de readequação das aulas. 5-entrevista: serão ao total 4 entrevistas de aproximadamente 40 minutos. Servirão como registro mnemônico das reflexões realizadas pelo grupo, e, posteriormente poderão ser transcritas para uma análise qualitativa. 6- Cartas (Registro escrito): Todas as cartas recebidas serão lidas e as propostas das próximas aulas poderão ser alteradas de acordo com os relatos recebidos. Algumas cartas serão

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zaferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.655.418

selecionadas para serem utilizadas no texto da tese de doutorado como forma de embasar a pesquisa. 7- Uma história: Todas as histórias serão lidas e, a critério da equipe de pesquisa e dos/das participantes poderão ser divulgadas em redes sociais, em artigos, congressos e até mesmo na tese de doutorado.

**CRITÉRIO DE INCLUSÃO:** não foi informado pela pesquisadora.

**CRITÉRIO DE EXCLUSÃO:** não foi informado pela pesquisadora.

**Objetivo da Pesquisa:**

**OBJETIVO PRIMÁRIO**

O meu objetivo é me aprofundar nas relações de aprendizagens que decorrem do uso do teatro do oprimido na educação médica. É tentar compreender como os/as estudantes relatam o que vivenciam em aulas que se utilizam da metodologia MEET, instigando-os a falarem sobre as próprias emoções. Além disso, por meio de questionário de empatia e de autoavaliação vamos mensurar se há alterações nos níveis de empatia. Em paralelo, na Universidade do Minho (Portugal), o pesquisador Marco Antônio Carvalho Filho aplicará os mesmos questionários aos estudantes que participarão das aulas de teatro com a metodologia MEET. Após a coleta de todos os dados pretendemos realizar um estudo comparativo entre os resultados obtidos com estudantes da Unicamp e estudantes da UMinho.

**OBJETIVO SECUNDÁRIO:** não foi informado pela pesquisadora.

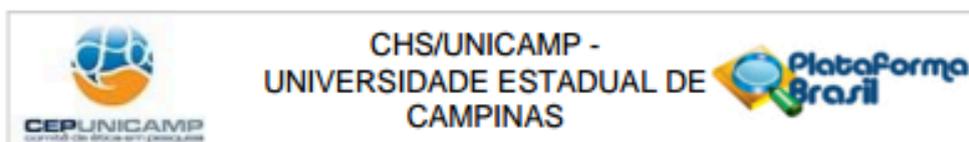
**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Não há riscos previsíveis.

**Benefícios:**

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.655.418

Os benefícios esperados incluem o treinamento de habilidades de comunicação, com o desenvolvimento de habilidades corporais e vocais, o aprimoramento da relação médica(o)-paciente precocemente na formação médica, o exercício da empatia e reflexões acerca das opressões vivenciadas dentro da universidade e na sociedade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa "A metodologia MEET (Medical Education Empowered by Theater) e a estética do oprimido de Augusto Boal" cujo pesquisador responsável é LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO com a colaboração da pesquisadora participante Jamiro da Silva Wanderley; Marcia M. S. Hernandez, Marcos A. de C. Filho; Adilson D. Ledubino, Thiago Martins dos Santos. A pesquisa foi enquadrada na Área grande área 4 – Ciências da Saúde; grande área 7 – Ciências Humanas e grande área 8 Linguística, Letras e Artes e embasará a pesquisa de doutorado do pesquisador. A Instituição Proponente é a Faculdade de Educação. Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa será desenvolvida com recursos financiamento próprio. O cronograma apresentado contempla o início da 04/08/2021, com termino em 15/12/2022. Serão abordados ao todo 300 participantes.

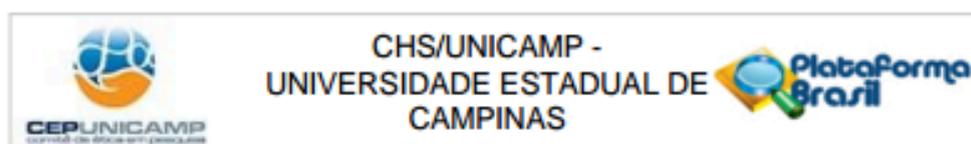
**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1 – Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos: devidamente apresentada.
- 2 – Projeto de Pesquisa: devidamente apresentado.
- 3 – Orçamento financeiro – de acordo com o pesquisador a pesquisa será realizada com recursos financiamento próprio.
- 4 – Cronograma – o início da 04/08/2021, com termino em 15/12/2022.
- 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: devidamente apresentado.
- 6 – Currículo do pesquisador principal e demais colaboradores: foram devidamente anexados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.655.418

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

1. Vale lembrar que a interação com os participantes de pesquisa só pode ser iniciada a partir da aprovação desse protocolo no CEP.

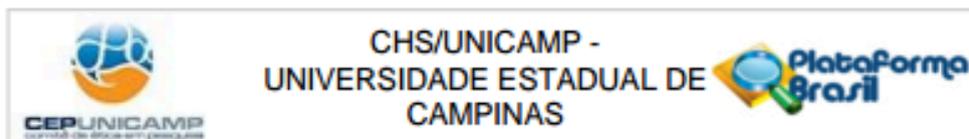
2.

Os cronogramas de geração/coleta de dados deve acompanhar o relatório final de pesquisa

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_1976015_E1.pdf	12/08/2022 15:28:58		Aceito
Outros	Parecer_Final_NAPES_2022.pdf	12/08/2022 15:22:40	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	Carta_Emenda_2022.pdf	12/08/2022 15:17:41	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	Parecer_Final_NAPES_Projeto_Pesquisa_Leticia_Meet_adendo.pdf	30/06/2022 16:30:17	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	AtestadoMatricula2022.pdf	30/06/2022 16:26:48	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Cronograma	Cronograma2022.pdf	30/06/2022 16:24:21	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BrochuraPesquisa_leticia_2022.pdf	30/06/2022 15:17:39	LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BrochuraPesquisaLeticia.Julho2021.pdf	09/07/2021 15:22:15	LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleLeticiaFrutuoso.Julho2021.pdf	09/07/2021 15:21:14	LETICIA RODRIGUES FRUTUOSO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/06/2021 10:54:19	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoLeticiaFrutuoso.pdf	07/06/2021 13:41:27	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	03/06/2021 23:01:21	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	Jefferson.pdf	03/06/2021 23:00:34	LETICIA RODRIGUES	Aceito
Outros	Quest_Auto_Avaliacao_MD444_2021.	03/06/2021	LETICIA	Aceito

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.625.418

Outros	pdf	22:58:06	FRUTUOSO	Aceito
--------	-----	----------	----------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 21 de Setembro de 2022

Assinado por:

Sandra Fernandes Leite  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6838 E-mail: cepchs@unicamp.br

## Anexos

### Anexo 1 - Roteiro Fórum Racismo na graduação em Medicina

#### TEATRO FÓRUM

*9 integrantes*

Médico professor: Dr. Panda

Paciente: Victor

Parente 1: Cláudio

Aluno oprimido: Juan

Aluno 2 (que realiza o procedimento final): Lara Brasilis

Aluno 3: Marcos

Aluno 4: Lara Nina

Aluno 5: Thiago

Mochila: João

ATO MOCHILA: Antes de entrar no consultório, a mochila se sente desconfortável por não conseguir colocar a touca de paramentação, enquanto todos os seus colegas conseguem. Enquanto a mochila estiver falando, todos que estão em cena, menos o oprimido, fingem de morto (braços e mãos largados/ cabeça para baixo).

ATO 1: Paciente e 2 parentes entram na sala de atendimento, dão bom dia para todos os alunos e ignoram o aluno negro, não tocam na mão dele. Paciente começa a ser atendido por um médico professor e mais 4 alunos. Exame físico leve (ausculta, palpação, percussão). O professor explica o procedimento (endoscopia), focando nos alunos não-negros. Durante o procedimento, questiona por vezes o aluno negro e o impede de realizar os procedimentos, sinalizando para que os outros alunos o realizem em seu lugar. No final da cena, o aluno negro questiona a possibilidade de realizar pelo menos parte do procedimento.

*Juan: Professor, será que eu poderia fazer a introdução do endoscópio?*

O professor pede grosseiramente para que o aluno se retire da sala e que depois eles conversam. Então fala para o aluno 2 realizar o procedimento.

*Juan (gaguejando e perplexo): Mas... professor, eu estudei isso, eu sei fazer...*

Aluno oprimido sai da sala demonstrando irritação e indignação.

ATO MOCHILA: Na transição dos atos, a Mochila externaliza os pensamentos e sentimentos do aluno oprimido. Enquanto a mochila estiver falando, todos que estão na cena, menos o oprimido, fingem de morto (mãos e braços largados/ cabeça para baixo).

ATO 2: Alunos saem da sala, ficando apenas o aluno 2. O aluno Negro (chateado) reclama com seus colegas sobre a situação e é descredibilizado.

*Juan: Poxa, queria tanto ter participado do procedimento.*

*Aluno: Ah, mas você vai poder fazer isso várias vezes na sua vida, desencana.*

*Juan: Mas você viu o jeito que ele falou comigo? Eu estudei tanto pra hoje...*

*Aluno: Cara, eles são todos assim, melhor ir se acostumando, não é pessoal com você.*

*Juan: Ai, mas acho que ele foi bem grosseiro, ainda mais na frente do paciente.*

*Aluno: Cara, isso é coisa da sua cabeça, você tá levando muito pro pessoal.*

*Aluno: Pensa pelo lado bom, o professor aceitou a gente aqui, a gente não pode reclamar de nada.*

Os alunos falam que o professor é rígido com todos, e que o aluno negro está fazendo muito “mimimi”. Os alunos falam que é a vontade do professor que reina, pois o consultório é dele. E o professor é legal de deixar eles estagiarem lá. Ao invés de reclamar, eles deveriam agradecer.

ATO MOCHILA: Se expressa quanto à chateação com os seus colegas.

ATO 3: Após o término do procedimento, o professor sai do consultório e repreende o Aluno Negro (e os alunos ficam olhando de canto, observando a cena). O professor é extremamente agressivo com o aluno negro, dizendo que lá não é o lugar dele, que ele não pertence àquele espaço. Por fim, o professor reforça que ele não está sendo opressor, apenas estava realizando a vontade do paciente.

ATO MOCHILA: A mochila termina a peça refletindo sobre sua situação.

## Anexo 2 - Cena de Assédio Sexual com Chantagem de fotos

### **Ato 1 - A festa de Ano Novo**

A cena começa com o personagem Augusto Costa chamando a plateia para a festa que está acontecendo. Os espectadores se mantêm na plateia, se levantam e começam a dançar, logo Augusto Costa avisa que faltam 10 segundos para o ano novo. Todos começam uma contagem regressiva.

Ao fundo vemos duas mulheres conversando e curtindo a festa, Augusto Costa se aproxima delas e elogia Lúcia, uma mulher de 49 anos. Augusto se apresenta como fotógrafo e procura mulheres bonitas, como Lúcia, que tenham mais de 30 anos para fazer um ensaio fotográfico para uma empresa que o contratou para fazer uma propaganda. As amigas ficam lisonjeadas e Lúcia diz que não tem interesse que já passou da idade e que tem um filho. Augusto insiste gentilmente e deixa seu cartão de contato, avisando que vai rolar dinheiro. Lúcia diz que vai pensar com carinho, mas assim que Augusto sai ela diz para a amiga, Sara, que não tem nada a ver aceitar essa proposta, Lúcia fica preocupada com o que os outros vão pensar. Sara incentiva Lúcia para que ela faça o ensaio fotográfico, que ela é realmente bonita e que merece mais da vida, que inclusive o dinheiro pode ajudá-la a comprar mais coisas para a casa, e diz que é uma bela oportunidade.

### **Ato 2 - O crime**

Lúcia decide por fazer o ensaio fotográfico. Em cena, duas cadeiras representam um carro. Augusto está ao volante e coloca algo em uma garrafa de água. Logo depois Lúcia chega e entra no carro. Lúcia diz que está com vergonha que há muito tempo não faz isso, Augusto é galanteador e comenta que está quente e oferece água para Lúcia, que aceita. Em alguns segundos ela se sente mal e desmaia.

Augusto sai do carro e Lúcia se mantém desmaiada. Em cena, altera-se o cenário retirando-se uma das cadeiras. Augusto mexe na blusa de Lúcia, deixando o ombro aparente e faz várias fotos. Ao terminar, ele sai de cena e deixa Lúcia sozinha.

### **Ato 3 - O atendimento médico**

Lúcia acorda atordoada, sem saber onde está e nem o que aconteceu. Ela vai até um hospital em busca de ajuda, ela diz que está tudo esquisito. Lúcia está sentada na maca, ainda confusa e entra o médico. O médico chega e pergunta sobre a história do que aconteceu. Lúcia diz que não sabe direito que foi ver uma amiga... O médico a corta e a critica dizendo que Lúcia foi ver uma amiga e mais 75 pessoas, que o que consta no exame parece que ela esteve numa *rave*. Ele continua falando e falando que ela abusou, pergunta se ela não tem vergonha, diz que ela já tem idade, que ela usou muitas drogas e que agora o melhor que ela tem a fazer é ir para casa e descansar. Lúcia tenta argumentar, mas não consegue e acaba indo embora.



Figura 32 - Lúcia vai até o hospital

#### Ato 4 - Conversa com o filho

Em cena, o filho joga no computador, apertando freneticamente as teclas. Lúcia chega para conversar e perguntar se ele está bem. Filho pede pra mãe esperar e depois Lúcia diz que vai ao shopping, ele já diz que ela vai pular Carnaval, Lúcia nega e fala que não, que vai resolver umas coisas. O filho pede dinheiro e Lúcia disse que tá meio apertada e que por enquanto não vai dar dinheiro pra ele, que é por um tempo e que ela está resolvendo. O filho percebe que a mãe está mais triste e pergunta o que está acontecendo, mas Lúcia desconversa e diz que está tudo bem, que é pra ele ficar tranquilo, pra jogar o jogo e aproveitar o dia.



Figura 33 - Lúcia conversa com o filho

### **Ato 5 - Pagamento no shopping**

Augusto Costa está no centro da cena, impaciente e com o telefone na mão. Lúcia chega e Augusto reclama: “Caraio, tia!”. A postura é muito diferente das primeiras abordagens. Ele é grosseiro e usa o tom de ameaça. Ele fala que vai cobrar se ela atrasar de novo. Ele a ameaça: “Se você não pagar no dia certo, vou divulgar suas fotos peladinha. Vou mostrar as fotos para os amigos do seu filho”. Ela pede pra ele não fazer isso, pra deixar o filho dela longe dessa história. Lúcia está muito angustiada e passa a mão na cabeça diversas vezes.

### **Ato 6 - Encontrando outra vítima**

Uma moça começa a chamar Lúcia de maneira discreta. Ela aborda Lúcia e diz que a viu conversando com aquele sujeito e pergunta se está acontecendo alguma coisa. Lúcia diz que não pode falar sobre isso. A moça se apresenta e diz que a alguns meses conheceu o Augusto Costa e que ela topou fazer um ensaio fotográfico com ele e que desde então sua vida virou um inferno, que frequentemente recebe ameaças, que Augusto diz que vai acabar com a família dela e que ela não tem mais de onde conseguir dinheiro pra pagar ele.

Lúcia diz que também está assim, que não tem mais dinheiro nem para dar pro filho sair. A moça, chamada Regina, fala para elas irem juntas a delegacia, e darem um basta nisso e colocarem esse cara atrás das grades. Lúcia diz que não pode, que teme que Augusto vá atrás do filho dela se ela prestar queixa. Regina diz que vai à delegacia e Lúcia sai de cena.



Figura 34 - Lúcia encontra outra vítima

## Ato 7 - Delegacia da mulher

Regina chega à delegacia e conversa com a delegada, ela diz que está numa situação delicada, ao que a delegada responde que essa é a Delegacia da Mulher e que ela pode dizer tudo o que quiser. Ela narra o ocorrido, diz que estava num restaurante quando foi abordada por um cara que lhe ofereceu dinheiro para um ensaio fotográfico, ela pensou um pouco e acabou aceitando.

Regina foi até o local combinado e depois não se lembra do que aconteceu e acabou acordando em um local desconhecido. Imediatamente ela pensou que o pior tivesse acontecido (estupro), mas que ela depois percebeu que seu corpo estava íntegro. Passado um tempo o cara entrou em contato pedindo dinheiro e realizando chantagem pois ele tinha tirado fotos dela sem roupa. Ela continua dizendo que é uma jornalista em começo de carreira e que não pode de maneira alguma ter essas fotos divulgadas. A delegada diz que compreende a situação e que vai ser sincera e de que é uma quadrilha que está agindo assim, e que já receberam outras denúncias. Regina diz que conheceu mais uma mulher que está sofrendo chantagem, mas que ela não quis ir até a delegacia.

A delegada reforça que é importante fazer a denúncia, mas que é complicado pois até conseguem prender um ou outro e avisa que ela pode denunciar e sofrer as consequências disso, que a polícia não tem como garantir que as fotos não serão publicadas e oferece também um acolhimento em uma casa de proteção à vítima, na qual ela se isolaria e o agressor não conseguiria mais o contato dela. Ao que a moça responde que essa não é uma opção, pois não quer se ausentar de seu núcleo familiar e do emprego. A delegada completa que não sabe o que decidiria no lugar da vítima e devolve para o público: “Alguém tem ideia do que ela poderia fazer?”



Figura 35 - Regina vai à delegacia

### Anexo 3 - Assédio sexual no trabalho

#### **Cena 1:**

A cena começa com o pai e a filha indo ao parque, o pai decide fazer uma ligação e a garota fica sozinha no banco. O pai está de costas a poucos passos dali, quando um homem se aproxima e começa a conversar com a filha, Belinha, elogiando-a e percebendo que ela está jogando no celular, a convida para a sua casa, dizendo que lá ele tem videogame e que vai ser muito divertido. Belinha diz que precisa pedir para o seu pai, o homem ainda tenta convencê-la falando que ela tá grandinha, quando o pai chega e tira fisicamente o homem de perto de sua filha, gritando: “Ela é minha filha! Sai de perto dela!”. O homem se desculpa. Pai e filha continuam na cena, pai continua a conversa no celular, e Belinha tenta compreender o que aconteceu.

Na lateral da cena, vemos uma outra adolescente jogando no celular. O homem então se aproxima dela e com a mesma conversa, convence a adolescente a ir até a casa dele. Belinha ainda muito assustada pede ajuda ao pai que ignora. Belinha diz: “Pai, pai! Ele tá levando a menina, pai!”, ao que o pai responde que eles estão bem, que Belinha está bem e que é hora deles irem embora. O homem e a adolescente saem de cena. Belinha ainda insiste com o pai, mas eles saem de cena também como que retornando para casa.



Figura 36 - Homem leva uma adolescente, enquanto Belinha insiste com o pai para que ele impeça

### **Cena 2:**

O cenário muda para o ambiente de trabalho. À esquerda vemos duas funcionárias conversando Amanda e Paula. Ao centro vemos a sala do chefe, que é o pai da garota na cena anterior. E à direita vemos uma mulher em frente a uma mesa alta, que é a assessora do chefe, Cláudia. Amanda relata que está precisando de dinheiro porque já tem um tempo a mãe dela está doente e internada, e os cuidados geram custos altos. A amiga escuta com atenção e se mostra preocupada. Em seguida Cláudia, a assessora do chefe, chega próxima a mesa, cumprimenta as outras funcionárias e avisa para Amanda que o chefe quer vê-la e diz “Acho que vai rolar!”. Amanda fica muito animada com a possibilidade de uma promoção justamente neste momento em que ela precisa tanto de dinheiro.

Amanda vai saltitando à sala do chefe, que pede para ela sentar e, olhando para o computador vai confirmando as informações, de que ela é uma boa funcionária, que trabalha na empresa há 7 anos, é muito dedicada. Também diz que tem exemplos na empresa, como o Léo que, em apenas 6 meses, foi promovido a diretor financeiro e que Amanda está quase apresentando a mesma competência que o colega, mas falta só uma coisa pra ela ser promovida.

O chefe se levanta e põe os braços nos ombros de Amanda, acariciando seus cabelos, e diz que pra ela ser promovida é só ela ir sábado na empresa, que é dali a 3 dias, e fazer essa coisa para ele. Amanda não gosta do toque, se levanta e tenta se afastar, e responde que ela não trabalha aos sábados. O chefe tenta encurralar Amanda, que vai se encaminhando para a porta. Ele diz para ela pensar direito, que ele estará lá no sábado esperando por ela e que, com a promoção, o salário dela vai aumentar muito, o status dela vai melhorar, e que a promoção também inclui um ótimo plano de saúde para toda a família. Amanda sai transtornada da sala do chefe.

### **Cena 3:**

Amanda fala consigo mesma em frente à plateia, ela diz que há muito tempo ela está trabalhando com afincos por essa promoção e que a mãe dela precisa dela, e diz “Mas, dessa forma?”. A assessora Cláudia encontra Amanda no corredor e percebe que ela está agitada e pergunta como foi a reunião. Amanda diz que ele elogiou o trabalho dela e que ofereceu a promoção. Cláudia comemora e abraça Amanda dando os parabéns. Então, Amanda continua e desabafa: “Mas o jeito que ele encostou em mim, que ele falou comigo...”, Cláudia então diz que é normal mesmo, que elas são mulheres e diz: “Como você acha que eu virei assessora? Tá tudo certo. Eu pago a escola para os meus filhos”. Amanda diz que isso não está certo, que ela não consegue se vender desse jeito. Cláudia (assessora) diz para ela relaxar e aproveitar a oportunidade, que o chefe é um cara rico e bonito que vai levar Amanda num lugar bacana.

**Cena 4:**

Ao fundo, vemos a assessora entrar na sala do chefe que passa a mão sobre o braço dela, enquanto ela deixa um relatório em cima da mesa. Amanda volta para a mesa com a outra funcionária, Paula, que começa a conversa toda animada, perguntando como foi e logo percebe a feição de Amanda e muda a pergunta para “O que aconteceu?” Amanda conta que foi assediada e a colega fala que ela tem que pôr tudo na mídia, denunciar o chefe. Amanda fala que se fizer isso, ninguém vai acreditar nela, e pior ela vai ser demitida. Amanda vai novamente para a frente da cena e explica que ela trabalhou muito mesmo por essa vaga, mas que por mais que ela se esforce esse dia nunca chega. Que ela não quer ser promovida desta forma, mas que a mãe dela realmente precisa dela, precisa do suporte emocional e financeiro, e então ela se dirige ao público e pergunta: “O que você faria?”

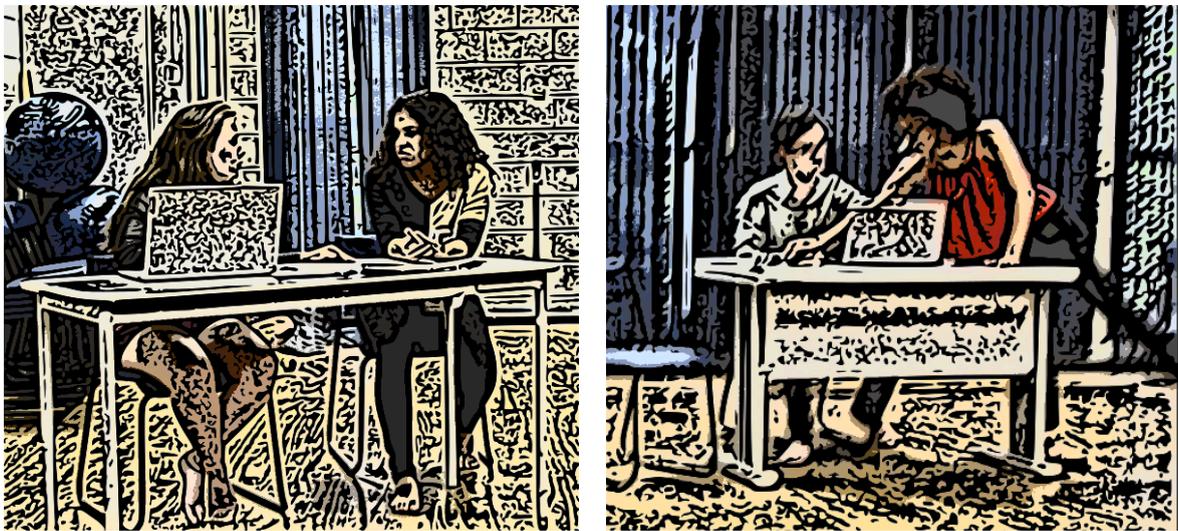


Figura 37 - Colegas conversam enquanto assessora sofre assédio

## Anexo 4 - Cena José Muller

### **Cena 1 - A escola**

Em uma aula do EJA - Educação de Jovens e Adultos, José Muller tenta escrever seu nome na lousa, ele tem grandes dificuldades e não consegue escrever corretamente as letras. Os demais colegas, em especial Normando, tiram sarro de José e de sua inabilidade. Fernanda, uma das colegas, pede que os outros parem, o que não surte efeito. O professor anda de um lado para o outro, exausto de tentar ensinar um aluno que não parece ser capaz de aprender.

Normando levanta, toma a caneta de José e escreve embaixo do nome do colega: “Zé Mula!”, e diz para José: “é isso que você é, Mula!”. José e Normando se sentam, Fernanda fica chateada e o professor suspira pedindo que todos fiquem em silêncio. José diz que não é mula, que é gente. Ele está chateado, mas não sabe mais o que fazer. O professor explica que “mula” é um apelido e que mesmo que José não goste é o que lhe foi dado. Normando se aproveita da situação e chama José de “burro”, ao que ele novamente diz: “eu sou gente!”.

Normando pergunta ao professor sobre uma cirurgia que saiu no jornal que promete deixar qualquer pessoa inteligente, e questiona se não seria o caso de José. O professor diz que conhece uma neurocirurgiã que está disposta a fazer essa cirurgia e que é mesmo uma boa ideia levar José, avisa ao aluno que vão abrir a cabeça dele e quem sabe tem algo lá dentro, ou até mesmo esteja vazia. José diz: “dentro dela, tem eu”. José diz que não quer fazer cirurgia nenhuma. O professor continua dizendo que vão colocar alguma coisa dentro da cabeça de José, para ver se ele se aproxima do que se chama de “pessoa”. José responde: “eu sou pessoa”. Os demais alunos riem.



Figura 38 - José da Silva se protege, professor levanta o braço

Fernanda intervém e gentilmente diz para José que as coisas poderiam ser diferentes se ele fosse mais inteligente, que a vida dele poderia mudar, que ele seria respeitado. José diz que tem medo que algo possa dar errado. O professor reafirma que é importante no caso dele, então José cede e diz que vai junto com o professor falar com a médica.

## Cena 2 - Consultório Médico

José e o professor vão até o consultório médico da Dra Ana. A médica conversa com o professor ignorando a presença de José, ela pergunta ao professor “O que você trouxe pra mim?”. O professor fala que José é um dos seus alunos do noturno e que ele é burro. José remenda “Eu sou gente!”. O professor manda ele ficar quieto porque é a vez dele, o professor, falar. O professor continua e José remenda “Eu sou gente!”, a médica fica brava e fala que José tem que escutar o professor, se ele entende que ele é burro e que vai fazer a cirurgia. José diz que quer ir pra casa e o professor briga também e diz que, se já está lá, ele vai ficar. Dra Ana pede que ele assine o papel de ciência dos riscos da cirurgia, ela não lê o papel para ele. José segura a caneta e olha para o papel, o professor fica bravo e diz que José nem escrever o próprio nome sabe. A médica diz “Esse aí está mesmo precisando da cirurgia”, assim a doutora pega uma almofada de carimbo para coletar digital de José e a imprime no local da assinatura.



Figura 39 - José Muller no consultório

### Cena 3 - Encontro no bar

Para a transição, a atriz que fazia a médica se transforma em narradora e diz que a cirurgia foi um sucesso, ela mostra um cartaz com os dizeres “Meses após a cirurgia”. A cena começa com algumas pessoas em volta de uma mesa bebendo. Estão em cena todos os alunos da escola e o professor, eles bebem e riem, estão se divertindo quando chega José Muller.

Todos olham surpresos para ele que carrega um pesado livro embaixo do braço. Fernanda pergunta como foi a cirurgia e José responde que foi um sucesso, que agora ele sabe ler, Normando o interrompe caçoando “Você leu???”. Os demais riem, Fernanda pede que parem que todos têm que reconhecer que agora ele é inteligente. José retoma a fala e diz que sim, que inclusive ele leu naquele livro o quanto o álcool faz mal, que pode causar câncer, cirrose hepática, então Normando emenda “Agora não é mais José Mula, virou o José Mala!”. José Muller sai de cena e Fernanda pede gentilmente que os colegas parem de zoar com José.

José se senta na outra extremidade da sala, numa cadeira que cenicamente não está no bar, em um palco tradicional, diríamos que está na ribalta, e em sua atuação, “quebra” a quarta parede e olha diretamente para os/as espectadores/ras. José fala com a plateia que antes ele era caçoado porque não sabia das coisas, e que agora que é inteligente, ele novamente está errado. João que interpreta José, num misto de ator e narrador pela perspectiva brechetiana, recita o Poema em linha reta, de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa):

#### POEMA EM LINHA RETA

(Álvaro de Campos)

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
 Eu tantas vezes irresponsivelmente parasita,  
 Indesculpavelmente sujo,  
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
 Para fora da possibilidade do soco;

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.  
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...  
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
 Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!  
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
 Ó príncipes, meus irmãos,  
 Arre, estou farto de semideuses!  
 Onde é que há gente no mundo?  
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?  
 Poderão as mulheres não os terem amado,  
 Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!  
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
 Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
 Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Ele se levanta num ímpeto e fala para si mesmo, eu preciso voltar lá, as pessoas conseguem conversar, elas podem se entender. Ele retorna para o grupo e se desculpa, diz que a sua abordagem não foi a mais gentil e pede para se juntar ao grupo. Os dois colegas dizem enfaticamente que não, Normando volta a chamá-lo de “mala” e empurra levemente José para que ele fique distante. Fernanda diz que é melhor ele ficar longe, que vai ser melhor pra ele que todos já beberam demais.

José vai até a outra mesa, pede uma dose de cachaça que toma rapidamente, pede mais duas doses seguidamente. Fernanda pede que ele pare, pois não é acostumado a beber. José pega a garrafa e passa a beber do gargalo e rendido aos acontecimentos, diz: “agora a única coisa que dá pra fazer é tocar um tango argentino!” Começa a tocar “Por una cabeza”, de Carlos Gardel<sup>110</sup>, e José vai dançando com a garrafa na mão, ele tropeça e cai, e a cena termina.

---

<sup>110</sup> A versão utilizada na cena foi instrumental e pode ser ouvida em: <https://youtu.be/Gcxv7i02lXc>